CAMILLO CASTELLO BRANCO
OBRAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

VIII

ANATHEMA

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
— RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48 —
LISBOA

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes
in-8.º, de 200 a 300 paginas
impressa em bom papel, typo elzevir

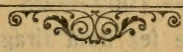
---

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ANATHEMA

ROMANCE

7.ª edição, conforme a 3.ª, ultima revista pelo auctor

1918

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

ANATHEMA

Nota das edições que tem tido este volume até á presente

1.ª edição — Porto — 1851 — Typ. de Faria Guimarães — Rua do Bom Jardim, 566 — 1 vol. in-8.º de 314 pags.

2.ª edição — Porto — 1858 — Em casa de Cruz Coutinho, Editor — Typ. d'«A Revista» — 1 vol. in-8.º de 336 pags.

3.ª edição — Porto — 1875 — Em casa de Cruz Coutinho, Editor — Typ. do «Jornal do Porto» 1 vol. in-8.º de 276 pags.

4.ª edição — Lisboa — 1892 — Vol. 36.º da Collecção Pedro Correia.

5.ª edição — Lisboa — 1902 — Vol. 8.º da nossa Collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional para bibliophilos.

6.ª edição — Lisboa — 1911 — Vol. 8.º da nossa Collecção.

7.ª edição — Lisboa — 1918 — que é a presente.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Este romance, foi, ha oito annos, a estreia do auctor. Elle mesmo considera-o agora uma tentativa que a critica tolerante aceitou. Os merecimentos que ella então lhe viu, talvez, hoje, lh'os acoime como faltas. O auctor lava as mãos d'esses velhos peccados.

O livro reimprime-se com algumas emendas, e reimprime-se, porque a primeira edição está consumida. Os retoques d'esta são tão ligeiros, que não remedeiam os vicios da fórma primitiva.

A critica justiceira ha de inculpar o auctor pela reincidencia na culpa que se lhe perdoou ás verduras dos vinte e dois annos.

A isto responde o auctor submissamente que ha velhos que regeneram os desvarios da mocidade, reproduzindo-os: este, que hoje se repete, é dos menos offensivos.

ANATHEMA

INTRODUCÇÃO

Não queremos enviezar apontoados de palavras euphonicas ao avelhado véo de mysterios com que por ahi se enroupa o romance chamado da *epocha*. Filho legitimo da litteratura *palpitante de actualidade*, chamam-lhe uns: outros dizem que não é nada, ou por muito favor — uma gymnastica de contorsões difficultosas de estylo, opulenta de pontinhos, e *ahs!* e *ohs!*

Não subscrevemos a alguma das opiniões.

A primeira é um revoltante empyrismo da sciencia, pavoneando-se como o arlequim scintillante de lentejoulas. Tem de seu uma prodigiosa collecção de palavras elasticas até o infinito das reticencias. O que escreve, magnetisa a intelligencia do que lê, e manda-o adivinhar. Os temperamentos de nervoso afinadissimo, á custa de grandes cargas de electricidade, vergam ao somnambulismo, e dormem com meia pagina do *Judeu Errante* no meio. A litteratura, *que palpita*, está para a litteratura que não palpita como menino de collegio, todo vibrante de viveza, que vem no sabbado a casa perguntar ao bom do pae:

— *Mon père! comment se port-il bien?*

O pae, que é portuguez, como uma pagina de frei Bernardo de Brito, responde:

— Estou bom, louvado seja Deus.

Depois, o traquinas esperto e inquieto, cansado das caricias do pae, diz-lhe assim com uma indolencia apaixonada:

— *Je suis faché... Je m'en vais jouer la cavatine en Torquate Tasse.*

— Quem foi Torquato Tasso?

— Torquato Tasso... foi um poeta de aspirações ethereas, rico de estylo luxuriante, vivido de paixões ardidas e incisivas, estro inspirado do grandioso da arte, fadado para os seculos como o pregão de uma lucta que se ha travado no primitivo das crenças...

— Muito bem — interrompe o pae. — D'onde era Tasso, em que annos floresceu, e qual dos cantos do seu poema é o mais importante?

O *palpitante* menino (que já tinha escripto prosa em biblico, e versos a uma mariposa) pede uma resposta á reminiscencia, e esta dá-lhe o que póde: um trecho de uma *revista semanal,* em que o escriptor, analysando a opera *Torquato Tasso,* escrevera assim: «*Da harmonia resalta o pensamento: o pensamento, vibrado pelo impulso mystico da arte, é como a harpa intima de Tasso a modular tristezas. A dor e o rondó! a cavatina e o pranto! a demencia e o alegro! A alma que se rasga, e a harmonia que se quebra, rapida e improvisa como o expirar do fulminado!...*»

....

Estas palavras bem as decorara o collegial; mas isto, que muito vale, não era resposta para um velho biographo, chronologico, e, diga-se o que é, *sem palpitações de actualidade!*

Se o estylo é o homem, como dizem os que sabem, não nos desapprovem este recurso de emparelhar o saber dos velhos com o dos novos.

Segunda opinião:

Dizem que o escrever de hoje é dessorado de erudição, leviano, vaporoso, gymnastico, estridente, cabalistico, bafagem de briza, balão aerostatico, fogo chinez, vicejante, ondulante, estrepitoso e abysmador!

Não é tudo assim.

Popularisada a litteratura, era necessario despojal-a das alfaias graves e sinceras da sciencia, trazel-a da profundeza da erudição á superficie das intelligencias vulgares, e vestil-a do maravilhoso surprendedor, já que o logico verosimil é repellido da bi-

bliotheca burgueza e do artista. Para captar a benevolencia da leitora, precisava-se da historia de uns amores tragicos, urgentes e lamentosos. Para a do artista, cumpria ampliar-lhe a orbita do espirito apoucado, ostentando-lhe no molde do romance, a forma real, augusta e humanitaria da arte. O estylo devia ser exagerado como o pensamento: chimerico, hybrido e mentiroso como todas as theorias, creadas no chaos de todas as praticas.

Trabalho exclusivamente do coração, artimanha politica, methodo *civilisador*, era aquelle o unico adaptado para cabeças sem cultura, sem systema, prenhes de utopias e fumos de socialismo, como elle se escreve em jornaes e romances. Creou-se, pois, uma escola militante. E o povo applaude esses estereotypos baratos consagrados *ao povo*, entenda ou não entenda o que lê, possa ou não possa digerir e dirigir o que entende.

As capacidades mesquinhas incham com a adulação. Uma ode laudatoria a um estupido, vale um jantar. Uma solemne e patriotica dedicação da intelligencia á materia é uma das poucas vilezas bem pagas, não digo cá, mas por esses paizes onde se lê. Raro aqui a mão do thuribulo tem a certeza no obulo de rotos Macenas.

Cada uma d'essas asserções tinha uma demonstração, a querermos ampliar um quadro de maiores dimensões que a nossa galeria.

O certo é que existe uma escola romantica, democratica, social e regeneradora. Não tem academias, nem paragem determinada. É immensa, electrica e omnipotente. Lá é que se aprende a agradar ás turbas, d'ellas se inspira *esta mocidade coroada e corajosa*, é d'ella finalmente, que surdem os apodos e vaias litterarias para os que sacrificam ao passado o cabedal de intelligencia negativa para esta *sociedade aspiradora*.

O escriptor d'estas cousas ainda não abriu matricula, nem pede que o inscrevam ainda á custa de uma boa reputação de folhetinista. Se a escola, em nome do seculo, do futuro e da humanidade, o interrogar pela substancia util d'este apontoado de palavras, o auctor não lhe dá resposta alguma.

Dito isto, começa-se.

CAPITULO I

No qual se prova que o auctor não tem geito para escrever romances

Este começa por onde acabam os outros.

Pedro da Veiga e D. Custodia Osorio de Mesquita casaram com todas as ceremonias do santo sacramento, aos dezesete dias de janeiro de 1750, pelas duas horas da tarde, na matriz de S. Pedro, em Villa Real, provincia de Traz-os-Montes. (Vide *livro de obitos e casamentos, rubricado e visto em correição, pelo padre João das Chagas, em março de 1746).*

Aquella senhora era de uma linhagem, que, por muito brilhante, se perdia nas trevas fabulosas da mythologia!

O cavalheiro encontrava tiaras e corôas em quantas gerações derivavam do paraizo terreal até elle. Chegando ao requinte genealogico de Adão e Eva, Pedro da Veiga chorava, como Alexandre, por não achar mais avós que conquistar para a sua genealogia.

A vergontea, que brotasse d'este enxerto, tinha na *Odissea* a prosapia gentilica de sua mãe, e no *Genesis* a arvore patriarchal de seu pae. Representaria Achilles e Abrahão, Sara e Calypso, Neptuno e Noé.

Vamos agora ver se tiveram filhos, que viveram felizes.

Nove luas depois d'aquelle casamento, o mesmo abbade abrira no livro dos baptisados o assento de baptismo solemne de Manuel, filho legitimo de Pedro da Veiga e D. Custodia Osorio de Mesquita. Certo do bom serviço, que faço ao leitor, não copio aqui na sua integra o assento do livro até porque este romance não comporta uma myriade de avós maternos e paternos, afóra os titulos do padrinho, que, diga-se de fugida, era chanceller-mór do reino, e, pelos modos, primo da casa, por Noronhas, e Menezes, e Porto-Carreiros, e Albergarias. (Vide *Genealogico do conde D. Pedro, Faria e Sousa, frei Manuel dos Anjos e outros.)*

Convém aqui dizer que o guardião dos franciscanos, frei Amaro do Corpo de Deus, por occasião do baptismo da creança, compoz uma dissertação didactica e apologetica, e em latim, que intitulou — *De accurata juventutis educatione* — *(Torre do Tombo, grav. 2:715, masso 17:210.)* Era como a *Cyropedia*. Na segunda parte (porque o todo tinha tres) era frei Amaro de voto, (de combinação com os fados) que o menino se formasse «*placuit fatis puerem doctorem esse.*» Vereis que a opinião dos fados, interpretada pelo frade, que era sabedor de todas as linguas mortas e moribundas, teve depois grande influencia nos destinos do recem-nascido.

Além do discurso em latim, as musas, ainda gongoricas na provincia, consagraram alguns rimances e estribilhos á apparição

«Do menino que menino
Era velho em christandade,
Pois que novo de seus velhos
Era já christão d'herdade».

Este fragmento, que é do poeta, deve ser acuradamento serzido á novissima impressão da *Fenix renascida,* para gloria do bisneto, que hoje representa seu bisavô, cantando, mais independente que elle, *brizas travessas, e estrellas louçãs, e olhos negros, negros.*

E tudo era pouco para saudar a apparição d'aquelle primogenito enfaixado em primorosos setins, e alentado em berço de pau setim, com embutidos de ouro, e as armas da casa gravadas na cabeceira.

Manuelzinho crescia viçoso como o jasmim entre perfumes de rosa, e... alecrim! E qual jasmim em assetinadas mãos de donzella, o estremecido menino embalava-se nos braços de sua mãe, como que balouçado pelas brizas da innocencia e da intima felicidade.

Cresceu, desenvolveu-se, e encantou seus paes com a viveza prematura. Era esperto como um alho — dizia a criada da cozinha, a boa Michaela, muito contra o melindre de D. Custodia, que não consentia fosse o filho das suas entranhas comparado a um alho!...

E tinha razão, que o alho é cousa de feitiço, e não sei que diabolica historia de alhos tinha havido com um seu avô por parte de Albuquerques. (Vide *frei Bernardo de Brito,* no capitulo *Alhos.)*

Era uma vez nos annos do menino. Fazia doze, e dizia a tia Michaela que estava *espigadinho como uma couve troncha.* Teima de velha! não achava comparação fóra do reino vegetal!

Aos doze annos, Manuelzinho sabia o *novo methodo* que lh'o ensinára aquelle bom frei Amaro, guardião dos franciscanos, admiravel em latim, theologia e oratoria, estomago e cabeça de porco com feijão branco. Durante o jantar, que celebrava os annos do menino, falou-se em latinos, e com especialidade do bispo Jeronymo Osorio, ascendente collateral de D. Custodia Osorio de Mes-

quita. Frei Amaro recitou com enfatica entonação os melhores trechos *De rebus Emmanuelis*. D. Custodia sabia de cór a carta escripta pelo seu parente a el-rei D. Sebastião, e Pedro da Veiga fechou este curso de historia, recitando em esboço as scenas lamentosas da catastrophe de Alcacerkibir, como lh'as deixára escriptas o seu parente *Hieronymo de Mendonça*.

Ora, nas academias e gremios litterarios de hoje não se diz tanto em dia de sessão. Aquelle frade sabia mais que tres ou quatro como eu, exceptuando os meus conhecimentos sobre mac-adam, phalansterio, e gaz. *Jeronymo Paturot* não cederia tambem os seus conhecimentos sobre o *bitume imperial de Marrocos*.

Perdoae, leitores, estes repetidos mergulhos que dou no mar de erudição, que se me encapella debaixo da penna. Queria dar-vos obra que palpitasse de actualidade, romance de estylo perfurante. Camaleão romantico, sustento esta imaginação das auras do passado: aspiro o pó que se volatiza de um manusccrito roído da traça, que aqui tenho a meu lado, e do qual vou extrahindo esta mirifica historia.

Do qual consta, que findo o jantar, cada um dos convidados foi para sua casa. Frei Amaro, se bem que recolheu á sua cella, póde dizer-se que não foi para sua casa, por isso que foi demonstrado depois que um frade não tinha casa nenhuma.

Vamos fechar este capitulo.

— Com que lance dramatico? — pergunta o leitor.

— Nenhum! — respondo eu.

E vae elle replica:

— Porque não inventaste um encapotado, que viesse perturbar este festim, como o *Mane Tacel Phares* de Balthazar?

— Era uma invenção lorpa — respondo eu.

— Pois não houve mais nada!? — torna o importuno.

Houve o seguinte:

O menino que fazia annos, metteu-se na capoeira das gallinhas e degolou-as todas!

Acaba melhor do que eu imaginára.

CAPITULO II

Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambado apparece a conversar com sua mulher Jacintha Rosa, e do mais que a seu respeito se disser

Desde a fundação, talvez, de uma das sobre-lojas da casa apalaçada de Pedro da Veiga, morava ahi uma linhagem de sapateiros, mais ou menos remendões, e representados em 1750 por João Rodrigues, vulgò o *Cambado*, e sua mulher Jacintha Rosa.

A inoculação immomorial d'aquella familia de artistas no solar do fidalgo era devoção do fundador, ou um segredo domestico, se optarmos por uma das duas opiniões mais razoaveis, entre as muitas engendradas ácerca da moradia perpetua d'estes inquilinos.

João Rodrigues era um homem redondo, vermelho e carnoso. Teria quarenta e cinco annos, e era liquido que se não lavára, durante a sua vida, quarenta e cinco vezes. As mãos eram o repositorio de alguns arrateis de pêz amassados em graixa, o que tudo justaposto em camadas compactas, rugosas e petrificadas,

representava (se nos permittem um simile ressaibado de actualidade) o monumento da arte, consagrado á memoria de quantos sapateiros, ascendentes do sr. João Rodrigues, atravessaram as gerações, alinhavando viras, tombas, e entrecospias.

Jacintha Rosa era uma mulher alta, de cabellos eriçados como uma estriga, escavacada e angulosa na face, sêcca do peito como um bacalhau, e cortante de braços e de pernas como as quatro laminas de uma roda de navalhas. Tinha trinta annos, e um filho de nove. Este era gago, e desmentia prodigiosamente a fealdade de seus progenitores, obrigando-os a julgarem-se, senão lindos, ao menos, sympathicos, á vista da revoltante cara de seu filho.

Era medonho ver-se o grupo entretecido por aquella mãe e aquelle aborto, se ambos, em extasis materno e filial, se apertavam contra as mutuas costellas, em muito reciproco e recheadissimo abraço! Dirieis que um aranhão de grandes pernas cavalgava uma carocha, ou que um filho de Lucifer se divertia com uma das furias!

N'uma d'essas posturas entre o selvagem da realidade e o burlesco da phantasia, estavam uma tarde a tia Jacintha com o seu filho Anacleto, emquanto o marido e pae d'estas creaturas inverosimeis dava sebo a uma botas de cano alto, pertencentes ao reverendo escrivão do ecclesiastico, bullas e casamentos.

O pequeno Manuel da Veiga descia para a rua; e, parece que tocado pela caricatura familiar do sapateiro, parou no limiar da porta, que dizia para o patèo. D'ahi, com um sorriso afidalgado de sarcasmo, disse lá para dentro:

— Que diabo fazes tu ahi, rapaz de nove annos, pen-

durado no cavername de tua mãe? Pareces-me uma lesma enroscada n'um molho de grelos!...

Ninguem lhe respondeu, á excepção do tio Rodrigues, que agradeceu o sarcasmo, assim:

— Se v. exc.ª me désse um bocadinho de sebo para engraixar esta botina...

— Tira-o alli das queixadas do teu rapaz, que está gordo como os porcos dos meus foreiros.

— Pois não é pelo muito que elle come... E' que os filhos dos pobres são de boa medrança...

A esta timida razão da pobre Jacintha, que era mãe, respondeu o estouvado menino:

— Engordam com a graça de Deus e com a agua do chafariz, não é assim?

O silencio succedeu á ironia. Manuelzinho continuou inquieto como um truão:

— Essas botas são do padre Luiz da Cunha... Bem as conheço... vem descriptas no *Clarimundo* de João de Barros... São mais velhas que o meu vinculo... Já em 1640 o alcaide d'esta villa, querendo felicitar o senhor D. João IV com uma illuminação, mandou pedir esse par de botas ao avô do padre Luiz.

— P'ra quê? — perguntou o sapateiro.

— Para quê? sempre és muito selvagem! Para servirem de columnas á illuminação.

— De columnas?!... como?!...

— Como? és muito estupido! Embrulhando-as em algodão, e deixando-as arder, porque essas botas são todas de sebo. Ha quem tenha visto, na força do calor, o padre Luiz com ellas embrulhadas em grandes folhas de repolho, para se lhe não derreterem.

A tia Jacintha não pôde suster o riso, o filho fez uma careta inimitavel, e o sapateiro pousou a bota para se rir e cheirar uma pitada de simonte.

O fidalguinho não era estranho á triplice risada d'aquella gente. Ao rapaz, que escancarava umas guelas amuradas de dentes amarellos e acavallados, disse-lhe:

— Tapa lá essas fauces de cerbero! A tua bôcca parece-me uma gaiola cheia de grilos! E's feio como o diabo!

A' mãe tambem a mimoseou:

— Não te rias, que me fazes chorar de medo. Olha esses ossos da cara, que me parecem as ancas das vaccas do sonho de Pharaó!

Ao velho foi-lhe pelo simonte:

— Que estás tu ahi a metter n'esses buracos? De que te serve ahi essa rolha, sem garrafa, espetada n'esse enorme tomate, a que tu chamas cara?

— Seja o que v. exc.ª quizer—tornou o sapateiro com uma visagem de colera suffocada — cada qual é como Deus o fez.

O implacavel motejador proseguiu:

— Vós tendes cão morto em casa, ou bacalhau pôdre. Cheiraes a esterco... Porque não queimaes ahi um carro de alecrim? Eu direi aos moços que vos mettam no poço *Romão*, em dia de cheia, para dardes estrume para os meus lameiros da *Portella*...

— O menino hoje está muito máusinho!—disse a tia Jacintha, com o acanhamento do respeito e do medo.

— *Menino!* ouviste? olha que tenho quinze annos... Se me tornares a chamar menino hei de embainhar-te a cabeça n'uma das botas do padre Luiz, que has de ficar encadernada em sebo *per omnia seculo seculorum.*

— *Amen* — respondeu o sapateiro, que era sacristão interino das freiras de Santa Clara, e ajudava quotidianamente a quatro missas.

Manuelzinho saíu, assobiando; gritou á porta da cocheira pelo lacaio; montou o seu andaluz, e galopou. galgou, e fez tremer as ruas de Villa Real, salpicando de lama as alas dos passageiros, que se cosiam com as portas.

Deixemol-o ir, e volvamos a casa do sapateiro, se é que não está ahi leitora de olfato tão susceptivel como o de Manuelzinho.

Diga-se o que é verdade em abono do fidalgo. A casa do sapateiro não cheirava bem: porquanto, a mobilia constava de um catre, tarimba, plataforma, ou tablado composto de dois bancos com quatro taboas, tudo embrulhado n'uns farrapos, especie de estufa de historia natural, rica de classes e familias, e generos vivos e inteiros de insectos, cujo primeiro elo da escala zoologica era o sapateiro e a sua familia, quando todos ahi estavam embrulhados, ennovelados, consubstanciados, e mettidos, uns nos outros, como uma ninhada de leitões.

Item. Uma cómmoda de bilros de pau santo, çom lavores e escaninhos, e pó, e lama, e folhas de couve, e uma vela de sebo na bôca de uma garrafa, e uma panella de barro negro com um pouco de unto embrulhado em alface, e quatro pares de sapatos, e uma brôa, e a primeira edição de *Carlos Magno*, e uma duzia de fôrmas á mistura com meia duzia de sardinhas.

Item. Uma tripeça, e um rebolo, e uma sovela, e fios, e linhas, e aparas de sola, e a mais ferramenta provada, gasta, e safada nas botas do padre Luiz.

O mais eram os andrajos da miseria; costume perpetuado, vivo e inalteravel, não obstante o direito de associação, e os jornaes, e o *Judeu Errante*, e os *Mysterios do Povo*, e a civilisação, e o soccorro mutuo.

Ouçamos agora estas creaturas mephyticas, symboli-

cas, soffredoras e muito dignas de terem praça n'um romance com seus palpites de humanitario, social e regenerador.

A senhora Jacintha Rosa principiou:

— Muito mal creado é este fedelho!... Se é rico, que coma duas vezes... Nem parece fidalgo!... Eu te arrenego!...

— Cala-te, mulher! — replicou affavelmente mestre Rodrigues, cosendo a octogesima tomba na bota do padre Luiz.

— Que me cale!... inda mais essa!... Um pobre não lhe bonda bem a fome e o frio, para cá virem estas creanças ricas fazerem escarneo da miseria... Quando lhe eu pedir alguma esmola...

— Cala-te, mulher... Olha que eu sou um sapateiro, e tu és minha mulher... Cala-te....

— Tenho muita honra em ser pobre, mas não da graça de Deus....

— Mas eu não tenho honra nenhuma em ser posto na rua com estes farrapos, e sem um cruzado para aluguer de uma casa...

A razão era de algarismos: Jacintha cedeu á evidencia da arithmetica, e aplacou a porção de bilis irritada que lhe refervia nas veias tumidas e escarlates da testa. O filho apresentou o seu memorial sobre alimentos, e documentou-o com um grunhido lamentoso, que mais cortava as cordas do ouvido, que as do coração. Era um chorar rispido, agreste e incisivo, que junto ás pragas da mãe e ao rebolo do pae, compunham uma assonancia estranha, grutesca e sublimemente infernal. — Depois, um bocado de pão e outro de cebola crua serenaram a larynge barbara do pequeno *Quasimodo*. Ás outras partes cantantes, como obrigadas áquella, calaram-se.

Anoitecera.

Anacleto dormia, e mais o gato, na cinza da lareira. O mestre Cambado veio para a porta da rua cheirar simonte. Jacintha carregou a roca, e sentou-se ao pé de seu marido, torcendo, entre os dedos magros e callosos, o fuso, a cujo fremito monotono e regular o sapateiro parecia dormir.

— Tu dormes, João?

— Não... estava cá a scismar.

— No que disse o fidalgo?

— Não... Já estou muito afeito a isso...

— Então... em quê?!

— Scismava no pouco que deixa o officio... Nós, a fallar a verdade, vivemos pobres como ninguem. Nem os que pedem pelas portas vivem assim!...

— E então?... que queres tu, João? a nossa signa é esta...

— Isso lá é verdade... a nossa signa é esta... E' preciso ver se se quebra este fado... Ahi vem o fidalgo... Anda para dentro, mulher, que nos não venha elle pizar com o cavallo...

— E' o que faltava!... — replicou indignada a senhora Jacintha.

— Anda p'ra dentro, já t'o disse... Olha que esse rapaz é de mau coração.

A mulher obedeceu, e o marido, á meia porta, esperou a chegada de Manuel da Veiga.

— V. exc.ª quer que chame o lacaio?

— Chama! — respondeu soberanamente o menino.

O lacaio tomou conta do cavallo, e recebeu de seu amo as seguintes ordens:

— Manhan, sobe com esse cavallo ao alto do *monte da forca*, e empurra-o pelo despenhadeiro abaixo, que quero ver cá da janella, se elle recúa nas ladeiras.

— Então quer matal-o?

— Quero; antes que elle me mate.

O fidalgo condemnou, e saíu.

Jacintha foi reintegrada no seu logar á porta da rua.

— Eu que te disse, mulher? O rapaz tem um coração de tigre!... Lá mandou matar o cavallo...

— Não te lembras o que elle fez o outro anno?

— E' verdade... que degolou as gallinhas...

— No dia em que fez annos...

— Pois vê tu lá!...

— E o pae e a mãe beijaram-o, e disseram-lhe *benza-te Deus*.

— Lá irão para onde o paguem... Veremos a quem S. Pedro abre primeiro as portas do céo... se ao nosso filho, se ao d'elles...

— Dizes bem, homem... Quem faz mal, p'ra si o faz... Ao menos temos essa consolação... O nosso é filho de pobres; mas tem mais educação. A's vezes chora e grita, mas...

— Mas é com frio e fome... e no céo entra-se nú como se nasce... Vae tratar da ceia.

Jacintha accendeu umas aparas; atirou ás chammas tres sardinhas amarellas, salitrosas e retezadas; n'isto se cifrava a culinaria d'esta familia.

Durante a ceia, e n'um intervallo de quietação aos grasnidos do rapaz faminto e insaciavel, o sapateiro trasfegando o ultimo pucaro de vinho, assumiu uma postura imponente, séria e parlamentar, e disse para a sua digna metade, entretida ainda com o esqueleto de uma sardinha:

— Ora, mulher, esta vida não póde levar-se assim!... Será signa, mas tambem póde ser preguiça este nosso estado... E' preciso mudar...

— De casa?

— Não: de vida.

— E como?

— Logo.

Este *logo* equivalia a dizer: Deixa adormecer o rapaz, porque ha certos modos de vida que os paes podem exercer sem os transmittirem aos filhos, e que os filhos ás vezes desempenham prodigiosamente sem os herdarem dos paes.

E' por isso que, meia hora depois, o mestre Cambado, deitado muito licitamente no thalamo conjugal com sua mulher, lhe dizia a meia voz:

— Vou fazer-me ladrão.

Primeiro um grito de surpreza estrugiu os ouvidos do sapateiro. A candeia tinha expirado, do contrario, esta victima de tentação gelára-se de medo diante da visagem rugosa, trapesoide e enverrugada da tia Jacintha. Era a expressão da mulher feia indignada: o transluzir de uma boa alma no aspecto incendiado de uma furia incrivel.

— Ladrão! meu marido... ladrão!

Estas palavras, cortadas de gemidos, echoaram, um instante, nos ouvidos do infeliz, como uma supplica do anjo da guarda.

Calaram-se...

Uma hora depois mestre Rodrigues roncava em duetto com seu filho. Jacintha Rosa chorava e soluçava.

CAPITULO III

Quem era a cosinheira d'estes fidalgos,
que ditos ficam,
e de outras cousas muito para se lerem,
e menos para se imitarem.

Quem lesse o primeiro capitulo d'esta bonita historia, com a attenção de que ella se faz digna, lembrar-se-ha de uma certa Michaela, cozinheira em casa dos fidalgos, e indiscreta em comparações de couves e alhos. Pois, attenciosos leitores, seria não corresponder á vossa reconhecida bondade, omittindo-vos a interessante nova de que esta Michaela era nem mais nem menos, que irmã de Jacintha Rosa, a serpente matrimonial de João Rodrigues Gambado.

Michaela é uma figura de cincoenta annos. Especie de capricho do systema reproductor, não tem um contorno, um orgão, uma moldura na face, um gesto, uma insignificancia anatomica, que a faça parecer irmã da mulher do sapateiro. O romancista é como o estatuario: este, na esculptura de um busto decente e modesto de mulher, não se enthusiasma copiando os logares communs da natureza. Eu imito o primeiro e o segundo.

E' porque aquella mulher fôra bella como a creação de um sonho delicioso. Como a visão de um sonho, essa belleza esvaíra-se-lhe aos vinte annos, sumindo-se n'um véo melancolico de magreza livida e profunda. Michaela era uma d'essas existencias mysteriosas de martyrio, cuja condição social é muito baixa, para que os olhos altaneiros da sociedade desçam ao abysmo da sua dor. Que importava a improvisa transição de uma frescura gentil e graciosa para as rugas da velhice? e o rapido embranquecer de uma trança ondulante de cabellos negros? A sosa solitaria e abandonada em chão agreste, quem vae carpil-a esfolhada, se o vento lhe sacudiu a corolla mal aberta, na primeira manhã da vida? Não obstante, trinta annos antes, houve quem assim reflectisse:

— Que terá aquella folgazã Michaela, que tanto se acaba e amarellece?

— São maleitas—diziam os parentes.

— Que terá aquella presumida de Michaela, que tanto se definha e esconde?

— Quer abraçar o céo e a terra, cosendo e fiando—diziam as raparigas preguiçosas e desalinhavadas.

— Que terá ella, que perde os sentidos e cáe no chão?

— São flatulencias—diziam os medicos e os barbeiros.

— Que terá aquella rapariga, que já não vae á missa?

— E' peccado mofento... Tem o porco-sujo no corpo, salvo este!... diziam as velhas.

A philosophia é mais circumspecta nas suas respostas. O escalpello do romancista vae mais dentro, e afasta fibra a fibra as camadas de tecidos exteriores, de que as turbas se impressionam para os seus juizos sempre errados, empyricos, ou estupidos. A physiologia da dor

é mais subtil que a theoria das flatulencias dos medicos, e o porco sujo das velhas.

Michaela, e sua irmã Jacintha, eram filhas de um cuteleiro natural de Guimarães e desde 1708 estabelecido em Braga. Se não fosse o contraste da irmã, daravos aqui em testemunho real da opinião de formosura por que são tidas as filhas de Guimarães, um typo de especial lindeza e graça n'esta donairosa Michaela entre os quinze e os seus vinte e quatro annos (1).

O viver do artista remediado tem um perfume de innocencia e honestidade, uma regularidade tal nos seus costumes, uma singeleza tão sempre a mesma, e tão patriarchal n'aquelles seus recreios familiares, que não ha vida mais poetica na sua simplicidade, e mais preciosa na sua mediania. O artista probo, como elle deve ter sido antes da falsa importancia com que as imaginações candentes bruniram a ideia da arte para lhe darem a phosphorescencia das utopias socialistas: o artista, tal como Antonio Gil, cuteleiro de Braga, era realmente o homem feliz, estranho ás commoçoes da republica, independente nos seus recursos relativamente fartos, vivendo para sua mulher, a muito honrada e gorda Anastacia Mendes, e para suas duas filhas, que o leitor já conhece, mas que muito importa conhecer muito d'antes.

Ahi por 1720 Michaela tinha os seus dezoito annos, tra-

---

(1) Virey, no seu tratado *de la femme,* diz o seguinte: — La ville de Guimarães et ses environs sont peuplés des plus charmantes portugaises, la plupart courtes et vives, qui présentent en général beaucoup de gorge, tandis que les castillanes n'en ont presque pas. Toutes ont des beaus yeux noirs, cette taille svelte et souple, ce teint pâle, cet air sérieux, dédaigneux même, qui peuvent enflammer les grandes passions, et rebuter les hommages frivoles ou vulgaires.

java mantilha de durante muito honestazinha, e frequentava o Santissimo Sacramento, com grande temor de Deus, na vigilante companhia de sua mãe e de sua irmã mais nova, a quem os ordinandos seminaristas chamavam a *Megera por antonomasia.* N'esses conflictos, Michaela pregava os olhos no chão, e atravessava envergonhada por entre as alas de estudantes, cujos galanteios e chistes enrugavam, com muita razão, a testa da Anastacia Mendes.

— Ora passe, menina, que é objecto de consumo, e de primeira necessidade...

— E que não paga direitos por isso...

— E' uma pomba celestial...

— Mas parece-me uma franguinha terrestre...

— E' filha das *Graças,* e de algum estudante...

— Nego! Olha lá se essa velha, que ahi vae de testa franzida, com os canos das botas do padre-mestre, tem cousa por onde se pareça com uma *Graça?!*

— Não, que esta velha é uma *Venus* desmoronada...

— Se é *Venus,* nasceu do sangue da cabeça de alguma tartaruga.

E a pequena córava d'estas chufas semsaboronas, emquanto sobre sua irmã choviam sarcasmos e ironias, desapiedadamente.

— Olha a *Megera* a esconder a grenha no fôrro da mantilha, que é mais branco que a sua cara!

— Não que ella tem compaixão de nós!...

— Deixe lá ver essa careta eterna, horrorosa menina!

D'entre os estudantes sahiu uma voz pausada e severa:

— Isso é muito vil, amigos! Calae-vos, que a vergonha d'essa familia reflecte nas vossas faces...

A velha fitou o escolar que fallára, e alguma cousa disse. A turba dos minoristas ergueu uma grita estrepi-

tosa de risadas mofadoras, não sabemos se pelo aspecto serio e tristonho de Timotheo de Oliveira, se pela observação lisongeira da velha, se pela attenção envergonhada com que a linda Michaela procurava, entre os estudantes, aquelle que sua mãe elogiava. N'esse seu olhar instantaneo, mas penetrante, Michaela viu um rosto oval, imberbe, pallido, de olhos apaixonados; fronte espaçosa e de uma magreza sympathica e melancolica. Afastado da roda dos condiscipulos, Timotheo olhava, senão com indifferença, ao menos com compaixão por esse insipido folgar á custa de uma velha, de uma feia, e de uma formosa.

A fallar a verdade, os escolares invejavam o talento de Timotheo, e abrreciam-lhe a sisudez intempestiva com que as mais das vezes se impunha de caracter austero, aguando-lhes com textos, philosophias, e questões theologicas as distracções e os brinquedos. Algum d'elles menos soffredor de reflexões, propalava no seminario que Timotheo de Oliveira era um *franchinote*, que, por esses tempos, equivalia a *jesuita*.

O estudante de dezoito annos era admirado como um prodigio de sciencia infusa, e de propheticas e indeterminadas aspirações para a sciencia. Prestigiosamente conceituado, a sua reputação de sabedoria firmava-se na fé popular, mais que na opinião de seus examinadores de humanidades no *collegio das artes* de Coimbra, onde diziam que Timotheo de Oliveira se iniciára nos profundos mysterios da philosophia. Era a estes que seus condiscipulos imputavam a misanthropia e pertinacia estudiosa do estudante. Chamavam-lhe alchymista, hermetico, *Bandarra*, e sobretudo *embrião jesuitico*. Quando muito, nos labios de Oliveira, sempre cerrados para o insulto, volitava um riso indefinivel de ironia ou compaixão por seus motejadores.

— Lêde os vossos livros ainda virgens, vasias creaturas.

E' o que elle raramente contrapunha aos desdens insossos dos condiscipulos.

Em compensação, lá estavam os frades, as freiras, os paes de familia, o cuteleiro Antonio Gil, e as velhas para lhe fazerem justiça.

Não eram só as velhas.

Entre as homenagens de respeito que Timotheo, modesta e seraphicamente recebia dos seus numerosos amigos, algumas havia, filhas legitimas do coração, timidas e indecisas n'um córar pudibundo em faces virginaes, e porventura as primeiras e as menos innocentes que Michaela consagrava a homem.

Homem! esta palavra começou no coração a encorporar-se-lhe n'uma ideia, e esta ideia lá a definiu ella como pôde, sem recorrer á ideologia das escolas. Amava com esta poesia universal de todas as almas que se estreiam nas affeições. Era uma paixão surda, dita muito baixinho ao confessor, relatada em lagrimas ao travesseiro, travada nos sonhos da donzella, que não póde comprimir-se, e confessada muitas vezes n'um gemido espontaneo a uma velha mãe, cuja sensibilidade está safada de reminiscencia para recordar-se de um gemido que soltára igual, quarenta annos antes.

Timotheo de Oliveira não podia sacrificar ao artificio de seu caracter exterior as vocações da alma, sempre ardentes na sua idade, e no homem do seu temperamento. Ethereo e phantastico nas subtilezas espirituaes da theologia, disperso nas diaphanas regiões do infinito, Timotheo, no desalento das inconsequencias metaphysicas, devia anciar a realidade, buscar a mulher como ella se divinisa nos primeiros amores, e, vasando-a no molde

poetico da sua imaginação errante, adoral-a como se adora de uma vez sómente.

E' o que elle fez.

A facil admissão que teve em casa do cuteleiro, cujas faculdades admiradoras se expandiam e extasiavam á maneira que a eloquencia sacerdotal de um S. Paulo jorrava por entre os labios de uma creança, as reverentes attenções da muito veneranda Anastacia Mendes, sempre prompta a chorar todas as vezes que um ultraje á religião era patheticamente commemorado pelo estudante: o acatamento monastico da severidade, que Timotheo praticava com a feia Jacintha, e com a linda Michaela promiscuamente; e, sobretudo, uma collecção de nominas, bentinhos, bullas, livrinhos e imagens de indulgencia plenaria, com que todas tres eram mimoseadas pela sua visita quotidiana; tudo isto era uma venda opaca, impenetravel, para os olhos lynces da mais fina das nossas leitoras de cincoenta annos, quanto mais para os de uma obtusa e cerrada mulher de Braga, nascida e creada para seu marido, para os seus filhos e para as suas gallinhas!

Deveria, sensiveis amadores de duas almas e dois corpos que se amam, deveria dar-vos aqui meia duzia de dialogos, tocantes de ternura, lamentosos e apaixonados, se porventura nas paixões violentas militassem sentimentos e palavras diversas das sanccionadas para toda a casta de paixões amorosas, desde a mentira do cynico, que atraiçôa, até ao sagrado juramento do crente, que supplica uma esmola de amor. A syntaxe é a mesma. Acreditae que Timotheo de Oliveira era um prodigio de latinidade, para poder faltar aos preceitos de uma grammatica correcta.

Ora aconteceu, que ao dar das onze horas de uma noite de muito vento e muita chuva, um rapaz, que ti-

nha geito de aprendiz de sapateiro, parava defronte da porta de Antonio Gil, e dizia espantado comsigo mesmo:

— Que diabo de vulto é aquelle que está pendurado na janella do cuteleiro?!... Espera... que elle mette-se para dentro!... Oh! diabo!... lá se fechou a janella!... será ladrão?... Agora é!... será conversado da minha Jacintha?!... Quem sabe?... Vou bater á porta...

E, com effeito, a suja e ciumenta creatura escoucinhou estrondosamente á porta. Uma voz tremida e debil, através de uma rotula, perguntou:

— Quem é?

— Sou o Cambado.

— Que queres?

— E' que entrou gente lá para dentro...

— Vae-te embora, e cala-te por alma das tuas obrigações;... vae-te embora, João... Não acordes meu pae...

— Ah!... vossemecê não é...

— Não sou a Jacintha... não... Vae-te embora...

O pequeno Cambado foi-se, mas dizendo comsigo:

— Ora vejam o que são as mulheres!... Fiem-se lá!...

CAPITULO IV

No qual se tratam cousas mais tristes

Antonio Gil, considerado cidadão, artista e pae, era exemplar de virtude, de honra e de ternura. Amava o genero humano na sua totalidade. Estremecia os seus filhos e os dos outros. Acariciava sua mulher, e, se não podemos dizer que fazia o mesmo ás dos outros, estimava-as respeitosamente, sendo o primeiro a perdoar-lhes as faltas. Não achára, durante vinte e sete annos, vergonhas em sua casa para corrigir. Era abençoado o suor do seu rosto!

Mas o artista vae soffrer um golpe incuravel na sua honra.

Eu creio cegamente nos presentimentos. Não fallo já d'aquella previdencia dolorosa, de que o espirito se atribula, quando a consciencia nos vaticina a proxima ou tardia expiação de um crime. N'este sentimento, por assim dizer, logico e rigoroso, é o remorso que magôa, é o castigo que se annuncia por um pavor estranho.

Quero fallar d'aquelles tremores de dentro, que nos assaltam a alma, derramada nos folguedos de um baile, ou concentrada na meditação de um livro.

Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

Vêde esses espiritos frivolos, essas cabeças ardentes, essas almas cynicas e estereis, esses fortes de sentimentos apaixonados;—ahi está um feixe de espiritualidades confusas, cujo atilho é a dor.

Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

O sol abrazador, que tisna o sargaço na raiz do penedo da montanha, queima tambem o lirio mimoso de gracioso jardim. E' como a dor presentida no coração do miseravel aconchegado de vermes e andrajos, ou no do homem, que ahi vae revendo-se nos listrões prateados da sua libré.

Não perguntarei ao primeiro se na serie contínua dos seus padecimentos ha um pesadelo de improvisa amargura, que o surprenda no abysmo insondavel das suas dores. E' possivel que para esse esteja cerrado o horizonte da esperança; e então, não ha previsão que lhe infunda o vago terror de uma nova desgraça. A' consciencia do segundo é que aqui se falla.

Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

Pergunta-se á virgem dos dourados sonhos no gozo das suas poeticas e innocentes realidades, que nuvem pallida de soffrimento lhe assombrou, um instante, a purpura das faces?

Pergunta-se ao homem de muito dinheiro, e muitos amigos, se é possivel dar a uma bachanal vinte horas de deliciosa vida, sem a mescla de um palpite doloroso, que é, ás vezes, como o pensamento repentino de uma tragedia, appensa a esses festins?

Pergunta-se o que é essa tenaz de fogo, que nos entala o coração de uma dor compressiva, quando um mo-

mento antes se nos dilatava este amor do mundo folgazão n'um descuidado sorriso de eterno prazer?

E a donzella, o mancebo, o rico e o miseravel sentem a necessidade de uma lagrima sem causa, sem definição, para soltar a vida de umas peias pesadas e atrozes!...

Não pulsa um coração debaixo do céo, que não soffra.

Que resposta daria Antonio Gil, se lhe perguntassem:

— Que soffres? que presentimento é esse, que te baixa os olhos embaciados de lagrimas? Por que não ergues essa face sem manchas, esse pregão de uma alma sem remorso?

O cuteleiro não responderia.

Pois ninguem duvide que era dilacerante a sua melancolia.

— Não sei o que tenho, Anastacia!—dizia elle a sua mulher, áquella boa consorte, que, á falta de outros recursos hygienicos ou espirituaes, tratava de curar a enfermidade moral de seu marido, desafiando-lhe o appetite com os melhores guisados que pôde amanhar, afóra os muitos que lhe ministraram as vizinhas. — Não sei o que tenho, Anastacia!

— Ora, que has de tu ter, homem! isso são invejas e maus olhados... Havemos de ir aos *inzorcismos* ao senhor frei João da Falperra... Vê se comes.... olha esta azinha de frango... Tudo se ha de fazer pelo melhor, com ajuda de S. Torquato e da Senhora Sant' Anna.

— Oxalá!...—respondia o cuteleiro com um scepticismo que não era d'elle, mas que o soffrimento lhe infiltrára na consciencia, que se não accusava de um crime—Olha, mulher... aqui n'esta casa, alguma des-

graça está para acontecer... Não vês como a nossa Michaela anda triste... e descórada?... é que ella tambem alguma cousa adivinha...

— Lá isso é verdade... a rapariga não anda boa, mas...

E aqui não sabemos que palavras a senhora Anastacia disse a meia voz a seu marido... Ou fossem confidencias matrimoniaes, ou alguma insignificante reflexão — respeitemos estes segredos de casados, visto que não podemos deduzir nada da physionomia do artista, depois que o segredo lhe foi communicado.

— E então... não te parece?...

— Não sei... mas ella chora quando me vê chorar... Não me apparece ás vezes oito dias... e eu não sei...

— E' que está aqui sempre a rezar, e mais a Jacintha.

— E' verdade... e a Jacintha tão triste sempre... tambem!... Mulher! alguma desgraça está para vir a esta casa!... Tenho dito isto ao senhor padre Timotheo, e elle não me responde nada... Elle bem vê que a alma adivinha.

Este dialogo foi interrompido por Jacintha, que vinha esbaforida:

— O' rapariga, que é isso, que tão atrigada vens?

— Não é nada, minha mãe... olhe aqui...

E levando-a de parte, disse-lhe ao ouvido:

— A nossa Michaela deitou-se, porque estava muito mal, e pediu-me que viesse chamal-a...

As lagrimas rebentavam duas a duas nas faces de Jacintha.

— Então que tem ella? é alguma pontada? manda o aprendiz buscar um vintem de oleo de amendoas doces...

— Pois sim... mas vá lá, minha mãe... vá lá, por alma da avó... e não diga nada ao pae...

— O' rapariga! tu fazes-me douda!... pois eu não hei de dizer a teu pae que tua irmã está doente?

— Não... não... logo lh'o dirá...

Antonio Gil era estranho a este suspeito dialogo, porque se entretinha á porta da officina, conversando com o padre Timotheo de Oliveira; *padre* chamavam-lhe elles, porque, por esses tempos, o ordinando apenas tinha *prima-tonsura*.

— Então que diz a esta minha doença, senhor padre Timotheo?... Não haverá agua benta que me cure?...

— Que hei de eu dizer-lhe, senhor Antonio!... As enfermidades de espirito é o tempo e a distracção que as cura... Vossemecê aqui na sua officina tarde melhorará... E' um dever religioso, que o pae de familia tem a cumprir: o da sua conservação... Busque distrahir-se n'outros ares, e com outros trabalhos... Deve saír de Braga, ir até Guimarães fortalecer-se de ares patrios, e finalmente cumprir os encargos de um bom pai, e, sobre todos os encargos, o de um bom christão...

— Diz bem, senhor padre Timotheo; mas eu hei de aqui deixar esta familia, sem amparo, com as portas da officina fechadas?!... Não sabe o senhor padre que não temos outras rendas senão as do officio?! Vossemecê diz bem... mas...

— Mas é preciso contarmos com os amigos na hora das tribulações. Os preceitos da caridade estão gravados na minha alma, como os da virtude na sua. Vossemecê é verdade que tem uma familia a viver do trabalho do seu chefe, mas veja que tambem tem um amigo... e esse amigo...

— E' o senhor padre... eu bem o sei, e toda a minha familia o diz... Ora pois, n'esse caso, eu vou até Guimarães espairecer, se podér... Vossemecê olhará por esta familia. Cá em casa ainda ha algumas moedas, e,

louvado seja o Senhor, não me cansa credito por ahi; mas, valha-me Deus, eu não gosto de pedir nada a ninguem...

— Nem ha de precisar de pedir. Faça de conta que tem um filho, senão pelo sangue, ao menos pelos laços da religião, que manda amar o proximo sem distincção de parentescos... Não haja demora n'esta saída... Eu tratarei de lhe mandar aqui ámanhã cavalgadura, e veja lá do que precisa...

— Não preciso senão da graça de Deus, e das suas orações... Mas que me diz vossemecê á doença da minha filha Michaela?

O rosto de Timotheo de Oliveira perturbou-se de um pallor instantaneo; a testa franziu-se-lhe, como comprimida por dois dedos de fogo; e palavras, se as tinha, expiraram-lhe na garganta como a exprobração blasphema, fulminada na bôca do impio por um anathema do céo.

Antonio Gil proseguiu:

— Pobre rapariga!... está acabada aos dezenove annos!... Verdade é que a minha Anastacia me disse ahi ha pouco umas cousas... eu sei cá?... a gente apanha as doenças e não sabe d'onde lhe ellas vem... E ella, que não era nada atreita a enfermidades...

— As' vezes... uma constipação mal curada...

Timotheo ia na commoção de um réo que mente, dar as suas razões pathologicas e locaes da doença de Michaela, quando um grito agudo, tremido e prolongado estrugiu lá do interior da casa, como um brado de soccorro.

Timotheo, antes de soltar um *ah* de espanto, paralysou n'uma suspensão de todos os sentidos, e transfigurou-se n'alguma cousa tetrica e inamovivel como a estatua do terror.

O artista, especie do automato impellido por aquelle grito despedaçador, desappareceu no interior da casa, e deixou, na postura em que o vimos, o seu interlocutor e serviçal amigo padre Timotheo.

Deixal-o-hemos nós tambem, e sondaremos aquelle coração de pae, que respondia ao grito agudo de uma filha.

Antonio Gil não podia saber por onde ia, mas achou-se á porta do quarto de sua filha. Esta porta estava fechada: lá dentro era o silencio da morte, e fóra do quarto não appareciam mãe nem filhas.

Pasmado e irresoluto, o artista indicava, pela ampla abertura da bôca, querer aspirar todas as columnas de ambiente que dessem uma palavra, um som, outro grito, para que a sua intelligencia podesse deduzir uma ideia d'aquelles phenomenos.

A desgraça e a natureza satisfizeram-lhe a vontade. Um novo grito convulso, estridente e penetrante abalou aquelle homem de pedra, encostado á taipa do quarto, como uma estatua á porta de um tumulo. E então conheceu que era um brado extraordinario, uma invocação á Virgem das Dores, um surdo chorar de umas poucas de vozes, e finalmente, o improviso silencio d'essa voz lamentosa, que elle bem percebeu ser a de sua filha.

Bateu á porta, ninguem lhe respondeu. Chamou sua filha, ouviu um ai de terror. Chamou sua mulher, sentiu um chorar de gemidos suffocados. Pediu que lhe abrissem a porta em nome do céo, e não houveram anjos que lhe erguessem aquelle sudario das miserias da terra.

Depois, muito depois, que o mais desgraçado dos paes sómente ouvia o ranger de dentes, que era a dor suffocada, estrangulada, retrahida pela vergonha impotente... depois, que a allucinação de Antonio Gil parecia cara-

cterisar-se do indifferentismo do idiota, aquella porta foi meio-aberta para deixar passar o vulto respeitavel de Anastacia Mendes.

Esta mulher vinha como a mãe que acabasse de dar o extremo abraço em seu unico filho, lançado ás fogueiras da inquisição... vinha, como só podia vir uma d'essas raras mães, para quem a deshonra de uma filha é a perdição eterna da sua honra, e a vergonha das suas faces. Encarando o marido, lançou-se-lhe nos braços; quiz embalde articular uma palavra; sentiu mesmo que a afflicção lhe convertia as lagrimas em brazas intimas e traspassadas no coração.

Era a desgraça no terrivel grandioso da sua poesia funebre! Duas existencias enlaçadas pela religião, pelo amor e pela virtude, eram despojadas n'aquelle momento de todo o seu cabedal de reputação: deshonradas e pobres do pouco que só a perdição de uma filha podia roubar-lhes...

Os gritos tornaram-se insoffridos e indomaveis. Michaela invocava todos os santos: bradava já por seu pae; pedia perdão ao mundo inteiro, e o mundo inteiro entrava em casa do artista para perdoar-lhe. Era a vizinhança, que vinha assombrada saber se alguem tinha morrido, ou se o fogo devorava as entranhas de alguma victima.

Anastácia Mendes tinha desmaiado, sem dar a seu marido uma palavra. Este, invocado tres vezes, entrou no quarto de sua filha.

Viu uma face pallida, desfigurada de contorsões, vertendo suor de todos os póros nos cabellos empastados, revolvendo-se no chão em desesperado desalinho, estendendo os braços nús e ensanguentados para um crucifixo, pedindo-LHE a morte e a salvação da sua alma... E depois, aquelles braços penderam machinalmente do

pescoço do artista... aquelles labios soltaram-lhe um gemido desfallecido na face livida e...

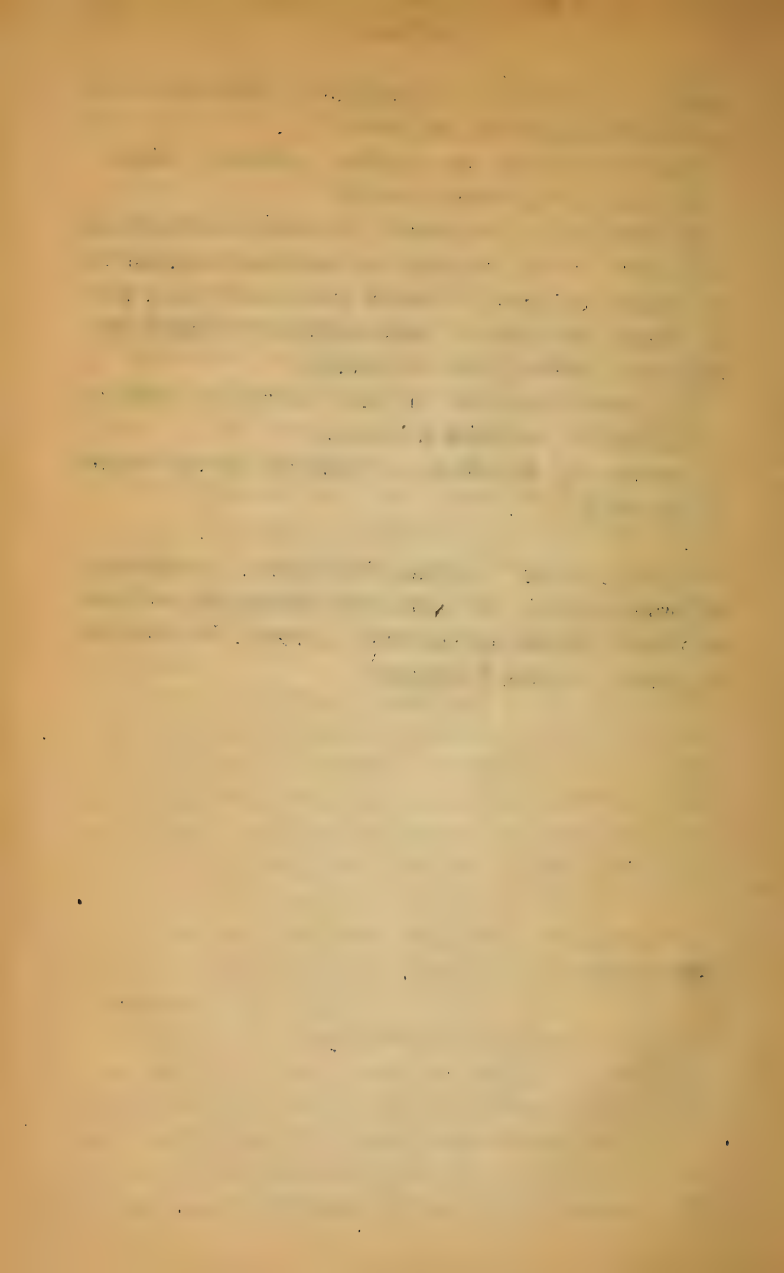
Antonio Gil ouvia uns vagidos a seus pés... olhou... e viu uma creança recem-nascida.

E' indefinivel a sua postura. Os grandes conflictos da vida com a morte, o aspecto da natureza transfigurada no sublime do terror, o homem transportado de si para as regiões phantasticas e indescriptiveis do delirio, pertence aos Canovas e aos Velasques.

Ao incomprehensivel da vida, confusa em todas as suas potencias, succedeu a syncope.

Antonio Gil desfalleceu, e Michaela caíu nos braços de sua irmã.

....

A essas horas, Timotheo de Oliveira, o seminarista de prima-tonsura, não curava das despezas de um bom baptisado. Mettido na sua cella, apoiava a face cadaverica entre as mãos, e chorava.

CAPITULO V

Varios successos a respeito da fidalguia d'estes reinos.

Se está decidido que os caranguejos não andam para diante, nem são estacionarios, este romance é uma especie de caranguejo litterario; recúa, pelo menos, vinte annos em cada capitulo! E' preciso, talvez, um esforço de mnemónica, para enfaixar estas personagens de retrocesso, esta dispersão de caracteres duvidosos e imperscrutaveis! A originalidade, a verdade, a natureza e o mundo moral, são cousas desalinhadas como o meu romance. O auctor que não tem, como Affonso X, as pretensões de organisar um mundo melhor do que elle vae, entende que tambem não deve algemar á deducção analytica de uma novella ingleza os transportes de um genio livre, que traçára em campanuda lettra do seculo passado, estas cousas, que aqui se dizem.

Não quero ser tido por uma imaginação inquieta e anarchica; mas antes quero que me chamem romancista descosido e extravagante, do que me adivinhem o pensamento. O meu manuscripto, cujos episodios e peripecias constituem um grande zig-zag da intelligencia, é justa-

mente como eu, como a minha indole, como o meu romance, e como eu quizera que fossem os meus leitores, para, sem o menor constrangimento, me acompanharem a transcendentes cousas passadas em 1701.

N'uma aldeia, distante de Villa Real um quarto de legua, chamada *Lordello*, outr'ora elevada á categoria de villa, existiu uma grande casa de architectura manuelina, com alguns destroços de gothica, cuja serventia era armazenar os foros, rendas, pensões e laudemios que se pagavam á casa dos *Tavoras* pela sua commenda de *Panoyas*. Perto d'ahi erguia-se um castello gigante com seus adarves, ameias e setteiras, comquanto a irregularidade da sua construcção, actualmente, nos afiance que tal fortaleza, collocada n'uma baixa, e dominada pelos cabeços das montanhas, a custo poderia defender-se de uma aggressão de pastores de ovelhas, que bem soubessem tanger uma pedra de funda. Este castello existe ainda: o povo chama-lhe a *torre de D. Chama*.

Se consultardes o tio Antonio da Maria, que actualmente conta noventa e cinco annos, sobre os promenores da *torre*, e a explicação *de D. Chama*, vel-o-heis encostar-se ao cabo da sua sachola, assumir a perspectiva severa de uma chronica viva, e contar assim uma historia, interrompida por accessos de um decrepito catarrho:

«Tinha meu pae dez annos, quando este caso aconteceu. Era em uma noite de lua cheia: via-se como de dia, e meu pae estava acolá n'aquelle outeiro á espera que désse a meia noite para tornar a agua para os nossos lameiros da *Chan*. Contava elle, que vendo umas luzes a correr por detraz dos balcões da torre, tivera seu medo, porque bem sabia elle que ninguem cá morava, havia muitos annos. Fez o signal da cruz, encommendou-se ao seu anjo da guarda, e esteve olhando, olhando, olhan-

do, e fazendo o credo em cruz, sobre o lado esquerdo do coração.... Como vinha dizendo, meu pae estava assim a tremer, quando ouviu uns gritos assim a modo de ruim agouro de passaros que cantam de noite nas matas e nos pinhaes. *Enfitando-se* mais n'aquelles gritos, pareceu-lhe que eram de gente. Esteve, esteve, esteve, e por fim, meu amiguinho, viu abrir-se aquella janella do meio, viu uma aventesma, amortalhada de branco, chegar á janella, e atirar-se d'ella abaixo! E depois uma voz medonha diz que bradára aqui para estes sitios: *Chama!*... *Chama!*... Meu pae ficou, como o outro que diz, sem pinga de sangue!... As luzinhas apagaram-se, ficou tudo calado, e meu pae, vindo para casa contar a passagem, veio aqui quasi meio povo, e não encontrou nada!... Emquanto a mim aquillo era moura que quebrou o seu encantamento, á voz do seu mouro que pellidava por ella: *Chama! Chama!* E é por isso que estes pardieiros são a *torre de D. Chama*. Ora aqui está o que ha a este respeito.»

E, rematando assim a sua historia, o tio Antonio da Maria convida o curioso para sua casa, para beber vinho verde e comer um bocado de brôa com azeitonas. Comquanto o repasto seja pouco appetitoso, vale a pena de acompanhar o velho, que, depois da academia real das sciencias, e Dionysio de Halicarnasso, é a melhor cousa que conheço em antiguidades.

Vamos agora cotejar a lenda do povo, com o manuscripto.

Manuel Carlos da Cunha e Tavora, conde de S. Vicente, fôra, com um cortejo de nobres e pagens, honrar os seus senhorios de Traz-os-Montes. Muitos annos havia que tão luzido prestito não estanciára por aquellas agrestes penedias, nem tão garbosos cavalleiros se requebravam com as innocentes serranas d'aquellas pa-

ragens! A nobreza de Villa Real ostentava em dispendiosos sacrificios quanto luxo de provincia cabia em forças humanas, para dignamente receber esses troncos de reis, essas vergonteas de fidalguia ante-diluviana, essa côrte ambulante, que vinha ahi desenfastiar-se em folguedos de caça e cavalgadas, como bem convinha a taes senhores.

Christovão da Veiga, alcaide-mór de Villa Real, fidalgo de raça estreme e immaculada, era de entre todos o que abria mais esplendidos salões com mais variadas folganças, á nobre turba dos representantes dos *Mens*, dos *Fuas*, dos *Albuquerques*, e *Castros* e *Roupinhos!* Mais fulgurantes que os seus candieiros de vidros multicores, mais purpureas e douradas que os seus opulentos pannaes da Persia, eram as formosas fidalgas, que matizavam nos seus espaldares de velludo aquelle todo severo de riqueza e etiqueta, como ella se usava na côrte do principe regente D. Pedro II.

Linda, a mais linda de todas, era D. Ignez da Veiga, filha de Christovão da Veiga, bem que a Grecia, podendo adivinhal-a, reservara na sua mythologia uma vacatura para uma filha do *sol* e da *primavera*. Valiam menos as espiras de ouro que lhe ondeavam da cintura aos pés, do que um trancelim de seus cabellos, ennovelando-se-lhe n'um pescoço, onde labios ardentes de um agonisante de sêde poderiam sorver perpetuo halito de vida e frescura eterna!

Que a não havia mais linda na côrte, dizia o conde de S. Vicente.

— Eu repudiára a duqueza de Nemours, se fosse Pedro II, para me casar com ella! — acrescentava elle.

— Henrique VIII casára oitava vez, se a visse — dizia o conde das Galvêas.

— David fizera uma boa collecção de poesias amorosas, se a sonhasse—dizia D. Pedro de Sá.

E D. Alvaro Pereira, que era amante da architectura, acrescentava a tudo isto, que, depois da fachada de Belem, era a melhor creação dos homens, que tinha visto!

Estas opiniões, mais ou menos emboscadas no perfume do galanteio, eram-lhe reveladas a ella por labios que tremiam, por olhos que se abaixavam timoratos, e por pulsações violentas que ella fazia não sentir sob os prateados mantos dos seus adoradores. Insensivel como um idolo de jaspe ás reverencias religiosas dos seus thuribularios, D. Ignez, o anjo dos salões, a fada de magos sonhos, scismava n'uma esperança que lhe nascera de um desejo, e este desejo era... se não ser rainha... de poder, ao menos, á sombra de um docel real, valer mais que o coração de um homem... valer tanto como um grande titulo, valer mais que sua mãe e sua avó!

No coração de uma linda mulher, quem ousa syndicar ambições? Não é certo que os maus pensamentos, ao transluzirem nos olhos imperiosos d'ella, depuram-se alli da sua maldade, para despertarem grandes virtudes no coração do homem? Que é a mulher n'este mundo, senão um ente privilegiado, para quem as leis repressivas são uma injuria? Como é que o homem, com a fragil feitura do seu codigo de leis, ousa intimidar, punir, julgar e condemnar uma aspiração sempre grandiosa, como são todas as aspirações desferidas na harpa intima do coração da mulher-anjo?

D. Ignez da Veiga, interessando-se de leve na adoração de Tavora, pagava-lhe uma d'estas raras paixões, que matam, se não vingam. Ella presentia-o; distinguia-o entre o seu cortejo por um olhar affectado de

descuido, symbolisava o seu amor n'uma *saudade* que lhe pendia esquecida no regaço, desprendia um d'estes suspiros indefiniveis para um amante, que não sabe se deve attribuil-o a saudade, ou amor que nasce.

N'uma d'essas noites faustosas de alegria, de perolas e de formosuras, D. Ignez da Veiga, debruçada no peitoril da sua janella de balaustres, ouvia, ou não ouvia, um cavalleiro de gentil presença, de marcial postura, e de expressões meditadas. Era o conde de S. Vicente, que renegára da sua humildade apaixonada, para se contrafazer em uma independencia de espirito, caracter difficil de se impôr o hypocrita mais astucioso.

— Porventura, senhora, a formosa que fascina pelos encantos da sua face, deve ter um pé que impiamente esmague o coração do atrevido que a fitou?... Não vê que a lua vae passando tão alta no céo, e, menos orgulhosa que v. exc.ª, não nega os seus resplendores ao que a namora?

— Está muito poeta, conde!... Não tem composto algum rimance de justas, algumas trovas como as do Bernardim?!

— Tenho-as aqui, senhora...

— Ahi?! dê-m'as...

— Aqui no coração... onde rasga uma dor como a de Bernardim Ribeiro... Escrevi-as de sangue e de lagrimas... Deixal-as ahi estar... estão no seu sepulcro...

— Está tão funebre, senhor conde!... Ouço sempre essas palavras da côrte... são da côrte, pois não são?

— Senhora!... uma ironia é um ultrage para mim... Manhã deixal-a-hei com os seus remorsos... Oh!... deve de tel-os... ou é...

— Que sou?

— Um anjo... que extermina!... Adeus, senhora...

— Conde!... Olhe...

— Senhora!...

— Não vê acolá, no céo, aquellas duas estrellas... tão juntas... tão scintillantes... que parecem namorar-se? Vê... acolá?...

— Vejo-as... a brilharem uma na outra... a encorporarem-se na mesma luz...

— São lindas!...

— E então?!

— Vejo-as assim desde creança... ás mesmas horas, no mesmo céo...

— E com o mesmo brilho...

— Porque não serão assim os amores da terra?

— E não são?!

— Não, creio eu... porque os astros do céo não se deslumbram... reflectem-se do mesmo sol... e nós, n'este planeta, deslumbramo-nos uns aos outros...

— Que quer dizer?

— Que o conde de S. Vicente, se quizer viver da sua luz deve buscar uma condessa; se quizer ser eclipsado, busque uma duqueza; e se quer deslumbrar o timido fulgor de uma luz embaciada, busque... uma Ignez de Veiga...

— Que diz, senhora?!

— Ama-me... e muito... quanto deve?

— Oh!... muito... perdidamente!...

— Sabe que meu pae tem um direito sobre a mais obediente das filhas?! Peça-me... falle-lhe... e elle que decida de mim, que o meu coração já se tem decidido... E' seu... conde.

Tavora emmudeceu. Este silencio era suspeito. D. Ignez parecia querer adivinhal-o pela astrologia judicia-

ria; demorou-se examinando as suas duas estrellas... e esperou uma expressão magica do seu amado, que revestindo-a de um titulo, lhe garantisse a entrada no salão com a galhardia de um triumpho.

Essa palavra não a ouviu; mas muito alto lhe fallava o seu orgulho, para que ella a desafiasse. Era de ambos o silencio. N'elle o amor e o orgulho; n'ella o orgulho e as suas ambições: e amor? tambem: esse amor que pede ao ouro um brilho emprestado: esse amor de reflexão, cuja base assenta n'um calculo, e por milagre póde uma vez elevar o vertice ás vulgares inclinações da alma.

Parecia.

Christovão da Veiga tinha um experimental conhecimento da côrte. João IV e Affonso VI foram um prisma, através do qual as nodoas de uma nobreza intrigante e viciosa avultaram de mais, para que um homem educado na sua côrte, como Christovão da Veiga, se despedisse d'ella sem um cabal conhecimento dos mysterios do paço, e da indole dos cortezãos. Severo com os seus, dizia elle que a virtude se não graduava pelo numero de retratos de avós, que se penduram de uma galeria. Os reis, de instituição divina como elle os suppunha, conspurcavam-se nas mais hediondas instituições humanas. As impudencias de Affonso VI, e as crueldades de Pedro II tinham-o tornado sceptico da realeza, estoico dos negocios publicos, e cynico a respeito do que convinha pensar de fidalgos rapazes e estouvados á laia de Manuel de Tavora.

Muito lhe aproveitaram estas reservas, para não ser o ultimo a perceber as tendencias do conde. Interrogando sua filha, achou-lhe um coração propenso para o amor, mas maleavel ainda para o molde de um bom conselho,

e facil de docilisar-se ás theorias do calculo. Aconselhou-a: inspirou-lhe talvez aquelle amor de parabola que lhe ouvimos, e revestiu-a do caracter arteiro de uma dama tão experimentada como insinuante.

Tavora era o que são os requintados amantes de hoje. Conscios do mais heroico processo de matar as grandes paixões, é raro passarem-as pelo filtro do casamento, que é de todos os laboratorios sociaes o mais provado apparelho para se manipularem estas muito energicas reacções do espirito no estado de fusão. Demais a mais convém distinguir o setimo sacramento da Madre Igreja entre fidalgos e peões. Os primeiros, ainda inoculados na substancia paterna, já são esposos promettidos, no caso de virem ao mundo. Os segundos é cá no mundo que engendram, e elegem, e deixam, e tornam a eleger, e tornam a deixar as suas sympathias, até que finalmente lhes chegou a sua hora, e casam, com todas as alternativas e preparatorios dignos de um tão solemne acontecimento.

D. Ignez, pelos pergaminhos, estava na esphera dos primeiros; pela riqueza, pois que era filha segunda, não podia ainda attingir á grande importancia actual de uma burgueza nobilitada n'estes nossos dias de nobres merceeiros.

O conde de S. Vicente estava promettido a D. Isabel de Noronha, dama da rainha D. Maria Sophia.

Que importava tel-a visto duas vezes, e não a ter amado de nenhuma? Era uma vocação, uma necessidade tão santa d'aquelle amor *honorario*, como podeis suppôr e de qualquer outro cidadão casado, que dá a sua mulher o exemplo da tolerancia dos cultos, e lhe prohibe expressamente o desfalque dos bens havidos commummente á face do mais respeitavel, do mais imprescriptivel dos sacramentos, o matrimonio!

Christovão da Veiga sabia como estas cousas eram. Confiado no predominio que exercia sobre sua filha, deixava-a rever-se donairosa nas suas seducções, e gostava até de vel-a armar a sua rede de pescaria, como uma fina Cleopatra, symbolisando no seu anzol lançado ás trutas das margens do Nilo a boa pesca de imperadores que fazia no Tibre orgulhoso.

Tavora era chamado á côrte; mas para elle, emquanto se alimentasse de uma esperança, não havia ordens regias que não fossem os caprichos de D. Ignez, nem côrte luzida que não fosse a sala de D. Christovão.

Grave incidente!

Questionava-se uma noite sobre fidalguias: Christovão da Veiga representava o rei de Leão; o conde de S. Vicente representava o rei de Granada; este tinha titulos até D. Tedon, e D. Rosendo, cavalleiros mais velhos que Pelagio; aquelle contava documentos até o primeiro dos Garcilassos de la Vega. A questão acalorou-se, espinhou-se, feriu-se, e por fim jogou-se de remoques e risos sardonicos. O cortejo do marquez era uma machina de riso, ria com o amo e com o amigo: dependia d'elle. Christovão da Veiga era só: a filha, se alli estivesse, collocára seu pae entre as estrellas, fizera-o arcade, mais velho que a lua, egypcio, mais velho que a terra, japonense, representante directo dos deuses!

Christovão da Veiga fôra ulcerado gravemente no orgão mais susceptivel da sua alma. Apodaram-lhe a sua fidalguia! Perdoaria mais depressa ao assassino de seu pae!

Quando se viu a sós com sua filha, estendendo-lhe um braço á roda da cintura, e gravando-lhe um beijo estremecido de amor, disse-lhe com uma expressão legitima de ternura e do coração:

— Minha querida filha! Manhã que o conde de S. Vi-

cente te quizesse para esposa, e me implorasse de joelhos o meu consentimento, eu... cuspir-lhe-hia na cara!

— Mas eu...

— Mas tu?!...

— Creio... que o amo.

— Silencio!... que me envergonhas!

CAPITULO VI

Em que o auctor diz o que pensa a respeito das mulheres; pedindo venia para ousadia tamanha

A mulher não tem valor determinado como uma perola. Abstracta como os espiritos, espiritual como os anjos, não ha theologo, nem mathematico, que a defina pelo dogma, ou a calcule pelas operações infalliveis. Sabe-se que vale muito; mas não é ella que o sabe. Sabem-o aquelles que soffreram por ella, embora as flores do triumpho pendam murchas na sua corôa de martyrio. Sabem-o os que tiveram alma sedenta de paixões, embora bebessem alfim por taças de ouro esse licor, que embriaga, sacia, entorpece e paralysa.

Não quero argumentar com este seculo, em que as cousas, as pessoas, os astros, e as divindades está tudo subordinado ao materialismo da analyse. Esta autopsia, grave e circumspecta de sciencia, por que tudo vae passando, desata aquelles enlaces subtis que prendem docemente a avidez penetradora do homem á poesia incognita do objecto. Hoje está tudo real de peso e de medida. Não ha segredos. A fome do ouro, esta pedra philosophal dos hermeticos da actualidade, tem raspado,

pulverisado, fundido, e depurado, no cadinho da avareza, todos os mysterios, todas as idealidades, até lhe extrahirem o átomo palpavel, luzente e incomparavel da moeda cunhada, sonante e tangente.

A mulher era o ente mais poetico da creação. Firme no seu throno, se quizesse ser rainha incorruptivel, veria baldarem-se as conspirações da avareza, quando ella estendesse o seu olhar angelico e imperioso sobre as legiões assoldadadas ao demonio do egoismo. Ella, a commissionada do céo, poderia assentar os seus arraiaes de conquista sobre as ruinas dos emporios traficantes, e maneataria ás rodas do seu carro triumphal essas frontes empennachadas que varrem os estrados da cabeça do bezerro. Nem o templo teria *publicanos*, nem a lei salica, nem os harens teriam cuspido uma affronta na alfaia mais preciosa, que adornou o Ente Supremo no dia da creação.

Mas a mulher, embaciada no seu verniz ideal, desenfeitada d'esses adereços, cujo cofre de mysteriosas chaves era o coração do homem, a mulher, sem poesia, é um barro mais quebradiço que a tradicional costella do homem.

Faça-se justiça ao homem. Não foi elle o depressor da mulher. E' ella que pediu o seu quinhão á mesa das ambições. Quiz ser contemplada em interesses havidos e por haver. Fez-se carnal em todas as suas potencias. Calculou com as lagrimas e com os risos: vendeu-se nos seus affectos, e protrahiu o grandioso da sua realeza, decretando que o thuribulo de seus perfumes contivesse myrrha, incenso, e *ouro* tambem. Constituida mercancia, esta engenhosa feitura de Deus, tornou-se um objecto de permutação, uma compra de contento, uma cousa de fastio como o casaco usado, as pantalonas velhas, e o chapéo do anno passado.

E' mentira! A mulher não póde, e não tem direito de se baratear. Não é fadada pelos homens; representa uma lei immutavel do Eterno: não póde invalidar-se. Tem épocas de soberania, estação de cultos, fertil colheita de adorações, que a consolam na sua decadencia.

Foi surprendida por uma traição, quando se impunha fascinante ao seu cansado adorador?

E' uma desgraça, mas não cansam outros labios vigorosos de amor que lhe beijem os pés. Ha muitos corações a reflectirem-lhe o seu esplendor. Não é uma só nuvem a que turva a face do sol...

Quem podéra dizer-lhe o que ella é!... Não lhe bastam as intimas revelações do instincto, não bastam, que bem o sabem todos... Era necessario dizer-lhe que o orgulho é a mais bella das suas feições... Dizer-lhe que a perfidia astuciosa é a sua perola de maior quilate, e que mais vale um seu riso sarcastico que o mais apaixonado suspiro. Era preciso, em resumo de outros conselhos que me compromettem, dar-lhe um espelho, sujeital-a a um compendio, mandal-a estudar n'aquella D. Ignez da Veiga, que tão linda e requestada nos ficou no capitulo anterior.

Depois que Christo disse em vão: *Não furtarás* — ninguem deve esperar nada do mandamento de um pae que diz a sua filha — *Não amarás*. Christovão da Veiga trovejou do alto do seu *Synai* paterno, quando quiz gravar a sua lei, não em táboa immorredoura como a do Altissimo, mas no coração impersistente de sua filha. D. Ignez, cuja paixão era condicional, entendeu que bem podia, sem sacrificio de suas affeições, obedecer a seu pae, visto que era ella a primeira a duvidar que o conde de S. Vicente viesse um dia pedil-a em casamento.

Mas... quem sabe se viria?...

Os salões dos Veigas fecharam-se pouco e pouco. E'

que o rancor das questões genealogicas viera derramar as trevas silenciosas n'esses recintos, onde, dias antes, remoinhavam setins, diamantes, fidalgos, bandejas e musicas.

Christovão da Veiga rectificava com um antiquario franciscano algumas duvidas que lhe restavam de sua linhagem; cada dia encontrava um avô perdido na côrte de Mauregato e Roderico; enfunava-se-lhe a alma n'estas intimas expansões, que só o frade testimunhava; e, algumas vezes, chamando sua filha, apresentava-lhe um novo ascendente, esquecido por descuido na exuberancia de tão intrincada progenie.

Tavora não tinha que fazer com os godos. A actualidade pesava-lhe de morte no coração. Repeso d'aquelles sorrisos indiscretos, melancolico nos seus sombrios casarões de Lordello, não haviam galgos nem lebres por essas matas, que o distrahissem. A' tarde, quando o sol no occidente toucava de purpura as ameias do seu castello, o conde, passeiando sósinho nas açotêas, buscava, entre as igrejas de Villa Real, a torre de S. Dionysio, com a anciedade do nauta que fixa os olhos incansaveis, em noite de tormenta, na luz indecisa do pharol. E' que á sombra d'essa torre estirava-se o orgulhoso palacio de Christovão da Veiga. Vivia lá esse thesouro defeso, inaccessivel, a filha do fidalgo altivo, que poria menos em encerral-a n'um claustro, do que em fechar as suas portas á primeira nobreza de Lisboa.

O conde, abandonado á sua paixão, esquecera serios compromissos com o rei, com seu pae, e com a sua destinada esposa. No dilemma de *casar ou abandonar* vinha o amor, requintado pelas difficuldades, estabelecer o segundo dilemma: *casar e gozar; abandonar e morrer*. Era prepotente essa imagem, que lhe volteava dia e noite na phantasia de fogo! A saudade despedaçava-o, e

muito desigual era a lucta do homem apaixonado, com as convenções prestigiosamente honrosas de compromissos, para que D. Ignez da Veiga não vencesse.

Venceu como vencem todas as Ignezes, e Catharinas, e Beatrizes, que comprimem a gorilha na garganta de fidalgos e peões, até que as palavras sacrosantas do altar, venham, como uma especie de *pg* commercial, saldar essas contas em que o homem representa o devedor de muito boa fé e temor de Deus.

Resolve o muito nobre conde de S. Vicente, na vanguarda do seu cortejo deslumbrante, afagar as iras do fidalgo offendido, exalçando-lhe tão acima a sua prosapia, que, em cumulo de todas as provas, não restasse a Christovão um ligeiro resentimento. Acima de todas as satisfações publicas e particulares, a maior lisonja para um Veiga, pensava o conde que de certo era o parentesco de um Tavora.

Os raciocinios do amor-proprio não gozam do credito das melhores consequencias.

A luzida cavalgada despertou os eccos todos do amplo pateo de Christovão da Veiga. Sendo-lhe annunciada a visita de um Tavora, dizem que aquelle sorrira para o frade, ou o frade, no seu livro de lembranças, escreveu este dialogo que tivera com o fidalgo:

— Cuidei que este neto de reis teria já recolhido aos seus paços reaes!...

— Virá despedir-se agora... E' de crer que não partisse sem vir offerecer-se a v. exc.ª... Elle bem sabe que um Tavora está sempre em divida de homenagens a um Veiga...

Note-se que o frade acabava de almoçar, e bem. Com este dito conceituoso e laudatorio ficava pago o almoço, e alguma cousa tinha dado por conta do jantar. Chris-

tovão da Veiga continuou sempre com o seu riso malicioso:

— Bem póde ser que a visita não seja para mim...

— Então?! essa é boa!... pois elle está ahi na sala, esperando por v. exc.ª...

— Pois sim, elle espera por mim... mas se a minha Ignez lhe fizer as honras da sala, póde ser que elle me desculpe...

— Nada... A presença de v. exc.ª nunca se desculpa... Veigas foram sempre o lustre dos salões... Na côrte de Filippe II, Garcilasso de la Vega, o gentil homem de Castella-a-Velha, esse nobre avô de v. exc.ª, era o mais rutilante adorno do paço... Bem é que no seu solar a mais brilhante personagem seja o representante dos Veigas...

D'esta vez alcançou frei José da Natividade paga e quitação do jantar. Que frade tão parecido com os nossos leigos!

Christovão vestiu os seus calções de broches de prata, empolvilhou o longo rabicho de sua marrafa, vestiu a casaca de seda amarella de longa cauda, e entrou no salão acompanhado do frade.

O cortejo foi breve, airoso e diplomata. O conde de S. Vicente indicou a necessidade de fallar a sós com Christovão da Veiga. Justamente no acto de se apartarem á sala proxima, entrou D. Ignez. Os cortezãos formaram um semicirculo, e inclinaram-se profundamente, como era devido á futura condessa de S. Vicente.

Deixemos D. Alvaro Pereira, o infatigavel admirador do baixo relevo, explicando a D. Ignez da Veiga as bellezas architectonicas do seu palacio. Não nos importa que D. Luiz de Mello aproveite a occasião para descrever a raça immemorial do seu galgo, que ousadamente pousava o ponteagudo focinho no regaço de D. Ignez.

Ainda que algum dos cortezãos tenha dito na sua consciencia: *Quem podéra ser galgo!* não deve esse dito innocente e consciencioso demorar-nos em commentar o tempo que nos falta para assistirmos ao colloquio privado de Christovão, e conde de S. Vicente.

Fallavam assim:

— Eu sei que incorremos, e os meus companheiros, n'uma falta com v. exc.ª.

— Que falta?!

— Aquellas nossas indiscretas questões genealogicas...

— Ora... não fallemos d'isso, senhor conde...

— Eu quero dar um solemne desmentido ás minhas argucias imprudentes...

— Não é preciso. senhor... não é preciso... Eu estou capacitado da sua boa fé e da dos seus amigos... Rapazes, rapazes...

Era muito sardonica a risada do Veiga, e muito sentimental a séria polidez com que Tavora a recebia. Ambos estavam bonitos e interessantes.

O conde de S. Vicente, alentando-se d'aquella consciencia superior, que dá a presença de espirito, continuou:

— O meu objecto, senhor Veiga, é simples de tratar-se... Sua filha, a senhora D. Ignez, a quem, se me não engano, eu não sou indifferente, tenho-a destinado para minha esposa.

— Errou no destino que lhe deu, senhor conde. Primeiro que v. exc.ª a destinasse sua esposa, Deus a destinára minha filha...

— E' possivel que v. exc.ª recuse conceder-m'a?...

— E', e tanto é que recuso.

— Posso saber por quê?!

— Em primeiro logar, porque não tenho outra, e amo

esta muito. Meu filho morgado está na Italia ha quatro annos, e Deus sabe quando elle virá; preciso ter um filho commigo. Em segundo logar, minha filha não tem fortuna que lhe garanta, depois do primeiro anno de casada... a amizade de seu marido. Finalmente, senhor conde, é minha vontade que ella não case com v. exc.ª

O conde ergueu-se de improviso, e entrou na sala, em que D. Ignez da Veiga estava com os demais cavalleiros. Entrando, e com elle entrando Christovão da Veiga, bem conheceram os circumstantes, e ella bem mais que elles, alguma cousa extraordinaria no riso petrificado do velho, e na postura que Tavora vem assumir diante de D. Ignez.

— Senhora! — diz elle — quando um Tavora lhe revelou uma paixão, não mentia. Se elle a amava, era preciso que as consequencias d'esse amor fossem sagradas como a honra do cavalleiro, e a virgindade da donzella. *O meu coração tem-se já decidido... é seu.* Foram estas as suas palavras, D. Ignez; animado por ellas venho de pedil-a a seu pae, que formalmente m'a recusou. Deilhe esta derradeira prova da minha estima; e tanta honra ella me faz, que aqui a publíco perante meus amigos.

Momentos de silencio, pasmos em frei José da Natividade, e uma lagrima na face de D. Ignez.

O conde proseguiu:

— Passados dois dias recolho-me a Lisboa....

D. Ignez estremece visivelmente.

— «Lá, e em toda a parte, senhor Veiga, tem v. exc.ª um amigo, e a senhora D. Ignez um irmão.»

Trocaram-se mais algumas palavras sacramentaes de despedida, mas na troca não se ouviram as de D. Ignez. Quando Tavora, com a voz tremida de um suspiro in-

domavel, fazia á sua adorada um convite de irmã, a mais amorosa, que fraternal menina, levantou-se, cortejou brevemente os fidalgos, e recolheu-se ao seu quarto. Ahi, antes de enxugar as lagrimas, dobrou uma folha de papel, e escreveu.

E' justamente, n'este instante, que acaba a independencia senhoril de D. Ignez: abdica da sua corôa de orgulho, converte-se mulher flexivel, e sente a precisão de ser grata a um marido que lhe é roubado por seu pae. D'aqui em diante dou de conselho ás leitoras que a não imitem.

D. Ignez da Veiga principia a ser romantica ou desgraçada, que é quasi sempre o mesmo.

CAPITULO VII

Que é necessario ler-se para entender o que vier depois. O auctor esquece-se do romance algumas vezes.

Lá vem, caminho de Lisboa, a bagagem do conde de S. Vicente. Descem os povos das aldeias montanhosas, para verem, á beira das estradas, a cavalgada dos nobres, que vae passar.

A pomposa comitiva da fidalguia circumvizinha apeava de suas mulas, ricamente ajaezadas, á porta dos Tavoras. Era uma vida estranha e phantastica para aquellas aldeias todo aquelle bulicio de ricos homens, e ricos mantos verdes, amarellos e vermelhos.

Christovão da Veiga, vingados os seus caprichos, não duvidou contribuir com a sua pessoa, machos e liteira ao prestito da despedida. O conde, traduzindo mal uma ironia em todo aquelle apparato, offereceu a Veiga um de seus cavallos de estado, que elle não aceitou por justos motivos de rheumatico chronico.

Tavora assistira ao profuso almoço com que brindou os seus amigos, antes da partida. Cada conviva era uma paixão incendiada, segundo a sua natureza e temperamento. A não ser algum mestre de obras, ninguem, como

D. Alvaro Pereira, fallou tão apaixonadamente em architectura! D. Luiz de Mello foi sublime na questão dos galgos; e D. Pedro de Athaide, em raças de cavallos e alveitaria, não deixou nada a desejar, como dizem os jornaes. Em mulheres fallou o conde da Ponte, e, começando pela sua, desafiou todo e qualquer *Tarquinio*, que fosse capaz de deixar em duvida a honra da sua *Lucrecia*. Em litteratura ninguem fallou, porque o unico frade presente era o guardião dos dominicos de Villa Real, homem gordo e chão, que tinha as horas de tal sorte divididas, que, contra toda a accumulação de empregos, não podia comer e conversar.

Mas o conde de S. Vicente não conversava nem comia. O amor infeliz entristecia-o com todas as suas torturas. Fôra desabridamente motejado no seu orgulho por um repudio arbitrario e inconsequente. Soffria do coração e da cabeça: dois grandes soffrimentos novos para homem que se prezava de manter illesas na sua pessoa as nobres virtudes de seus avós.

Comquanto feliz nas suas aventuras amorosas, Tavora não contribuira com uma infamia para o sudario das muitas que desvirtuavam uma côrte exemplar de torpezas. Era honrado como fidalgo e como mancebo. Doia-lhe muito acerbo um aviltamento sem motivos, porque a sensibilidade em almas bem formadas, é varada até aos seus abysmos pelo punhal da affronta injusta. Não succede assim á do homem que offendeu antes de ser affrontado, porque alguma cousa lhe diz lá dentro que estão saldadas as contas. Se quizessemos escrever aqui uma pagina de physiologia da alma, mostrariamos que ao espirito mais aguçado para o desforço de uma bofetada, ha uma lima que o desgasta e embrutece... é a do remorso. Se não basta essa primeira expiação, quando vier a segunda, infligida pela sociedade, o homem de

mais corajosos alentos recebe-a com a impassibilidade da victima maneatada. Ha algemas intimas de uma formidavel tenacidade!

Tornando ao que é verdade, o conde tinha jus a uma vingança, mas não a delineava n'esse melancolico silencio que o avexou, durante o almoço. Era uma tristeza inoffensiva, como é a dos bons infelizes.

No começo do almoço foi dito ao conde que um mendigo esperava no pateo ensejo de poder fallar-lhe. Era impropria a occasião para attender a esta exigencia. Tavora lembrou-se que tinha de dar uma esmola; enviando-a, não lhe foi aceita, porque o mendigo rigorosamente queria fallar ao fidalgo.

Foi ainda desattendido o supplicante: era, talvez, um delator de fóros sonegados na mão d'este ou d'aquelle caseiro, ou a denuncia de algum despotismo vexatorio do arrematante da commenda de Panoyas...

Emfim, vae o pobre importuno ter occasião de fallar ao senhor conde. Os ruidosos fidalgos ergueram-se da mesa, e vão montar. Tavora prolonga o olhar saudoso do ultimo adeus até onde não póde chegar a lagrima afflictiva que lhe brilha no rosto. *Talvez... para sempre!* Quando assim se partem n'um adeus surdo e profundissimo os tenues fios que prendem o homem a um anjo, esse é o primeiro instante sublime de agonia, é o ultimo bago de areia que da ampulheta da vida sem esperança, cáe irremissivelmente no tumulo.

O mendigo aproxima-se:

— Tenha v. exc.ª feliz jornada, fidalgo.

— Que queres?

— Dar-lhe este papel, exc.^mo^ snr.

— De quem é isto?

— Saberá v. exc.ª que não sei.

O conde abriu e leu:

«Meu pae não póde impôr-me o sacrificio da minha felicidade. Amando-vos, conde, diz-me o coração que son feliz; sendo vossa, meu pae e todo o mundo me julgará ditosa. Quem me obrigar a perder-vos, quer a minha desgraça... não direi a vossa. E' verdadeiro o vosso amor, conde? Se é, eu devo ser-vos grata á custa de tudo, menos da minha reputação, que essa... sois vós muito nobre de sentimentos, para que tema por ella. Esforçae-vos em que eu vos pertença. Pela minha parte não haverá estorvo invencivel.»

O mendigo, ainda que fosse romancista, não poderia contar-vos as scenas magicas de transfiguração por que passou o rosto de Tavora. Ninguem póde descrever ainda a physionomia do naufragado desesperado de salvação, quando o seio de uma onda lhe arremessa a táboa que o salva. Ninguem sabe d'onde vem aquelle raio celeste, que incendeia de jubilo a face de uma boa esposa ao annunciarem-lhe a salvação do marido enfermo, cujo coração se esvaía de pulsações retardadas debaixo da mão febril da sua angustiada consorte. São lances perceptiveis, mas indecifraveis, como tudo o que se encorpora com o celeste por um nó espiritual, que o sentimento percebe, mas que a descripção não desata.

Tavora sentiu tudo isso. O mendigo, pois tal era a sua missão, não esperou resposta. Os cavalleiros instavam pela marcha; e Christovão da Veiga, vasando a cabeça pela portinhola da liteira, perguntava ao conde se era aquella a occasião de receber cartinhas das pastoras! O' boa fé paternal! tu vieste até nós pura e immaculada; conserva-te assim, ó mãe perenne de folgados risos!

Grandes reflexões:

Ha casos de allucinação, extasis incendiados de phantasia, em que o homem subjuga ao seu transporte as

ferreas considerações sociaes, fazendo-as reflexivas de todo o brilho da sua alegria. E' por isso que as grandes paixões estão em divorcio com o juizo prudencial. No mar da vida o fanal do amor é o que mais resplende. Cegam-se os olhos e entendimento ao que mais anciosamente o fita. Com a mente fixa n'esse clarão esperançoso, que tão frouxas resteas de luz nos dá em paga de tremendos trabalhos, transcuram-se vagas e baixios que nos assaltam o pobre baixel. O amor indómito, fremente e tempestuoso é um naufragio que se ama, uma dor com que se brinca, e, emfim, um delirio *honroso* em qualquer creatura.

Almas venerandas de logica e geometria! corações que podeis vencer cincoenta annos de tecidos trôpegos, arfando pausadas convulsões de amor n'uma d'estas languidas tardes de indolente primavera: e vós, tambem cabeças judiciosas e meditabundas, vereis um espirito sereno e pensador no coração febril de um mancebo apaixonado!

O conde de S. Vicente não intimou os seus lacaios para descarregarem a bagagem, nem fingiu uma pontada repentina, nem ao menos confiou de algum amigo a alegria, que lhe extravasava do coração raso de fel um momento antes.

Suspenso n'aquella intima lucta das trevas com a luz, do desalento com a esperança, lá vae calado, e triste no semblante contrafeito, seguindo a marcha destinada, e extranho aos curiosos murmurios dos que intentavam decifrar o enigma do mendigo.

Que admiravel espelho de juizo prudencial!

Na subida do *Marão*, Christovão da Veiga despediu-se, visto que os ares da serra lhe irritavam o rheumatico. Os demais fidalgos da comitiva despediram-se tambem, e não consta do manuscripto que o conde nas es-

talagens, onde pernoitou até ao Porto, tivesse cousa que o affligisse, a não fallarmos das corpulentas gallinhas cozidas em agua de arroz, cousa detestavel, immemorial, e unica, que um homem depara por esses caminhos de cabras, a que as camaras municipaes chamam *estradas*, pela mesma razão que ellas se chamam *camaras municipaes*.

Christovão da Veiga, recolhendo livre de perigo a sua casa, encontrou sua filha taciturna, triste, ou caprichosa de mimo, como era de uso. Na qualidade de amigo, interrogou-a pelos motivos da sua melancolia; como pae, reprehendeu-a pela desobediencia em não responder-lhe. D. Ignez não fingia resentimentos, nem ambicionava caricias; queria-se sósinha com as suas lagrimas e com as suas esperanças.

O auctor não mentiu, quando annunciou ao publico que esta menina estava romantica. Se estava!

Que lindas não devem ser estas creações ethereas da vaporosa imaginação de uma virgem! Como será aquelle anciar indefinido que ella tem pela realidade de uns sonhos diaphanos, em que lhe sorriam lindos mancebos de cabellos louros, em palacios de missanga, e nuvens cambiantes de todos os reflexos da innocencia!...

Porque não ha de ser romantica D. Ignez da Veiga, se ella vê e compara tudo isto, que o homem, o mais poeta e o mais phantastico, não é capaz de ver nem comparar!

E assim começam todos os amores: assim vae até ao altar a menina que se casa; acompanham-a até lá chimericas legiões de espiritos lucidos, cujas azas se enlaçam, para a embalarem n'um coxim ideal de aspirações e santos desejos. E, depois, é muito triste vel-a, passados dois mezes, a fazer um rol de roupa suja, a acertar a gravata do marido que vae ver o cambio, ou, oh es-

sencia do materialismo! a pregar um botão nas calças conjugaes!

Esta é a ordem do mundo, leitores! Cinjamos os rins de silicio, cubramo-nos de sacco, e baixemos a cabeça ao mundo conveniente, qual elle é, porque o methodo é uma necessidade prima, até no romance.

Valha-nos o calmante de pergaminho, porque o leitor deve saber que as philosophias são todas do copista.

— Então, manhã seguimos para Lisboa, não é assim, conde?

Esta pergunta é do conde das Galvêas ao conde de S. Vicente, na estalagem da *Julia Benta*, moradora que foi na *rua de S. Sebastião*, na cidade do Porto.

— Tomára-me eu já d'aqui fóra — acrescentou D. Alvaro Pereira.—Monumentos, tirem-lhe o da Sé, que não ha cousa que preste aqui... Terra de tripas e dos tamancos, eu t'arrenego, em nome da arte e da sciencia!

— Pois, amigos—respondeu o Tavora—parti quando quizerdes, que eu fico aqui...

— Tu, conde!? tu ficas aqui!

— Preciso ficar... exigem-m'o negocios da minha casa, por causa da minha commenda de *Margaride e Refojos de Basto.*

— E inda agora tu sáes com essa?

— E' verdade: mas muito a tempo... Esperam-vos esposas, paes e amigos... A mim... se me esperam... que me desculpem... Eu vou escrever a meu pae, e vós advogareis perante o rei a minha causa... não é assim?...

— Devéras... conta comnosco...

No dia immediato os fidalgos partiram de manhã; e o conde de S. Vicente, com dois lacaios, ás dez horas da noite passava em Vallongo, e ás seis da manhã entrava por uma porta escusa na sua quinta de Lordello. Um

quarto de hora depois, poderia estar á porta de D. Ignez da Veiga.

Mas não estava. Adormecera, depois de obrigar os caseiros a um juramento, pelo segredo da sua residencia ali.

Eu, que não admitto uma desgraça sem um presentimento, juro que, á mesma hora, Christovão da Veiga acordou com um pesadêlo de morte; e D. Ignez da Veiga sentiu-se banhada em lagrimas.

CAPITULO VIII

No qual o auctor teve pretensões a estylo sublime.
De como as más linguas só dizem ás vezes metade do que é.
Vê-se que as mulheres pouco adiantaram
em civilisação e romanticismo desde 1701.
E de outras cousas dignas de se lerem a muitos respeitos.

Vae alta noite. As escarpas cinzentas, que formam a eterna peanha de Villa Real, rugem uma toada soturna e sussurrante; é o frémito dos pinhaes e dos arbustos balouçados pelo sôpro cortante e gelado do *Marão*. Mais longe desenha-se, sob o esplendor indeciso da lua, o vulto pardacento, phantastico e movediço do castello dos Tavoras. Na base despenha-se o regato que muge soberbo da sua onda, engrossada pelas aguas do céo: é o retrato do homem improvisado na sua magestade caduca. De entre as mattas e florestas surdem guinchos melancolicos de aves, que parecem lamentar-se na sua perpetua condição das trevas. E ao poente, nuvens, que, tetricas e carregadas, corôam os cabeços das serras, mais tarde crescem, recrescem, e absorvem o fulgor mortiço das estrellas.

São tres horas: o céo é fechado e triste como abobada de marmore negro.

Um homem atravessa a *ponte do Prado*. Vae só com os seus pensamentos: devem de ser tristes, porque é sinistra a perspectiva d'aquellas sombras de salgueiros e choupos, que se reflectem na torrente verde-negra do rio. Sobe a encosta, e senta-se no adro da capella da *Senhora de Almudena*. A seus pés profunda-se o abysmo, que negreja como o fosso descommunal de uma enorme cidade acastellada; defronte avulta o castello dos Tavoras, toucado de nuvens, que se penduram nas quebradas da serra; mais perto. os velhos torreões de el-rei D. Diniz recortam o horizonte, e assombram o palacio carrancudo e sepulcral de Christovão da Veiga.

O homem em questão não é salteador, nem fugitivo. nem criminoso politico, nem amante. Hoje podel-o-hiamos suppor outra cousa, porque as classes noctivagas augmentaram com a civilisação. Poderia ser, por exemplo, um regedor de parochia, que, em vesperas de eleição, sáe de sua casa, para, na alvorada, romper com bons auspicios o ataque eleitoral! (1)

---

(1) Ageita-se aqui uma nota, que deve aproveitar-se para a historia joco-séria dos governos constitucionaes de campanario.

Em 1843 era eu rapaz de dezoito annos, tão estranho como hoje á politica eleitoral. Achava-me nos suburbios de Villa Real, em uma aldeia; e sendo-me forçoso á meia noite passar para outra, encontrei-me na estrada com um grupo de homens, á testa dos quaes sobresaía uma creatura de casaca, nisa, ou o quer que era que tinha abas, em disputa de maioria com os respectivos collarinhos. A tres passos arredados de mim, gritaram todos, para melhor se fazerem ouvir:

— Quem vem lá?

— Sou eu.

— E quem é você?

O vulto saíu do adro, e encaminha-se ao centro da villa. Quem o seguir póde adivinhal-o, talvez; e quem o vir parado á porta do quintal de D. Ignez da Veiga, vae jurar, sendo preciso, que é o conde de S. Vicente! Pois jurava falso!... Assim é que se perdem muitas reputações! Vejam o perigo que corria a mocidade de D. Ignez, se alguem, que não fosse o discreto auctor do manuscripto, que viu tudo pelos modos, tivesse observado a direcção d'aquelle vulto!

Mas sempre ha cousas e casos!

Não succede ás vezes que as más linguas só dizem metade da verdade? E' o mais palpitante exemplo este que ides ver.

Que poderia dizer o publico de soalheiro a respeito de D. Ignez?

Isto:

«A's tres horas e meia, um homem embuçado n'um grande manto encostou-se á ombreira da porta travessa de Christovão da Veiga. A's quatro horas abriu-se a mesma porta, e alguem fallou de dentro com quem es-

---

— Sou... eu.

— Faça alto, ou... *morre!*

Fiz alto para viver. «São ladrões com disciplina militar» — disse eu commigo. — Se pelos seus regulamentos o corpo fôr inviolavel, não me podem prejudicar muito na fazenda...

Aproximaram-se.

— Então que faz você por aqui?

— O que faço?... sigo esta estrada que vê.

O commandante da força poz o gatilho no descanso. O meu espirito socegou.

— Está preso! — bradaram todos.

— Preso... por quê?

— Vmc. é algum *agiota* (queria dizer *agente*) dos septembristas, que vem aos votos á freguezia de *S. Gonhedo...*

— Eu!... aos votos... Ora deixe-se d'isso... eu começo por

tava de fóra. A's quatro e meia chegaram dois cavallos sellados e equipados á porta do mesmo quintal, e foram immediatamente montados por dois cavalleiros embuçados. Depois partiram, galoparam, pararam a cem passos, um d'elles apeou-se, tornou a montar... e desappareceram...»

Mas o que ninguem poderia dizer é que o conde de S. Vicente estava, havia dois dias, no quarto de D. Ignez da Veiga.

Ahi está quando as más linguas só dizem metade das verdades!

O benevolo leitor recorda-se da entrada clandestina que o conde fez na sua casa de Lordello. No dia immediato, graças á perspicacia do caseiro, nas ruas de Villa Real foi intimado um mendigo para vir a casa do fidalgo. Este mendigo era precisamente o mesmo diplomata da cartinha, que já conhecemos. Interrogado por Tavora, disse o pobre que aquella carta lhe fôra entregue por

---

não saber que havia um santo chamado *Gonhedo*... Deixem-me passar.

— Está preso, já se lhe disse... e não se bula...

Não me buli.

— Quem é o senhor?

Não me convinha dizer quem era: dei um nome tão desconhecido para elles como para mim. Empataram-me as vasas vinte minutos, e deixaram-me, depois de lavrado a lapis, *au clair de lune*, uma especie de auto de inquerito, n'um sobscripto de carta.

O regedor da freguezia de *S. Gonhedo*, e a sua escolta de cabos de policia, armados de enxadas e fueiros, entenderam que era assim que se entendia o espirito da *Carta*. D'entre todos os interpretes não eram aquelles os mais sandeus.

....

No dia seguinte o governo venceu as eleições em *S. Gonhedo*. O regedor teve habito de Christo: mereceu-o.

mestre Antonio, sapateiro estabelecido nos sotãos da casa de Christovão da Veiga; acrescentou que a commissão lhe rendera dez cruzados, e que, pelo muito que deseava ser util ao seu similhante, não se lhe dava de continuar aquellas negociações.

Em virtude do que, Manuel de Tavora, ajuramentado o mendigo pelo segredo do que se passava, escreveu a D. Ignez da Veiga, com toda a effusão de uma felicidade imprevista; e, o mais decisivamente que pôde, convida-a a abandonar o pae, se elle cruelmente lhe repellir as obedientes supplicas, que ella, uma vez ainda, deve humildemente fazer-lhe.

Uma carta assim conceituosa e franca abona o caracter de Manuel de Tavora. Bastára que os affectos da linda Ignez fossem a simples inclinação de uma sympathia frouxa, para que uma tal carta os acalorasse até ao incendio do amor forte e insensato.

Eram de alegria as lagrimas que D. Ignez vertia n'esta carta, lida tantas vezes, quantas ella se deixaria beijar nas faces virgens, se ahi estivesse quem tão nobremente lhe galardoava a sua paixão. A fortuna e o amor tinham-se decidido por ella... Seriam impotentes os caprichos de seu pae, depois que os do coração tão graciosos lhe sorriam!

Era feliz! Só, com a sua vida tão ideal de esperanças, brincava ella puerilmente com as suas flores, com a borboleta inquieta, com o murmurio da agua, com as brizas da tarde, com esses ricos *nadas* da natureza, animados e dourados pelo jubilo radiante d'aquelle espirito infantil!

Romantica, quando ainda não havia mulheres romanticas, passava-lhe ás vezes no rosto um véo subtil de melancolia, que tanto encarecia aquellas feições retintas do pudor instinctivo do casamento. Era um véo que

ella amava, como as bellas de hoje amam essas gazes transparentes de que se alindam, quando simulam temer que o halito audacioso do homem lhes vá profanar o sacrario da sua formosura.

N'uma d'essas horas de engraçada melancolia, foi uma vez a menina surprendida por seu pae. Velho experimentado em amores, bem sabia elle que o coração da pequena não era só um centro de circulação, um orgão anatomico, uma contextura de varios tecidos.

— Tu estás apaixonada, minha filha...

— Sim, meu pae.

— E apaixonada por quem a estas horas corteja as damas da côrte, e sorri da credulidade das fidalgas de provincia...

— Isso não é assim, meu pae...

— Como? tu insultas-me!... Atreves-te, Ignez, a desmentir teu pae!?... Quem te fez assim ousada!?...

— E' a verdade, meu pae... e a verdade não insulta ninguem, porque o proprio Deus quer que ella se lhe diga aos pés do confessor, ainda que seja um crime...

— Basta... Eu não concedo que me argumentem moral... Tenho descido da minha dignidade em ouvir-te... Visto que o conde de S. Vicente não está na côrte... és tu que o affirmas... e tu, minha criminosa innocente, saberás onde elle está... Já vejo que ha segredos... eu vou partir esse nó gordio com a espada da razão e do meu dever... Apprompte-se, senhora..., que dentro em oito dias ha de entrar nas *Ursulinas*, em Braga...

— Eu... freira!... meu pae!... oh! não... não... por piedade... não, que me mata...

— Bem... mui... to... bem...

Estes monosyllabos, entrecortados de risos, davam ao aspecto de D. Christovão pronunciados relevos de mal-

dade. Não havia nada de paternal n'aquelle sardonismo: era a cruel expressão de um designio inabalavel. E continuou, sorrindo:

— Recolha-se ao seu quarto, filha rebelde! não é o sangue dos Veigas que lhe causa essas convulsões... Retire-se...

Quem visse de perto o rosto abatido e desmaiado de D. Ignez presenciaria o improviso clarão da esperança que lhe fulgurou de entre as trevas do claustro a que seu pae a condemnára. Batia-lhe o coração de prazer; porque entre o alvo amiculo e o lindo seio que arfava, escondia-se a carta do seu amante, onde fôra traçado o seu destino.... Antes da condemnação, haviam-a os amores fadado para o mundo... Antes da morte... fôra-lhe a vida promettida.... O seu anjo de resgate estava perto, e viria salval-a das iras de seu pae....

Mestre Antonio, o sapateiro, essa individualidade de eterna representação nos sotãos dos Veigas, foi encarregado de transmittir ao conde as ultimas resoluções de D. Ignez. O mendigo exerceu uma actividade sobrenatural, a ponto de ceder a moleta por aquelle dia, com grande admiração do publico, e perda de interesses por haver.

Na noite do mesmo dia, sem acompanhamento, e no mais bem fingido disfarce, Tavora, prescriptos certos deveres ao seu fiel escudeiro, partiu para Villa Real, e ouviu a meia noite, encostado á porta do quintal de D. Ignez. Aberta essa porta, o conde, que esperava um rosto mimoso e envergonhado debaixo de mão rival do jaspe, tomou uma cara orbicular, barbada, vermelha e espantadiça; e umas mãos callosas, pretas, e debruadas de alcatrão. Era mestre Antonio, potencia alliada a estes amores romanticos, força plastica entre estas duas linhagens nobres, nobilissimas, mas dependentes da vontade officiosa do artista.

— Então... isto que é?...—perguntou o conde, espantado em demasia.

— Não é nada que espante... fidalgo... Venha v. exc.ª commigo, e não tenha medo...

— Não tenho medo, não, bom homem... mas dize-me, onde vamos...

— Vamos esperar na cozinha que a fidalga venha... V. exc.ª ha de ter paciencia, que a casa não é lá muito propria, mas, como o outro que diz, quando ha fome não ha pão mal feito...

— E' verdade...

Quieto o espirito do conde, fechada a porta do quintal, e aberta a da cozinha, faltava D. Ignez. Tavora não podia ver, mas sentiu, nos proximos corredores, um pizar subtil, um frémito de sedas, uma respiração tremida... e então alvoroçou-se-lhe o sangue, como se as grandes felicidades se annunciassem por um profundo terror.

— Onde está, senhor conde?—ciciou uma voz celeste, uma harmonia de anjos, a voz de D. Ignez timida e resoluta, firme e admirada da sua coragem, receiosa e feliz do seu muito amar.

— Aqui, meu anjo!

— Aqui?...

E estendendo machinalmente a mão, passou-a de leve no rosto do conde, que, sem ser machinalmente, lhe imprimiu dois beijos frementes e anciosos.

— Não póde demorar-se, conde... Meu pae está a pé... e desconfia... Tenho muito que dizer-lhe... hoje não posso... ámanhã... ámanhã... talvez...

— Mas escute-me um instante...

— Não... não... as minhas tenções são saír d'aqui... mas quero fallar-lhe primeiro... chorar primeiro este amor que me faz esquecer tudo... manhã... manhã...

E n'isto ouviram-se passos remotos: o ruido avizinhou-se, e D. Ignez conheceu que era seu pae.

— Fuja, fuja, conde, que é meu pae!...

E mal pronunciadas estas palavras, ligeira como uma sombra, D. Ignez desappareceu. O conde vae direito á porta do quintal, e encontra-a fechada. O sapateiro imprevidente tinha levado a chave, por não suppôr tão rapida a entrevista. Intenta transpôr o muro, e não acha uma juntura de pedras em que se estribe. Era uma cantaria hermetica e justaposta como a de um carcere feudal. As vozes de Veiga retumbavam lá no interior da casa:

— Quem abriu a porta da cozinha nova?!

Dava, por consequencia, ideia de existir uma cozinha velha. Justamente situado ao fundo do qnintal estava o pardieiro da velha cozinha.

O instincto do escondrijo encaminhou o conde para lá. Mal transpozera o limiar do casarão, descia ao quintal Christovão da Veiga, armado de um arcabuz, e mais adiante um criado com uma candeia. Tavora hesitou um momento na afflicção de um conflicto de consequencias. Quiz tirar uma pistola do cinturão, e falhou-lhe o impulso... Era pae de D. Ignez aquelle homem que alli vinha! Felizmente para todos, apaga-se a luz. Ainda assim Christovão da Veiga entra no pardieiro: os patos e gallinhas e cães acorrentados alvoroçam-se: grasnidos, chilros, latidos e berros junta-se tudo diabolicamente. A este tempo o conde está ennovelado debaixo de uma ampla mesa de pedra, que, depois das reformas culinarias, servia de poleiro de gallinhas.

Foram-lhe desagradaveis ao olfato e á sensibilidade alguns contactos que teve debaixo da mesa com corpos externos. Conheceu uma situação nova, e porventura um novo prazer, quando sentiu a retirada do arcabuz.

Fechadas as portas da cozinha, tudo se calou, menos os cães, que farejavam um corpo estranho muito perto de si.

Soaram duas horas e o conde não sabia ainda o processo da evasão; sondava portas e paredes, frestas e postigos, mas tudo era cerrado e compacto como por cima d'elle a face do céo bronzeada de nuvens, agoureiras de tempestade na madrugada. Tavora tiritava de frio, e descoroçoava da esperança de sair sem prejudicar D. Ignez. A's quatro horas os tufões enregelados do *Marão* impelliram uma nuvem de grossa saraiva sobre Villa Real. O conde aninhou-se a um canto do pardieiro, e principiou a reflectir n'aquella maravilhosa scena da sua vida! Vinha-lhe ás vezes um riso de compaixão de si mesmo, dilatar os labios contrahidos pelo frio da manhã; mas, por mais estoicismo que tal riso tivesse era muito desagradavel a postura e as circumstancias de Tavora. Homens, familiarisados com estas e outras peiores situações, chegaram muitas vezes a convencer-se de que a mulher não valia tanto...

Uma janella de rotulos, que dizia para o quintal, ficára aberta por esquecimento. Embatida pelo impeto do vento produzia um insoffrivel estrepito. Uma criada erguera-se para fechal-a, quando, ao romper do dia, descortinou um homem no quintal. Vel-o e gritar brutalmente foi o resultado do seu estupido raciocinio:

— Quem é que está ahi?

— Não grite assim, mulher!... — respondeu a meia voz o conde, surpreso e enfiado.

— Mas que faz ahi a estas horas?

— O que faço?... faço diligencias por sair d'aqui... Ouviu, menina, manda... ou vem-me abrir uma d'estas portas do quintal?...

— Nemja eu... Deus me defenda... eu sei cá se vocemecê é algum ladrão...

— Não sou, não, rapariguinha... Sou um guarda dos cães e das gallinhas de seu amo...

— Ah! é verdade... viria *você* ás gallinhas...

— Não vim, não... venha abrir-me a porta, e verá que não levo nem sequer um ovo, quanto mais uma gallinha...

— Ah! vocemecê está a mangar?... pois eu vou chamar os criados...

— Não chame, que faz uma loucura... Ouviu... Vá perguntar á senhora D. Ignez se quer que me abra a porta...

— Eu!... pois eu hei de ir!... Então quem é o senhor?

— Vá... vá perguntar-lhe... e não me queira aqui ver morrer de frio...

A criada, depois de benzer-se tres vezes com a mão esquerda, botou o saiote pelo pescoço, e foi ao quarto da menina. Bateu, e a porta foi-lhe logo aberta. A fidalga não se deitára nem podera adormecer; mas bem longe era ella de suspeitar que o seu amante encontrára fechada a porta do quintal!

— Tu a esta hora aqui, Gertrudes?... a que vens?...

— Minha senhora... eu ia fechar a janella da dispensa que ficou aberta e vi um homem...

— Viste um homem... no quintal?

— Sim, minha senhora... e disse-me... que lhe viesse dizer...

— Ah! era elle?!

— Elle!... quem?

— O conde de S. Vicente?...

— Agora! Eu não sei, fidalga... mas elle disse-me que lhe viesse dizer...

— Diz... diz...

— Se queria que lhe abrisse a porta do quintal para elle sair...

— Oh! meu Deus!... o que elle não terá soffrido com esta noite tão fria... O' Gertrudes... tu és minha amiga... não és?...

— A fidalga bem o sabe...

— Pois então vae abrir-lhe a porta da cozinha... sim?

— E depois?

— Depois... eu não sei!... espera... deixa-me pensar, Gertrudes... se elle aqui viesse para o quarto... ao menos... meia hora...

— Mas olhe que é quasi dia...

— Então dez minutos só... só cinco minutos... sim, Gertrudes?

— Credo!... e seu pae?

— Meu pae não sabe nada... dou-te vestidos, dinheiro, e arrecadas, vae, minha Gertrudinhas... se não... vou eu...

— Pois eu vou, minha menina, não chore...

Não sabemos se o espirito romantico, se as promessas classicas se infiltraram no prosaismo da rapariga; o certo é que o conde, poucos segundos depois, entrava no quarto de D. Ignez. Frio, gelado e hirto como entrou, é crivel que, cinco minutos depois, marcasse no thermometro oitenta graus acima de zero! Ha certas mulheres que influem sobre certos homens como o sol da zona ardente.

D. Ignez da Veiga era uma d'essas poucas do seculo passado: hoje, graças aos romances, são quasi todas.

CAPITULO IX

Metade do qual é para metade dos leitores, e a outra metade para todos

Depois que o conde de S. Vicente entrou no quarto de D. Ignez da Veiga, o publico espera um fervoroso dialogo, em que de parte a parte se digam cousas de amor fortes e incendiarias. E d'esta vez as exigencias do publico auctorisam-se na pratica de todos os romances! Onde é que *Eugenio Sue* ou *Dumas*, prepararam o conflicto de dois amantes sósinhos no mesmo quarto, que os não fizessem dizer quatro paginas de nervosas exclamações, afóra uma de reticencias?

Pergunta é esta a que eu vou, ó critica, humildemente responder.

Todo o homem é poeta.

A religião e a mulher são duas columnas de fogo, cujas scentelhas luminosas, scintillando por todos os corações, despertam este anhelante sentir, esta vida espiritual, esta harmonia ingenita na humanidade, a que o accordão universal de todas as intelligencias chama: *poesia*.

Leitor! se desperdiçaste vinte e cinco annos da tua

vida, semeiando-a em esperanças, que não vingaram, por este brejo sáfaro da sociedade, onde á farta se desenrosca a serpente traiçoeira do positivismo atroz...

Se te apraz volver a esse terreno bravio de cruas experiencias, e, por entre espinhos de saudade, juntar as petalas murchas da tua grinalda de innocencia...

Se te não aterra revocar do coração dores fundas, como aquelle que foi ao cemiterio entoar o *memento* para recordar a hora de lagrimas em que o cadaver de seu pae, entre os crepes negros do esquife, descia aos sete palmos do leito eterno...

Leitor!... E' sublime de angustia esta prova de martyrio; mas ajuda-me n'estas choradas memorias do que fomos, do que eramos para um mundo ingrato, e como d'essa face poetica do mundo, hervado de materialismo, mal podemos saborear um riso mentido, para lhe amargarmos o travo inconsolavel das lagrimas.

. . . .

Todo o homem é poeta.

E a religião e a mulher sentam-se á beira do seu berço. Está alli uma existencia melindrosa e tenra, confiada aos desvelos de mãe, tremula á incerteza de um futuro, que seu filho vae deparar talhado ao molde de uma sociedade pessima.

A mulher é a mãe, em cujo regaço as primeiras augustas imagens da religião são entalhadas no espirito do filho. Dos labios d'ella filtram-se palavras de Deus, as primeiras sensações para o coração virgem, despovoado e anhelante da creancinha, que repete de mãos postas para o oratorio de sua mãe as tres *Avé-Marias* da oração da tarde.

A mulher, é essa que passa entre as multidões do templo com seu filho no collo, para ajoelhar com elle sobre a pedra polida de um tumulo. A creança ahi pré-

ga olhos ávidos nos labios de sua mãe, que ciciam a oração da hostia; ergue as mãos para o altar, onde bruxoleiam nas suas luzes os fulgores vagos da patria dos anjos, e reza um murmurio solto de palavras que não comprehende. Mas debaixo de seus joelhos, á sombra do baptisterio, onde as portas do céo lhe foram franqueadas, estão os ossos de seu avô; e a creança reza um *Padre-nosso*, porque sua mãe lhe ensinára, que as preces do innocente podem alcançar de Deus o perdão para o criminoso.

A mulher, é essa que chorou, quando seu filho, após o irresistivel instincto da vida livre, repartiu as horas do dia e da noite entre as novas sensações do mundo mentiroso, e as doutrinas evangelicas de sua mãe. E ella chorava, porque tão poucas eram as horas que sobejavam a seu filho para escutal-a, e tantas as visagens de impaciencia que divisava n'aquelle rosto já deslustrado do verniz da candura.

Mas o filho da mãe virtuosa não era impio. A ***mulher*** e a ***religião*** dominavam-o ainda.

A' noite, viram-o, muitas vezes, absorto ante a face do céo, errar com olhos de lagrimas n'esse manto de estrellas, como se de entre ellas lhe fulgurasse em lettras de fogo a palavra magica, que labios de mulher lhe não tinham dito áquelle seu anciar de coração.

Ao sopé da cruz, onde, creança, balbuciava preces de vida para seus paes, viram-o de joelhos, fervente, choroso, e aconchegado da sombra, como envergonhando-se do homem que passava coberto, assobiando chocarrices do prostibulo.

Nas orações do mancebo traavva-se a imagem celeste da mulher.

Viu-a entre as estrellas, e á sombra da cruz, e por entre as nuvens odorosas do incenso do sacrificio in-

cruento, e nas harmonias mysticas do orgão, e nas vibrações melancolicas do campanario.

E esta mulher não era já sua mãe: imagem illuminada pela projecção de uns olhos divinos: phantasia inquieta, resplendente, e tremula como a scentelha de entre as que fulguravam no throno do Eterno; perspectiva lucida e deslumbrante da sociedade, que tanto lhe dizia aos enlevos da sua alma...

Era o reflexo de sua mãe: era a benção de Deus personalisada n'um anjo de consolação, descido a abençoar a mãe que educára, e o filho que obedecera.

Era o amor e a religião: a religião e a poesia!

Vereis que a poesia, onde rescendem perfumes de religião, não é uma chimera. O malvado sonha atrocidades, mas o que adormeceu com os labios serenos da saudação ao Crucificado, viu imagens do céo no esvaír do sonho. Derperto, prostrou-se aos primeiros raios do sol: e, debaixo de uma restea d'esse pregão do Infinito, purpurearam-se umas faces de mulher que lhe sorriram de jubilo. Esta é a visão do que adormece acalentado por pensamentos immaculados.

....

O mancebo adorava essa mulher. O mundo era lindo para elle, lindo de todos os encantos sobre que assentava o throno da rainha dos seus cultos. Os transportes vigorosos da sua alma afogueada refrigeravam-lhe esta dulcissima tristeza do homem, que pena em amores umas saudades repassadas de extasis e poesia...

Quando o férvido coração d'esse homem apaixonado pulsou debaixo da mão tremula e timida da mulher, por quem arfava, quem ouviu os juramentos d'elle tantas vezes repetidos no êrmo das suas melancolias?!

Ninguem!

Os olhos turvaram-se-lhe de lagrimas, o coração ba-

tia-lhe com a sesão do delirio, as mãos tremiam-lhe no accesso da surpreza, as faces tingiu-lh'as um pudor receioso e acanhado.... mas os labios emmudeceram, e o espirito paralysou na exaltação da febre.

Esta, ó leitor, é uma scena de infancia: é o primeiro amor: é a harpa do coração ainda não estreiada, é o amor infantil, cujos vagidos não tem pronuncia.

E' o amor e a religião, a religião e a poesia.

Não venha algum, vanglorioso do seu cynismo, desmentir-me! O relapso, desmemoriado dos tempos em que creu e esperou, não se envergonhe do respeito religioso que lhe idealisára as suas primeiras paixões.

Todo o homem é poeta!

....

Era esta a poesia do conde de S. Vicente, quando cruzou o limiar da porta do quarto de D. Ignez da Veiga. Ella tão resoluta e despreoccupada um momento antes, tremeu na presença de um homem, cujo caracter tanto receio lhe inspirára vinte dias antes.

— Senhor conde... eu não sabia que estava... fechado...

Foi D. Ignez que quebrou a mudez interessante de dois amantes que se fitavam extaticos, surpresos, e, de mais a mais, prodigiosamente admirados, e creio, censurados pela criada Gertrudes, que, apesar do frio e do somno, pé antepé, veio aninhar-se á porta.

— Senhora!... — respondeu o conde, tomando-lhe timidamente a mão, que horas antes beijára ávidamente ás escuras — Qualquer que fosse o meu soffrimento... estou bem recompensado...

— Mas devia ter muito frio, e medo...

— Medo, não, minha querida... Medo, sim, de fazel-a soffrer ainda mais, se fatalmente eu fosse descoberto...

Uma conversa assim tepida e familiar não interessa ao leitor, nem lisongeia a minha fidelidade de copista. Não obstante, o manuscripto reza mais algumas perguntas e respostas, constantemente allusivas ao frio, á chuva e ao vento do quintal. Não protrahiremos este colloquio, cheio de naturalidade e acanhamento, até porque não tarda que a boa Gertrudes, especie de pendula surda, ou sineta importuna de *missa de alva,* venha annunciar que é dia claro, e o conde de S. Vicente deixará, como prova irrefragavel da sua honra, a nota de um sisudo cavalheiro.

Occorre um incidente imprevisto.

Tavora, não afeito á frialdade de uma noite de inverno em Villa Real, passada ao relento, e face a face com um céo inclemente, devia resentir-se, logo que uma improvisa mudança de temperatura lhe actuasse sobre os tecidos enregelados. Além do calor animal que necessariamente lhe injectou a calorifica presença de D. Ignez, um farto brazeiro de carvão de torgos abrazára a atmosphera do pequeno quarto da menina, cujas paredes, já então, argamassadas de tijolos, não tinham um orificio respiratorio, que temperasse aquelle ar deleterio.

O conde, entretido com as mudanças subitas e variadissimas do espirito, não attendeu ás do corpo, nem que attendera, má occasião seria aquella para adivinhar que o acido carbonico era contrario á respiração...

Empallideceu; afastou os cabellos que lhe escorriam bagadas de suor afflicto pelas faces; queixou-se de uma violenta dor de cabeça; pendeu-a languidamente sobre o encosto encourado e marchetado de uma cadeira... e cerrou as palpebras, com grande susto e terror de D. Ignez.

Felizmente, Gertrudes bate á porta de mansinho. Ignez, afflicta, chorosa, e perturbada, vae abrir, e olha para a

criada como quem emmudecesse no acto de implorar soccorro. Gertrudes estacou petrificada como a estatua do idiotismo. Deixando por esquecimento a porta aberta uma columna de ar gelado e cortante arejou momentaneamente o quarto. Tavora estremeceu; quiz erguer a fronte livida, oscillou as palpebras um instante, e recaíu no torpor do magnetismo.

D. Ignez, receiando que a aragem fria aggravasse o pesadelo do enfermo, mandou desgraçadamente fechar a porta. A criada, que pouco mais ou menos passára pelas vicissitudes frigoriferas do conde, estonteou da cabeça, cambaleou um pouco dentro do seu saiote de baeta amarella, e tombou n'outra cadeira defronte do Tavora.

Aqui temos D. Ignez, respeitada pelo acido carbonico, presidindo a uma scena de tragedia, que fará rir as almas insensiveis! Mettia dó ver esta menina, ignorante de asphyxias, enleiada n'um labyrintho de conjecturas, que todas por fim lhe não explicavam a razão de tão estupendo caso! De quem ha de ella valer-se?

Mestre Antonio, o sapateiro, tinha a cama posta na linha vertical da de D. Ignez. Se elle ouvisse... Quem sabe?... A sobresaltada menina bate com força no pavimento tres vezes, e alcança uma resposta, especie de ronco, grunhido, ou arroto flatulento. Ignez bate quarta e quinta vez, até que finalmente mestre Antonio responde como homem, que era. Por muito que ella gritasse, difficil era fazer-se entender n'um andar inferior; mas o sapateiro, lembrado do que lá fôra por cima, e do que por lá iria, enfia os calções de belbutina, embaínha as primeiras botinas do freguez que encontrou, entra pela porta do quintal, acha a da cozinha cerrada, investe pelo corredor, e perfila-se ao lado dos moribundos, com a severidade de *Pedro João Nunes*, cirurgião, physico, e barbeiro que então era em Villa Real.

— Esta gente está afogada!... — disse elle para D. Ignez, que chorava continuamente.

— Afogada!... que dizes, Antonio?

— Sim, fidalga!... está afogada com o fumo do carvão... Deixe-me abrir estas janellas e portas, para sair o fumo...

Mestre Antonio explicava o phenomeno como hoje se explica muita somma de medicina. A *pathologia interna* não é ás vezes mais analytica que este mestre sapateiro, homem de intelligencia chimica muito acima da sciencia do seculo passado.

E, abertas as janellas, mestre Antonio, pegando desenganadamente na cabeça do conde, tratou-a como costumava tratar o seu rebolo.

— Élé... Élé! ha *ameno*, ou não ha *ameno!?*

E taes solavancos lhe dava, que Tavora abriu os olhos, aspirou com toda a força dos seus pulmões uma nova torrente de ar, e mediu com os olhos baços e estupefactos D. Ignez, o sapateiro, e a pobre Gertrudes, cuja cabeça lá estava posta em movimento entre as mãos operatorias do maldito, capaz de deslocar as vertebras cervicaes de S. Christovão, que rezam chronicas ter duas braças de pescoço!

Gertrudes, restituida ás funcções vitaes, *despediu-se em iatim*, como disse mestre Antonio. O conde mal podia fallar, porque a não ter o craneo estalado entre as mãos do *salvador de afogados em fumo de carvão,* pelo menos grande constipação se lhe tinha *arrumado para os miolos*, como declarou o sapateiro, aplicando-lhe umas *fumaças de rosmaninho e herva santa colhida em dia de Nossa Senhora das Candeias no adro da igreja.*

Era dia claro. Tavora não podia gesticular, nem mover as articulações femuraes: a circulação, desordenada pela irregularidade da pressão atmospherica, produzira-

lhe essa atrophia *in partibus*, como diria um enfermeiro, que tivesse lido o seguinte aphorismo de Hippocrates:

Frigidum vero convulsiones, tetanos, nigrores et rigores febrites.

O conde, gravemente enfermo, e muito instado por D. Ignez, deixou-se conduzir para o leito d'ella, cuja armação de bilros de pau preto deviam crear-lhe imagens grutescas. *Victor Hugo* diria que o enfermo, na allucinação da febre, vira *grandes velhas com grandes rosarios*, para dar importancia aos bilros. Esta nada ficava a dever áquella imagem, em que elle compara a torre de *Notre Dame* a uma grande verruma, que tentasse furar o céo! E falla sério!

Ha cousas notaveis a contar-se no capitulo seguinte. Qualquer que seja o palpite dos previdentes leitores, será sempre falso, quando envolva deshonra para D. Ignez da Veiga.

Emquanto ao conde de S. Vicente, mostrem-me um na actualidade tão nobre como elle, que eu não irei aos seculos, que foram, mendigar typos de honra para os meus romances.

CAPITULO X

Prova-se que o rheumatismo e o amor são incompativeis.
Prova-se que honra e cem mil réis,
afóra o arrendamento de uns moinhos,
tambem são incompativeis.
De como é preciso abolir estes «argumentos» jocosos,
quando se tratam assumptos serios.
Dizem-se cousas piedosas de se ouvirem.

Christovão da Veiga não vivia só para os pergaminhos. As paixões amorosas desmentiam n'elle o gentil pensamento de *Stael.* Não fôra o amor um simples episodio na vida folgada do velho amador de mulheres e prazeres. Amára sempre uma infinidade de primas d'aquelles arredores; e quando o rheumatismo o absteve das entrevistas nocturnas, a ponto de transformal-o em decrepita vestal de calção e meia, Christovão da Veiga tratou de sustentar o fogo sagrado com as criadas da casa.

De entre as muito esquivas que este velho *lidador* de affectos deparou nas suas ultimas batalhas, Gertrudes foi uma d'essas honradas cozinheiras que não comprehendeu as cinzas fumegantes do coração de seu amo. O fidalgo, vendo assim repellidos os nobres carinhos de

sua alma, deu comsigo no inferno do ciume, e protestou na primeira occasião despejar um bacamarte nos intestinos do miseravel que ousasse pôr mãos plebeas n'aquelle pomo que lhe era vedado a elle, entre panellas, tachos e cassarolas.

A vibora do zelo enroscára-se-lhe na fibra mais sonora do coração, quando áquelles ouvidos afinadissimos de amante chegára um ruido de passos, e um cochichar de beiços femininos lá por dentro nos desvãos da casa. Fervem-lhe no mechanismo da circulação os brios corajosos de envolta no sangue dos Veigas; alenta-se-lhe o pulso de uma coragem digna de um arcabuz, e com effeito, ahi vem o velho á cozinha, como o vimos no outro capitulo procurar uma victima, um rival, um cadaver á luz baça da candeia!

Muito convém, portanto, que em vista do fielmente exposto, ninguem se persuada que Christovão da Veiga viera alli, suspeitando os amores da filha tão postos em contacto, e tanto contra as regras da nobreza e cavalleria. Eram temores do muito amar os que intimidaram D. Ignez, que tão apavorada communicava ao conde as suspeitas de seu pae.

Mas ciumes funestos foram aquelles! funestos e injustissimos! Gertrudes dormia como a pedra da lareira, no seu nicho, com a porta aferrolhada á prova de incorruptivel aos empuxões do amo. E elle, sem respeito aos bons costumes, á paz domestica, e principalmente ao rheumatico, veio, assim ao frio e á geada, sujeitar á dura prova das intemperies uns membros melindrosos, que deveram, pelo que dizia o sapateiro, estarem sempre empastados em felpudas pelles de carneiros!

Desculpal-o n'esta imprudente loucura.

Tu, só tu, puro amor, que a tanto obrigas . . .

Foram deploraveis as consequencias. Ao outro dia, Christovão da Veiga quiz erguer-se para consolar sua filha das palavras asperas que lhe dera, n'um excesso de zelo paternal, e não pôde erguer-se. Doíam-lhe agudamente os ossos das pernas, com aquelle doer rude, insoffrido, e grosseiramente prosaico do rheumatismo. Era alguma cousa que se lhe agarrava mais aos joelhos que o ciume ao coração: era finalmente um sacrificio atroz que as suas articulações femuro-tibiaes celebravam á immaculada virtude da senhora Gertrudes, cujos amores, n'esta vida, eram dormir em toda ella, como prova da sua constancia.

Acontecimentos estes, honrado leitor, que muito concorreram para a paz e quietação do conde de S. Vicente no quarto de D. Ignez.

Alto dia, quando a intelligencia e coração de Tavora se desanuviaram d'aquelles vapores e aturdimentos do acido carbonico, era celestemente sonhada a perspectiva do quadro real de que seus olhos se feriram! Ignez, a tão linda enfermeira, pallida de uma noite de sobresaltos, vertia-lhe sobre a respiração cortada raios de amor d'aquelles olhos, onde luziam os residuos das muitas lagrimas que chorára em extremos de afflicção! Dos labios vinha-lhe a saude n'um sorriso de alegria, candida e singela como a luz humilde da estrella matinal, ao desempecer-se da compressão das trevas. Bem trevas fôra a tristeza que parecia enlutar-lhe a infancia para toda a vida. Tinha soffrido o que só podem soffrer mulheres espiritualisadas por brios de uma grande affeição.

O conde, extatico nos arroubos d'esse amor, que, uma só vez na vida, os anjos emprestam a homens, estendeu-lhe a mão, insensivel ha pouco aos beijos... Perdão! O manuscripto não reza d'estes beijos, e eu, no mundo da verdade, não quero responsabilidades.

Ignez apertou com meiguice aquella mão, aqueceu-a entre as suas, comprimiu-a ternamente, como se receiasse perder uma joia que lhe custára prantos do coração... Olhava o conde com anciedade... esperava-lhe um monosyllabo, que a animasse a dizer-lhe uma palavra, e esta palavra refluia-lhe da alma aos olhos, dos olhos ao tremor convulso das mãos, das mãos á consciencia do mais feliz dos amantes... AMO-VOS! Era preciso que ella lhe dissesse esta palavra... e comtudo não podia... não sabia dizel-a...

E elle? o conde, se tinha pensamentos, voejavam-lhe no céo.

Era ainda a religião e a poesia, absorvendo-lhe os sentidos e palavras para o intimo ideal da vida, que parece librar-se nas altas regiões do infinito!

Pesa sobre o homem a condemnação dos momentaneos prazeres... Tavora despertou do extasis...

— Ignez!... minha... Ignez!...

— *Sua*... conde?

— Oh!... minha... como este coração que me não atraiçôa... E' um amor que não comprehendes... é um amor...

— Que não comprehendo?!...

— Sabes como eu te amo?

— Sei como o amo, conde... E' o que eu sei...

— E é tão pequena a vida... para estas paixões, que Deus... Não sei, Ignez... não sei!

— Não sabe? Diga... *estas paixões que Deus*...

— Deve proteger na eternidade!

— Sim, sim... Tem febre... está tão córado...

— Febre... não... E tu, soffreste uma noite inteira...

— E viu-me?...

— Sonhava-te n'este pesadêlo... Devia morrer então, se ha ainda quem possa privar-nos...

— Não... não póde haver...

Este dialogo, que tanto promettia, quebrou-o a entrada de Gertrudes, risonha e affavel, como se o *fumo do carvão* lhe não influisse na cabeça com toda a gravidade das theorias do mestre sapateiro. A boa da mocetona trazia uma farta malga de caldo de gallinha, por que aproveitára a enfermidade de seu amo, para do mesmo púcaro restabelecer o digno hospede. Em justos louvores á sua caridade, diga-se, sem rebuço, que a rapariga dividiu fraternalmente o caldo pelos dois, sem embargo de certas antipathias lá com o amo, especie de demonio tentador, que a queria fazer perjurar a palavra dada ao *João da Thomazia*, seu conversado de quatro annos e sete mezes feitos nas orvalhadas de S. João.

Tavora sorriu á singeleza da criada, e não pôde esquecer-se do impagavel serviço que lhe fizera.

— Então, pequena, queres ser a minha enfermeira?

— Não... o fidalgo tem lá cousas melhores... Eu cá, como o outro que diz, sou de outra nascença... quero rapazes cá da minha igualha...

— E então que tem lá isso? basta-te um bom coração...

— Lá isso, a fallar a verdade, é que eu não posso ver ninguem doente. Já lá em *Ferreiros*, onde eu fui nascida e criada, quando o senhor padre *Zé da Eira* estava com as maleitas, era eu que fazia os caldos...

— Está bom... e então queres ir comnosco?...

— P'ra onde? pois os fidalgos vão-se lá por ahi abaixo para Lisboa?

— Vamos; queres ir?

— Não, que lá andam as guerras dos hespanhoes... Credo! Santa Apollinaria virgem!

— As guerras já lá vão... queres ir?

— Ia, ia, assim eu viva; mas *p'rámor* do meu João não me fica bem...

— Então tens algum João?

— E' o João da Thomazia, que Deus lhe falle n'alma.

— Elle já morreu?!

— Agora, como bem o digamos; quem morreu foi a tia Thomazia, faz agora um anno p'rás castanhas.

O tinido da campainha, vibrado pelos reconcavos dos salões, veio varrer as ideias funebres e chronologicas de Gertrudes. Era o impaciente fidalgo, que se achava lezado nos seus direitos de estomago, pela muita demora de um caldo, ou talvez pela muita saudade da rapariga.

Iremos com ella ao quarto do velho, porque já agora não desengraça aqui um dialogo de contraste, depois que ouvimos o muito metaphysico do conde, e, pelo que elle disse, da futura condessa de S. Vicente.

Já sabem que D. Christovão estava na cama, formando com as pernas varias figuras de geometria, em que predominava o triangulo. Liam-se-lhe no semblante enrugado e amarello uns vislumbres de ternura por aquella vermelha e espadaúda Gertrudes, que, á excepção de uns enormes pés, não era mal talhada. Desde muito que Christovão, sceptico das organisações, melindrosas preferia mulheres carnosas, compactas, e robustas. Dizia elle, com alguma carnalidade, ao seu amigo franciscano, que dos cincoenta annos para cima, eram muito difficeis os triumphos sobre o espirito; e muito lhe convinha a elle, portanto, requestar mulheres subordinadas á materia. O frade, com toda a modestia e respeito monachal, replicava que sendo para elle Veiga a materia synonymo de carne, grande peccado era travar batalha com o mais poderoso dos *tres inimigos da alma!*

A isto nada respondia o pouco orthodoxo Christovão,

porque era defeso ao leigo, dizia elle, questionar em materias de religião.

Gertrudes entrou com olhos baixos, e esperou as ordens de seu amo.

— Onde estavas tu mettida, minha ingrata?

— Estava na cozinha a cuidar no almoço.

— Sim!... E então... não tens pena de me ver aqui passadinho de rheumatismo?...

— Lá ter, tenho; mas eu não posso dar-lhe saude...

— Podias... podias... E' por tua causa que assim estou.

— Credo! anjo bento!... eu que lhe fiz?

— Fizeste-me erguer esta noite, com aquelle frio de arripiar...

— Credo! e p'ra que se ergueu o fidalgo?

— Cuidei... sim... cuidei que tinhas por ahi algum conversado...

— O meu João? Inda mais essa... Elle só cá vem ós domingos, quando o fidalgo dá licença que me elle falle lá de fóra do quintal. Mal o haja eu se elle cá veio de noite...

— Não é isso... não é isso... Cuidei que fosse algum outro escudeirote alli dos Nizas, ou dos Mellos...

— Cega seja eu dos olhos ambos.

— Não jures, rapariga... Ora chega-te para aqui...

— Que me quer?... aqui estou...

— Escuta. Eu vou-te agora fallar com o coração nas mãos...

— Eu não entendo o que o fidalgo diz.

— Escuta, Gertrudes. Eu tenho-te amor, e quero-te como a pouca gente...

— Vou buscar o caldo?

— Não me interrompas, mulher! ouve o que te digo...

— Eu não sei o que o fidalgo diz... Se me não quer

assim cá em casa, vou para a minha mãe. Eu só sei fallar com gente da minha igualha...

— Pois sim, escuta-me; e depois, se quizeres, vae-te embora... Eu quero-te fazer feliz. Tu tens lá o teu conversado com quem queres casar, não é assim?

— Podéra não...

— Ora, pois; tu não tens nada, e elle que tem?

— Pouco é; só tem o cabeço da tapada da Chan...

— E que rende isso de pão?

— Dez razas de centeio, e ás vezes mais em anno bom.

— Que desgraça, rapariga!... isso que é?

— Afóra duas duzias de palha.

— Mas vocês não comem palha, pobres parvos!... Como has de tu sustentar-te, e mais o marido e os filhos?

— Trabalha-se de dia para comer á noite. Elle vae dar o dia, que são quatro vintens, eu fio o meu arratelinho de estopa, que são setenta réis, com quatro vintens... faz... faz... oito vintens menos dez réis...

— Pobre gente, como haveis de viver, rotos e esfomeados!... e vestir?... e calçar?...

— Deixe lá, que o sol quando nasce, nasce para todos...

— Estás enganada, rapariga, muita gente morre de fome ao sol...

— Isso é quem não puxa pelos braços a trabalhar, e o meu João é o melhor jornaleiro da freguezia.

— Será, será, mas olha... eu quero dar-te um dote de cem mil réis...

— O fidalgo está a mangar...

— Não estou... quero dar-te um dote para comprares umas leiras...

— Umas leiras!... e é verdade que a tia Rosa quer vender as suas no *Reguengo*.

— Demais a mais dou-te de meias os meus moinhos de *Penêda*.

— Isso perdôe o fidalgo, mas não quero ser moleira... Sempre ouvi dizer que é desprezo pagar-se a gente pelas suas mãos...

— Mas tu pódes arrendal-os, tolinha.

— Ah! arrendal-os?... então, sim, senhor... Deus lhe pague a esmola. E quando é que hei de ir á igreja com o meu João?

— Á igreja?... isso... veremos quando ha de ser... Eu quero que vivas aqui commigo dois ou tres annos, e depois dou-te os cem mil réis...

— Os cem mil réis?

— Sim... ou se tu não fôres tola como tens sido, dou-t'os já para os pôres a render...

— A render?... e dá-m'os já? E se a fidalga ralha?

— A fidalga não ha de saber nada...

— Ah! ella não ha de saber?

— Não, porque para a semana vae ella para um convento.

— Vae?!

— Vae, sim... e depois ficaremos aqui sósinhos, á nossa vontade...

— Pois a menina vae metter-se freira?

— Isso lá veremos; mas não a quero em casa, porque...

— Ella não deixa dar-me o dinheiro?

— Não é isso!... mas trago cá minhas suspeitas...

— Coitadinha!... E ella já o sabe?

— Já lh'o disse hontem; mas manhã é que hei de mandal-a preparar-se... E tu não gostas de estar só commigo?

— Se cá estivesse o meu João... *támen*...

— O teu João terá tempo de mais para estar com-

tigo... D'aqui a dois ou tres annos, quando a menina tornar para casa, então casarás...

— Tres annos!... Não sei o que me parece isto...

— Ora anda, vae buscar-me o caldo, e conversaremos depois sobre o teu casamento, e os cem mil réis...

Gertrudes, desde que ouvira fallar em cem mil réis, perdeu aquelle trato grosseiro das maneiras, e ganhou uma certa docilidade parva, uma franca e estupida allucinação de si mesma, como se o pudor e fé jurada ao seu João fossem cousas, cuja responsabilidade caducasse á vista de cem mil réis, e o arrendamento de uns moinhos.

Antes de entrar na cozinha foi ao quarto da fidalga, e, já maliciosa como a mulher civilisada pelas ideias do dinheiro, contou do dialogo apenas o que interessava a D. Ignez. Disse-lhe que seu pae a faria entrar n'um convento por tempo de tres annos; e que no dia seguinte havia de aprомptar-se para partir na semana que vinha.

Ignez estremeceu e chorou. O conde animou-se, e sorriu.

— E, portanto, é preciso sair hoje, não é verdade, Ignez?—disse o conde.

— Sim, é preciso; mas... meu pae morrerá de saudade...

— Não morrerá... Que póde demorar-se o nosso casamento? Elle ha de abençoar-nos depois...

— Quem sabe?...

— Quem sabe!? Sei-o eu, que pedirei a Christovão da Veiga uma satisfação publica de seus caprichos que me aviltam.... Hei-de ser louvado pela nobreza, quando seja falsamente accusado por elle... Accusado, por ter a audacia de gracejar um instante dos seus orgulhosos fumos de fidalguia...

— Conde!...

— Perdôa-me!... elle é teu pae, e... é meu pae...

— Quero que o ames.

— Amo, Ignez, respeito, e nunca o odiei, por não poder... Elle é teu pae... creou-te para mim, que te adoro perdidamente... Minha filha, espera-nos muita felicidade.

— E's o meu marido?

— Perguntas-m'o anjo da minha alma?!...

O conde tirou um annel do dedo, onde, na face polida de uma preciosa pedra, brilhavam as armas dos Tavoras, e um botão sobre esmalte, no inverso, com a seguinte legenda: *Reges descendunt á nobis*. Ignez estendeu a linda mão a elle que lh'a pedia, sentiu derramar-se-lhe por ella o calor de uns labios abrazados, e deixou-se em amoroso abandono investir do annel de esposa. Com um d'estes sorrisos indistinctos de tristeza e alegria, foi que a virgem desposada agradeceu a immensa ventura que lhe brilhava no resplendor d'aquelle annel. Tavora sentia-se embriagar nas libações dos anjos. Via em toda aquella effusão de jubilo a obra do seu amor, a refracção da lava que o escaldava por dentro.

— Este annel, conde... é um penhor tão sagrado... tão consolador para mim, que te adoro sobre todas as cousas d'este mundo...

— Eu te agradeço... Ignez!... agradeço-te com as lagrimas nos olhos... Um dia... oh! é impossivel...

— Que é impossivel, conde?

— Se um dia Manuel de Tavora atraiçoar Ignez da Veiga... este annel... ella que lh'o mostre..., e elle suicidar-se-ha; porque antes da traição... n'estes dias de felicidade roubados á vida do céo... elle fará assim um juramento: Ignez! o meu sangue lavará de tua face o estigma da perfidia...

— Conde... eu tremo, e soffro cruelmente. Oh meu Deus!... ouvi uma cousa nova... Tu... trahires-me... a mim que não posso amar-te mais!...

— Ignez!... não me comprehendeste... Condóe-te de mim, que essas lagrimas martyrisam-me... Eu!... o teu traidor!... Por Deus, que este pensamento é uma inspiração do demonio...

Não era inspiração de demonio. Era o espinho acerbo do presentimento, surdo rasgar de fibras, mordedura de vibora que sangra e cauterisa momentaneamente. Desciam lagrimas na face de ambos, era de ambos o terror; mas escondiam-o, calavam-o, e nenhum queria dizer: *Brada-me uma voz intelligivel nos abysmos da alma; não a comprehendo; mas o som do fallar de mortos deve ser assim!...*

O presagio passou como o propheta da destruição por entre as turbas festivas da Babylonia opulenta. Eram muito felizes os dois, que se amavam, para sossobrarem á passageira compressão da angustia. Não creram, não podiam crer... era a *inspiração do demonio!*

— Ignez... diz-me alguma cousa... fallemos do nosso amor... Estamos tão distrahidos... com quê?...

— E' verdade... com quê?...

— Nada, meu querido... não era nada! sonhavamos...

— Dá-me papel... E' preciso escrever ao meu escudeiro... Esta noite, sim, Ignez?... esta noite...

— Sairemos?... ó conde!...

— Recusas!... E' incrivel!... Depois... tudo perdido...

— Não, não... escreve... Sou tua... mais que irmã a quem deves amor de irmão... mais que mulher infeliz, a quem deves protecção de cavalleiro... tanto como tua amante... tua...

— Esposa!...

Tavora escreveu. Mestre Antonio partiu. D. Ignez enfardou as suas preciosidades. Christovão da Veiga conversou largamente com dois franciscanos, ácerca da segurança do convento das *Ursulinas*. Gertrudes deu-se tratos por adivinhar o volume que fariam cem mil réis; e o resto do mundo girava naturalmente no seu eixo.

Está explicada parte dos mysterios d'aquella noite do capitulo VIII. Vimos um homem parado á porta do quintal de Christovão da Veiga: era o escudeiro do conde de S. Vicente a explorar terreno. Vimos dois cavallos sellados e equipados: eram ainda pertenças do conde. Depois montaram dois cavalleiros: não é verdade; mas parecia que o era, porque o manto de D. Ignez da Veiga, airosa e destemida sobre um andaluz orgulhoso nos seus corcovos, parecia realmente um cavalleiro. Dizia-se, depois, que um dos cavalleiros, a cem passos, apeára.

E' verdade.

D. Ignez da Veiga sentira escorregar-lhe o annel dos desposorios; caíu-lhe; queixou-se; e pediu que lh'o procurassem, por tudo quanto havia de sagrado.

Foi bem procurado: rastejaram, como serpentes pela lama da rua, os dois lacaios, o escudeiro, e o proprio conde: mas não encontraram o annel.

A garantia do juramento estava perdida! o que elles sentiram ninguem o sabe.., Pensamentos amargurados, reconditos na escuridade do coração, como o annel nas trevas da noite.

A'vante, nobres desgraçados!

CAPITULO XI

**De como ninguem sabe para o que nasceu.
Diz-se como a salvação de um cavallo depende de um triangulo.
Espirito das mathematicas nos irracionaes,
e outras cousas tristes.
De como Christovão da Veiga era um trabuco.
Franquezas de uma criada de servir,
e outras cousas não menos maravilhosas.**

A facha negra da noite cinge o véo dos horizontes. A lampada mortiça do crepusculo não a ergueu ainda a mão invisivel do Eterno, por detraz das cumiadas do Levante. Cruzam-se os tufões, que rolam dos visos penhascosos das serras de *Santa Barbara, Mesio* e *Marão*. Ao fundo, na balça escura dos povoados, vae passando o vortice do desbarate. Lascam-se as florestas vergadas pelos braços flexiveis da tempestade movediça. E' o gigante da destruição, que finca um pé sobre as açoteias do castello dos Tavoras, outro nos torreões de Villa Real, e fustiga com o látego do destroço aquella natureza, que geme, estorcendo-se nos braços da procella.

Debaixo d'este céo, passa uma virgem debil, mimosa, e resignada. E' como o archanjo, no dia final, por entre as ruinas do mundo!

Esta é a noite em que Manuel de Tavora, e a sua linda fugitiva, atravessam os plainos alagadiços do *Prado*.

— Depressa, Ignez!... depressa, meu anjo de soffrimento...

— Não posso, conde... Estou gelada de frio... Não sinto as rédeas na mão...

— Depressa, Ignez!... depressa...

— *Depressa!* — dizia elle — porque os corregos, rapidos e caudaes, desciam das montanhas para o pobre regato que, ha pouco, se escondia entre salgueiraes, a cem passos do castello. A passagem era a que ainda hoje tem: algumas pôldras resvaladiças, vidradas, com dois palmos á superficie da agua.

Depressa! porque em cinco minutos, o passadiço incerto e perigoso viria a corrente absorvel-o.

E galopavam, galopavam por aquelle terreno brejoso, e cavado de lorgas e abysmos. Os bulcões de ventanias contrarias brincavam com as nuvens, impelliam-as de um para outro cabeço das montanhas, fendiam-as umas contra o seio das outras, e os bagos de chuva glacial e frigida, cortavam a face enregelada de D. Ignez.

— Conde!...

— Ignez!... não podes soffrer tanto... não é assim, minha querida?...

— Posso... que ainda vivo... Tenho medo de caír... mas... depressa, depressa!

E galopavam, galopavam, porque, a cem passos, o relampago do sul tingia do seu clarão funebre os balcões e as quadrellas do castello, cujas setteiras dir-se-hiam gargantas enormes d'esse monstro de pedra, soprando os furacões da tempestade!

D. Ignez adiantára-se alguns passos. O andaluz, embrávecido pelo açoute da chuva, ancioso pela mangedoura que lhe acenava de lá, ou, como o tritão de Ca-

mões, de soberbo com a formosa carga, atirava-se desenfreadamente por subidas e descidas, fragoedos e lameiraes, até que finalmente as patas lhe resvalaram para o alveo do regato, cuja enchente fôra mais rapida que o *depressa* de Tavora.

Eram trevas. Ignez, se um relampago lhe alumiasse o abysmo, esvaíra-se de forças a soffrear as redeas do cavallo; mas nem o vira, nem o conde lhe advertira que as sofreasse. O cavallo estacou. A cavalleira, por uma d'estas inexplicaveis paralysias dos sentidos externos, não ouviu, sequer, o mugido fragoroso das catadupas.

Afoutou o resentido animal, retesando-lhe as bridas: era de mais para que um velho andaluz, dos esquadrões do Ameixial e Badajoz, recuasse espontaneamente ás bravezas de um regato!...

— Pára... pára!... Ignez, que te perdes... — gritava anciosamente o conde.

Já era tarde!

Ignez julgou-se morta; e, como essas almas marasmadas de remorso, que vêem visões do inferno, petrificou-se, digamol-o assim, no phrenesi da agonia! As unhas, consistentes de ferro, na vertigem do terror, cravaram-se nas crinas do cavallo. Era como no sonho, em que o homem, pendurado na bôca do abysmo, enterra as unhas na aresta liza do rochedo, que parece oscillar... abalar-se... despenhar-se com elle! Os cabellos eriçaram-se-lhe. Os dentes crepitaram-lhe um estalido convulso e doloroso. A face assombrou-se-lhe de uma lividez patibular. E os olhos, raiados de betas sanguineas, cravaram-se espavoridos nos tôpos dos salgueiros, que, na outra margem, balouçando-se, rugiam uma aria de escarneo como cantar de demonios!

A infeliz não pôde ao menos gritar para Deus! Está

perdida, se a misericordia divina carece de supplicas para salvar a victima dos homens no extremo da perdição!

Mas a Providencia dera o instincto aos irracionaes. O cavallo entestára a cabeça contra a torrente: cortára-a, não em linha recta, porque então ninguem valera á perdição de Ignez: o instincto ensinou-lhe a traçar um triangulo no dorso das aguas, rompeu o rolo da onda em direcção obliqua; e quando mais impetuosa descia a torrente, o irracional deixou-se derivar com pouco esforço de natação, até abicar na margem opposta.

Estava salva; mas entorpecida, fria e inanimada como o crystal de uma estatua. O cavallo sustinha-se retido por compressão violenta. Ignez esperava... o quê?... nem ella sabia!

O conde... ninguem deve pedir-me o seu retrato. Entre o demente e o cadaver ha um annel de existencia, uma crise de animação: era a d'elle. O suicida, que se despede do mundo por um olhar vertiginoso, ou o que, fitando a espuma da onda que ha de amortalhal-o, parecer beber a morte no seu extremo olhar de desesperado, é como o conde de S. Vicente.

A mão do terror suspendeu-o pelos cabellos em toda a alteza do seu infortunio. Depois, entre elle e a desgraçada que morria por elle, estava aquelle agonizar do afogado, que é um morrer atroz de ancias incomportaveis. Viu as gargantas, as lavaredas e os apparelhos da morada dos réprobos... A consciencia gritou-lhe: «Condemnado!»; mas mais sonora que o grito da consciencia, de entre os labios convulsos de desesperação coou-lhe uma palavra dorida de todo o soffrimento humano:

— Oh CHRISTO!

E despertou...

— Ignez!...

— Já está da parte d'além — responderam os criados.

— Salva?

— Salva...

— Conde! — murmurou de lá uma voz desfallecida.

— Ignez!... estás salva?

— Estou viva... Vem depressa, que estou passada de tremuras.

O cavallo de Tavora gemeu entre dois acicates salpicados de sangue. Não havia caminho a torcer, nem comoro de picaria a transpôr, nem esquadrão de hespanhoes a rasgar. Era o seio de uma torrente que descia em cachoeiras sobre os troncos acurvados dos arvoredos da margem. Para o conde não havia calculos nem rodeios. Cortou a direito por essas ondas que remoinhavam sopeadas pelos corcovos do cavallo...

Um relampago alumiou á flôr da agua alguma cousa estupenda que faz empallidecer e soltar um grito aos criados do conde. Era um vulto arrastado na esteira da corrente: era Tavora, vencido pelo impeto do cachão, e mal firme sobre o cavallo, fatigado, mergulhado, e morto, talvez...

Os criados horrorisaram-se; ajoelharam, e tambem pela sua vez bradaram:

— Oh Christo!

— Conde!... não vens?...

Era um chamar lamentoso, desfallecido, e quasi imperceptivel.

— Ignez!

— Espera...—disse um dos criados—não ouviste chamar lá em baixo...

— Ignez!

— E' verdade... é elle... está vivo...—bradaram todos simultaneamente com o coração, com os labios, com a alma e com as lagrimas!...

Ignez reconhecera aquella voz, quando nm novo pasmo

e esvaimento de forças iam lançal-a por terra, para ser, talvez, erguida quando o esquife viesse ao cadaver, engastado nas ramagens dos amieiros, dar-lhe o asylo do christão.

O conde salvára-se. Ignez tinha-o junto de si, quizera abraçal-o, mas os braços tinha-os hirtos, retesados e inflexiveis.

— O teu cavallo, Tavora?

— Morreu... Nadou commigo até á margem direita: parou contra as raizes de uma arvore; abracei-me ás ramas, e ás pedras, e a tudo que pude abraçar-me no conflicto da morte... Tenho ainda aqui chumbada n'esta mão a redea que me salvou... não posso jogar os dedos... tenho-os ensanguentados... mas o meu generoso cavallo... morreu!... Vamos... vamos... Ignez!...

— Senhor conde!...—gritaram de além os criados.

— Ide-vos, rapazes... esperae passagem para o dia...

— Está tudo salvo, fidalgo?

— Tudo; menos o fouveiro...

— O fouveiro morreu!—disseram os criados uns para os outros com paixão, e saudade, e tudo que ha sublime de dó em coração de homens.

— O meu fouveiro!...—repetiu Gervasio, moço de farda, cuja affeição n'este mundo, a mais independente, depois do vinho, dizia elle, ser uma, uma só, a do seu fouveiro... E chorava!...

....

Eram seis horas da manhã. A tempestade não adormecera ainda, nem a estrella de alva, através da cerração, podéra abrandar-lhe a fereza com a sua imagem serena e consoladora. Dirieis que as trevas, como os homens pavorosos cá de baixo, conspiravam contra a luz, e erguiam o seu throno de escuridade debaixo da face lucida do céo.

As velhas velavam, acercadas de filhos e netos, rezando a *Magnificat*, e os versos de *S. Gregorio*, e as orações de *Santa Barbara, S. Jeronymo*, e outros santos advogados contra trovões e terremotos, como *S. Francisco de Borja*.

Christovão da Veiga, muito relacionado com a electricidade atmospherica por intermedio do rheumatismo, passára uma noite dolorosa. A fim de mitigar as dores, ergueu-se, agasalhou-se no seu farto capote de saragoça forrado de baeta vermelha, tudo nacional, e passeiou algumas voltas no seu quarto.

Gertrudes não se deitára. Desde que Ignez saíra, fôra um enfiar de responsos de Santo Antonio, cousa admiravel, mas muito afflictiva para ella, que não podera rezar um só sem se enganar. Ora, deveis de saber que um responso de Santo Antonio, se não vae direito desde o principio até ao fim, ruim agouro é para a cousa ou pessoa responsada. Além d'isso, e para maior afflicção da pobre rapariga, ás tres horas em ponto, no relogio de S. Domingos, um cão uivára tres vezes por alli perto de casa; e, se o medo a não engana, uma coruja grasnou sobre o telhado. Mas o que acabou de agourar grande desgraça áquella boa Gertrudes, foi uma borboleta negra, que se afogou no azeite da candeia! Então, sim! a rapariga, se não receiasse as *conveniencias*, que já n'esse tempo andavam pelas cozinhase, e de lá vieram para as modernas salas... ia metter-se no quarto do amo!

Como dito é, Christovão da Veiga, que não era medroso de trovões desde que um franciscano lhe confiára alguns segredos de electricidade, lembrou-se que a sua Ignez estaria de joelhos diante da *Virgem*, tranzida de medo, e assombrada dos relampagos. Lembrou-se, outrosim, que a sua presença iria confortar a pequena, e parecia-lhe que não era má a occasião de convencel-a, ao

som dos trovões (que eram os brados do Altissimo) da vida monastica, como vehiculo da gloriosa eternidade.

Tantas e tão solidas eram as razões, que foi.

A porta do quarto de D. Ignez estava aberta, como ella a deixára. O velho disse lá comsigo: «Querem ver que a pequena teve medo e foi metter-se na cama com alguma criada! A ser, foi com a Gertrudes... porque das outras não gosta ella muito...»

Com estes e outros pensamentos, o homem das conjecturas entrou no quarto, e confirmou a sua opinião. Sem perda de tempo, foi ao quarto de Gertrudes, que rezava em voz inintelligivel o

O' meu padre Santo Antonio,
Que em Lisboa foste nado,
. . . .

— Bem!...—disse o velho — ellas cá estão conversando!...

E batendo á porta, disse com ar affectuoso:

— Ólá de dentro!... Se estão vestidas abram a porta.

— Quem está ahi?—gritou Gertrudes assustada.

— Sou eu... abri...

— Agora abro... *O' meu padre Santo Antonio, que em Lisboa foste nado...*

— O' Ignez... Ignez!...

— Cá não está a menina, fidalgo...

— Pois ella não está aqui?

— Não está, não, senhor... *O' meu padre Santo Antonio, que em Lisboa foste nado...*

— Pois eu não vos ouço conversar?...

— Sou eu, que estou a rezar o responso de Santo Antonio.

— Mas onde está a menina?...

— A menina!?... Eu sei cá!...

Christovão da Veiga não era homem, era um ariete, um trabuco! Tamanho encontrão imprimiu na porta, que o ferrolho, a tranca, a fechadura, os pregos, e uma nuvem de pó, foi tudo dentro, e á cara de Gertrudes, que despediu um grito estridoroso.

Veiga, formalisado e severo como quem acabava de levar uma praça de assalto, interroga a prisioneira:

— Onde está minha filha?

— Faz favor de fazer-me as minhas contas, que me quero ir embora...

— Onde está minha filha? responde... onde está minha filha?...

— Vir cá estropear á porta, mettel-a dentro com esta áquella... Isso não é cortezia...

— Gertrudes! eu estouro-te com um pontapé... onde está minha filha?

— Já lhe disse, que foi...

— Tu que dizes, mulher? tu que dizes!... Jesus, santo nome de Jesus!... A minha filha! que é da minha filha?!

— O fidalgo não está *bô*...

— Tu fallas a verdade, ó rapariga?... A minha Ignez não está em casa?

— Não, senhor, foi-se, com um senhor fidalgo d'além de Lisboa... Foram-se casar...

— Foram-se... meu Deus!...

Christovão da Veiga deixou pender cabeça e braços para o chão, como se para caír no tumulo tivesse apenas de vergar ao peso de toda a sua dor.

No tumulo não, mas caíu sobre uma arca; e quando quiz levar a mão ao suor frio que lhe borbulhava da testa, não pôde erguel-a. Desmaiára.

CAPITULO XII

**Em que o auctor tem a honra de apresentar
a senhora Joaquina da Luz,
e pede que a tenham na devida consideração,
como do capitulo melhor se verá.**

Eram oito horas da manhã do dia 7 de fevereiro de 1701. Os moradores de Villa Real apinhavam-se nas cristas das collinas para admirarem a cheia nunca vista do rio *Corrego,* que refervia lá em baixo debatendo-se no angustiado leito de rocha viva. Contavam-se os destroços da tempestade. Consignava-se a noite passada, como uma d'essas revoluções da natureza, que annunciam a proxima dissolução do universo. Viam-se choupanas inteiras com os seus colmados a branquejarem nas aguas lodosas da torrente, toros enormes de arvores, tombadas do pendor das mattas, apparelhos e armações de moinhos, e rezes afogadas em seus curraes.

Os olhos dos espantados observadores convergiram todos para um ponto. Lá em baixo, ao fundo de um barrocal, via-se uma clareira de terreno encharcado, onde, um dia antes, os doze moinhos de Christovão da Veiga campeavam entre o seu cinto de fragas como um gra-

cioso *chalet* na Suissa, revendo-se nas aguas serenas do *Engadine.*

— Louvado seja Deus!... O que são as cousas d'este mundo!...— dizia uma das muitas velhas que se benziam com grande apparato de devoção, á vista do tristissimo espectaculo dos moinhos destruidos.

— Que grande perda não teve o fidalgo, ó Joaquina!

— Deixa lá, que isto é castigo de Deus...— respondia a respeitavel Joaquina da Luz, mulher decrepita e entendida em feitiços, quebrantos, maus olhados, e de solida religião dos *setenta annos em diante,* como diziam por alli os velhos da sua creação.

— Assim será!... Deus não dá com pau nem pedra... Ora vejam... quem ha de dizer que estiveram alli doze moinhos!...

— Vocês não sabem da porca dos sete leitões?

— E' verdade, tia Joaquina, diga-nos isso como foi...

— Eu vos digo, raparigas. Vasco da Veiga, pae d'este fidalgo, que Deus lhe falle n'alma, era um mau homem para as donzellas. Não havia nenhuma que elle não tirasse de casa, por bem ou por mal, e depois tinha-as alli n'aquelles moinhos...

— E ellas deixavam-se lá estar? — interrompeu uma rapariga espevitada e travêssa.

— Cala-te lá, que não sabes o que dizes... inda hontem te vi nascer... Estavam lá, porque estavam enfeitiçadas por arte de bruxaria... ora sabes?

— Ah!

Este *ah* era a espontanea expressão de uma myriada de bôcas abertas.

— E como é que as enfeitiçava, ó tia Joaquina? — perguntou um rapaz de cara bicuda, expondo uma fileira de enormes dentes, como provas de admiração.

A velha, que tinha bem fundados escrupulos em não

dizer áquelle idiota o processo de conquistar mulheres, — pois bem sabia ella que pelos processos ordinarios não seria elle capaz de arranjar uma, — disfarçou por pouco tempo a conversa, e continuou-a depois a meia voz:

— Ora *como é que as enfeitiçava!*... E' de tolo a pergunta!... O fidalgo fez pacto com o diabo... e Deus me perdôe, se pecco.

— Cruzes!... Cruzes!... T'arrenego!...—responderam em côro as ouvintes.

— E depois—proseguiu a velha na sua horrenda historia, cuspindo tres vezes para o chão, e raspando com o pé por cima — depois o diabo disse-lhe que apanhasse uma vibora entre o pino do meio dia e as duas horas.

— E depois... e depois?...

— Depois... disse-lhe que lhe passasse pelos olhos, salvo tal logar, uma agulha enfiada em torçal preto; e que fosse ao dar da meia noite á porta da igreja da freguezia, e dissesse tres vezes umas palavras, que são assim: *Almas! almas! tres enforcadas, tres afogadas, tres mortas a ferro frio*...

— Não digas, Joaquina, que não vá Deus castigar-te...

Esta edificante reflexão privou-nos de uma preciosidade de serventia para muita gente, que se désse ao incommodo de apanhar uma vibora, e furar-lhe os olhos... Agradeçam esta perda á senhora *Brazia do Cabo-da-villa,* mulher temente a Deus, e forneira das melhores brôas d'aquella terra.

— Tens razão... — continuou a velha — nem tudo se deve dizer... Vae depois o diabo... (Deus me perdoe!)

— Credo!... credo!...

A historiadora era interrompida todas as vezes que

a fidelissima naturalidade do conto urgia a palavra *diabo!*

—O porco-sujo appareceu ao fidalgo, em aventesma, e disse-lhe: *Pelos poderes que te dou, toda a mulher, que quizeres para ti, será tua, se lhe deres na saia, ou na camisa, ou no lenço da cabeça, um ponto com essa agulha enfiada nos olhos da vibora.* E, dito isto, o demonio desappareceu deixando maus cheiros.

Silencio e terror!... A velha continuou em tom mysterioso e sybillino:

— Não havia rapariga que elle não...

— Santo nome de Jesus!... Nossa Senhora da Guia... Cala-te, mulher...

Esta *Brazia do Cabo-da-villa* é inimiga das orações completas. Devemos ao fanatismo das velhas, á censura do *santo-officio*, e á *congregação do oratorio* a privação de interessantissimas noticias de costumes, que tinham para o Portugal de então a veneranda importancia que hoje nada tem por cá, a não serem os jornaes; por quanto, os contos das viboras e o pão quotidiano, a par dos jornaes conscienciosos e da fome e da vergonha... Silencio!... *Cavete á scribis*... Foge dos litteratos, disse S. Matheus.

A velha devia ir por diante com esta chronica de intelligencias entre Satanaz e Vasco da Veiga, e a *porca dos sete leitões,* que é o texto da historia. Se a *Brazia do Cabo-da-villa* não vier tolher-lhe a liberdade do pensamento, poderemos conseguir um quadro de edificantes moralidades.

— Era uma vez. O fidalgo ia acolá a descer n'aquelle altinho que faz um cotovêlo para traz, assim a modo de quem quer rebentar sobre a sua direita... Vêdes, mulheres?

— Vemos, vemos.

— E vae... que ha de acontecer?... uma porca, com sete leitões, veio prantar-se diante do fidalgo... a grunhir... a grunhir, de traz para diante, e de diante para traz. E vae o fidalgo puxa da espada, e dá com ella na porca, mas foi o mesmo que dar com ella n'uma sombra...

— Appéllo eu!... O' mulher... tu fazes-me medo!... — interrompeu a senhora Brazia... — acaba lá com isso...

— E depois o fidalgo, com os cabellos arripiados, disse assim: *Pelo poder que Deus te deu, quem quer que és, alma do outro mundo, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, diz-me a que vens, e o que queres.* E vae a porca respondeu assim: *Eu sou a alma de Anna Catharina, a quem tu déste um ponto no vestido, que estive comtigo em peccado mortal sete annos e sete dias, e tive sete filhos que tu sumiste de meus olhos, e que morri sem os ver, mas encontrei-os depois como aqui os estás vendo, e não posso entrar no céo nem no inferno, emquanto não fizeres penitencia.*

Aqui não se calculam as caretas da senhora Brazia. O resto do auditorio pregava os olhos lá em baixo no logar dos moinhos, e estava capaz de affirmar que via as pégadas da porca! A velha, cheia de crenças, e arbitra de terrores, via n'aquellas visagens apopleticas o effeito da sua palavra prophetica e fulminante.

Estas e outras scenas convenceram-a da superioridade do seu espirito entre as outras velhas. Consultada para o desmancho de varios sortilegios, e para levantar espinhela e cortar as lombrigas, tudo isto eram criterios de sobra para a sua reputação de *mulher de virtude.*

No capitulo immediato veremos se esta respeitavel *mulher de virtude* nos illustra com a historia de alguma outra porca, ou bicho damninho, ou outros quaesquer

maleficios, como ligamentos, obras de veadeira, carantulas, e feitiços dados na comida a alguem, para querer bem ou mal a outrem, ou adivinhar em cabeça de homem morto, ou passar doente por debaixo de troviscos, ou em lameiro virgem... etc.

CAPITULO XIII

**Grande capitulo, em que a senhora Joaquina da Luz suspeita que o diabo se mettesse no corpo de D. Ignez da Veiga, e as duvidas do sapateiro a esse respeito.
Vê-se o que é um fidalgo, se lhe tocam na familia, e o que seria d'elle, se por grande vilta nascesse plebeu.
Salto prodigioso que o auctor dá para traz, e convence-se o leitor que seria peior saltar para diante.**

O grupo de creaturas, assombradas pelo espectaculo da tempestade, conservava-se ainda ruminando a historia da porca e sete leitões, quando mestre Antonio, o bem conhecido sapateiro, abordou por alli concentrado, meditabundo, e assim a fugir para o romanesco.

— Ora, salve-as Deus!

— Deus o salve, mestre Antonio—responderam as velhas á saudação fria e melancolica do sapateiro.

— Então?... estão vossasmercês a ver os estragos da noite passada, hein?...

— Bemdito seja Deus, e sua Santissima Mãe!... Não consta assim uma cousa!... — respondeu a sr.ª Joaquina, dando á physionomia certas rugas de santidade.

— Que me dizem aos moinhos do fidalgo!?

— Que lhe havemos nós de dizer, tio Antonio!... é um louvar a Deus!...

— Quer não... o fidalgo não ha de empobrecer com isto — disse a sr.ª *Brazia do Cabo-da-villa.*

— Inda o peior não é isso...

— Então, tio Antonio, então?

— A fidalga fugiu esta noite.

— Que diz vossemecê, mestre Antonio?! — bradou o grupo inteiro com um só brado, com uma só visagem rustica, parva, e alvarmente estupida.

— E' como vos digo... A fidalga fugiu, e ninguem sabe com quem, nem por onde, nem para onde... Parece que anda aqui...

— Sortilegio de bruxedo, não é isso, mestre Antonio?... — interrompeu a senhora Joaquina.

— Mais do que isso... é obra do diabo, como diz frei Antonio das Dôres...

— E' obra do diabo, não póde ser outra cousa... — affirmou ainda a senhora Joaquina.

— Ora pois... mais teremos ainda p'ra ver... Cada qual encommende-se ao seu anjo da guarda, p'ra que o livre de maus olhados, e vizinhos da porta... Anda d'ahi, Maria, vamos p'ra casa, que são horas de amassar a fornada.

Já veem que era Brazia, a padeira, fechando a sessão pelo que dizia respeito a ella e a sua neta Maria.

O grupo desconjuntou-se, ramificou-se, e dispersou em fragmentos pelas vielas tortuosas da villa velha. A senhora Joaquina, porém, sentada na unica escaleira da capella-mór de S. Diniz, dava-se tratos por decidir o processo de que o demonio se servira para tirar de casa a nobre e casta filha de Christovão da Veiga.

— O' tio Antonio! se lhe não custa, olhe aqui.

O sapateiro, que d'alli perto contemplava os destro-

ços da cheia, veio-se chegando da velha com certos visos de impaciencia e aborrecimento.

— Então que quer, tia Joaquina.

— Vmc. nunca ouviu dizer que o demonio costuma metter-se no corpo dos homens para tentar as mulheres?

— Nada; eu nunca ouvi dizer isso dos annos que tenho.

— Pois olhe, eu cá não sei, mas... a modo de dizer, augura-se-me que a fidalga... sim... isto é um modo de fallar...

— Que a fidalga, o quê?

— Vmc. a modo que está de mau humor! Olhe que aqui onde me vê tenho setenta annos, e tenho visto muita cousa... Já me lembro da acclamação do senhor rei D. João IV, que Deus tem, e das guerras dos hespanhoes, por signal que meu pae, Deus lhe falle n'alma, pôz luminarias de casca de laranja, que foi uma cousa fallada em casa do senhor Ruy de Niza, que tambem já lá está, que era alcaide-mór d'esta villa, e que agora está alli enterrado n'aquelle carneiro em S. Domingos, carregando p'rá esquerda como quem entra pela porta da ilharga...

— Acabe lá com isso, mulher! Que me importa cá saber d'essas cousas a mim?!

— Não, qu'isto é p'ra vmc. ver que tenho visto cousas, que não sei o que lhe diga...

— Se não tem que me diga, fique-se com Deus.

— Olhe cá, mestre, eu estou que a fidalga fugiu com homem, ou cousa que o valha...

— Ora, deixe-se d'isso. Tape lá essa bôca...

— O quê? Que tape esta bôca!? Então, diga-me vmc., que é tão atilado, que fim levou a fidalga!?

— Se quer que lhe falle a verdade... — disse de

manso o sapateiro, como quem quer transigir amigavelmente.

— E o fidalgo... como não estará elle?!... coitado...

— Está com umas furias, que parece endemoninhado!

— Então foi espirito ruim que se metteu na familia...

— Seria, seria... Até logo, tia Joaquina... Se souber onde a fidalga está, faça favor de m'o dizer á mim... ouviu?...

— Póde ser que saiba... Se for demonio, com ajuda de Deus, hei de sabel-o.

— E se for demonio á laia de homem?...

— Isso lá...

— Isso lá a modo que sempre tem que se lhe diga... Se botar as cartas, tia Joaquina, dê parte do que souber... Adeusinho.

Mestre Antonio não precisava consultar o espirito das trevas. Bem sabia elle que o demonio, que presidira á fuga de sua ama, era de natureza de homem, e muito homem. Escarnecia lá por dentro das adivinhações da velha, e, abandonando-a, com um riso critico-philosophico, era, sem elle o saber, a preexistencia d'estes encyclopedicos do dia, que lá tem as suas razões para se rirem de espiritos pequenos, que recorrem ao sobrenatural no entendimento de cousas, que, no saber dos grandes, estão muito abaixo da maravilhosa descoberta das minas da California.

Todavia, o sapateiro não estava em bons lençoes. Era de presumir que aquella boçal Gertrudes o compromettesse. Era natural que Christovão da Veiga o mandasse despejar o sotão, quando se não lembrasse de lhe mandar zurzir o forro da camisa. Era possivel que o fizesse responder da cadeia pelos amores de D. Ignez.

Tudo podia ser, e em tudo ia pensando seriamente o sapateiro, quando, já perto de casa, viu brilhar entre duas pedras, descalçadas pela enchurrada da chuva, alguma cousa que o fez curvar, e até distrahir das suas previsões sinistras. Depois, entre os dedos verrugosos de mestre Antonio, luzia um annel de ouro e diamantes, com umas lettras que elle não entendeu, mas que suppoz serem, em latim, o nome do dono ou dona do annel.

Em consultas comsigo e com sua mulher, mestre Antonio resolveu por fim guardar religioso silencio ácerca do annel, visto que, offerecendo-o em venda a ourives da terra, correria o risco de restituil-o, por causa d'aquellas lettras, que, tambem na prudente opinião de sua mulher, representavam o nome da pessoa, cuja fôra o annel.

N'estas e n'outras praticas prudentes estavam mestre Antonio e sua mulher, quando mui terminantes ordens o chamaram ao quarto de Christovão da Veiga. O sapateiro era homem de presença de espirito, mas o sangue alvoroçou-se-lhe lá por dentro, e a senhora Bernarda Maria viu que seu marido não estava bom. A pobre da mulher ignorava tudo! A não constar do manuscripto, eu não acabe este capitulo, se désse credito ao segredo do sapateiro com sua mulher! Pois é assim que o manuscripto reza, e diz elegantemente no aranzel bonito do seculo XVII:

«Que tão acautelado pensava elle das mulheres, que «como quem por ellas deve ter cautelas mil no pensa«mento, que muito era não confiar segredos amorosos á «propria mulher, pois que da alheia de tamanhos amo«res confiança recebera. E posto que por mais sagradas «mais segredos, não foi capaz o sapateiro de achar em «sua mulher capacidade para revelar-lhe cousas que por

«mais reveladas mais perdidas, que perdidas são mulhe-
«res a outras reveladas.»

Ao certo não diremos se a pura versão d'esta bonita algaravia é dizer que a senhora Bernarda não merecera a confiança de seu marido; parece-nos, porém, que o manuscripto, sempre em harmonia, estabelece as provas d'este phenomeno, no seguinte dialogo:

— O' Antonio, tu parece-me que não estás escorreito!

— Ágora não... E' que não sei para que o fidalgo me manda chamar ao quarto...

— P'ra que ha de ser? p'ra te mandar a algures saber da fidalga...

— Será, mas eu tenho medo que o diabo da Gertrudes...

— Da Gertrudes? que tens tu lá com a rapariga?... Diz, homem, pareces-me tolo!

— Não é nada, mulher... Deixa-me, não vá o diabo da rapariga...

— Não vá onde? A Gertrudes foi-se embora ha migalhinha...

— Foi-se embora!...

— Foi; o fidalgo parecia cousa ruim, e a rapariga deixou-me aqui os farrapinhos d'ella, e disse-me que cá os mandaria buscar...

Nova intimação ao mestre sapateiro. D'esta vez lá vae com cara de parvo, e capaz de se dar ao diabo e mais a sua preponderancia nos amores de D. Ignez.

Na presença de D. Christovão da Veiga, e de alguns franciscanos e dominicanos, todos mudos e severos como em trintario cerrado, estava o bom do sapateiro, tremulo e encolhido como em presença de inquisidores. O fidalgo não déra pela entrada do sapateiro. Com o rosto escondido entre as mãos e o peito, na postura mais afflictiva

do homem que sente devorar-se no intimo, Christovão da Veiga, aborrecido das consolações monasticas de seus numerosos amigos frades, ergueu a veneranda cabeça, quando mestre Antonio exclamou com melliflua entonação:

— *Ás ordens de v. exc.ª !*

Veiga levantou-se, e acenou ao sapateiro que o seguisse.

Na sala mais ermota, fidalgo e sapateiro fecharam-se por dentro.

— Sabes, Antonio, as desgraças que me vão por casa?

— E' verdade, fidalgo, já lá me chegou a triste nova...

— Da fugida de minha filha... d'aquella que eu esperava ter commigo até morrer...

— Ora, pois, como diz lá o dictado, «o bom filho á casa torna».

— Quem sabe, Antonio, se a estas horas... Maldita ideia!...

— Olhe, fidalgo... (Note-se que o sapateiro recuperára todo o seu vigor moral.) Eu não sei quem foi a culpa d'estas desgraças... Por ahi dizem que o senhor conde de S. Vicente pedira a fidalga em casamento, e que v. exc.ª não quizera dar-lh'a, a troco de umas desavenças sobre o sangue de cada um... Olhe, fidalgo, lá os antepassados de v. exc.ª são de sangue real, mas os do senhor de Panoias, tambem diziam os velhos que não eram somenos em linhagem que os Veigas...

— Quem te pergunta a ti por essas cousas?! Eu o que quero é a minha filha em casa...

— Honra lhe seja feita, senhor D. Christovão, isso é que é ter coração de pae... Eu logo disse á minha Bernarda que v. exc.ª tarde ou cedo chamava os dois esposos para a sua companhia...

— E chamo, porque não posso viver sem ella... Não

quero estas vergonhas, que me matam... E' preciso seguil-os, e não tenho alma de pedir a algum dos que por ahi estão n'essa sala o encargo de os chamar... Se tu fosses, Antonio, seguindo-os até os encontrares...

— Vou, fidalgo, e hei de topal-os, se Deus quizer, porque não pódem ir muito longe, que a noite não esteve para andar muito...

— Pois então vae, parte, que te apparelhem um macho, depressa, e diz a minha filha que venha para casa, que seja esposa do conde de S. Vicente, mas que o seja sem envergonhar seu pae... Entendes-me, Antonio?... como has de dizer-lhe?

— Que venha para casa quando quizer, e que o senhor conde póde tambem vir, que a troco do casamento não ha de haver nada...

— Bruto! — rosnou por entre os dentes D. Christovão — Espera... Eu vou escrever-lhe...

E' o que o fidalgo ia executar no quarto proximo, quando o tintinar das campainhas de uma liteira, e depois o borborinho de muitas vozes lá no interior dos salões o sustiveram encostado á ombreira do quarto.

— Quem chegaria?... perguntou D. Christovão ao sapateiro.

— Se v. exc.ª quer, eu vou saber.

— Naturalmente é o primo de Simães, ou o primo Osorio de Mondim... Seja quem for... Dá ordem ao meu capellão que mande esperar...

Mestre Antonio encontrou o capellão, que vinha em cata do fidalgo.

— Mestre Antonio, onde está o fidalgo?

— Está lá para o quarto, e diz que mandasse v. s.ª esperar o morgado que chegou.

— Vá dizer-lhe que é seu filho Pedro.

— Seu filho Pedro!

— Ande, não se demore...

Fizemos dizer uma vez a D. Christovão que tinha um filho chamado Pedro. Este Pedro, com que abrimos esta historia, segundo nos era permittido pelas leis do romance moderno, é justamente o filho de Christovão da Veiga.

Não são bem liquidas no manuscripto as razões que levaram o joven Pedro da Veiga fóra da patria, por esses dias que o viver dos nossos fidalgos de provincia era a negação absoluta do saber pelo viajar, e do viajar pelo recreio. O fidalgo de então tinha a sua liteira, a sua parelha de bons machos, a sua casaca de seda para a solemnidade de *Corpus Christi,* e a sua galeria de retratos a pincel de ladrilhos, cousa admiravel! A sua vida era fluente, socegada, e descansada, como um gordo volume da *academia dos humildes.* Era uma vida de estagnação, apenas serenamente agitada na occasião das ceifas, em que o fidalgo se levantava um pouco mais cedo para contar os almudes de vinho que entravam no tonel, e os alqueires de milho que atulhavam as caixas. Depois, o neto dos Castros e Coelhos e Athaides acordava só em dias de feira para perguntar o preço dos cereaes.

Maravilhoso é, portanto, o pensamento de Pedro da Veiga, nas suas viagens por Italia, durante quatro annos; e persuade-nos o proprio gosto de romances que não é cousa que faça pena esta falta de esclarecimentos. O que devéras se declara para maior realce d'esta historia, é que Pedro da Veiga ficou seriamente assombrado, quando deu de cara n'uma duzia de frades, que cercavam lugubremente o fogão onde elle esperava encontrar seu velho pae e sua linda irmã, saudosos por o abraçarem, e surpresos de o verem inesperadamente.

Os frades, não menos espantados ergueram-se a abra-

çal-o, e sentiram dolorosamente annunciar-lhe a infausta nova da fuga de sua irmã.

— Meu pae não está em casa? — perguntou o mancebo, mal contente dos venerandos amplexos das duas ordens de S. Francisco e S. Domingos.

— Sim, senhor... seu pae está em casa, adoentado, é verdade, mas vae vivendo — respondeu frei Antonio da Encarnação, mestre de latinidade, rhetorica, e doutrina, no seu convento.

N'este meio tempo é que — padre capellão se apressára a annunciar a Christovão da Veiga a boa-vinda de seu filho. O velho sentiu-se indemnisado de todos os desgostos, quando lh'o annunciaram. Seguindo os primeiros impulsos do coração, dirigia-se para a sala, quando o filho impaciente lhe saíu ao encontro, abraçandó-o em transportes de saudade. Pobre velho, as lagrimas e o silencio eram a saudação que elle teve para a metade que lhe restava do seu thesouro! Como se precisasse do coração da sua Ignez para quinhoar de tamanha alegria, Veiga, como suspenso entre o prazer e a amargura, parecia um pae de entranhas frias, obrigado pela hypocrisia a receber um filho nos braços.

— Meu pae!... eu desconheço este modo de receber-me...

— E não me desconheces estas faces acabadas pelo soffrimento?... Vem commigo ao quarto, meu filho... Antes de chorarmos ambos, tenho que dizer-te...

Mestre Antonio, perfilado a respeitosa distancia, quando viu transtornarem-se os planos do fidalgo, observou com a costumada humildade:

— V. exc.ª quer que eu siga o meu destino?

— Não: por ora não: espera um pouco, e veremos depois.

— Ora, queira Deus que a chegada do morgado não

venha cá fazer mais desarranjos!—Assim disse lá comsigo o sapateiro, muitas e repetidas vezes, até que adormeceu serenamente sobre um escabello da immensa fileira de escabellos que decoravam os salões e corredores de D. Christovão.

Os frades, desenganados da incompatibilidade do almoço com os acontecimentos do dia, saíram um a um até coarem-se todos juntos, pelos áditos dos respectivos refeitorios, e, resignados com a vontade do Senhor, diz o manuscripto que passaram o resto do dia, sentindo azedamente as desordens da casa dos Veigas, e pedindo nas suas orações a pacificação da familia, para melhor harmonia dos almoços e jantares.

Pedro da Veiga ia perguntar se sua mana estaria doente, quando o pae lhe atalhou a pergunta por este singelo e terminante annuncio:

— Tua irmã fugiu esta noite de casa!

Pedro cruzou os braços, fez-se branco como os folhos da sua camisa, cravou olhos de terror e delirio nos do pae, que choravam de cólera ou de amor, e esteve assim longo tempo leso de espirito e de corpo.

— Parece que te assombraste de mais, rapaz!...— continuou D. Christovão—tua irmã fugiu; mas a Providencia quer que a honra não fugisse com ella de nossa casa...

A estatua parecia animar-se. Era já menos carregado o semblante de Pedro da Veiga; mas á anciedade do terror, confuso de uma tal nova, succedera a da curiosidade. Ha pouco era o sangue que lhe refluira ao coração, e ameaçava quebrar-lh'o; agora é todo esse sangue que lhe ferve até ás pontas dos cabellos agitado pelo sentimento rancoroso de uma vingança provavel. Mais de tres vezes o convulso moço perguntára ao pae os promenores da fuga de sua irmã. O velho preparava-se para

contar as occorrencias d'este infausto acontecimento, desde a chegada do conde de S. Vicente a Villa Real, mas o filho embaraçava-o com as suas attitudes impacientes.

— Eu te conto, meu filho... Tu sabes que a nossa familia primou, entre as primeiras, na nobreza immemorial...

— Sim, meu pae, sei; mas diga-me o que mais preciso saber... minha irmã foi seduzida por algum vil sevandija da plebe?...

— Não; louvado seja Deus!... não; não é da plebe, é nobre como tu, e tão nobre como ella; mas... eu não sei quem teve a culpa d'esta desgraça...

— Que desgraça... meu pae?... falle, senhor, que me afflige com meias palavras... quem é esse homem?

— E' o conde de S. Vicente, é o morgado dos Tavoras.

— O conde de S. Vicente! Quem é aqui o morgado dos Tavoras, para violar o decoro de nossa casa!?

— Meu filho!... serenidade. O decoro de nossa casa não está violado... Fui eu que me enganei nos meus caprichos...

— Explique-se, meu pae!...

— Tua irmã foi-me pedida...

— Por o conde?

— Sim, e recusei-lh'a, porque antes d'isso...

— O quê?

— A nossa linhagem foi menosprezada por esse fidalgo ironico, frivolo, e incapaz de respeitar a nobreza de sua mulher.

— E depois?

— Não ha mais nada. Tirou-me a filha, e não sei com verdade...

— O que elle fará d'ella, não é assim?

— De certo...

— Mas devemos sabel'-o, hoje mesmo, senhor. Já pelo trilho dos seus cavallos, já, e immediatamente... Eu, eu só, perguntarei ao conde de S. Vicente se um Tavora, mais nobre que um Veiga, praticando a infamia de um rapto, é capaz de manter, á ponta da espada, a puridade do sangue vil que lhe farei saltar das veias...

— Pedro... é necessario que me attendas. Tens um pae, não menos que tu, brioso no seu pundonor. Se este desgraçado acontecimento fosse mancha de deshonra na face limpa de meus brazões, crê que estes braços de velho não se ergueriam a mendigar estranhos para defeza propria... Sou pae; quando os teus olhos vertessem lagrimas, estes verteriam sangue, meu filho. Não é á ponta da espada, e n'este seculo, que se vingam estas offensas intimas e reconditas de familia. Desgraçados de nós, se nos é preciso lavar com o sangue do raptor uma perpetua mancha de atroz deshonra de tua irmã... Não o creias... Deus não quer este enorme peso de aviltamento sobre o meu tumulo...

— Meu pae, não vale aqui chorar... Diga o que cumpre fazer...

— E' aquillo que eu estava praticando no momento da tua vinda. Enviemos um homem pela estrada do Porto até encontrar o conde. Mande-se-lhe uma carta de boas palavras; e outra a tua irmã, para que ambos venham a esta casa, e se unam sem escandalo, sem subterfugios clandestinos, e vergonhas d'aquella pobre pequena...

— *D'aquella pobre pequena*, diz meu pae! Bem pobre que ella é de sentimentos grandes!... Bem pobre d'essas virtudes, que eu esperava aqui vir encontrar em uma irmã que deixára innocente, singela e isenta no seu nobre orgulho... Tenho-lhe odio...

— Cala-te, Pedro!... Que é do fructo de longa experiencia que devias colher nas tuas viagens? Passaste de olhos vendados pelo mundo! Ignoras mesmo o que está dentro de ti!... Não sentes esse impulso de coração, que despedaça as mais duras prisões do orgulho humano? Comprehendo-te, Pedro. Se tiveste uma d'essas poucas fascinações de rapaz... se amas como na tua idade teu pae se não envergonhava de amar...

— Basta, meu pae; eu obedeço-lhe, e calo-me... Irei eu mesmo; quero ser o mensageiro d'essas cartas. Fallarei a ambos; não serei vil com o conde, nem cruel com minha irmã... Se as intenções forem sagradas, elles virão aqui mesmo ajoelharem-lhe, meu pae, e depois... seremos outra vez felizes; e nem mais uma lagrima, nem mais uma deshonra, porque se outra irmã me restasse... não seria ella o espelho do vilipendio em que minha face...

— Não falles assim... Não fallemos em deshonra... Queres partir, meu filho?

— Já, se m'o consente.

— Promettes-me a maior prudencia?

— Juro-a.

Em consequencia d'estas discretas resoluções, o leitor de boa fé, e as mães de familia, a quem a noticia d'este acontecimento chegar, sentem-se possuidos da romantica alegria que — digam lá o que disserem os estoicos — vem sempre consolar-nos da ingrata leitura de scenas amarguradas. Aqui a consolação dá-nol-a a proximidade de um casamento que deve celebrar-se a contento de ambas as partes, e sem vergonhas do mundo. Se as nossas esperanças se realisam, o copista d'estas cousas não dará mais credito a agouros de anneis perdidos, e de noites tempestuosas, e contrafeitiços de quantas *Joaquinas das Luzes* lhe vierem dizer onzenices n'este valle

de lagrimas e parvoices. Nós mesmos ignoramos o que vem adiante no manuscripto. Ha aqui uma especie de taboa quebrada n'este pontilhão romantico; e ahi vamos nós galgar o passo, porque não temos outra vereda segura que nos encaminhe a D. Ignez da Veiga e conde de S. Vicente.

Por uma especie de pelotica romantica, fomos, por debaixo de chuva e trovoada, syndicar o que era passado em casa de Christovão da Veiga, e deixamos a salvamento os fugitivos, além do ribeiro, fazendo suas reflexões tragicas aos perigos passados e á morte do cavallo. Sigamol-os agora, e não esqueçamos que os tres lacaios do conde, por não poderem transpôr a torrente, ficaram da parte de cá, ou de lá, segundo a linha em que o leitor estiver collocado.

D. Ignez, de espirito robusto e varonil, bem menos melindrosa que as nervosas senhoras da actualidade, sentiu-se gravemente dos incommodos corporaes. A vida exagerada, que lhe pulava no coração, como as contorsões musculares de quem sonha cemiterios e cadaveres, resfriára subitamente, e a debil menina, como despojada de emprestimo de vida, mal pondendo suster-se na sella incommoda, nem forças tinha para responder á palavras de animação, que o conde, mais timido que ella, lhe fallava.

O peior estava passado. Muito perto rugiam os soutos e pinhaes que circuitavam a vasta aposentadoria do senhor de Panoyas e Margaride. D. Ignez apeára, e, sobraçada com o conde, subia lentamente a encosta, em cujo cimo negrejava, erguido entre espessuras de sarças, o gigante de cantaria, o castello dos Tavoras, grave e carrancudo. Era negro o pensamento que voejára do coração de D. Ignez para os miradouros angulares do castello! Com a vista turbida e perplexa, a amante de Tavora

parára diante d'aquellas paredes, como se a negridão, que as entristecia, fosse o enorme crepe do gigante levantado em seu sarcophago. Que era lá de fascinador n'esse monte de pedras, que assim travava do espirito flebil e timorato de uma virgem de dezoito annos!? Não o sabia ella mesma, talvez; não o sabia o conde; mas poderia adivinhal-o quem, por dorida experiencia de infortunios, creasse um methodo de explicação entre o coração e o terror, o présentimento e o futuro.

— Queres aqui ficar assim extasiada diante do teu castello, Ignez?

Era inutil o sorriso com que o conde embalsamava esta sua pergunta jovial e despertadora. Ella não respondera, e permanecia, sustendo-se no braço d'elle, a olhar, a olhar para cima como a cotovia, aninhada no restelo da varzea, para as azas negras do milhafre, que esvoaçavam libradas sobre ella.

— Então, minha filha, vamos?

— Ah! conde... eu estou soffrendo tanto!... Tenho aqui o coração a dizer-me tantas cousas tristes.... Este teu castello aterrou-me de um modo tal...

— E tens medo a esse môrro de pedras?

— Medo!... eu sei cá o que é este sentimento?...

— E' medo!... Ora *surriada*, minha creancinha, que tem medo do papão!...

— E tu não sentes nada, ó Tavora?

— Eu!

— Sim... tu não tens aqui dentro nos segredos do coração uma ameaça para o futuro?

— Não, Ignez. Dentro d'aquellas portas espera-nos a paz de toda a vida. A tua saude, e o teu amor, minha querida, é o que eu peço a Deus e a ti. Não será Deus nem tu que me tornem depois infeliz... Não me diz

nada o coração, que me atemorise... O teu... diz-te muito?

— Oh!... muito...

— Pois já que o ouviste, ouve-me tambem agora. Vamos d'aqui: estás gelada, precisas de agasalho e descanso... Não me ouves, Ignez?

— Ouço-te, sim: mas... livra-me d'esta agonia, que me tira a respiração!...

— Era realmente incomprehensivel o soffrer d'aquelle anjo. As lagrimas, descendo-lhe nas faces frias, gelavam-se, e, nem ao menos, lhe descontavam na dôr a porção que vem travada no amargor do pranto.

A breve distancia do castello á aposentadoria foi custosa de vencer para D. Ignez, que, finalmente, se deixou encaminhar, quasi passiva como um autómato, e como se o espirito lhe ficasse consubstanciado nas ameias dentadas do castello.

Em torno da casa era o profundo silencio das ruinas. Os molossos açaimados no quinteiro rugiam a seus incognitos amos, e os caseiros, que velaram toda a noite, appareciam nos patamares das escadas com as classicas candeias para receberem os novos esposados.

— Como vem enfiada, minha fidalga!... benza-a Deus, que tão bonita e delicadinha é!...

Assim dizia a tia *Benta do João*, quando a nossa linda fugitiva lhe lançava o braço esquerdo em volta do pescoço, para se amparar na subida dos cincoenta degraus da escada.

D. Ignez sorriu-se á simplicidade da tia *Benta do João*, cujo appellido era o nome do seu homem, geralmente conhecido pelo *João da Benta*.

O interior dos casarões dos Tavoras, ou da *casa da renda*, como, com mais propriedade, os foreiros lhe chamavam, era uma sombria fileira de salões irregulares,

escuros e vazios. A voz e os passos despertavam por lá uns eccos soturnos a reboarem por aquelles desvãos, cousa melancolica de ouvir-se. A' excepção de um sobrado quadrangular, tecido no tecto por grossas vigas de castanho, com a sua rosa de arabescos abertos a enxó, o resto d'esse longo dormitorio de aranhas e ratazanas prodigiosas em corpulencia, eram caixas de pedra, tapadas de ripas e colmo, respirando por grandes fendas gothicas e manuelinas.

Esta é a fugitiva descripção da moradia de D. Ignez da Veiga e conde de S. Vicente na madrugada de 7 de fevereiro de 1701.

A fallarmos do quarto do mordomo, na ausencia do senhorio, nada teriamos a contrastar com o apparato das salas. Era um quarto de cantaria, sobradado de taboas carunchosas, e forrado de castanho com alguns lavores grosseiros, informes e descommunaes. A mobilia resumia-se a um catre de pau preto, com armação de velhos damascos, afóra uma guarnição de espadas e clavinas, que ao mesmo tempo lhe davam o aspecto bellicoso de um arsenal de monteiro-mór de provincia.

Ignez atravessou por todos esses tristonhos salões até ao quarto; ahi, quebrada de forças, e enregelada de frio, mal sentiu a ausencia do conde, que se despedira, recommendando á senhora *Benta do João*, que fizesse deitar a senhora condessa, despindo-a e agasalhando-a com quanto desvelo podesse.

O conde, feitas as necessarias mudanças nos vestidos molhados, partiu para o castello. Já dissemos, no rapido esboço d'esse mal denominado castello, que não era pelo apparelho de uma só peça quadrangular, coroada de ameias, e aberta em primorosos balcões a meio panno, que deviamos consideral-o fortaleza ao molde de algumas ruinas, que mui raras se deparam em Portugal.

Não temos noticia de outra machina de pedra assim construida e duvidosa no seu uso. Folheando, quanto nos foi possivel, os solares dos extinctos Tavoras, e ainda os foraes da terra de *Panoyas* ou *Panonyas*, encontramos o silencio similhante, não sabemos por que á esse enorme tumulo, que nada diz de si aos que ainda hoje quizerem, na solidão do seu pardieiro, chamar alli o seu nobre fundador a razões de arte. O povo, ao menos, baptisando-o *Torre de D. Chama,* explica um facto adulterado segundo o seu costume. Até onde o manuscripto for com o seu escalpello, na descoberta d'este facto, iremos nós tambem. Se a crença popular não for mentida, a historia da moura, que nos foi contada por o tio *Antonio da Maria*, deve ter o seu desfecho tragico n'este anno de 1701.

Temos gasto muitas palavras para dizermos que o conde de S. Vicente, para transpôr o fosso do seu castello, não precisava tirar da buzina um som agudo, a fim de lhe descerem a ponte levadiça, com grande estrondo de ferrolhos, e apparato de pagens e escudeiros.

Só, com o *Bento da Maria*, homem de sócos, véstia de saragoça, e enxada ás costas, o neto dos reis de Aragão entrou dentro do seu castello, e insinuou-se pela espiral de uma perigosa escada a pendurar-se no alçapão que se abria para o interior de uma sala. A decoração d'esta sala era a primorosa de cincoenta annos anteriores. Largas cadeiras de espaldar estofadas de veludo carmesim, mesas de douraduras sinuosas, e relevos de riquissimo lavor, dois reposteiros de raz vermelho, onde, em torno das floreadas armas dos Tavoras, brilhavam, em tecido de prata de muito custo, as palavras:—REGES DESCENDUNT Á NOBIS, NON NOS Á REGIBUS —taes eram os objectos que resplandeciam ao tremulo clarão do archote, que, momentos depois, foi substituido por qua-

tro lumes, cousa muito para ver-se, e mais para admirar-se. Eram quatro serpentes vomitando as quatro luzes das jubas encarniçadas pela refracção do fogo, ao mesmo tempo que pareciam estorcer-se de magoadas entre o bico de uma orgulhosa aguia que, do fecho do tecto, as reprezava pela extremidade escamosa da espinha dorsal.

O conde de S. Vicente, depois que friamente ahi passou por tudo, virando-se para o caseiro, e apontando para um dos quartos, vedados pelo reposteiro, disse:

— E' preciso que este quarto se desoccupe; que o altar da *casa da renda* seja para alli mudado, e que o abbade de Villa Marim venha ahi ámanhã dizer uma missa.

Dito isto, que realmente é mysterioso, o conde saíu, o castello adormeceu com as suas quatro luzes, como o feretro alumiado pelo oscillar funéreo dos cirios, e depois aquelle homem mysterioso, mudo e severo como a alma penada que passa, entrou na *casa da renda*, abriu mansamente a porta da camara de D. Ignez, escutou-lhe a respiração, viu que dormia profundamente, limpou-lhe as bagas de suor que lhe borbulhavam da face, e sentou-se 'á cabeceira do leito com os olhos fitos no anjo, que dormia no regaço da virgindade.

CAPITULO XIV

Dizem-se cousas interessantes,
como por exemplo o encontro de Pedro da Veiga
com tres phalansterianos intempestivos,
e outras muitas cousas que se não dizem aqui
por causa da surpreza.

Dissipados os primeiros fumos de fidalguia no estado de fervura, Pedro da Veiga era mancebo razoavel, discreto e reflectido. Defenda-nos Deus que o brioso infanção, de alma galhardamente endurecida a conselhos paternaes e mal-ferido em seu pundonor por cavalleiro de ruins manhas, viesse a demandar o roubador de sua irmã, como quem, á ponta de espada, e repto a todo o trance, busca de insoffridas villanias desaffrontar-se! Oh! a que meia duzia de classicas cutiladas não teria o leitor de piedosamente assistir!

Ou porque a metaphysica dos grandes brios nada fosse por esses tempos, ou porque o auctor do manuscripto, que lealmente annotamos, era homem pacato n'estes assomos de pancadaria, o certo é que ahi está o romance, mais de meio do seu primeiro volume sem nos fallar de uma tremenda sova de pau, como é de uso lá

por cima; ou de duas punhaladas, em noite de cerração, atraiçoadas no medonho de sombria viella; ou, ao menos, e para maior realce do copista, se, no embrulho d'estas ensossas philosophias, tivessemos uma vista de carcere, com o seu preso pallido e arripiado, afóra a bilha de agua e as palhas e o carcereiro de vesga olhadura, e depois... (isto era bonito!) um encapotado a surdir de um alçapão com uma lampada de furta-fogo e uns bigodes tyrannos, e aquelle homem tetrico bater no hombro do preso, que treme nas suas carnes maceradas, e este, que reconhece o seu rival, gritar *inferno! maldição!*... e rir, e rir, e rir de um riso enfurecido e vibrado de todo o rancor das suas entranhas, e... finalmente, fechar assim o capitulo, para começar o outro por: *Era alta noite!*... Isto é que era romance, palavra de honra!

Já agora, condemnado o manuscripto de insufficiente, e salva a minha reputação litteraria pelo muito que isto me peza, sigamos resignadamente a historia até onde, mais vizinha da actualidade, e independente do gelado formulario do viver no seculo XVII — possa ella desaffrontadamente barafustar por palacios e lupanares, carceres e cadafalsos, tudo com uma linguagem que nos falle ao coração, e faça verter lagrimas de edificante moral aos nossos pequenos.

A historia continúa:

A fugida de D. Ignez da Veiga deu que fallar em Villa Real; mas na critica da vinda imprevista, e rapida saida do irmão, estafaram-se os mais robustos pulmões de soalheiro.

Pedro da Veiga, que uma hora apenas se demorára na casa paterna, descia vagarosamente a encosta de *Almudena*, que, por esses dias, á excepção de um escabroso caminho de carro, era coberta de urzes, sargaços, e

fraguras. Esta noticia topographica, parecida com uma frioleira, não é o que parece. A critica é diabolica. Se me contestassem por inverosimil o adverbio *vagarosamente*, que adduzi á descida do cavalleiro, em tão apressada commissão, iria eu á camara municipal de Villa Real extrahir actas comprovativas da pessima estrada que Veiga descia, para justifical-o da sua fleugma, ou do meu contrasenso.

A historia continúa:

Nas raizes da montanha, Pedro da Veiga esporeou açodadamente o seu ginete. Por detraz das agulhas pardacentas do *Monte de ordens* levantava-se o lindo sol de fevereiro com a face desassombrada de nuvens. Quem tão sereno o visse no seu throno de fragas, assim radioso de vida por aquellas veigas açoutadas e varridas da sua vegetação, diria que o Senhor das tormentas quizera, em vinte e quatro horas, ostentar-se na sua grandeza de aniquilação, e na sua exclusiva soberania de Creador. O brilho do sol depois do clarão do raio, a hervinha a scintillar no prado sob uma restea de luz, e o ruidoso baquear do carvalho da encosta arqueado pelo furacão indomavel da tempestade, estes são os contrastes da omnipotencia do Eterno.

Ao longo das amuradas da serrania agreste, por entre aquellas varzeas refulgentes em seus globulos de chuva, relinchava o fogoso ginete de Pedro da Veiga, corcovando-se em reforçados galões, quando atufado em lamaçaes, as esporas do cavalleiro impaciente lhe picavam os ilhaes. O castello dos Tavoras, na aldeia de *Lordello*, ficava á direita do viageiro, que mui longe levava seus pensamentos para por elles adivinhar o que alli, áquellas horas, se passava no interior d'aquelle severo e calado monumento de pedras ennegrecidas. Ao sopé da povoação chamada a *Villa de Mondrões*, Pedro da Veiga,

sofreou as redeas do cavallo, vendo-se cortado pela corrente caudalosa, que livremente colleava, como empavonando-se de arrancar pelos alicerces o robusto pontilhão que durante um seculo a dominara. Não era tão energico o intimo estimulo, que levára o nosso fidalgo ás margens d'aquella torrente sem passagem, como, horas antes, outro estimulo impellira sua irmã ao váu d'aquelle mesmo rio. Pedro da Veiga parou e reflectiu. A não se arriscar ás incertezas da natação, o melhor, senão o unico dos recursos, era voltar no mesmo trilho, cortar a estrada para o castello dos Tavoras, atravessar ahi nas poldras com o cavallo á redea, e costear os desfiladeiros de *Penellas,* até deparar as vastas campinas de *Campeã,* dominadas pelos cabeços nevados do *Marão.*

N'estes planos em que o fleugmatico Pedro da Veiga pesou sériamente as suas commodidades, vieram-o distrahir tres homens, que ao mesmo tempo estacaram diante do rio invadiavel. O seu trajar era uniforme. Fardas compridas, e carcellas orladas de vivos azues e verdes, chapéos de sola e aba larga com estrella vermelha a um lado, gola e canhões da côr das divisas, calção amarello de camurça, e bota de bezerro cru, fendido externamente entre dois broches de metal; esta era a libré do conde de S. Vicente, e estes os lacaios do mesmo senhor.

Pedro da Veiga, pouco sabedor de librés, não atinou com o senhorio d'aquella gente, mas protestou não saír d'alli sem conhecel-o.

— Então querem tambem passar para além? — perguntou o Veiga com esta curiosidade de quem quer armar ao conhecimento.

— E' verdade que sim, senhor, mas parece-me que d'esta vez não vamos lá... — respondeu o mais velho dos tres, que por signal se chamava *Gervasio Pires.*

— O remedio que temos—continuou o fidalgo—é ir ás poldras de Lordello...

— Isso era bom... de lá vimos nós, mas levam mais de tres palmos de agua.

— Se houver homem que lá passe — acrescentou o *Caetano Alves* — eu ponho ahi já de aposta um cruzado contra um tostão... E então, ainda que eu seja confiado, v. exc.ª vae para a estrada do Porto?

— Vou; e vocês vão tambem?

— Nada — respondeu Gervasio como o mais auctorisado—nós vamos cá n'outro caminho mais perto... V. exc.ª já vem de longe?

A esta pergunta Pedro da Veiga demorou-se na resposta. Não é milagre nenhum que taes homens assim vestidos, e caminheiros de sitios proximos, lhe fizessem, além da impressão da curiosidade, a da suspeita mais ou menos relacionada com o conde de S. Vicente. Antes, pois, de responder, perguntou o Veiga:

— Ora digam-me: a quem pertencem vocês com esse fardamento, que me não parece provinciano?

— Nós—redarguiu Gervasio Pires—nós pertencemos a nosso amo, que é um fidalgo tão conhecido na terra de Portugal, como o grão turco nas Europas.

— Apre! vosso amo deve ser cousa que não cabe cá n'estas provincias do norte!... Elle é homem que ande cá na terra como os outros?

— Anda na terra, e na agua, quando é preciso, meu fidalgo.

— Quem lhe disse que eu era fidalgo?

— Diz-m'o esse capote de pellicas com broches de prata, e essas botas de bezerro lavrado com esporas douradas. Emquanto á espada, muitos a trazem por ahi na bainha como cacifro de enfeites de mulher...

— Isso é que é fallar ás direitas... mas o peior é não

podermos passar... Vós sois de longe, ou ides para perto?

— Vamos para perto... se podermos iremos ahi para...

A não ser uma cotovelada do sisudo Gervasio Pires, é natural que o ingenuo Caetano Alves acabasse o recado.

— Então não deixas fallar o teu companheiro?

Esta reflexão de Pedro da Veiga ao acotovelar do mais velho, vinha muito ferida de suspeitas. Desde logo a irritabilidade do mancebo espinhava-se em ares severos com aquella gente, muito vil para ser mysteriosa.

— De quem sois lacaios?—interrogou Pedro da Veiga imperiosamente.

— Somos *lacaios,* sim, senhor, não nos envergonhamos d'isso, senhor cavalleiro.

— Vamos—replicou iradamente o mancebo—quem é o vosso dono?

— Somos criados do senhor conde de S. Vicente—respondeu Gervasio.

— Onde está o conde de S. Vicente?—replicou Pedro da Veiga, contrafazendo-se nos assomos colericos que um tal nome lhe aferventára lá dentro.

— Não sabemos: nem podemos responder a mais nenhuma pergunta.

— Não podeis responder?

— Não senhor.

— E se eu vos mandar conduzir ás cadeias de Villa Real?

— Iremos...—respondeu o *João Lisboa,* que até então estivera mudo—Iremos lá, se quizer... mas chame tres ou quatro como o senhor.

A vontade do nosso fidalgo era atirar com o cavallo para cima d'aquella gente; isso era; mas o juizo prudencial, a experiencia, e tudo que quizerem, menos o

temor, contiveram-o, e demais a mais mascararam-o de uma certa jovialidade e prazenteria, que os lacaios entenderam mal. Dos tres, o que mais brutalmente ajuizou da placidez risonha de Pedro da Veiga, foi o tal *João Lisboa,* cujas fumaças de valente, garantidas por alguma facada em rixa de boleeiros, auctorisavam-o a insultar e bater, sendo necessario meia duzia de lambadas nas costas franzinas do fidalgo. Esta persuasão não é muito boa cousa nos conceitos do animal feroz e estupido chamado boleeiro. Mau é que esse alvar elemento da escala moral, annel entreposto ao arreeiro e ao aguazil, se convença da grandeza relativa do seu instincto, sempre cerval e nauseabundo! Alma, que aliás a tem, e não lh'o questionam os *reformadores,* converte-se em demonio inflammado, se fatalmente as peias do terror lhe estalam no seu estrebuxar de tigre. Ha d'essas feras com abundancia n'este nosso sertão, onde a philanthropia de alguem forceja em domestical-as, com a theoria da igualdade e fraternidade, como se meia duzia de javalis, mettidos fraternalmente n'uma gaiola, podessem conciliar-se com estes domadores de feras.

Já se disse que Pedro da Veiga não estremecia das iras asselvajadas do *João Lisboa.* Ver, viu elle como na grosseria d'aquella cara material assomava o torcer dos olhos, e o carregar da sobrancelha, que realmente são cousas de aterrar n'esses aspectos ferozes no contentamento e na dor.

— Então, amigos...—disse Pedro da Veiga—vós deixastes ir os vossos amos por essa estrada sósinhos?

— Os nossos amos! — replicou em ar de escarneo o *João Lisboa*—nossos!...—repetiu, soltando uma gargalhada ridicula e sarcastica—os nossos amos!... por ora não temos senão um...

— E' verdade—confirmaram os outros—cá por estes

penhascos endiabrados só temos um, e tomáramol-o nós d'aqui para fóra, senão cá morremos de frio n'esta terra de broeiros e tamanqueiros.

Pedro da Veiga, cujos olhos principiavam a fuzilar, continuou:

— Mas disseram-me que vosso amo levára para Lisboa a que ha-de ser sua esposa...

— Isso lá veremos... senhor passageiro. O nosso amo costuma fazer dois ou tres casamentos d'estes em cada anno...

— Que queres tu dizer com isso, miseravel!?

Este interrogar cheio de despreso, indignação e cólera, fez trepidar o lacaio. Depois a mão direita de Pedro da Veiga, travava no punho da espada, e o salto improviso do cavallo para o logar dos tres, que mais velozmente se afastaram, foi acção de mais para que os villãos formassem no seu bestunto uma outra ideia do adestrado cavalleiro.

— Que queres tu dizer, miseravel?—repetiu Pedro da Veiga, como quem mal póde suster o golpe que, depois de uma resposta, deve desaffrontar o injuriado.

— Tenha lá mão, senhor fidalgo!—respondeu Gervasio Pires—nós não sabemos com quem fallamos...

— Responde, bruto — onde está teu amo?

— Saberá v. exc.ª...

Esta humilhada resposta, especie do ultimo arranco d'aquelle feroz orgulho popular, foi mal pronunciada, já quando a espada do irmão de Ignez parecia ensaiar-se para o primeiro golpe. Os lacaios olhavam-se mutuamente, como se cada um quizesse conferir aos outros a gloria de responder, e a primazia de uma cutilada.

— Respondes, selvagem? — tornou Pedro da Veiga, esporeando outra vez o cavallo para o reducto que subitamente os parvos desamparavam.

— O senhor conde de S. Vicente está no seu castello de Lordello — respondeu Gervasio, que diz o manuscripto ser de todos o mais tolo, o mais covarde e o mais prudente.

— E uma mulher que elle trouxe fugida?

— Tambem lá está, creio eu, senhor...

— Olá! — todos adiante de mim até esse castello!... Ao primeiro que saír da estrada disparo-lhe uma clavina nas costas...

—Mas saberá v. exc.ª que se não póde passar nas poldras...

— Adiante, canalha! O primeiro que ousar fazer-me reflexões, parto-lhe o craneo em pedaços...

Viva o povo soberano! Elles ahi vão, os reptis esmagados na cabeça, mansos como borregos, a tremerem do chôto do cavallo que os fórça a caminhar mais lestos do que vieram!

Mas o *João Lisboa* tinha más entranhas, e imaginava alguma das suas. Pelo que elle fez não é facil conhecer-lhe as tenções. O caso é, que por uma azinhaga estreita e resvalladiça o tal heroe de taverna, como quem se desvia por melhor trilho, ficára um pouco atraz do cavalleiro. Pedro da Veiga, profundamente atribulado pela visão de scenas que se lhe antepunham, foi estranho áquelle passo traiçoeiro do laçaio. Este, quando mais opportuno o ensejo lhe pareceu, galgou o socalco de uma tapada, pareceu baixar-se por uma pedra, fez a postura de arremessal-a e sentiu fallecer-lhe o braço no mais interessante do movimento, porque uma bala, quasi á queima-roupa lhe cortara os tendões do hombro. Justamente o porco-montez depois de ferido, *João Lisboa* saltava por entre aquellas estevas e mattos, cousa prodigiosa de ver-se, pelas bandeirolas de variadas côres que a sua libré deixava nos espinhos das sarças e tojaes. Os

dois, faça-se-lhes justiça, não se mexeram, nem sequer lamentaram a sorte do seu companheiro. Com a mesma presença de espirito, Pedro da Veiga foi indo o seu caminho, e mostrando a seus passavantes a estrada que tinham a seguir.

Iremos ver o *João Lisboa,* correr, correr, até, naturalmente, cair de esfalfado, e exangue n'algum barrocal. Bem longe d'isso. O homem tinha boa carnadura; por effeito da equidade providencial, sobrava-lhe de robusta materia o que lhe minguava de espirito. Seria vaidade querer mostrar por isso que alguns homens nascem para o cortejo da estupidez, com os seus braços musculares, rijos e tersos. Estes é uma loucura social mandal-os ás universidades, quando a agricultura e o commercio exigem pulsos para uma enxada, e espádoas robustas para uma alfandega.

João Lisboa era um ente pensante.

Este fidalgo, que me deu para baixo (disse elle lá comsigo mesmo) é um rival de meu amo, e meu amo não é mais homem que elle. Se eu não fôr adiante avisar o senhor conde, e alarmar os labregos da aldeia, este malvado é capaz de ir dar com a bôca de meu amo na botija, e alguma sóva lhe dá, como, pelos modos, costumam dar estes cabreiros da provincia. Eu, por mim só, não posso dizer-lhe: «Tenha lá mão! se dá um passo, aleijo-o!»; e os meus companheiros é gente com que se não conta, covardes como o diabo que os leve! Devo, portanto, chegar primeiro que elles a Lordello. E demais eu tenho o braço direito esburacado; se arrefeço, não sou capaz de me mexer... Mau raio parta o caminho, que é de cobras e lagartos... Animo! meu *João Lisboa*, que déste com o teu homem....»

Não ha duvida: era um ente racional, e taes eram os pensamentos que elle cogitava caminhando pelos alga-

res e ribanceiras da margem esquerda do regato. Chegando ás poldras, atalhára um quarto de legua, muito a salvo das iras de Pedro da Veiga, que, segundo elle confessa, não era homem para brincadeiras. O ferimento não lhe estorvava o bracejar: o sangue colerico e alvoroçado readquirira a sua ordinaria temperatura.

A cheia do regato diminuira quantos palmos de agua lhe emprestára a tempestade. A passagem nas poldras era livre de perigo para *João Lisboa*, que as transpoz com ligeireza e felicidade. Do cabeço da encosta, coroada pelo castello dos Tavoras, o lacaio, abatido e alquebrado de cansaço, olhou para os montes de além e viu Pedro da Veiga, marchando solemnemente na rectaguarda dos seus pobres companheiros. A sua vontade foi berrar-lhe para lá uns epithetos frisantes, que elle sabia, mas, muito mais que a offensa moral, doiam-lhe os musculos e ligamentos do braço. Chegando ao quinteiro da *casa da renda,* João Lisboa sentiu-se estonteado por calefrios e agonias. A ferida principiava á aterral-o. A dôr phisica é a que faz trepidar os homens d'aquella tempera; por ella é que o lacaio do conde de S. Vicente se deu mais consideração no seu curativo, que nos interesses amorosos de seu amo. A senhora *Benta do João*, que não sabia das aventuras do moço, matou-lhe a sêde com um pucaro de agua-ardente, que, segundo ella, provava a preceito em catarrhos e constipações. *João Lisboa,* de uma vez, armazenou tanta agua-ardente, que o resultado foi dar-lhe na fraqueza, como acertadamente disse a tia Benta, a ponto de o estender em terra, sem accôrdo, nem disturbios de embriaguez.

A mulher estava realmente atriagada com aquelle tombar silencioso e assustador! Não valeram borrifos de agua, nem fumos de alecrim, nem esfregações de carqueja nas solas dos pés. *João Lisboa* era o bebedo no

sublime do seu estoicismo! Impassivel, carrancudo, e entorpecido, de vez em quando sussurrava um d'estes arrotos acidos e odorosos como a explosão da fervura a saltar da torneira de um alambique.

— Esse homem está bebedo... é o que elle está...— disse o tio *João da Benta*, com entonação de sciencia e certeza.

— Parece-me que não dizes mal, João — respondeu a tia *Benta*—vamos nós despil-o e agasalhal-o?

— Deixa-te d'isso: calor tem elle de sobra; deixa-o dormir as vinte e quatro horas da lei, é elle que se dispa depois á sua vontade...

— O' homem!... isto era uma caridade... e não vês que elle é criado do senhor conde?!

— Seja elle o diabo, que o leve, e mais o amo. Eu sei cá desapertar essas aldrabas que elle ahi traz nas pernas!... E sabes tu que mais, mulher?

— Diz, homem...

— O fidalgo não veio cá fazer boas obras...

— Então? elle, pelos modos, veio casar com a fidalga dos Veigas...

— Eu sei cá se elle... Emfim, isto não me cheira... Olha lá esse diabo como ressona!... E' a minha aguardente a fazer dez graus...

— Deixa lá o homem...

— Olha lá, João... não vês aqui por entre o souto um cavalleiro e dois homens a pé?

— Podera não!... e queres tu ver que são os outros dois lacaios do amo?...

— E olha que são... Mas quem é o homem que lá vem?... parece fidalgo, assim me Deus salve!

Effectivamente chegava Pedro da Veiga.

Não era já o homem de paz que viramos abraçar seu pae tres horas antes. Commissario de uma vingança, in-

flammada pelo estupido motejo de um lacaio, o joven irmão de Ignez exprimia nas contracções do rosto incendiado a febre da desaffronta que lá dentro o queimava. Nem sua irmã, nem o traidor, nem mesmo seu velho pae, teriam a esperar misericordia, amor, ou sujeição áquelle que alli ia vingar uma geração de pura fidalguia — geração *inteira*, porque as ultimas nodoas são sempre as primeiras.

CAPITULO XV

Os mysterios do castello de D. Chama, e os de um abbade mysteriosissimo

Temos de entrar no quarto de D. Ignez, onde a deixámos em somno de sobresaltos, vigiada pelo seu carinhoso conde.

Seria falta de franqueza tornar mysteriosa essa noite, que, sem offensa das mães de familia, póde ser historiada até ao nascer do sol, sem o subsidio de reticencias, e engenhosos subterfugios.

Tavora contemplava um anjo. Assoberbava-se de ser o homem para quem descera do céo a mulher que alli dormia, ás vezes serena como a virgem no regaço maternal, outras vezes convulsa como a virgem beijada, em sonhos de amor, por um d'esses beijos phantasticos, que filtram ao coração o calor de certa chamma, que a donzella, se o fôr, não saberá dizer o que é... e eu, sabendo-o, não o diria.

D. Ignez, na tão linda agitação do seu sonhar febril, expunha aos olhos de um amante sequioso as mimosas molduras de seus braços. Como se o anjo da guarda lhe protegesse o pudor dos seios, a orla rendada do lençol,

menos alvo que elles, enredára-se-lhe nas tranças desgrenhadas e soltas em roscas voluptuosas.

Tavora, electrico nos olhos, nos labios e na imaginação, aspirava n'aquella atmosphera inebriante as particulas subtis de um ether que lhe vibrava espirito e corpo com estremecimentos vertiginosos, e cálidos de anciedade.

E tudo isto era incendiario; mas o conde de S. Vicente respeitava o sagrado penhor da sua confiança como o avarento que não ousa tocar n'um thesouro que alli tem, certo, seu e indisputavel.

A's vezes, quando a febricitante repellia de sobre o peito rociado pelo suor a franja diaphana do lençol, Tavora, sofreando a respiração convulsiva, aconchegava-lhe do pescoço o lençol com tanto carinho, com tão mimosa subtileza, que, nesse estremecido cuidado, revelariam anjos toda a sua ternura pelo Creador, se, n'uma hora de repouso, lhes fosse confiada a sua segurança.

D. Ignez da Veiga estava enferma: o cansaço de per si não fôra bastante para aquelle dormir, se assim póde chamar-se á lucta do espirito com o torpor dos sentidos.

Sobre a madrugada, as faces da futura condessa de S. Vicente eram de fogo. O pulso arfava-lhe pulsações desordenadas. O coração elevava e abatia no seu arquejar o setim vermelho da coberta, que tanto se alindava n'aquellas molduras de jaspe.

O conde temeu, e querendo animar-se de um olhar da sua enferma, chamou-a com uma voz de maviosa intimidade, com certo receio, pejo, affecto, ou terror, que tudo póde chamar-se a esse mystico sentir que obriga o homem ao soffrimento surdo, para se não matar na esperança, interrogando um futuro incerto.

— E poderá ella responder-me ?—dizia o conde na sua secreta atribulação — e se me não responde... terei eu

presença de espirito para esperar o conforto de Deus! Mas ella respira... Agita-se-lhe n'este seio uma vida tumultuosa... Resalta n'estas faces o sangue ardente de uma infancia robusta... Se esta febre lhe consumisse as forças... Se logo, no abrir amortecido d'estes olhos, brilhasse a lagrima do desalento mortal... Não!... isto seria um capricho atroz... meu Deus! eu peço o vosso amor para este anjo, que mais me avizinhou da vossa omnipotencia... E' uma vida immaculada, que a sociedade perversa mancharia, se antes de ligar-se á minha voasse ao seio do Creador!

Estas doridas supplicas, que mais vezes se fazem do que se escrevem em romances, suspendeu-as um gemido de D. Ignez. Tavora, quasi pousando o ouvido esquerdo sobre os labios d'ella, quiz despertal-a, agital-a, mas, não sei por que magia de reverente pudor, a mão tremula não ousou ainda.

— Ignez! — murmurou o conde.

Nem um movimento em resposta.

Depois, ouvira elle umas palavras soltas, e indefiniveis: começava o delirio. Um espirito livre e innocente ia agitar os labios da virgem, onde a mentira e o orgulho poderiam ter fallado uma vez. O conde, com a face encostada sobre a mão direita, e segurando com a esquerda a coberta, tantas vezes repellida, esperou, anciou até que emfim ouviu o febril tumultuar d'aquella alma inquieta e adejante n'um carcere de fogo.

— Deus não quer este amor... Tu tens alguma grande restituição que fazer... Toda esta gente se conspira contra nós... Estou amaldiçoada... Este castello é negro como o meu tumulo...

Não sabemos pintar as torturas reconditas, sem um grito, sem uma lagrima, no coração do homem. Tavora soffria as cruezas da sua dor, e os prejuizos do seu

seculo. Era com elle aquelle fallar...—*Tu tens alguma grande restituição a fazer.* Teria? A sociedade, a côrte, e os seus inimigos não o condemnavam por ella. O proprio manuscripto fez-nos já conceituar lisongeiramente o amante de D. Ignez... Tudo parecia abonar-lhe virtudes nos fastos impudentes da côrte do seu rei. O que o João Lisboa dissera a Pedro da Veiga: «*Meu amo faz d'estes casamentos dois cada anno*» deve eliminar-se da muito circumspecta historia, que vamos annotando.

D. Ignez, depois de alguns minutos e tremores, delirou ainda:

— Se o altar do nosso juramento... fosse a cruz do tumulo de nós ambos!... Sou tão nova para morrer! Eu queria viver muito para amar-te muito tempo... Que frio! que estrada tão má... Que gelo!... conde!...

— Ignez... estou aqui... ouves-me?

As circumstancias eram já outras. Tavora precisava convencer-se de que tudo aquillo era mentira, e delirio. Para o seu fim ninguem dirá que o processo que elle adoptou seria o mais logico, mas, bem ou mal, o conde, entendendo que devia despertar Ignez, agitou-a com todo o melindre; elevou-lhe um pouco a cabeça sobre o seu braço esquerdo, chamou-a com muita brandura, com muito amor; e vendo alfim a mudez d'aquelles labios, apenas tremulos de uma crispação nervosa, Tavora, por um d'esses nobres desvarios de amante, collou um beijo compressivo e abrazado...

Um beijo!...

Serenae, respeitaveis mães de familia! D. Ignez da Veiga estremeceu... abriu os seus grandes olhos... sorriu, e pareceu agradecer aquelle beijo...

N'aquelle singelo sorrir da linda enferma estava uma d'essas grandes paixões, que dão assumpto para trinta paginas. Não é de hoje esta especie de tachygraphia

amorosa applicada, nos olhos e no sorriso, á revelação de immensas sensações. Quanto mais longe de nós, mais afinado o sentimento, menos astuciosa a linguagem, e mais necessaria a expressão muda nos olhos baixos, ou nos castos sorrisos de uma donzella do seculo passado.

O conde tambem sorriu, o que é muito natural. Pareceu-lhe que ia ser arguido da sua muita liberdade, alli, a sós com aquella virgem submissa á sua briosa protecção. Ha d'estas presumpções nos homens que muito amam, illusorias quasi sempre, porque emfim é dominio da muita experiencia a ingrata opinião em que são tidos os grandes espiritualistas do amor.

Não chamem a isto *cynismo.*

N'uma estação analytica e material como esta vae em autopsia de sentimentos, uma ou outra verdade, escripta com discrição e sisudez, deve ser bem vinda, se ella tiver as molduras da consciencia universal. Consulte-se cada um, depois de transfigurar-se em conde de S. Vicente. Debruce-se sobre o leito de uma donosissima mulher, no desalinho da febre buliçosa, ou ainda na inquietação de virgem, que se cansa instinctivamente em vedar os seus primores de belleza, cuja fascinação ella mal comprehende. Se essa fôr a mulher amada com paixão, é guardada, com a santidade do respeito, pela atonia moral em que resfriam os energicos estimulos do homem.

Que será? E' o que o conde de S. Vicente perguntára á sua inacção, depois que D. Ignez, acordada por um beijo, parecia interrogal-o pelos compromissos de um juramento. Qual este juramento fosse, adivinha-o o leitor, comtanto que uma vez na vida escrevesse uma apaixonada carta de namoro, com este trivialissimo remate: «*Eu prometto, debaixo da minha palavra de cavalheiro, manter seguro e desaffrontado o vosso pudor.*

Depois d'este sacrosanto protesto, seria cruelissima de ingratidão uma recusa vossa em conceder-me o uso de uma chave falsa, que, para maior prova do muito que por vós me abrazo, acabo de mandar fazer.»

O leitor está torturado com esta profusão de graça. Não ha nada mais importuno que a demora do relatorio de uma scena tão bonita, como é uma menina acordada por um beijo, ficar sorrindo e olhando carinhosamente para o que a beijou!

— Sentes-te melhor, Ignez? — E' mais uma d'essas perguntas sinceramente clinicas, que todo e qualquer amante dirige ternamente á sua querida, no estado pathologico.

— E tu?... estás aqui ha muito tempo?...—replicou D. Ignez com indecifravel admiração e susto.

— Ha duas horas...

— Ha duas horas? Então é dia já?...

— Sim, é dia... São sete horas... Dormiste duas horas e meia, não é assim?

— E tu?

— Eu fui ao castello... Fiz preparar o teu quarto, e o nosso... altar.

— Altar! para a missa?!

— Sim, e para a sagração d'este nosso amor, d'esta nossa fuga... Não querias casar tão cedo, Ignez?

— Conde!...—respondeu Ignez, transportada de jubilo—eu não sabia que era aqui e tão cedo... hoje mesmo...

— E para toda a vida, anjo da minha alma... Mandei chamar o abbade de Villamarim...

— Ah! não, não...—interrompeu D. Ignez com estranho sobresalto.

— Porquê? d'onde vem essa tua agitação?

— Esse padre é, conde, não me obrigues a dizel-o...

Chama outro padre, outro, meu querido, esse homem é nosso inimigo...

— Inimigo!... e isso que importa?

— Importa muito...

— Está bom... Poderei ceder a esse terror pânico, mas quero saber que mysteriosas ligações... Sim, Ignez... disseste-me *esse homem é*... quem é esse padre?

— Porque não hei de eu dizer-t'o, se tu vens a sabel-o? E' um filho bastardo de meu pae... é um homem que nos odeia, a mim e a meu irmão, por termos nascido de uma outra mãe... Vês, conde, se este meu terror é pânico?!...

— E muito! E' uma obrigação imposta pela Egreja, a que elle tem de cumprir.

— Oh! tu não sabes como esse padre é mau... Dizem que elle amaldiçoára meu pae, entre a hostia e o calix!

D. Ignez dissera isto como quem revela o segredo de uma conjuração sanguinaria! Tavora estremeceu involuntariamente. Pragas, rogadas no momento solemne da sagração da hostia, tinham para nossos avós um cunho de realisação cruel e irrevogavel. Os menos lidos, como o conde de S. Vicente, affrontariam mais depressa vinte dos hespanhoes que vieram a Badajoz, que um só cura da aldeia, fulminando anathemas propinados entre a hostia e o calix. Demais, a visagem aterrada e sibyllina, de que D. Ignez acompanhára a infernal revelação, assombrára o espirito religioso do conde, a ponto de afeminal-o até ás previsões fanaticas, que, a seu pezar, o estavam atemorisando.

— Eu bem te dizia, conde... Tu não querias crer...

— O quê, Ignez! E' impossivel que Deus acolha essa maldição do filho ao pae... Onde estão os signaes

visiveis da colera de Deus sobre a tua... a nossa familia!?

— Começarão agora... quem sabe?...

— Pois bem... já agora, que o mandei chamar, deixal-o vir... Se elle souber que este casamento se faz contra a vontade de teu pae, mais depressa nos unirá, suppondo que assim se vinga...

— Ah!... isso é verdade... Lembraste muito bem... cuidará que assim se vinga, não é verdade?

— E'... e verás como elle folga de achar uma occasião de contrariar a vontade de teu pae...

— Se tu soubesses o medo que os freguezes lhe teem!... Diz-se tanta cousa má d'este padre!... Deixal-o!... não é assim? Não vês que estou boa... sem febre... e tão contente?!...

— Somos muito felizes, não é assim?

— De certo... Tu não adivinhas nada, pois não, conde?

— Que hei de eu adivinhar, condessa?... Estás sempre a vêr ao longe...

— Não, agora só te vejo a ti...—dizia ella, passando-lhe a mão pequenina por entre os cabellos que lhe ondeavam nos hombros.

— Ha quantos dias não empoaste o teu cabello, meu Tavora?... Has de hoje vestir de festa, não é assim?!

— E tu, tambem?

— Eu não tenho quê... Vou casar-me com o meu vestido molhado... Não importa... pois não? Tu gostas de vêr-me vestida á moda da provincia?

A innocencia, com que D. Ignez dissera isto, desculpa o terceiro ou quarto beijo do conde n'este quasi pueril dialogo. Foi bem recebido, como um beijo de fogo matrimonialmente licito. Era um furto perdoavel, como o de um filho que tira da gaveta de seu pae uma moeda,

que elle incontestavelmente e sem prejuizo de terceiro, viria a herdar no dia-obito. Estas concessões avulsas estão quasi constituidas em prologo de casamento. E' o annel das eras passadas.

Era muito dia. Bem sabia o conde que D. Ignez, espiritualisada pela proxima realidade de suas esperanças, ou, menos provavel, restabelecida da enfermidade que, um pouco antes, fizera crise, de boamente se vestiria para passar ao castello. Era preciso que elle se ausentasse, intimando-a docemente que se vestisse. São estas mui necessarias explicações, que devem ser tomadas em conta de medidas preventivas contra reflexões de criticos, como os eu conheço, capazes de se enroscarem n'um romance até que o pobre se desfaça em razões de etiqueta e pudicicia, ácerca de uma donzella que se vestiu diante do seu apaixonado. E' justo, é justo, e não serei eu o ultimo a dar a razão do meu dito, em questões de decencia, todas as vezes que ella me seja pedida, em nome da moralidade publica e decoro nacional.

Como resa o manuscripto, a tia Benta do João teve a distincta honra de ser a cuvilheira, aia, ou criada grave, como hoje se diz com muita gravidade, da nossa desposada. A boa da velha sentiu amargamente não ter espelho, quando a fidalga lh'o pediu. Em compensação offereceu-lhe um borrifador muito lusidio, onde a cara do senhor João, seu marido, se refractava semanalmente no aperfeiçoamento das suas barbas honradas.

— Está tão coadinha!... — dizia a velha, beijando-lhe a mão com fervoroso respeito — benza-a Deus, que tão casadoira está, por muitos annos e bons...

Não consultamos *Bluteau* sobre a genuina significação do adjectivo *coadinha*. E' uma palavra que nos retrata a physionomia de D. Ignez. As faces pallidas, languentes, e amortecidas, chamam se *coadas* na linguagem do povo

das aldeias do norte. A expressão é tão difficil de dissecar-se por derivação, como é problematico o colorido de Miguel Angelo.

Manuel de Tavora estava impaciente. Parecia inquietal-o o receio de lhe não vingarem as esperanças de marido, por alguma contrariedade repentina. Timido e sobresaltado, bem se via que elle soffria na consciencia os temores de quem se desviára um pouco da praxe matrimonial, transgredindo assim o austero ritual dos casamentos aristocratas.

D. Ignez da Veiga ataviou-se das poucas alfaias que trouxera. O rosto d'ella era toda a opulencia de uma esposada. Descórada, attenuada e amortecida, ainda assim, tão linda estava, no parecer do auctor do manuscripto, que *sem requebros nem louçainhas era como a face do sol que menos cortejado, em seu nascer de douradas nuvens, mais formoso em seu subir de ardentes raios.* Muito bem se explicava aquelle bom homem do manuscripto!

A tia Benta do João disse á bôca cheia que D. Ignez, a respeito de boniteza, era o que ella tinha visto. Seu homem, que não era espantadiço, nem mesmo se lhe dava da pouca ou muita symetria das caras alheias, deixou fallar a consciencia por esta vez com toda a sua poesia selvagem:

— O' Benta!... olha que ella sempre é femea de uma vez! O amo, se casa com ella, póde dizer que leva a melhor *veronica* d'estes arredores!...

— E é... Tem uma pelle de rosto que parece de cera; e os dentes tão pequeninos e tão alvos, que é uma cousa por demais... Olha como ella vae contente com o noivo... e como anda depressa com aquelles pésinhos tão mimosos pela estrada... Elles vão-se casar ao castello, não vão?

— Pelos modos, acho que sim... Eu já fui chamar o senhor abbade de Villamarim, que a fallar a verdade... não sei, mas...

— Diz, homem...

— Parece-me que não é lá dos mais proprios para este arranjo...

— Para se casarem?

— Sim, mulher... Eu não quero dizer nada, mas não ha muito que elle me perguntou se o fidalgo ia muito a casa do senhor D. Christovão da Veiga; e vae eu respondi que sim, e elle riu-se assim a modo de escarneo; e eu disse-lhe: —*então o senhor reverendo abbade porque pergunta isso?* — e elle poz-se a esfregar as mãos, e a dizer: *abissus, abissus, bova*...

— E que quer dizer isso?

— Eu sei-te cá... é latim, ou cousa que o valha... Já perguntei ao frei Julião de S. Francisco, o que queriam dizer estas palavras, e elle poz-se a rir, e mandou-me cortar a lã aos carneiros... E vae depois, eu tanto repizei nos taes latinorios, que lhe disse o que tinha passado com o senhor abbade... Emfim, mulher, eu não sei o que isto quer dizer; mas frei Julião, depois que lhe fallei no senhor abbade, deitou a cabeça nas cannas dos braços, e esteve, esteve, esteve a scismar até que me mandou embora como quem queria ficar só...

A senhora Benta ia adduzir mui pensadas reflexões, quando o abbade de Villamarim entrava no quinteiro com a sua mula.

— Guarde-os Deus—saudou o padre, apeando com a destreza de um robusto moço de vinte e seis annos.

— Deus Nosso Senhor o salve, senhor reverendo abbade... O fidalgo lá está já para o castello...

— Com a noiva...— acrescentou a mulher do caseiro.

— Com a noiva?! — perguntou o padre com ares de hypocrita innocencia.—Quem é a noiva do vosso amo?

A mulher ia responder, quando o marido, acotovelando-a, se adiantou com a resposta:

— Saberá vossa reverendissima que não conhecemos. E' uma fidalga bonita como ainda não vi outra, louvado seja Deus...

— D'onde é ella? — interpellou o abbade cada vez mais surprendido.

— Tambem não sei dizer, porque vossa reverendissima bem sabe que o fidalgo não conta nada á gente *rustega*... Elles para já estão á espera do senhor abbade...

A tia Benta soffreu torturas diabolicas por não poder fallar. O que ella queria para descarga da sua lingua, em cuja ponta morava a consciencia, era pôr para alli tudo que sabia, e ouvir o que lhe faltava.

O abbade passou a mão pela testa, comprimiu as palpebras, esfregando-as desesperadamente, montou a mula que se entretinha a mastigar uma espiga de milho, offerta da senhora Benta, e, sem mais nem menos, chotou a toda a pressa pelo caminho do castello.

— Que te parece?

— Elle não ia bom...—respondeu a senhora Benta. — O' João, sabes que mais... vae até lá ver o que se passa...

— Parece que não dizes mal... sempre me vou até lá...

Iremos nós tambem...

....

O padre Carlos da Silva era homem de vinte e seis annos, e de presença tão franca, gentil e desembaraça-

da, que por uma singular aberração do clero de provincia, muito custava a crer que vocações religiosas imperassem tão santamente n'aquelle mancebo de olhos ardentes, faces pallidas, e maneiras profanamente apaixonadas. Elegante nas suas vestes ecclesiasticas, apuradissimo no sapato, fivela, e meia de seda lavrada graciosamente, o abbade de Villamarim, se não era a inveja do clero seu patricio, mais de uma vez arcára victoriosamente com a critica monastica e secular dos interpretes da *constituição do arcebispado,* que piedosamente lhe estranhavam o aprimorado e peccaminoso de seus vaidosos trajes.

Assim vestido e airoso é que o padre Carlos da Silva desmontava da sua mula na barbacan, ou cousa que o parecia, do castello do conde de S. Vicente. Logo depois, a sineta, cuja toada soturna parecia ter pretensões a campanario de castello feudal, fez estremecer D. Ignez, que, encostada ao parapeito de um balcão, contemplava o grupo cinzento e melancolico das torres de Villa Real.

O conde, espreitando por uma setteira, reconhecera um padre, e esse era decididamente o homem da excommunhão e das pragas terriveis. D. Ignez, espreitando tambem, descórou, e sentiu-a o conde estremecer.

— Ignez... isso que é?!...

— Não posso vel-o sem soffrer... Estou a tremer toda... Não quero estar aqui ao principio... Falla tu sósinho, e se elle não resistir ao nosso casamento, chama-me então... sim?

Tavora, antes de responder, titubeou em estranhas conjecturas. Parecia-lhe tão mysterioso este terror!... scismava tanto nas incongruencias de um espirito corajoso com estes medos assim afeminados!...

O abbade esperára na sala de espera poucos minutos; todavia, mais de um salto de impaciencia, n'uma

cadeira de couro e laminas de cobre, revelava o seu orgulho offendido, contra toda a paciencia evangelica.

Apparecera o conde.

O padre ergueu-se com altivez e severidade: cumprimentou com uma ligeira curva da espinha dorsal, e sentou-se ao lado do conde, que balbuciava as trivialissimas expressões de um cortejo afidalgado.

— Convidei, ha tempos, o senhor abbade para assistir a um almoço de amigos e rapazes...

— Creio que por occasião da sua saída para Lisboa? — interrompeu o padre com um sorriso de pessima bondade.

— Justamente... da minha artificial saída para Lisboa... mas não tive o gosto de possuil-o em minha casa...

— Era n'um dia de urgentes obrigações para mim, que sou o pastor d'este rebanho disperso, que muito quero levar ao redil da bemaventurança...

A seriedade seraphica do padre não enganou Manuel de Tavora. A prevenção collocára face a face dois homens de má fé.

— Felizmente — continuou o conde — deparou-me o acaso a fortuna de conhecel-o, quando é tambem uma religiosa obrigação do seu augusto ministerio a que o conduz ao meu castello...

— Quererá a desventura que v. exc.ª tenha moribundos em casa, a quem eu deva ministrar o Sagrado Viatico?

— Não, senhor... E' a benção nupcial...

— Sim!? pois é crivel que o nobre senhor de Panoyas, Mirandella e Margaride, viesse da côrte a estas serras eleger a companheira da sua vida?!

— E' verdade... encontrei-a linda, virgem e inno-

cente como a sonhára, para a não deparar nos festejos da côrte...

— Devéras, senhor conde, v. exc.ª casa-se na provincia de Traz-os Montes, na comarca de Villa Real, e na freguezia de Nossa Senhora de Villamarim?!... Phenomeno!... phenomeno!

— E' muito natural, senhor abbade, quando o coração, ancioso e apaixonado, não sente a precisão de outras commoções...

— Talvez um capricho... uma anciedade invencivel.... um appetite sequioso...

O padre fallava como um elegante experimentado: abria-se n'um sorriso tão franco, e tão casquilho, que o conde, á parte o medo, as prevenções e o respeito, não pôde esconder um franzir de testa que equivalia a uma cutilada em questões de cavalleiros.

— Soaram-lhe mal estas hypotheses, senhor conde?! — proseguiu o padre, acenando magestosamente com a cabeça.—O ministro do altar cumpre as suas obrigações, quando lembra ao christão, que vae casar-se, as mil e uma hypotheses em que póde ajuizar-se de um amor improviso que vae atar duas existencias por toda a vida...

— Senhor abbade... Eu tenho examinado todas as conjecturas possiveis—redarguiu o conde com firmeza e resolução.

— Ah! sim, n'esse caso... não lhe lembrarei ainda uma, que é muito de considerar-se no casamento de nobres, já que o matrimonio para os que herdaram brazões é uma cousa diversa e diversissima, senhor conde, do que elle é para os que apenas herdaram um coração independente, um desejo fogoso, e uma vida simples e despegada dos juizos da posteridade...

— Que quer dizer?

— Fui prolixo de mais... perdão: eu me explico, se podér. Não vejo por aqui mulher, cujo pae ao menos prestasse para pagem de fidalgos como v. exc.ª... Será disforme e repugnante o seu casamento, senhor, com a filha gentil de algum lavrador obscuro e rustico... Depois, os que tal virem rir-se-hão da sympathia... Risos d'esses ferem corações orgulhosos. A meditação reclama o arrependimento. Este conduz pela estrada da indifferença ao sentimento oppressivo do despreso... e ultimamente, senhor conde de S. Vicente, essa indiscreta filha do lavrador ficará para ahi privilegiada como condessa, mas cuspida nas suas affeições até á morte... affeições que ella repartiria por toda a vida com um homem do seu nascimento...

A physionomia do padre estava insinuante! A's vezes, durante esse discorrer pausado e reflectido, vacillava-lhe a voz com uma certa commoção, quasi sempre em outros homens excitada por lagrimas. Revelava mais calor nervoso, que preceito christão. Conhecia-se-lhe a precisão de fallar uma linguagem, que lhe não entenderiam os lavradores e os jornaleiros da sua abbadia. O conde ouvira-o primeiro com indignação, e depois com profunda reverencia. Os olhos do padre fascinaram o seu interlocutor, a ponto de lhe tolherem uma resposta rapida e decisiva.

O abbade continuou, dando á voz a inflexão de caridade religiosa:

— Permitta Deus, senhor conde, que esse seu silencio valha uma séria meditação no passo que vae dar...

— Tenho meditado... — redarguiu o conde com vehemencia. — Tenho meditado... Está enganado, senhor... E' nobre a que vae ser minha esposa... Demorei-me n'esta resposta, porque as suas supposições obrigam a meditar aquelles que, como eu, lhes são in-

teiramente estranhos... Concluiremos, porque assim o pede a santidade dos meus deveres... e não sei mesmo se a dos seus... A que é minha mulher chama-se Ignez da Veiga, e é filha de Christovão da Veiga...

— Conheço essa familia — respondeu o padre sem a menor alteração de voz, de postura, de gestos, e mesmo de sorriso, que este, na apathia ou no enthusiasmo, fôra-lhe collado para sempre aos labios, como a corôa sacerdotal lhe fora aberta no alto da cabeça para todo o sempre.

— Já vê, senhor abbade — continuou o conde — que este meu casamento nada tem de extraordinario, para que venham á realidade as suas sinistras previsões.

— Inquestionavelmente — respondeu o padre, dando ás syllabas d'aquelle grande adverbio uma pausa de cantochão — D. Ignez da Veiga é uma nobilissima fidalga: seu pae todos sabemos quem elle é...

— Um honrado cavalheiro, que não desmente a fama de seus avós...

— De seus *avoengos*, é como se diz em linguagem do nobiliario — interrompeu o abbade com o seu costumado sorriso, e continuou, depois, affectando uma seriedade joco-séria, que lhe ficava a matar pela variedade dos tons que modelavam as suas palavras sempre em harmonia com os tregeitos da physionomia. — Inquestionavelmente, o senhor D. Christovão da Veiga é o sangue azul da nossa provincia... deixe-me dizer-lhe mais, sem offensa dos nobres Tavoras, é a realeza feudal d'estes nossos burgos um pouco domesticada pelas tendencias humanitarias do nosso seculo... Por consequencia, senhor conde, eu declaro irritas, nullas, e de nenhuma valia as minhas expressões tanto mais perdoaveis quanto innocentes... Inquestionavelmente eu não sabia quem era a eleita de v. exc.ª... Mas... não é sem muito pesar,

que me acho collocado na singular e tristissima posição de não poder, sem grave infracção das leis canonicas, abençoar este rapto, que outra cousa não póde chamar-se á maneira por que v. exc.ª e a sua digna esposa se me apresentam para casal-os...

O conde balbuciou, como desarmado de quantas razões tinha em seu favor:

— Um rapto!... — dizia elle com uma especie de spasmo irrisorio—um rapto, senhor abbade, quando esta senhora me é negada por seu pae, e se entrega voluntariamente para lhe eu dar uma felicidade, cuja posse lhe é disputada por caprichos de D. Christovão?

— Tanto peior—redarguiu o padre Carlos, com muito sentimento comico.—Mais aggravante ainda se torna o rapto perante a lei, visto que a fuga da senhora D. Ignez, cujas intenções louvo e respeito, se praticou depois da formal recusa de seu pae...

— Mas, senhor, ella está pura e virgem...

— Quem o duvída, senhor conde?... E quem sou eu, simples pastor de tres pobres aldeias, para que v. exc.ª me confie os intimos segredos da honestidade de sua senhora!? Nem eu, nem o meu prelado, nem os doutoures do civel ousariam interrogar mysterios d'essa natureza... Inquestionavelmente, senhor conde de S. Vicente, a questão é toda de fôro externo. O da consciencia trata-se no confessionario... quando se trata... Se me permitte contar-lhe-hei uma historia...

— Sim, senhor abbade, ouvil-a-hei com prazer: mas diga-me se em suas forças e virtude está abreviarmos esta ligação, de que depende o bom conceito de D. Ignez da Veiga.

— O bom conceito!... Pelo amor de Deus, senhor conde... Este povo é muito bom e muito estupido para conceituar mal a senhora D. Ignez... Por cá, meu nobre

senhor, como por lá, na côrte do senhor rei D. Pedro, ha muitas libertinagens e immoralidades de fidalgos, que o povo não é capaz de devassar através de um reposteiro de raz com um grande brazão...

— Não o comprehendo, senhor abbade...

— Dizia eu que a pureza da filha do senhor D. Christovão está immaculada como as estrellas, e estará emquanto v. exc.ª for para ella um amante brioso e protector. Inquestionavelmente, eu não posso abreviar o seu casamento. Sua eminencia, o arcebispo primaz, esse póde e deve santamente permittir que a filha do mui illustre D. Christovão seja, contra a vontade de seu pae, esposa do senhor conde de S. Vicente; mas eu não posso realmente... Inquestionavelmente...

— Todavia — retorquiu o conde com um sorriso de amargura—se esta, que é fitha de D. Christovão, fosse a filha de um meu caseiro, pobre e desvalido...

— Isso era outro caso—interrompeu o padre Carlos, esfregando as mãos—ora d'ahi verá que eu sou rigorosamente logico e coherente nos meus principios. Lembra-se, senhor conde, que eu lhe pozesse algum obstaculo a este casamento antes de v. exc.ª me dizer quem era a sua noiva?!... Por certo que não... E' que eu, longe de a imaginar tão alta, suppunha-a uma pobre mulher do povo, a quem fazem conta todos os casamentos e que nunca infringe as leis, porque as leis nem se occupam d'ellas, nem se dão por offendidas... E, se me permitte, aquella historia que pedi ha pouco licença para contar, vem trazer um exemplo inquestionavelmente gravissimo para o nosso assumpto...

— Não valem os exemplos, senhor abbade; eu creio nas pessimas disposições da lei, mas sinto-me com forças de as vergar em meu favor...

— N'esse caso...—redarguiu o padre, encolhendo os hombros.

— Mas é preciso que o casamento se realise já e já, porque não soffro que me separem de D. Ignez para a terem em deposito até á final solução d'estes negocios, que prejudicam a sua honra...

— E' nobre, e inquestionavelmente airoso o seu procedimento... mas, meu... (permitta-me que lhe chame *amigo*...) eu muito queria fortalecer os meus argumentos com aquella passagem, que, pela terceira vez, peço humildemente licença para contar... O caso é simples... rapido... interessante... e tragico...

O conde erguera-se afflicto e desesperado: era-lhe manifesta a maldade do padre no momento em que o hypocrita lhe pedia licença para o tratar de *amigo*. Os temores de D. Ignez estavam de mais justificados.

Padre Carlos não suspeitava das prevenções do conde. Longe de suppôr que D. Ignez, menina recatada, e inteiramente fóra das cousas do mundo, o conhecesse, menos ainda, no seu retiro, devera receiar do conde de S. Vicente, que havia muitos annos não visitára as suas commendas. A historia, essa é que o padre não esquecia por cousa nenhuma.

CAPITULO XVI

Em que o padre Carlos da Silva
***inquestionavelmente* narra a famosa historia,**
não sabemos por ora de quem,
mas com ajuda de Deus
a mais intelligivel de todas as historias.
Obra de muita moral e edificação.
Temos a annunciar interrupções, que nos não deixam gosar
estes contos do principio ao fim,
com aquella fleugma logica e imperturbavel
de uma novella ingleza.

Senhor conde de S. Vicente—proseguiu o padre—v exc.ª se não ganha com a minha historia, tambem não perde. O tempo é uma dadiva da munificencia de Deus, que só falta a quem o não aproveita; a experiencia, essa é que não chega a todos, porque são poucos os escolhidos para a prova do infortunio.

— Eu sei pouco mais ou menos o que vae dizer-me—interrompeu o conde.

— Sabe?! é incrivel! v. exc.ª sabe com quem está, ou vê na minha testa o pensamento que me queima o cerebro?!

— Sei que o reverendo é filho bastardo de D. Christovão da Veiga.

— Mentira!

O padre era a explosão de cólera menos evangelica que tem resfolegado pelos respiradouros de um sacerdote... Erguido e provocante diante do conde, parecia dispôr-se a aceitar o repto da desaffronta, se o conde julgasse ferido o seu pundonor.

Mediram instantes de silencio. Tavora não soffreu irritações perigosas no seu orgulho; illuminado por um raio de juizo prudencial, pareceu-lhe que o padre era mais um mysterio de profundos enigmas, que um simples segredo de familia.

— Enganar-me-hiam, n'esse caso, senhor abbade...— replicou Manuel de Tavora—já vejo que nada sei, e interesso-me em saber a historia do seu segredo, se por ventura...

— Eu não disse a v. exc.ª que ia contar a historia do meu segredo; mas, se é necessaria a franqueza como desabafo para este odio maldito que me aqui encravaram no coração, senhor conde, é o meu segredo que vae ouvir, é de mim que se falla, e, antes de mim, ha de fallar-se de um crime insoluvel na terra, porque não ha vingança nobre que me indemnise.

O padre perdera tudo da sua ironia calculada, logo que a exaltação natural, e tambem nobre como a altivez das suas posturas, veio desassombral-o da tal fingida humildade monastica.

Aquelles labios, que pareciam crispar scintillas nervosas, não tinham nascido para murmurar a oração da hostia. Eram de um talhe e vigor rigido bastante para arengar, com grande prestigio, a um aguerrido esquadrão d'aquelles que desmantellaram os arraiaes do duque de Alba.

O dialogo, como o leitor vê, era, a cada palavra, interrompido pelo silencio de ambos. O conde tinha pre-

conceitos, uns filhos das crenças, outros da ignorancia, e outros vinculados á fidalguia d'estes nossos reinos. Padre Carlos ia-se-lhe transfigurando n'um homem extraordinario, imponente de grave respeito, e, quer m'o acreditem, quer não, uma especie de mytho religioso que era necessario temer e reverenciar.

E' que o padre, além do brilho fascinador dos olhos, tinha a supremacia da intelligencia, e um ressaibo tragico nas vozes e nos ademanes, que lhe davam o condão soberano de annullar os adversarios com o magnetismo da sua vontade imperiosa.

Ha d'estes homens ainda hoje, que é mais farta a communhão das intelligencias, e menos auxiliar a magia dos prestigios humanos.

O padre começou assim a sua historia:

— Este Christovão da Veiga, senhor conde de S. Vicente, é o representante de um crime hereditario. Ha n'esta familia um vinculo moral de perversidade. As traições cavillosas veem-lhe de muito longe. No dia em que o primeiro Veiga recebeu a cruz de cavalleiro abriu o demonio um reservatorio de fogo para todos os Veigas. O inferno não é uma fabula. E' necessaria uma afflicção infinita, uma eternidade atormentada de expiações para homens como Christovão da Veiga... desculpe-me, senhor D. Manuel de Tavora... Eu perco-me ás vezes no mundo, onde supponho que reina a justiça de Deus, quando mais me forço em rojar pelo chão amaldiçoado dos homens....

O conde não respirava, e o padre suspendia-se de vez em quando, como quem espera a inspiração avara, ou a vaga memoria de esquecidos acontecimentos.

Continuava depois:

— Christovão da Veiga tinha dezoito annos; e D. Antonia Bacellar tinha dezeseis. Eram ambos nobres...

A porta, que dizia para a camara proxima, abriram-a de improviso. D. Ignez da Veiga, assustada e afflicta, corre aos braços do conde. O padre necessariamente quebra o fio da sua mal começada historia, e o conde com difficuldade percebe Ignez, que, a desmaiar, turbadamente diz que vira seu irmão. O padre Carlos, que a entende, vae ao balcão, olha, e reconhece Pedro da Veiga, apeando-se á porta do castello.

— Sem duvida—affirmou elle—é Pedro da Veiga, que ahi está...

— Sósinho?—perguntou o conde...

— Sósinho, ao que parece.

D. Ignez esvaira-se de terror e surpreza, ainda que os trabalhos da noite, que, com tanta coragem, supportou, a não enfraquecessem até ao ultimo enervamento do corpo e do espirito.

Pedro da Veiga fizera-se annunciar por um dos proprios criados do conde.

— Diz a teu amo que está aqui o filho de Christovão da Veiga. Não me tardes a resposta.

A intimação foi textualmente feita ao conde. D. Ignez retiraram-a para a camara. O padre Carlos mostrára interessar-se pelas melhoras d'esta menina; mas o diabolico sorriso lá o tinha elle outra vez lithographado nos labios.

Pedro da Veiga, o unico senhor de si n'aquelle estranho lance, com gentil confiança na sua galhardia de vinte e quatro annos, subiu até ao ultimo degrau que entrava no salão do castello.

O conde de S. Vicente foi ao meio da sala, e, cortejando-o silenciosamente, gesticulava com a polidez de quem offerece a sua casa ao que espera que lh'a offereçam.

Não era preciso. Veiga, se parou um momento, en-

costado ao batente da porta, é porque não se tivera antecipado em coordenar os elementos do seu discurso.

Ora é certo que os discursos d'esta natureza são difficeis entre pessoas que não começam por distribuirem-se fraternalmente um trocadilho de sôcos, ou um tinido desagradavel de floretes.

O padre, esse, ninguem deve suppôr que estava a rir-se. Quem diz que o homem adoptára um sorriso de eterno sarcasmo, não quer dizer que o insensato clerigo estava em perenne gargalhada.

Mais presença de loquella, se não podemos dizer de espirito, quem n'esta conjunctura a sustentou foi elle.

— Bem vindo seja o nobre viajante... Bellas novas, e estranhos costumes traz elle de mimo para aquelles que, como eu, não viram cem palmos de horizonte adiante do nariz...

O gracejo do padre fez uma ligeira impressão nos labios de Pedro da Veiga. O conde murmurára palavras tão confusas ao seu hospede, que nem o auctor do manuscripto lh'as devassou. Pois já foi!

— Eu não tinha a ventura de conhecer v. exc.ª...— dizia o Tavora, espiritualisando-se de quebranto, que parecia tolhel-o nos corajosos alentos da sua fidalguia.

— E' natural—respondeu Pedro da Veiga—e parece-me que nada temos a sentir... nem tempo a perder... Preciso ficar a sós com v. exc.ª... Eu encarrego-me de desculpal-o aqui com o senhor abbade... se bem me lembro que é de Villamarim...

— Sou justamente o abbade de Villamarim, inquestionavelmente o mesmo abbade de ha quatro annos...

— E' que eu suppunha encontral-o conego, arcediago, ou... cardeal... — replicou Pedro da Veiga, sorrindo com os seus ares de zombaria.

— Nada, nada, meu fidalgo—tornou o padre—eu não

quero alongar-me d'estes pintorescos prados de *Lordello*...
Gosto muito de contemplar esta natureza selvagem com que fui creado. Já agora morrerei pastor de ovelhas bravas... Horizontes largos e esperançosos tem-os v. exc.ª, que é a vergontea de um tronco, rico de nobre seiva e de gloriosos fructos. Eu cá, padre sem ambições, sem orgulhos, sem prejuizos de nobreza... filho do amor ou do crime, ou não sei do que...

As ultimas palavras traziam o fel do sarcasmo. Os dois fidalgos pareciam inpacientar-se com as demasias eloquentes do padre. Este, conhecendo-os, atalhou-se por uma transição espirituosa.

— Que salão de plebeus é este, que não tem um fogão no dia 7 de fevereiro? Ora, senhores, eu retiro-me, porque não tenho um temperamento tão cálido como v. exc.as

— Não, senhor abbade—replicou o conde—v. s.ª ha de esperar... que talvez estejam removidos os obstaculos que contrapôz á benção nupcial...

— A' benção nupcial?...—perguntou Pedro da Veiga com vivo enthusiasmo de todo o seu contentamento.

— Sim, senhor—respondeu o conde com solemnidade e altivez—v. exc.ª seria já meu irmão a esta hora, se este escrupuloso sacerdote conviesse em esposar-me com a senhora D. Ignez.

Pedro da Veiga estendeu a mão ao Tavora, esquecendo-se um pouco dos seus orgulhos. O padre nem sequer contribuiu com uma interjeição de alegria para esta scena pathetica. Sorria-se, achava que tinha manifestado pela sua parte o contentamento de um bom padre que vê acabarem as cousas a contento de ambas as partes, sem o desgosto de um venialissimo peccado. Mas quem póde imaginar o que este padre era?!

— Aproveito a occasião para lembrar a v. exc.as—ex-

clamou o padre Carlos com uma importancia joco-séria e momentosa — que a senhora D. Ignez da Veiga está desmaiada n'aquelle quarto.

— Desmaiada! — bradou Pedro da Veiga.

— E' verdade!... — affirmou o conde com maviosidade — Assustou-a a sua chegada imprevista... E depois os incommodos da noite passada... incommodos tão escusados, filhos de um capricho...

— Já sei — tornou o Veiga — caprichos... é verdade... mas não discutamos essas graves ninharias... Quero vel-a! é aqui?...

E dirigia-se á camara que fôra indicada pelo abbade de Villamarim.

— E' ahi — respondeu o conde; e adiantou-se a abrir a porta.

A porta estava fechada por dentro.

— Fechada! — exclamou Pedro da Veiga.

— E' que D. Ignez — disse o conde — achou-se melhor, e julgou-se mais protegida nos seus temores com a porta fechada.

— Sim — tornou o sacerdote com uma entonação circumspecta e irrisoria — sim, inquestionavelmente está melhor, aliás tinhamos aqui os profundissimos mysterios de um castello...

Pedro da Veiga olhava o padre com uma vista atravessada e de ruim agouro. A supposta bastardia não é que o irritava assim, pois muitos irmãos bastardos elle tinha, que lhe não alteravam a santa paz e quietação do espirito; é que lá dentro, no orgão das antipathias, circulava-lhe o sangue de um rancor ingenito, ou inspirava-o o espirito prophetico de pessimos futuros.

O irmão de D. Ignez, abalando levemente a porta, chamou com um tom de voz carinhosa a irmã. A este chamamento inutil, juntou o conde o seu tambem inu-

til. Ambos franziram o sobr'olho. O padre é que não estranhava o silencio da linda menina e dos seus mimosos receios.

— Se querem—diz elle—um padre que a invoque em nome de Deus, vou lá.

Pedro da Veiga não estava em hora de facecias, aliás responderia uma argucia menos estimulante que esta:

— Senhor padre... v. s.ª é dos padres o menos auctorisado para invocar alguem em nome de Deus. Não se trata aqui de chamar o espirito das trevas, nem isto é festim em que hajamos mister um truão de fazer rir com dicterios e chocarrices.

— Eu não faço rir, senhor Veiga, com chocarrices... Quando gracejo, se fosse comprehendido, faria chorar. Truão, nenhum entrou nos vossos salões, senhores fidalgos, com esta cara tão franca para penhor das verdades amargas que digo, sem o privilegio das liberdades comicas de um bôbo...

— Não vale a pena irritar-se, senhor abbade — atalhou o conde com a inflexão da bondade e do pezar.— A occasião não é boa para chascos e remoques que ferem muito. Se v. s.ª quer auxiliar-nos n'uma boa obra n'um acto augusto e grandioso, que vae salvar a reputação de uma familia respeitada, e a minha de cavalheiro, e a sua de ministro do Evangelho, fique embora, que Deus e nós lhe agradeceremos o cumprimento dos seus deveres sagrados. Se, por desgraça, protesta envenenar impiedosamente com a sua presença a união de duas familias, que não querem odiar-se, então é melhor sair, e sair com o coração seguro de que um de nós é incapaz de uma vingança mesquinha.

— Vingança mesquinha! não me falleis em vingança, senhores! — retorquiu o padre Carlos da Silva — E' necessario que me ouçam... — continuou elle com uma

exaltação imprevista e colerica—é necessario que me ouçam, porque eu sou um enigma infernal entre todos. Sou um delegado de uma mulher que jaz no tumulo com uma ferida rasgada no peito. Ha um sangue innocente, que transsuda a pedra do tumulo! Ha um grito de vingança, que quer uma longa expiação de lagrimas! Ha um ANATHEMA de conjuração diabolica, que vae até á ultima geração de uma familia como um rastilho de sangue!

O padre parecia possesso. A linguagem de uma sombra de cadaver, que se ergue sobre a lapide onde o lançaram apunhalado innocentemente, não aterraria mais aquelles dois homens!

A exaltação suprema, a que o abbade subira, despenhára-o depois. O respirar forte, arquejante, e phrenetico prostrára-o de cansaço moral. Sentado com a rapidez de quem sente fallecer-se, o padre Carlos entrelaçava os dedos da mais aristocrata mão pelos cabellos negros, e parecia querer resfrigerar a cabeça que lhe calcinavam pensamentos de fogo.

A sua postura era respeitavel, embora os dois não attingissem o mysterio d'aquella angustia devoradora.

Pedro da Veiga, esquecido um instante de sua irmã, parecia commovido d'aquella impressão, quando, aproximando-se de seu irmão bastardo, como elle o julgava, lhe disse com falsa ternura e affeição de amigo:

— Mas, senhor, diga-nos em que somos cumplices d'esse terrivel segredo!?... Que fizemos nós, tão pouco relacionados com o senhor, para nos vermos aqui n'uma posição tão estranha, e n'esta occasião, que tanto precisamos de esquecer as desgraças dos outros para remediar as nossas?...

— São irremediaveis as vossas desgraças, senhores!...

Chamem essa menina que ahi está n'esse quarto. Ella que venha ouvir uma historia... a historia de seu pae, senhor Pedro da Veiga... a historia de seu sogro, senhor conde de S. Vicente, a historia d'este homem, chamado Carlos da Silva, nobres mancebos, que ides festejar umas bodas nupciaes!...

— E será essa historia nova para mim!? — interrompeu Pedro da Veiga.

— Nova, como são novos os crimes incriveis d'esse homem que vive invulneravel para o remorso, e guardado para a eternidade dos supplicios de um outro mundo, onde o crime não tem a mascara dos respeitos sociaes.

— Que homem? — interpellou o conde de S. Vicente.

— Christovão da Veiga!—respondeu o padre com decisão de rancor.

— Mas é melhor —tornou o conde—evitarmos a presença d'essa menina innocente das culpas do pae, e sensivel de mais para ajuizar dos grandes crimes de um homem, se é de grandes crimes que nos quer fallar.

— E' verdade, senhor conde, não quero que minha irmã se dôa de taes revelações... Eu entro no seu quarto, e o senhor abbade, se não prescinde da sua historia, ahi tem o senhor conde que lh'a ouça.

Pedro da Veiga casualmente volvera os olhos para a porta da camara, e viu-a abrir-se cautelosamente. Depois os lindos olhos de Ignez espreitaram de mansinho, e encontraram os de seu irmão rindo-se para ella, porque os labios tambem se riam. A linda menina, como a assucena que descáe se os raios do sol a afagam muito, retirou-se de envergonhada, mas não quiz, ou já não pôde fechar a porta. Seu irmão, ligeiro como um amante, e com o coração ancioso por ella, tão mimosa no seu

pudor surprendido, entrou na camara, e, avaro do abraço fervoroso que ia dar-lhe, fechou-se por dentro, e deixou, sem saudades, o padre historiador, e o pobre conde com as tristes honras de auditorio.

CAPITULO XVII

O editor d'estas cousas dá a sua palavra de romancista em como a historia do padre Carlos da Silva não será interrompida

O padre Carlos da Silva está sentado na extremidade de um escabello, e estende o braço direito sobre uma mesa de faia com lavores dourados. Emquanto os nervos se lhe conservam mansos e quietos, no decorrer da historia, o padre falla com os olhos fitos n'um dragão, serpente, esphinge, demonio, ou cousa que o valha, aberta no centro da mesa, cujos contornos vae traçando distrahidamente com o dedo indicador.

O conde de S. Vicente está sentado n'uma corpulenta cadeira de couro lavrado, e matizado de metaes. Vê-se-lhe primeiro a inquietação buliçosa a distrahil-o das gravidades historicas do padre: mais tarde a historia prende-lhe a intelligencia e os sentidos, como não ha prisões de mulher que tanto apertem.

Agora, cumpridas as leis do romance moderno, fastidiosamente localista, não ha nada que se intrometta na historia do padre mais romantico de que ha noticia.

Attenção. E' elle que falla:

— Eu disse a v. exc.ª que Christovão da Veiga tinha dezoito annos, e D. Antonia Bacellar dezeseis. E eram ambos nobres: elle de pergaminhos; ella de virtudes.

«E' certo, senhor conde, que uma menina de dezeseis annos carece da experiencia e do triumpho repetido de muitas tentações, para ser canonisada em virtuosa; mas a virtude, que se herda, á beira de um leito pobre, onde morreram avós e paes honrados, está purificada, e vinculada ao coração de uma orphã, como a fortuna do fidalgo poderoso ao senhorio de seu filho.

«Esta D. Antonia Bacellar dizem-me que fôra um rosto formoso, e o coração de um anjo. Tambem me dizem que era de uma sensibilidade afflictiva... No dia em que seu pae lhe morreu, chorou lagrimas, que não deviam estagnar-se. A orphã emancipou-se no dominio de perpetuas desgraças. A tutela da honra, n'este seculo de immoralidade, é uma protecção irrisoria para a mulher pobre, que não póde vender-se em bazar de esposas endinheiradas...

— Não é sempre assim, senhor abbade... — interrompeu o conde—ha muito quem se não curve ao ouro da mulher, se elle não é o mais pobre dos seus adornos...

—Haverá—tornou o padre — mas v. exc.ª não lucra em argumentar-me excepções, porque dilata mais a minha historia, que eu muito queria lhe não molestasse a generosa paciencia.

«Christovão da Veiga era por esses tempos o morgado da casa dos Veigas, e o representante das *virtudes* fidalgas de seu pae, cujo nome é hoje uma novella de crimes nas lendas populares, que, as mais das vezes, são, com verdade, a tradicional chronica dos seus escandalos... (1)

«A mulher que nasceu boa do coração e cresceu com

---

(1) A senhora Joaquina da Luz confirmou as imputações do padre. Vide *Cap. XII*.

as suas illusões innocentes, quando o homem lhe apparece por detraz dos seus sonhos, exhala, como a flôr de abril, os perfumes da sua candura, abre-se ao sol do amor com todo o viço da sua generosa affeição, e, como a flôr de abril, morre na manhã dos seus amores, queimada por um raio d'esse sol que lhe fecundára no seio a esperança florida dos affectos puros.

«Esta menina, senhor conde de S. Vicente, era um anjo assim. Estava arriscada a perder-se com facilidade quando a quizessem perder. Iria com o riso nos labios, e o perdão no coração cair cheia de amor nos braços do seu algoz. N'uma época de compaixão e misericordia pelas mulheres infelizes, faltaria o algoz... N'esta, a victoria era do primeiro que a tentasse. Quem primeiro a tentou foi Christovão da Veiga.

«Antonia Bacellar vivia de uma parca mezada que lhe esmolára um seu tio corregedor em Vizeu, e da renda de uma propriedade rural, pequena e mal grangeada, que v. exc.ª poderia vêr d'esta janella, se valesse a pena ver-se... Lá ao pé não desagrada aos olhos, e dá ao coração umas tristezas que fazem chorar os que souberem esta historia, que é tambem a historia da vida e da morte d'aquella menina... Debaixo de uma ramada estão lá umas plantas que reverdecem na primavera, e florescem como ha vinte e sete annos, que alli foram plantadas por mão d'ella. Está lá uma pedra onde ella se assentava... o musgo cobriu-a como a hervagem que nasce nos sepulcros... E' alli tudo muito melancolico, principalmente á tarde, quando se ouvem sinos a finados por estas aldeias, ou as mulheres do campo descantam estas cantigas de por aqui, passadas de uma tristeza que dóe e consola... Perdôe-me v. exc.ª... eu esqueci-me de mais... com pequenas cousas da alma, que pouco valem para mim ou para v. exc.ª...

O conde entristecia-se com estas pinturas, cuja maior gravidade lhe vinha do tom baixo, tremido e entalado com que o padre fallava. O proprio abbade tinha os olhos humidos, e as feições amortecidas, como ellas se figuram no homem quebrado pelo desalento. Calou-se, e scismou. O conde parecia esquecer-se da esposa e do irmão, para escutal-o. Como o silencio do abbade se prolongava, Tavora interrompeu-o :

— Prende-me bastante o coração com a sua tristeza, senhor abbade. Já adivinho que ha amarguras muito grandes no desenlace, não é verdade?...

— E', senhor conde, é uma verdade das mais doridas de recordarem-se... Eu tinha dito que...

— D. Antonia Bacellar vivia de uma mezada, e de...

— Ah! sim... e d'esta propriedade que pouco valia; mas abundava-lhe o que tinha, e tinha muito quem lhe invejasse o seu patrimonio de virtude...

— E não vivia com algum parente?—interrompeu o conde.

— Não, senhor. Tinha comsigo a criada, que já fôra ama de sua mãe. Era uma segunda mãe... o symbolo de uma familia inteira, e a recordação das acções nobres e intimas d'essa familia, que ella conhecia ha setenta annos. Seu tio corregedor confiára as filhas d'esta mulher; mais depressa lhe confiaria a sobrinha, que é um amor secundario para um tio, quando ha filhos, e não sobram os ganhos de um magistrado probo...

«Quando a pequena vinha sentar-se nas tardes do estio debaixo da ramada da sua herdade, Christovão da Veiga apparecia-lhe como de passagem, e cortejava-a com muito respeito, que é a primeira expressão de um profundo amor. D. Antonia amava este homem, que foi necessariamente de uma boa presença. E' certo que as fórmas elegantes muito influem quando as decoram os

prestigios sociaes, os atavios da educação, e a auréola da fidalguia opulenta, que muito é para a mais independente das mulheres.

«Quem venceu D. Antonia Bacellar foi a tentação incessante. Não posso dar outra razão, porque ninguem disse que dialogos houveram, e que lagrimas se verteram antes d'esta innocente menina renunciar a sua corôa de virgem... Depois é que veio á luz a promessa, a seducção, e a villania... Foi depois... mas antes, senhor conde, esta menina sentia-se... mãe... Tenho de memoria umas linhas escriptas por mão de D. Antonia... Escreve-as a uma amiga professa nas religiosas Claras de Villa Real... São estas, sem alteração de uma palavra:

«Estás senhora da minha vida. D'aqui appéllo para «a morte, se fui enganada. Até hoje só Deus via os «meus crimes: de ora em diante eu sou criminosa aos «olhos do mundo... Comprehendes-me, Rita? A mi«nha situação... o meu estado... meu Deus!... Adi«vinha-me, minha querida amiga, antes que eu t'o «diga... Estranho-me... E' um sonho terrivel de que «não acordo!... Que seria de mim, se este homem me «atraiçoasse!... E' impossivel!... Ninguem escarne«ceu assim de uma orphã, de uma infeliz que se perdeu «por amar muito ... E não me arrependo de o ter ama«do!... Arrepender-me e morrer será a mesma cousa... «A paixão sinto-a augmentar-se, quanto mais se aggra«vam as minhas culpas... Rita! A Virgem ouve-te, «porque tu és boa, e pura, como eu era ha quatro me«zes. Pede-lhe de joelhos por mim... pede-lhe pela cri«minosa, e tem fé nas tuas supplicas, que Ella ha de «inspirar aquelle que me póde fazer virtuosa no concei«to do mundo, ou abandonada por torpe e maldita de «vergonhas...»

«Esta carta, senhor conde, revela uma suspeita a D. Antonia... uma descrença que começa... um presagio tormentoso do seu desamparo... Ha uma segunda carta á mesma freira... Eu sei-a... E' a minha lição de vinte annos. Eu tinha doze, quando a li pela primeira vez...

«Abandonou-me a Virgem, que nunca me abandoná-
«ra quando eu fui pura como as mais dignas da sua
«protecção e do seu amor. Nem uma esperança... Eu
«estou triste como ninguem esteve no mundo. Sinto-me
«morrer, minha amiga, e nem escrever-te me é desafo-
«go... Christovão da Veiga é outro homem... vejo-o
«impacientar-se, quando, timida e chorosa, lhe fallo na
«minha honra e nas suas promessas... Com ares de
«enfastiado pede-me que não ultraje o seu cavalheiris-
«mo, suppondo-o capaz de faltar-me... mas não é o co-
«ração que lhe dá o melindre... não é, não Rita, eu
«conheço que não é, e não sei dizer-te a razão por que
«o conheço... As horas parecem-lhe longas... eu sei
«que lh'o parecem, e elle, comtudo, ainda me não dei-
«xou antes da hora costumada. D'antes, não me con-
«sentia que eu lêsse, quando elle me repetia os jura-
«mentos e as palavras apaixonadas sempre com viveza
«e variedade nos pensamentos... Agora é elle o que
«me pede que leia... Não será isto o amor que se
«acaba, minha querida amiga?... Diz-me, não terei eu
«motivos para chorar de noite e de dia?... D'antes as
«flôres do meu canteiro do *Prado* eram-lhe tão caras...
«contemplava-as com uma ternura tão lisongeira para
«mim... e hoje d'essas flores dou-lhe uma rosa humi-
«da com as minhas lagrimas, e elle desfolha-a insensi-
«velmente... Não será isto uma mudança, um annun-
«cio de que sou muito desgraçada?... Poderás tu con-
«solar-me, Ritinha?... Poderás dizer-me se eu devo ter

«esperanças nas promessas d'este homem, d'este anjo, «que eu hei de adorar quando até sinta um seu pé esma-«gar-me o coração?... Que pensarias tu, no meu «caso... responde-me, vale-me... enxuga-me estas «lagrimas, e a Virgem Nossa Senhora te conserve para «amparo da tua desgraçada amiga.»

Ha outras cartas, senhor, mas reproduzil-as é retardar o desenlace. As cartas de desenlace... essas é indispensavel que as eu repita...

— Todas... todas...—interrompeu o conde com ar de supplicante bondade, e compassivo interesse.

O padre Carlos ia continuar, quando a porta da camara foi aberta, e Pedro da Veiga, com sua irmã pela mão, entrou na sala. O padre ergueu-se e adiantou-se dois passos a cortejar Ignez, que, com muito acanhamento, correspondia aos cortejos do padre.

— Perdoem a interrupção... — disse Pedro da Veiga — eu queria que o senhor abbade conhecesse minha irmã... que talvez não tivesse visto...

— Não, senhor,—respondeu o padre com intenção— eu não tinha a honra de conhecer sua irmã... Bem sabe v. exc.ª que eu não frequento as sociedades onde a sr.ª D. Ignez é rainha de formosura... e de virtudes... Deus permitta que tambem...

— Muito agradecida—disse D. Ignez com brandura e animada um pouco mais.

— Eu espero—tornou o Veiga—que de ora em diante o padre Carlos da Silva seja amigo de Pedro da Veiga, e da sua irmã, e d'aquelle que mais direito tem á sua estima e veneração.

— Quem, sr. Veiga? — interpellou o padre com acrimonia.

— Christovão da Veiga...

— Por Deus! — replicou o padre, estendendo o braço

com magestade e soberania—por Deus, senhor Pedro da Veiga!... se não é escarneo, peço-lhe que me não insulte de boa fé!... V. exc.ª não sabe a pagina hedionda da vida de seu pae... Permitta Deus que esse livro negro de atrocidades o não esfolhem as mãos innocentes de sua irmã... Uma supplica... retirem-se por algum tempo... Senhor conde, diga v. exc.ª se devem retirar-se os filhos de Christovão da Veiga emquanto eu sou o historiador dos crimes e vergonhas de...

— Sim... — respondeu o conde, que nada dissera ainda depois da apparição de D. Ignez—eu peço que se retirem algum tempo... Vão ver o castello... tem pouco que admirar, mas as vistas dos adarves teem belleza...

— Pois sim, vamos...—instou D. Ignez, que se assustára com as palavras do padre — Sim... vamos... — repetiu ella, puxando pelo braço do irmão.

E foram, não obstante a hesitação calada de Pedro da Veiga, e a má vontade que lhe estorcia a vista para o padre. E' crivel que D. Ignez soffresse muito. Apprehensivel, ou nervosa, como hoje se diria, a debil menina devia prever muitas desgraças, embora seu irmão tentasse convencel-a de que não previa nenhumas.

O padre Carlos susteve-se um pouco a prender o fio da sua interminavel historia, ou a repousar da fadiga e anciedade com que fallára na presença dos filhos de D. Christovão. O conde estava como vendido e desencorajado no lance de scenas tão variadas e estranhas. Nem a elle, e a nós menos ainda, era possivel antever as consequencias d'estes maus principios! Vamos onde o padre nos levar, já que é elle o fecho illuminador d'este romance tenebroso.

— Peço-lhe que continue, senhor abbade.

— Um pouco de silencio, senhor conde—respondeu o

padre—v. exc.ª escuta-me talvez com toda a serenidade do seu sangue frio, e eu não converso, nem reproduzo novellas de entreter o espirito... ergo o crepe negro do cadaver de minha mãe, desnudo-lhe o seio da tunica borrifado de sangue, e com os meus proprios dedos aparto-lhe os labios da ferida que lhe rasgaram o coração, para que v. exc.ª veja e se dôa da profundidade do golpe...

— Eu já tinha adivinhado que D. Antonia Bacellar era sua mãe...

— Era minha mãe... senhor conde.

O tremor doloroso e entalado, com que o padre soltou aquellas palavras, relatava a dôr no mais sublime da sua poesia angustiada! Mais que a paixão, mais que a saudade afflictiva, superior ao extremo adeus de um pae agonisante a seus filhos desvalidos, aquelle *era minha mãe,* acompanhado de lagrimas copiosas, resumia em si uma vida de padecimentos, uma viuvez de coração com desesperança profunda nos consolos do mundo.

Tavora compadeceu-se devéras do homem que chorava como creança. Nunca os seus folguedos de nobre tinham sido perturbados pelo espectaculo das lagrimas na face de um homem. As que elle vira na côrte eram as lagrimas do capricho, a expressão do odio impotente, as lagrimas cortezãs que a esponja do fel enxuga muitas vezes, e jámais a unção religiosa pôde acarinhar com os seus afagos de resignação.

— Este não é o chorar afeminado do coração fraco, senhor conde—proseguiu o padre, comprimindo os sobr'-olhos com violencia—chorar por quem se não conheceu, quando nos contam desgraças que deram ao sepulcro uma mulher sem crime para tamanha punição, é motivo de mais para chorar, não é verdade? Eu fallo da que aqui me deixou no mundo com um livro da sua vida e

morte, escripto com o sangue das suas entranhas... Tambem me legou a alma debil, que Deus lhe fadára para sentir e chorar... Porque não chorarei o resto das lagrimas, que ella deveria verter, se a sua vida não fosse tão breve entre os que a mataram?... Esqueci-me de que me attendia, senhor conde. Estava eu agora a pensar alto como penso, noite e dia, na solidão da minha consciencia... Eu vou satisfazer-lhe a sua curiosidade...

— Não só curiosidade, senhor padre Carlos... é tambem o interesse do dó...

— Dó... não, senhor conde! — interrompeu o padre com impetuosidade — eu não quero dó de ninguem! Não troco a minha vingança pela compaixão dos felizes do mundo... As côres tristes do sentimento que dou á minha historia, senhor, não são figuras de rhetorica para commover... São a fidelidade do texto, e os documentos que hão de servir-me em saldo de contas depois da vingança... Perdão! senhor conde... perdia-me outra vez nas abstracções... Eu não sei que tinha dito...

— Acabára de repetir a carta de sua mãe, em que ella desconfia de estar acabado o amor de D. Christovão...

— E' verdade... E' a segunda carta, que termina assim: «Poderás dizer-me se eu devo ter esperanças nas «promessas d'este homem, d'este anjo, que eu hei de «adorar, quando já sinta um seu pé esmagar-me o co«ração?...»

— E' justamente o final da segunda carta... v. s.ª disse depois que para abreviar o desenlace ia repetir as ultimas...

— As ultimas... — respondeu o padre com um sorriso amargurado — as ultimas não foi ella quem as escre-

veu... O padecimento mata a intelligencia... Houve quem escrevesse os ultimos dias d'aquelle anjo... Foram as mãos que lhe ampararam a faee amortecida, e lhe cerraram as palpebras humedecidas das ultimas lagrimas que chorou... E' um diario, senhor conde de S. Vicente, que faz soffrer a alma do mais perdido e insensivel pelo endurecimento dos crimes.

— Existe esse diario? — perguntou, vivamente commovido, Manuel de Tavora.

— Tenho-o eu, e não tenho mais nada n'este mundo! Enfureço-me e sinto lagrimas de piedade quando o leio... Parecem impossiveis estes dois sentimentos! Ella morreu, perdoando... e eu vivo ha vinte annos atormentado na alma pela peleja do perdão contra a vingança... O meu manuscripto, senhor conde, quero que o leia...

— Permitta Deus que seja hoje—disse o Tavora, sinceramente compadecido.

— Hoje, não... E' cedo ainda — retorquiu o padre com intenção calculada.

— Cedo?!... porque é cedo?

— Cedo para a minha vingança!

Era admiravel a mutação rapida nas feições do abbade! A compaixão dorida e serenamente religiosa, que, ha tanto tempo, lhe irradiava a bella physionomia, convertera-se instantanea n'aquelle franzir severo e rispido de cólera que os phrenologistas imprimem nos seus *Robespierres* e *Marats* de phantasia.

O conde de S. Vicente sentia-se abalado, captivo, e fascinado d'este homem extraordinario, que anciava uma vingança mysteriosa, e impossivel de descortinar-se nas trevas dos odios humanos. Emprazo o mais esperto dos meus leitores para adivinhar em que tragico pensamento

relucta n'aquelle coração de homem a arfar, possesso de maus espiritos, debaixo de uma veste sacerdotal!

Vamos estabelecer alguma hypothese antes de virar folha ao meu precioso manuscripto. Suppomos que o padre... Não suppomos nada, que é o melhor... Sigamos textualmente a pratica dos dois, cujas divagações me fizeram quebrar a palavra de romancista, que, de tão boa fé, vos dei, honrados leitores, no argumento do capitulo.

— Cedo para a minha vingança — repetira o padre, estendendo com magestade o braço direito para o conde.

— E que vingança medita?

— Que vingança medito?...—respondeu o abbade, acenando com a cabeça, e sorrindo com aquelle riso indefinivel entre a ironia e o martyrio. — Que vingança medito?... pergunta v. exc.ª. Pergunte ao orphão que reza sobre o tumulo de um pae, que lhe mataram, que vingança medita!... Pergunte ao pae da virgem prostituida e abandonada á porta de um hospital, que vingança medita!... Pergunte ao filho a quem mataram rua mãe com infamias e traições e escarneos e vergonhas... que vingança medita!... E' a minha vingança, senhor conde de S. Vicente!...

— Não fira alguma victima innocente, senhor padre Carlos...— replicou o Tavora com a brandura de uma boa alma...

— Não era tão innocente minha pobre mãe!? Quem mais innocente do que a pomba que estende o pescoço debaixo do pé que a suffoca?! Senhor conde de S. Vicente... não sei como estas horas se passaram... Supponho que v. exc.ª me não convidará a consagrar o seu casamento com a filha de D. Christovão da Veiga. Retiro-me, e levo commigo a certeza de ter-lhe inspirado

compaixão pela desgraçada, que já não póde agradecer-lh'a...

— De certo... assim eu podesse já agora saber que flagellos o privaram d'essa mãe infeliz...

— Sabel-os-ha, manhã, já que o quer...

— Confia de mim o seu *diario?*

— Não o confio de ninguem, senhor conde... Hei de ler-lh'o. Quero sondar as impressões que elle lhe causa...

— Aqui?

— Além!

O padre erguera-se, e por um dos balcões da torre apontava para uma pequena granja que se toucava de espessas arvores na margem direita do rio de Prado.

— Além?! — perguntou maravilhado o conde.

— Não lhe disse eu já que era aquella a herdade de D. Antonia Bacellar?! Eu, nas scenas de grande amargura, procuro harmonisar tudo que é dôr por quantos modos inventou a tristeza... Já li o diario de minha mãe sobre o seu tumulo... De tanto quero eu livral-o... Senhor conde, depois das minhas obrigações parochiaes, ver-nos-hemos ámanhã.

— Até ámanhã, senhor abbade.

Manuel de Tavora vieram D. Ignez e seu irmão despertal-o de uma tristeza meditativa.

Lá dentro n'aquelle coração religioso e timorato, o terror e o prestigio acordaram alvoroços estranhos e dôres mysteriosas.

CAPITULO XVIII

Contam-se passagens que só o demonio era capaz de adivinhar!

O padre Carlos da Silva teria tempo de chegar ao fundo da tortuosa escada do castello, quando D. Ignez e seu irmão entraram na sala. Pedro, a quem o verniz das viagens tinha dado este polimento de estoicismo, que hoje se adquire sem sair da aldeia, encarára a historia do padre como cousa frivola, e propria de um abbade de Santa Senhorinha de Villamarim, com pretensões a mysterioso e terrivel. D. Ignez, que era mulher e toda subordinada aos preconceitos e temores de um coração novo e crente, dera mais ouvidos á voz intima dos terrores que lá dentro lhe segredava infortunios, do que ás graciosas zombarias de seu irmão em desconceito da lenda tragica do propheta de Villamarim, como elle, por não sei quê de escarneo, denominava o padre.

Cada um com as suas ideias, vieram encontrar o conde de S. Vicente, que por força devia tambem lá ter as suas.

O homem estava aterrado, e succumbia como creança ás funestas consequencias de uma tragedia, cujo re-

mate ainda não sabia. A existencia de um grande crime que expiar, já elle não ignorava: a precisão de ser expiado na pessoa de alguem era um artigo de fé indestructivel; mas o que mais atormentava aquella boa alma eram as conjecturas da victima e do algoz! Seria a innocente filha de D. Christovão a pomba expiatoria d'aquelles rancores? Estariam os alçapões do inferno abertos para receberem todas as almas em contacto com o criminoso?

Era justamente este grave caso de theologia moral que escandecia a cabeça atordoada do conde, quando a melancolica menina e o risonho Pedro da Veiga cada um por sua vez lhe dirigiram estas animadoras palavras:

— Então o padre pediu as tres Avé-Marias do costume?

O conde sorriu forçadamente ao gracejo do Veiga.

— Disse-lhe cousas que o entristeceram, não é verdade? Eu adivinhava isso... Não t'o disse eu, Pedro?

O conde ergueu-se e apertou affectuosamente a mão de Ignez, como a agradecer-lhe alentos, que tão precisos lhe eram. A fronte começava a illuminar-se-lhe por entre as nuvens de tristeza, ou o fogo dos lindos olhos d'ella aqueciam aquellas feições paralysadas pelo torpôr de um medo sobrenatural. Eu estou por isto, e penso que não ha inimigo vivo nem phantasma de tumulos que o homem não acommetta, espiritualisando por certos olhos que infundem mais coragem que as arengas de Cesar e Bonaparte.

As almas, que se decidem pelas primeiras impressões, decidem-se pelas segundas com milagrosa rapidez. Se não fosse esta lei da sabia Providencia, haveriam perpetuos tolos, apaixonados insupportaveis, e homens feios muito infelizes com mulheres.

A alma do conde era uma d'aquellas. Se o deixassem só vinte e quatro horas, veria um cortejo de phantasmas povoarem-lhe a imaginação crendeira, e o espirito de Antonia Bacellar pôl-o-hia em uso de arruda, figas, e exorcismos.

Bom foi virem a senhora D. Ignez e seu irmão exorcismar no nascedouro uma legião de demonios e feiticeiras, que povoariam a provincia de Traz-os-Montes, e inspirar a musa dos poetas da localidade.

O estroina do Veiga estava morto por saber na essencia a sublime loucura do bastardo Carlos da Silva.

— Conte lá, senhor conde — dizia elle com ares de chasqueador *faceira* (1)—conte para ahi essa jeremiada do propheta Carlos... Que diz elle? Quer levantar contra o pae os povos da freguezia? Temos excommunhão pontificia, ou accendem-se as fornalhas da inquisição?

— Não escarneças, Pedro; eu tenho muito medo d'aquelle homem...—disse D. Ignez com muita brandura, e apertando convulsivamente a mão do conde. — Diga, elle entristeceu-o, não é assim?—continuou ella, olhando docemente para Tavora.

— Entristeceu-me bastante... Quem não ha de sentir as desgraças de uma senhora, que foi boa de coração e linda talvez como D. Ignez da Veiga?!...

— Essa é boa!—interrompeu o irmão de Ignez, enrugando a testa e emendando logo este gesto de aborrimento com um sorriso de despreso.— E' muio boa essa, senhor conde de S. Vicente! V. exc.ª compara uma Bacellar com uma Veiga?!

— E então, isso que tem, mano?— perguntou sinceramente compungida D. Ignez.

---

(1) Equivalia a *Janota* dos nossos dias.

— Eu não comparo linhagens, senhor Pedro da Veiga!... Permitta Deus que novos dissabores por causa de pequices de nobiliarchia não venham aguar-nos esta amizade nascente... O que eu disse foi que D. Antonia Bacellar teria um coração e uma formosura como a de sua irmã...

— Teria—tornou o Veiga reprimindo os espiritos heraldicos alvoroçados.— Teria... póde muito bem ser que tivesse... mas não me sinto inclinado a santificar o coração de uma mulher ordinaria, que se vale da sua formosura para calcular um casamento deseigual, como eu me sirvo das boas maneiras com a filha de um meu foreiro para os unicos fins que posso aproveitar na filha de um meu foreiro...

— Que disseste, Pedro? — perguntou D. Ignez com singela curiosidade.

— Não disse cousa que lhe interesse, menina — respondeu o conde; e voltando-se para Veiga continuou com circumspecção e gravidade: — Não estamos sós, meu amigo... A conversa, assim tratada com liberdade de rapazes, tenho direito a suspendel-a na presença da que ha de ser minha mulher...

— Tem razão, senhor conde... E lembrou muito bem... Minha irmã, e a reputação de minha familia, soffrem com a demora do seu casamento. Não carecemos dos favores insignificantes do abbade de Villamarim. Qualquer padre e em qualquer capella... não é verdade?

— De certo—respondeu o conde com resolução.

— Pois bem—continuou o Veiga—partamos já para Villa Real. Veste-te, Ignez...

— Eu estou vestida... não tenho mais do que isto — respondeu com muita simplicidade Ignez, agitando graciosamente a meia cauda do seu vestido de seda com

matizado a fio de prata, e mal enxuto da chuva d'aquella noite.

O conde e o irmão sorriram-se, e iriam talvez commentar a *toilette* critica (palavra que só muito depois atravessou os Pyreneus de braço dado com a *soirée*) da menina — quando aquelle lacaio, ferido horas antes por Pedro da Veiga, appareceu no limiar da porta do salão.

— Que queres?—perguntou o conde.

— Saberá v. exc.ª que estou mal arranjado d'este braço... Não me acho nada bom... e custou-me bem a chegar cá acima...

João Lisboa, como o leitor se lembrará que elle se chamava, não tinha visto Pedro da Veiga, senão pelas costas, conversando com a irmã. Quando ouviu fallar de braço, Veiga lembrou-se do encontro da madrugada e olhou para o Lisboa, que não teve mais uma palavra, quando deu de cara com o seu *bemfeitor*.

— Então que é o que tens?... caiste?—perguntou Tavora.

— O que foi... — respondeu elle, virando as costas para sair — o que foi... ahi está esse senhor que o diga... O que eu preciso é que me deixem curar antes de partir, ou então que me deixem confessar para morrer...

E saíu. O conde ficou perplexo, e o Veiga, apesar de toda a sua indifferença de bom tom, mostrou-se embaraçado com a eventualidade. D. Ignez, indecisa entre dois partidos que tinha a escolher, dizia lá na sua consciencia que novas desgraças conspiravam contra ella.

— Posso saber— perguntou o Tavora com gravidade — por que v. exc.ª feriu o meu criado?

— Pelos mais justos motivos. Offendeu-me, como um vil, que eu mandaria açoutar se trouxesse lacaio commigo...

— O' mano!...—acudiu Ignez, como quem supplicava bons modos e brandura ao genio irritado de seu irmão, que se dera um ar de arrogancia.

O Veiga continuou, sorrindo:

— Mau é que v. exc.ª me interrogue por um facto a que me envergonho de responder...

— Não deve envergonhar-se, senhor D. Pedro da Veiga—redarguiu o conde.—Nós, os fidalgos, temos obrigação de responder pelos nossos actos, sem córar de vergonha, quando elles nos não ficam mal.

— Mas—replicou o Veiga—eu supponho que o conde de S. Vicente não quer ser meu juiz por eu ter disparado uma pistola no braço atrevido do seu criado!

— Quem sabe?!—replicou o conde com a mais fidalga serenidade.

— Oh meu Deus!—exclamou D. Ignez em postura supplicante—Pedro!... Senhor Manuel de Tavora i... pelo amor de Deus e de mim não estejam com essas palavras, que parecem de inimigos!

— Que singular situação!—murmurava o conde, passando os dedos pelos anneis da desalinhada cabelleira.

— Diz bem!...—tornou o Veiga com intenção má e caprichosa—Que singular situação!

— Principiam muito cedo os dissabores entre nós — disse o conde, entre repeso e enfastiado.

— Não sou eu que os promovo—redarguiu Pedro da Veiga.

— Nem eu, pois não, conde? —interrogou D. Ignez.

— De certo não; sou eu e mais ninguem... — respondeu o conde com sublime resignação e bondade.

— Agora a minha vez, senhor conde...—replicou o Veiga, cada vez mais rapaz e mais estouvado — Principiam muito cedo os dissabores entre nós.

— Quem t'os causa, Pedro?—perguntou a irmã, encantadora de mansidão e brandura.

— São todos! — respondeu imperiosamente Pedro da Veiga — Repito as palavras do senhor conde: *é singular a nossa situação!* O meu pundonor ferido não se afaga, como caramunhas de rapaz. Aos olhos do mundo, o procedimento de minha mana e o de v. exc.ª, senhor Manuel de Tavora, perderão a sua deshonestidade pela benção matrimonial; mas, pela minha honra lhes confesso, que a minha consciencia magoada não se concilia de barato com os maus precedentes d'este casamento. Não me deslumbra o realce da minha familia com esta alliança....

— Nem eu ouso crer que tal deva acontecer—atalhou o conde, sorrindo.

— Nem acontecerá. Orgulho por orgulho, senhor conde, já que não posso dar-lhe affronta por affronta.

— Ou eu o não comprehendo, senhor Veiga—disse o conde com acrimonia—ou v. exc.ª tem uma condição que desmente a honradez cavalheirosa que eu lhe suppuz...

— Conde! pelo amor de Deus!...—atalhou D. Ignez com afflicção e temor.

— Que quer v. exc.ª dizer?—interrogou Pedro da Veiga rispidamente, com as faces afogueadas de cólera.

— O que eu queria dizer é que v. exc.ª é caprichoso ou indiscreto de mais.

— Por quê?

— E' incrivel que m'o pergunte! Qual foi o meu procedimento, desde que v. exc.ª entrou n'esta sala?...

— Sim, sim—interrompeu D. Ignez com aquella gentil intrepidez que caracterisa a mulher de paixões resolutas:— O senhor conde teve comtigo algum procedimento digno dos modos grosseiros com que o tratas?

— Teve!—respondeu com firmeza o Veiga, lançando sobre sua irmã um olhar rancoroso e ameaçador.

— Qual? — perguntou o conde.

— Fazendo valer mais o seu lacaio, que as razões que eu tive para o castigar... Basta de interrogatorio! — exclamou o Veiga iracundo — A certas perguntas é a minha espada que responde, senhor Tavora! em nome de meu pae, nego a minha irmã o consentimento para casar-se com v. exc.ª.

— Oh meu Deus, quanto sou desgraçada!...

Esta improvisa exclamação de Ignez, seguida de lagrimas, não sabemos que scenas tristes atalharia. Philosophando, como nos é licito, sobre estes caracteres, qual o manuscripto os pinta, Pedro da Veiga, assim empavezado em fumaças da fidalguia briosa de justas e torneios, era um homem excentrico na sua época, muito degenerada e nada ciosa nos brios da castidade de portas a dentro, como é publico e notorio. Precavido contra a imputação de anachronismo, eu quero em nome de meu fidelissimo manuscripto, que o leitor, medianamente versado na physiologia das sociedades, confesse de boamente a apparição d'estes homens, que se destacam do commum porque o demonio do ridiculo se lhes encarnou no espirito. Ha poucos annos, vimos nós na Athenas lusitana um academico, reptado para duello, tirar o gorro e cobrir-se com o capacete, despir a batina e vestir o arnez e cota de armas, largar as esburacadas meias de sarja e encadernar as tibias infidelissimas nas grevas e nos cuxotes, e, com a mais irrisoria boa fé, arremessar-se ao campo da morte a todo o trance, com o triste do pagem de escudo e cavallo de estado. Se a hilaridade nas turbas foi o resultado da impressão d'este espectaculo lamentoso de zombaria, não vêdes o pobre do academico por isso representar n'esta época — em que se

vive no botequim e morre na cama com a maior simplicidade—o que Pedro da Veiga representava na sua, em que se amaya e prostituia com aquella prazenteira lhaneza dos salões de Luiz XV, tão *philosophicamente* recebida nos da mulher de Affonso VI? Valha-nos Deus com este prurido de episodios, que mais de um detractor ha de jurar que são farrapos da minha pobre imaginação!

O grito de D. Ignez, qual o ouvimos tão expressivo de angustia, condoeu o coração raivoso do mano, mas não pôde aplacar-lhe na cabeça as iras do orgulho.

O conde de S. Vicente, irritado como não podia deixar de o estar a mais candida paciencia, mas por effeito de um artificio de sublime moral, grave e solemne, sem desdizer do seu caracter nobre e apaixonado, retorquiu serenamente:

— Então v. exc.ª de certo está auctorisado por seu pae para prohibir o casamento de sua irmã?

— Não preciso repetir o que affirmei uma vez!—respondeu o Veiga com grosseira sobranceria.

O conde, impassivel e risonho, replicou:

— Podia emendar, na segunda affirmativa, a mentira da primeira!

— Senhor conde!—bradou o Veiga, avançando um passo para Manuel de Tavora, que se não moveu uma linha. D. Ignez, ajoelhada e de mãos erguidas, embaraçára o segundo passo ao irmão, que tremia de cólera, e contorcia uns olhos de tyranno melodramatico.

— Senhor Veiga—tornou o conde com muita serenidade—v. exc.ª é um fraco aos meus olhos... aos de sua irmã terá passado por valente... mas que lucra d'isso?

— São muitos insultos—vozeou o Veiga,—um florete, senhor Manuel de Tavora... ou uma libré de lacaio para esses hombros!

Chegou ao conde a sua vez de convulsões. Os olhos

que elle cravou, raiados de sangue sobre Pedro da Veiga, prestes se embaciaram de lagrimas ao verem que terror afflictivo se apossára de Ignez; que, de joelhos ainda, não tinha voz para supplicar, nem forças para separal-os, mas pallida, gelada e convulsa, erguia humildes para o conde aquelles olhos, que impossivel fôra não serenarem o furor do mais indomavel sanguinario.

Imaginem a afflicção da pobre senhora, quando, desafogada da primeira compressão de terror, exclama com a voz entalada de suspiros:

— Pedro!... eu irei comtigo... irei... mas, pelo amor de Deus, compadeçam-se de mim... Senhor conde... não posso ser sua contra a vontade de meu pae... V. exc.ª não perdeu nada... Quem perdeu tudo fui eu... Eu só... mas irei... irei para onde quizerem que eu vá...

Os gemidos, que da alma lhe vinham em gritos de agonia, embargavam-lhe a voz. Pendida a cabeça sobre as mãos regadas de lagrimas, D. Ignez, linda e angustiada como outra do seu nome, parecia prostrada aos pés de um barbaro como Affonso IV, implorar a vida que impios punhaes iam cravar-lhe no peito.

Pedro da Veiga, a peior alma d'aquelles dias, e o mais repulsivo em crueza de todos os irmãos, fulminava a irmã com o seu olhar de despreso, e sorriso de mofa. O conde entorpeceram-o espiritual e materialmente a serie de acontecimentos desgraçados, que em menos de duas horas o espedaçavam.

— Perdido! — murmurou elle com uma voz surda e tirada dos abysmos da alma!

— Perdido... não... Manuel de Tavora!... perdido não, porque não ha forças humanas que nos separem...

E assim, transportada a um quasi delirio, e erguida

de improviso, como se o braço de um anjo salvador a levantasse da sua humildade pueril, D. Ignez abraçava soffregamente o conde.

Pedro da Veiga, estranhamente sopeado nas suas iras perante aquella expansão livre de sua irmã, reluctava com a desordem de paixões que o desvairavam, e sentia-se um instante envergonhado de si mesmo. A sua situação, se lhe tirarem o silencio comico, era de pesar-lhe com dor na consciencia, e com vergonha na face! Até alli, na sua presença, entre o conde e sua irmã, foi tudo aferido pelo pudor: nem um olhar que não fosse honesto, nem uma palavra que magoasse a sensibilidade pundonorosa de um irmão. E agora? um abraço cálido, embora afflictivo; um delirio apaixonado, um juramento de alliança, uma expansão de amantes, embora o destino venha sellar de sangue aquelle juramento, embora lagrimas sejam as flôres das nupcias, e a campa o seu leito conjugal.

D. Ignez soluçava, chorava, e, comprimindo com os dentes o labio inferior, parecia violentar-se a disfarçar uma dôr aguda que lhe varava o seio. Eram torturas de mais para uma organisação tão melindrosa. A face ha pouco febril nas vertigens de um amor, longo tempo retrahido nas angustias do pudor e do medo, descórou pendida e desmaiada. Parecia morta, quando o conde ia sental-a, ou conduzil-a ao quarto. Pedro da Veiga tambem ia auxiliar o conde, quando este, com um não sei que de ferocidade nos olhos, lhe disse em tom rancoroso:

— Não ouse pôr-lhe a mão... O carrasco abandona a victima depois que a mata...

Pedro da Veiga, immovel e embrutecido como se na verdade sua irmã lhe caisse de entre os braços assassinada n'um ataque de furiosa demencia, não teve uma interjeição que responder ao pungente d'aquella ameaça.

O conde, duvidoso se Ignez da Veiga seria um cadaver, lançou sobre o leito aquelle corpo alquebrado e frio. Sobre os labios alvacentos achou-lhe na respiração tardia alguns signaes de vida. O pulso era debilitado e raro como nas agonias de um ethico. De resto, a existencia d'esta menina, assim extenuada de fadiga, sem alimentos, e sobre tudo tão martyrisada sem esperanças, ameaçava finar-se muito depressa. O conde, contemplando-a, chorava. Pedro da Veiga deixava-se cair sobre uma cadeira, e, com a cabeça curvada sobre o seio, parecia soffrer remorsos, ou imaginar o balsamo que guarecesse as feridas abertas n'aquelles dois corações tão bons e tão generosos.

Bem longe d'isso... Nem seria possivel o contrario...

Veiga ergue-se repentino; vae como em delirio ao quarto de sua irmã; toma-lhe arrebatadamente o pulso; convence-se de que não está morta; e, virando-se sobranceiro e terrivel para o conde, exclama:

— Não lhe compete estar ao pé de minha irmã enferma!... Quando lhe faltarem pae e irmão, virá um estranho velar as doenças da filha de D. Christovão da Veiga.

O conde, com admiravel sangue frio, respondeu:

— A civilidade manda-me ser o mais zeloso enfermeiro dos meus hospedes. Quando eu fôr a casa dos Veigas zelar a saude dos seus familiares, v. exc.ª, rude e incivil como é, mandar-me-ha sair de sua casa.

— Senhor conde!—replicou o Veiga—já não podemos transigir sem sangue!

— Assim o creio!

— Pois bem... E' necessario que minha irmã saia d'entre nós...

— Sairá! — respondeu o conde com sobresalto e nenhuma resolução.

— Não tenho um criado!... — murmurava o Veiga, esfregando a testa phreneticamente.

— Tem os meus ás suas ordens, menos o que v. exc.ª...

— Matou! — respondeu o padre Carlos da Silva, encostado ao batente da porta do quarto!

— Que diz, senhor?... — respondeu Pedro da Veiga, desorientado e confrangido pelo terror natural aos mais prevaricados corações.

— Matou-o... que mais quer o filho de D. Christovão da Veiga? — respondeu, sem alterar-se, o padre.

— Não é possivel! — murmurou o Veiga, comprimindo a testa convulsivamente.

— E' possivel tudo, senhor Veiga!... — tornou o padre com um dos seus sorrisos melancolicos... — Tudo é possivel e tudo se explica por uma só palavra... ANATHEMA!

— Basta, senhores! — exclamou o Veiga, sentando-se á cabeceira de sua irmã, que não dera ainda novos signaes de vida.

O padre acenou ao conde e saiu. O conde seguiu-o, sem ter dado uma palavra, depois d'esta inesperada apparição do padre.

Fóra, na sala, a meia voz, foi este o dialogo que elles tiveram:

— Esta minha vinda surprendeu-o, senhor conde?

— Por certo.

— Eu lhe explico: muito perto d'aqui chamou-me o seu caseiro, pedindo-me que tornasse atraz para ouvir de confissão o seu criado, que parecia escoar-se de sangue e morrer. Achei-o febricitante, lavado em sangue e profundamente chagado desde o hombro direito até ao

peito. Perguntei-lhe quem o ferira; respondeu-me que este fidalgo, que estava com o senhor conde. Primeiro pasmei, depois... maravilhei-me da Providencia de Deus... e achei que os homens não eram admiraveis por nenhum genero de virtude ou crime... Eram quasi inintelligiveis as suas palavras... Quiz atar-lhe a ferida: era um vão esforço; não havia sangue a suspender; lá para o interior do peito via-se-lhe uma carne lacerada e negra; era a morte, que não dava esperanças nenhumas. As poucas palavras que lhe entendi foram-me ditas para que eu as communicasse a v. exc.ª. Este homem tem mulher pobre e dois filhos, que não deixam ainda o collo de sua mãe. O morto pediu que lh'os protegesse por caridade, e lhe mandasse dizer por sua alma cem missas do ordenado que v. exc.ª lhe tinha a dar pelo anno findo... Pouco mais disse... Acrescentou que perdoava a quem o matou, para que Deus lhe perdoasse os seus peccados...

— Oh meu Deus! — murmurou o conde — o que é a minha vida ha um mez! que scenas tão desgraçadas eu tinha de causar com esta minha vinda á provincia!

— Agora, outro assumpto — continuou o padre. — Ha indisposição entre v. exc.ª e Pedro da Veiga?

— Immensa, senhor abbade... e irreconciliavel.

— Eu adivinhava-o, se não tivesse escutado as ultimas palavras.

— Ouviu-as?

— Persuadi-me que o Veiga queria tirar-lhe a irmã.

— E' verdade... e exige um desafio depois.

— ANATHEMA! — murmurou o padre, sorrindo-se.

— Que diz, senhor abbade?

— E' uma palavra com que v. exc.ª já viu que eu ex-

plico os phenomenos d'esta familia. Não ha nada a receiar nem a perder.

— Ha tudo.

— Tudo o quê? D. Ignez em casa do pae, ou a vida no desafio?

— Que me importa a vida, se tenho de perder este anjo?

— Poupe a vida, que esse anjo é seu, como a ideia da vingança é minha...

— Que quer dizer?... explique-se...

— Explicar-me!... só tenho aquella palavra que v. exc.ª sabe...

— Mas... eu não comprehendi como é possivel fazer minha essa infeliz menina...

— Dir-lh'o-hei.

— Quando?

— Logo que ella estiver em casa de seu pae...

— Peior mil vezes...

— Imagine um melhor meio, se póde, e desprese o meu conselho, senhor conde.

— Então dê-me uma escassa luz do que ha de fazer-se.

— Dar-lh'a-hei clara e immensa como a do sol.

— E antes d'ella sair?

— Dê-lhe uma esperança, e diga-lhe que ámanhã lhe será enviada uma carta sua... Senhor conde!... olhe para mim como para um amigo... Juro pelas sagradas ordens que me constituem ministro de Deus, e pela hostia e calix que consagro a Christo, juro que D. Ignez da Veiga será sua, tanto quanto uma mulher póde sel-o de um homem!

— Eu lhe agradeço de todo o meu coração.

— O conde abraçava calorosamente o padre, que continuou:

— Um dos seus criados deve já ir buscar uma liteira a casa de D. Christovão.

— Já?... quem sabe se poderemos ainda...

— O quê?

— Remediar com bons modos...

— Pois bem... se achar o remedio dos bons modos, desprese o meu conselho... Procure-me como um recurso extremo, que ha de encontrar-me, senhor conde.

N'isto appareceu Pedro da Veiga. Vinha livido, e trazia nos olhos residuos de lagrimas. Se foram de cólera ou de contrição, não era facil adivinhar. Vamos ouvil-o e julgaremos:

— Minha irmã está melhor. Em nome d'ella peço ao senhor conde que me faça chegar aqui uma liteira de minha casa.

— Em nome d'ella é que me pede? — perguntou o conde em tom de admirado.

— Em nome d'ella.

— Essas ordens devo recebel-as d'ella mesma.

— Não consentirei que ella lhe fale.

— Por quê, senhor?

— Não são uso na provincia de Traz-os-Montes, entre as pessoas de bem, entrevistas n'um quarto a sós com a pessoa que nos não pertence por direitos alguns. Aquella mulher que alli está é minha irmã... basta que eu lhe diga isto. As demais explicações dou-lh'as de cara a cara, em hora e local determinados... Creio que não se esqueceu...

— Não se esqueceu — respondeu o padre, sorrindo-se, com aquelle sorriso que já não é preciso explicar ao intelligente leitor.

— Não fallo com vossa mercê — retorquiu o Veiga.

— E' commigo... Não me esqueci — tornou o conde.

— Bem... posso contar com o favor que lhe pedi em nome d'esta senhora que v. exc.ª introduziu de noite em sua casa?

— Póde... e já.

O conde saíu a um dos balcões do castello. Chamou o primeiro criado que viu, e desceu ao primeiro sobrado. Pedro da Veiga, com insolente despreso, entrou no quarto de sua irmã, fechou a porta na cara do padre, sem o menor gesto de attenção.

O padre sorriu-se, e disse no fundo da sua consciencia:

— Entre o homem e a vingança interpõe-se o tempo. Nunca estive tão perto da minha.

Porque o diria?

Veremos, se o manuscripto lá chegar, o que Deus permitta.

Padre Carlos era muito nervoso para estar quieto. Tirou da sua carteira de marroquim atauxiada de ouro um oitavo de papel. D'este cortou uma tira, e n'esta escreveu o seguinte:

«Manhã ás quatro horas da tarde um mendigo es-
«tará sentado no segundo degrau da tua escada. Rece-
«berás uma carta, e com ella a esperança de seres mi-
«nha como hoje o és pela alma. Nem uma lagrima.
«Ostenta a alegria de uma mulher satisfeita. E' reha-
«bilitar-te para a honra.

«*Conde de S. Vicente*»

O conde chegou. Vinha mortalmente triste. Leu o bilhete. Disse que lhe agradava, e lembrou a difficuldade da entrega.

Entretanto que o conde copia o bilhete, entremos no quarto.

D. Ignez, sentada na cama, chora as mais amargas lagrimas de mulher, e de mulher virgem, e de virgem que vê caírem-lhe murchas as flôres da sua grinalda sem que o coração tenha uma nodoa.

Pedro da Veiga, com a barba sobre a mão esquerda, e com a direita pousada nos copos da espada, parece saborear aquellas lagrimas com refinado cynismo.

— Pedro! por que queres a minha deshonra? Que mal te fiz?

— Deshonraste-me! Envileceste-me! Escreveste na campa de tua mãe um epitaphio de vergonhas. Arremessas teu pae ao tumulo, com o primeiro escarró na sua fronte de nobre!

— Oh meu Deus! como este homem é cruel!

— Não invoques Deus! Elle é que me pôz aqui para punir-te.

— De quê? Eu não tenho uma acção que me envergonhe... não tenho um peccado na consciencia... Estou pura...

— Ainda bem...

— E se o não estivesse?

— Matava-te, e... matava-o...

— A elle?... — exclamou Ignez com um grito ardido e profundo de raiva — A elle?... Nunca? O conde de S. Vicente não é uma pobre mulher, que tu escarneças.

— Silencio! — replicou com voz soturna o Veiga.

Foi tarde a voz de silencio. Fóra, o padre e o conde ouviram a ultima exclamação.

— Silencio! — disse tambem o padre — Escutemos.

E escutaram, mas não ouviram mais que o sonido

represado de vozes. Era ainda o dialogo, que nós poderemos ouvir se o travêsso do Veiga nos não pozer fóra do quarto.

— D'aqui a uma hora é necessario que esteja prompta.

— Estarei — respondeu a lastimavel menina já sem alentos para luctar com um tigre.

— Ha de ir para casa.

— Irei... mas não me martyrises... Cala-te, que as tuas palavras são golpes que sinto no coração...

— Has de saber o que são golpes na clausura... fechada para sempre á luz do dia...

— Deixa-me!

Esta desesperada exclamação de Ignez chegou aos ouvidos do conde e do padre como um brado de soccorro.

Sem se consultarem, simultaneamente empurraram a porta, e encontraram os dois irmãos na postura em que os vimos.

Ignez estremeceu, e saltou insensivelmente abaixo da cama. Pedro da Veiga arrancou meia espada da bainha, e sentiu a mão nervosa do padre obrigal-o a embainhal-a com uma simples compressão sobre o seu punho. Esta scena rapida como um sonho mau foi silenciosa, mas muito expressiva e eminentemente dramatica. Note-se que o padre nem aqui n'este lance de perigosa crise economisou o seu infallivel sorriso.

— Senhor Pedro da Veiga—disse o padre fria e pausadamente—v. exc.ª é victima de algum desarranjo mental... (O padre fôra informado pelo conde de todos os precedentes.) A experiencia, e o mundo que v. exc.ª correu, e que tantas vezes são um correctivo para as indoles malevolas, para o senhor Veiga foram um deslumbramento que o cegaram...

— Não lhe peço moralidades, nem sermões, senhor abbade... Applique-os aos seus freguezes...

— A missão do homem honrado não limita as suas funcções ao circulo de uma freguezia. V. exc.ª precisa que lhe fallem doutrinas de moralidade, que lhe importa se é um pobre parocho que lh'as diz em nome do Evangelho?! (E aqui o padre, depois de um ligeiro gesto ao conde, collocou-se de maneira que o Veiga não suspeitasse a passagem d'aquelle bilhete, que lemos, para D. Ignez da Veiga.) V. exc.ª é um impio, quando sacrifica aos caprichos de um orgulho estolido o coração de sua irmã, a *honra immaculada* de seu pae... (aqui sorriu-se) e os nobres affectos do senhor conde de S. Vicente...

— Ha pouco—interrompeu o Veiga sarcasticamente —era eu o que lembrava ao senhor abbade a precisão de casar minha irmã com aquelle senhor... e vossa mercê... nem eu me lembro que razões frivolas inventou para adiar esta alliança... Agora...

— Mudaram-se as scenas, não é o que quer dizer?— interrompeu o padre.— Engana-se, senhor Pedro da Veiga. Eu não tolhi o casamento d'este senhor com sua irmã. Annullei-me como padre para este sacramento... Tinha para isso as minhas razões de consciencia... Encarregassem-me de mandar-lhe um outro sacerdote, menos zeloso dos preceitos ecclesiasticos, ou desempoado no fôro da consciencia, e veriam os noivos com que afan eu curava de sua felicidade.

— Comprehendo-o, senhor abbade...—tornou o Veiga em tom jocoso.

— Ainda bem...—replicou elle, fingindo-se desentendido — Eu sou claro e franco... Ouçam-me todos com bom juizo e recto espirito... Salvem-se as reputações de

todos... O mal feito não prejudica o bem que pode fazer-se... Podem todos ser felizes...

O padre Carlos não adivinhamos a que conclusões levaria os seus principios, visto que a senhora Benta do João, já nossa conhecida, farta de chamar na sala, sem lhe responderem, bateu á porta do quarto. A pobre mulher limpava as lagrimas com o seu avental de serguilha, e custava-lhe a vencer os soluços para se explicar.

— Que queres? — perguntou o conde.

— Vinha saber — respondeu ella, chorando cada vez mais — o que se ha de fazer d'aquelle morto.

— Ha de vestir-se e levar-se para a igreja — respondeu o abbade.

Pedro da Veiga, que pela primeira vez fôra homicida, sentiu-se aterrado, levou a mão ás espiraes descompostas do seu cabello, levantou-se, e saiu para a sala. D. Ignez escondera a face entre as mãos, e sabe Deus que afflictiva impressão não foi aquella! O conde lastimava-se, e lastimava tantas victimas que elle fizera indirectamente. O padre... meditava na sua vingança... A Benta do João, mulher de boa alma como são todas as mulheres que não podem pela sua rudeza diminuir as dôres com os lenitivos do grande tom, chorava por tudo sinceramente; e não choraria menos pela morte da sua gallinha pedrez, ou do seu bácoro de orelha fanada, do que chorou pelo João Lisboa.

Além d'esta sua natural sensibilidade, a mulher tinha remorsos de ter innocentemente dado um pucaro de agua-ardente, e umas esfregações ao lacaio que ella julgou, na melhor boa fé do mundo, estar tolhido de frio. Não obstante este espinho cruelissimo, que ella esperava arrancar da sua consciencia, á custa de confissões, e rosarios, e via-sacras, a mulherzinha não prescindia de

fazer os seus respeitosos cumprimentos á senhora; e para isso aproximou-se o mais que pôde de D. Ignez, que, sem espirito de orgulho nem fumos de aristocracia, não estava para atural-a. A senhora Benta, que não tinha ainda lido nem ouvido fallar na soberania popular, humildava-se carinhosamente á fidalga, e sentia-se caír de joelhos aos pés d'ella, quando o padre Carlos da Silva, cioso de que taes actos de humildade fossem usurpados a Deus, susteve-a e reprehendeu-a com o seu olhar severo. A Benta, ao que parece, tinha peccado lá dentro que a não deixava socegar sem pedir perdão a alguem. Mau é que o remorso na mulher do povo lhe nasça espontaneo, sem que o confessor lhe cauterise a consciencia com a ponta de ferro aquecido nas forjas do inferno. A dôr então é real, profunda, e, se quasi sempre é filha de prejuizos e abusões, casos ha em que o espirito se enluta d'aquelle pavor de crimes, que é tambem mortalha para o corpo. Nas cidades, e nos salões, e nas *Aspasias* dos salões, é que não ha d'essas consciencias, nem d'esses crimes, nem intimos pavores, que o brilho deslumbrante da pedraria não desvaneça. Por cá, «no sepulcro branqueado das cidades», o espinho do crime descrava-se com facilidade do seio arquejante da mulher que se requebra n'uma polka-mazurca. Caído, o lindo pé do anjo passou-lhe por cima, e quantas vezes o espinho nascido no sangue, e pizado por ella tão donosa, transforma-se, como a crysalida, em flôr innocente, que eu e tu, amigo leitor, lhe apanhamos debaixo dos pés, e aspiramos sequiosos do seu perfume!

Estavamos com a Benta do João, dizendo que ella estava mordida da serpente do peccado. A mulher, se tinha precisão de uma confissão geral, devia ajoelhar-se ao seu pastor, que estava alli, e não a D. Ignez da Veiga, que era das que alli estavam a que mais pre-

cisava de confessar-se pelo pouco que promettia de vida.

A Benta continuava a chorar, e tão copiosa foi n'estas vertentes de sentimento liquido, que o padre Carlos não resistiu á necessidade parochial de chamar a sua ovelha á parte, e ouvil-a de confissão provisoria.

— Que tem, mulher? — perguntou elle, chamando-a ao fundo do quarto, ao mesmo tempo que D. Ignez lia o escripto, e o conde lhe traduzia nos gestos a impressão d'aquellas promessas.

Deixemos a senhora Benta confessar-se de algum peccado tremendamente mysterioso, na certeza de que o padre Carlos não é homem que o cale, se fôr cousa de interesse romantico.

D. Ignez illuminou-se-lhe a face de um brilho de alegria, que reflectiu com igual intensidade na face do conde. Pareciam transfigurados! Apertavam-se as mãos com phrenesi. Lagrimas, como as que ambos choravam, serão sempre em faces amarellecidas pelo desgosto um grito silencioso de contentamento febril.

Costuma dizer o povo na sua linguagem candida e desenfeitada, quando contempla extasiado uma linda creança, de olhos espertos, e sorriso angelico:

— «Este menino é de Deus... não viverá muito». Sentia-se precisão de dizer «esta infeliz é do céo», vendo aquella formosa e magoada menina, assim angustiada pelos cilicios da desgraça, e ferida de golpes mortaes em tão poucas horas, e sem um só instante de jubilo que lhe suavisasse a gravidade do martyrio!... O fel da morte bebe-se a longos tragos em poucos instantes. Uma grande paixão é surprendida pela mortalha, que muitas vezes nem tempo deixa de pedir á esperança um raio de luz. Não foi assim feroz com D.

Ignez a morte, que de tão perto lhe acenára durante onze horas de inconsolavel supplicio.

A consciencia que ella tinha da sua virtude immaculada, as flores viridentes da sua corôa de virgem, poderiam servir-lhe ao menos de repouso á consciencia, quando a tyrannia de sua familia a arrancasse para sempre do coração do conde?

Não, realmente não. Nas paixões decididas se a desventura as envenena no seu culto o mais ideal e o mais generoso, não cuideis que é consolaçã opara a mulher a consciencia do seu pudor sem mácula, ou para o homem a chamada consciencia do seu cavalheirismo. A virgem que se abandona aos afagos espirituaes do homem, esse coração que se embriaga e perde nas aspirações indefinidas do instincto, abdica toda a realeza e orgulho, quer só carinhos a troco da completa renuncia de si mesma.

D. Ignez, arrastada para longe de Manuel de Tavora, e convencida de entrar em casa de seu pae, candida, innocente e pura como saira, não acharia n'esta convicção balsamo para cicatrizar a ferida de morte que lhe golpearam no seio... embora intacto por mão de homem.

Adorada espiritualmente de joelhos, ou sómente, em summa de todas as adorações, devorada pelo amor cálido de beijos phreneticos e sequiosos, D. Ignez verteria as lagrimas, morreria no mesmo instante, e aos seus proprios olhos seria a mesma desgraçada. Aos olhos do mundo, é que ella não pediria indulgencia nem amor. Mulher que se abysma no segredo da sua dôr, e expira abraçada com a imagem de um homem por quem se perdera, essa não pense a opinião publica que a flagella em negar-lhe um perdão que ella lhe não pediu... Esquecida de si, desprezada pela propria consciencia, a

mulher esqueceu e despresou primeiro esse pomposo sarcasmo chamado *opinião publica.* Na morte, os seus dois extremos gemidos repartiu-os por Deus, e pela saudade... da terra, não, do homem que na terra lhe fica para ler-lhe o epitaphio com os olhos enxutos e o coração tranquillo.

— Então onde fica a historia ?—pergunta o leitor arrependido de gastar o seu dinheiro em um livro, que nem ao menos é uma sincera novella !

Judicioso burguez, barão, litterato, ou o que quer que és! a historia é tudo isto que ahi vês, descórado aqui pela pallidez, alli energico e vivo pelo vivo interesse que me vem de acalorados successos; acolá estirado e confuso pelo remanso que a alma de escriptor saboreia n'essas agonias sociaes que o retrata no intimo; umas vezes desleixado e risonho d'este desleixado sorrir da infelicidade que olha para as scenas do passado amarguradas e doridas do flagello da desgraça, que é o mesmo em todos os tempos; outras vezes grave e sisudo, analytico e regularmente historico, como convém que o seja para não caír no desagrado do leitor, que exige os successos filhados e consecutivos como um capitulo genealogico do *Genesis.* D'esta arte satisfazem-se as necessidades do leitor e as minhas, no que diz respeito ao espirito, que, nos fóros sacrosantos da materia, convençam-se os benevolos compradores d'este livro, que nem é bom fallar, para não ficarem elles desacreditados como inimigos das lettras, ou eu como invalido rabiscador de romances.

Depois de fallar de mim e de ti, amigo leitor, bom é que o padre Carlos da Silva nos explique a mal reprimida risada com que respondeu ao breve entre-parenthesis que teve com a lagrimosa Benta do João.

— Vá se embora, mulher... — dizia-lhe com affabili-

dade o padre — Se não tem outro peccado, as portas do céo estão abertas para si...

— Então não é preciso pedir perdão a ninguem?... — perguntou ella, enxugando as lagrimas com o punho do seu jaqué de baeta.

—Não é, não... Mande buscar a Villa Real um habito e um caixão, e rezê-lhe por alma, que é como se paga aos mortos o mal que sem querer se lhes fez na vida. Vá com Deus...

A tia Benta retirou-se, rezando o quadragesimo *Padre Nosso* por alma de João Lisboa, e atravessando a sala susteve o *pão nosso de cada dia*, para commentar a seu modo a physionomia descomposta de Pedro da Veiga, que passeiava na sala com os braços cruzados e os olhos electricos e cravados no chão.

— Tem cara de morte de homem ou de roubo de igreja! — disse a velha mentalmente contra todos os preceitos de uma boa grammatica, e atou o fio do seu *Padre-Nosso.*

Dentro do quarto, D. Ignez, quasi delirante de prazer, já pôde com o sorriso nos labios perguntar ao padre Carlos que terrores eram os d'aquella pobre mulher tão afflicta. O padre, que, pelo que se vê, não era já um homem sinistro para D. Ignez, respondeu que a senhora Benta do João, naturalmente caridosa, mas ao mesmo tempo estupida em julgar do diagnostico dos enfermos, erradamente entendera que os incommodos do defunto João Lisboa eram resultados de frio, e por isso lhe dera um pucaro de agua-ardente, que ella muito temia fosse causa da sua morte. E' por isso que a mulher, julgando-se cumplice n'este homicidio aos olhos de Deus, vinha primeiro pedir perdão a s. exc.ª, para depois fazer uma confissão. Acrescentou que para remissão d'este grande peccado promettera ir amortalhada

á Senhora da Penna, e pesar-se a cera no Senhor dos Afflictos, e vender as vaccas na feira dos 8 para mandar dizer missas por alma do defunto.

O padre Carlos da Silva não parecia gostar da tal ou qual intimidade que observava entre os namorados, protegida pela retirada subita de Pedro da Veiga para a sala. Que pensamento de ruim mysterio era o d'elle n'este negocio? Perto de nós vem a pagina que o revelará.

Depois de uma ligeira meditação, o padre despediu-se de D. Ignez, e acenando ao conde para afastar-se d'ella, fallou-lhe assim:

— E' certo que a senhora D. Ignez vae recolher-se a casa?

— Supponho que sim.

— Aproveitou-se da occasião que lhe proporcionei para dar-lhe o escripto?

— Foi-lhe entregue, e já o leu.

— Que impressão?...

— A melhor.

— Convem, sim?

— Em tudo que fizer... Tudo lhe prometti, confiado em padre Carlos.

— No meu juramento, não é verdade?

— Na sua honra...

— Não jureis o nome de Deus em vão... A que vem aqui essa palavra?

— Nega compromettel-a, senhor padre Carlos?

— Recorda-se do meu juramento?

— Devo recordar-me toda a minha vida.

— Eu lhe repito: pelo corpo e sangue de Christo, que consagro, e pelas ordens que auctorisam a este mysterio augusto, e pelo soffrimentos de minha mãe (acrescento agora), prometto e juro que D. Ignez da Veiga

será do conde de S. Vicente, tanto quanto uma mulher póde ser de um homem... Foi assim, senhor Manuel de Tavora?

— Permitta Deus que assim se cumpra...

— Cumprirá. Vou esperar na igreja o defunto... Manhã está v. exc.ª naturalmente sósinho... procural-o-hei...

— Hoje mesmo, senhor padre Carlos...

— E' impossivel. E' quasi meio dia. Vou dizer missa, e aproveital-a, para que esse infeliz não seja sepultado sem alguns suffragios...

E partiu. Atravessando a sala em que Pedro da Veiga passeiava ainda, furioso com a demora da liteira, o padre parou, fitou-o, mediu-o, como se costuma dizer, da cabeça aos pés, e, está claro... sorriu! O Veiga não foi estranho a este gesto indefinivel: parou, e... sorriu tambem.

— Não nos comprehendemos, senhor Veiga — disse o padre.

— E Deus me livre de entrarmos em intelligencias, senhor abbade — respondeu no mesmo tom de ironia o Veiga...

— Folgava de ouvir-lhe a ironia afidalgada... o sarcasmo trajado á côrte... se não tivesse de dizer uma missa por alma de um homem que v. exc.ª addicionou ao catalogo das victimas de sua familia...

— Retire-se... senhor! — retorquiu Pedro da Veiga, cruzando os braços e bamboando a cabeça.

O padre riu, e continuou sem visos de sobresalto:

— Teria eu quem me fizesse os suffragios, se eu fosse o seu segundo trophéo de sangue no dia 7 de fevereiro de 1701?!... Deixe-me viver, senhor Veiga, que não tenho familia que me arranje com suffragios melhor logar no céo, do que seu pae me arranjou na terra...

E saiu finalmente com aquelle coração de rija tempera, sereno como entrára, e esperançoso na sua vingança como nunca estivera.

Qual seria? Ha de saber-se, se tiverem a paciencia de deglutir para o estomago moral mais alguns indigestos capitulos d'estes que, segundo me consta, já teem feito chorar e rir muita gente ao mesmo tempo, qualidade rara em romances, diga-se o que é verdade.

CAPITULO XIX

Grande massada

Eram duas horas da tarde d'este malfadado dia 7 de fevereiro de 1701.

O conde de S. Vicente escrevia a seguinte carta ao padre Carlos:

«Era uma hora, quando chegou a liteira. Acompanhavam-a alguns homens de pé, e entre estes, dois franciscanos. Logo que v. s.ª d'aqui saiu, Pedro da Veiga chamou D. Ignez; disse-lhe palavras que a fizeram chorar; travou-lhe do braço, e saíram a esperar a liteira fóra do terreiro da torre. Conheci a intenção offensiva d'este vil procedimento. Pouco depois o cadaver do meu criado passava por diante do assassino... Que tremendo titulo, quando recáe n'um irmão d'aquelle anjo! Vi-a chorar.... Elle voltou as costas, e Deus sabe que inferno lhe tumultuava nos abysmos d'aquella alma!...

«As lagrimas são do homem, senhor padre Carlos... Chorei quando a vi... não pude vel-a entrar na liteira... senti apagar-se-me a luz da razão, e invoquei a esperança.... e o seu juramento... para supportar o golpe incuravel d'aquelle punhal...

«Soube que um dos franciscanos dissera a Pedro da Veiga que vinha auctorisado para deliberar em nome de Christovão da Veiga, logo que o filho não podesse represental-o. Pedro foi surdo a todas as perguntas dos frades, ás instancias derradeiras da irmã, e bradou raivoso pela brevidade da partida. Foram!... A saudade amarga com que lhe escrevo, senhor padre Carlos, deve movel-o á compaixão a meu favor... Soffro muito... Morreria... matára-me, se a esperança me não amparasse a vida n'estas longas horas de martyrio. Estou só. Mora o terror n'esta solidão, onde a vi. como um anjo, que Deus me concedera em paga da paixão generosa com que a amára! Só e a minha dor, que tem o fel de todos os soffrimentos humanos!... Só... com o pensamento n'um homem que tremi de conhecer... n'um homem que me estende a mão carinhosa de irmão, e me promette a vida que a saudade me disputa sentada á beira do tumulo. A minha vida sinto-a tão extenuada e debil... tão quebradiça ao mais leve toque do desespêro... que na minha situação estranha é-me preciso recorrer á protecção de todo o mundo... á protecção de uma creança que me diga que aquella infeliz ha de ser minha... Ha tormentos em volta do homem que eu não podia adivinhar! O mais afortunado basta o flagello de algumas horas para arremessal-o ao abysmo da desgraça... Desgraçado até morrer!... Eu sou um d'esses homens que Deus pune injustamente. Peço á minha consciencia um grito de remorso... não o ouço... Amava esta mulher antes de vêl-a abandonada á minha honra... Depois... foi uma adoração... um delirio... um sonho de que acordei para perdel-a... Perdel-a... não! Não tenho eu um amigo... um anjo tutelar meu e d'ella... não é

v. s.ª o meu enviado do céo com o refrigerio da religião?...»

Manuel de Tavora foi interrompido pelo subir apressado de alguem que se encaminhava para o salão!

Olhou, na duvida... Era o padre Carlos da Silva! Pela terceira vez este ente mysterioso, caracter surprendente, capaz de preencher as funcções de quatro dramas no genero campanudo, viera perturbar o entrecho d'esta emmaranhada historia. Verdade é que todos explicamos as idas e vindas do padre sem recorrer ás reticencias, nem á magia; mas era talvez mais grato ás intelligencias pacatas que o irrequieto sacerdote se tivesse sentado n'uma cadeira de sola cravejada de botões amarellos, e fallasse de lá quando lhe pertencesse a palavra.

Pois não póde ser assim, sem menoscabo do manuscripto, cuja contextura respeito.

Manuel de Tavora abraçou anciosamente o padre, e exclamou com expansivo contentamento:

— Não o esperava!... Como adivinhou os meus tormentos!... Quiz surprender-me?

— Adivinhei-o... condoí-me, e vim trazer ao conde de S. Vicente a consolação que ninguem levaria ao padre Carlos da Silva...

— Deus o livre de que as nossas situações se mudem...

— Não blaspheme, senhor conde! A minha situação... sabe-a?... adivinha-a como eu lhe adivinhei os padecimentos de hoje?...

— Sei que soffre...

— Muito, senhor Manuel de Tavora!

O padre sentou-se, pousou a testa sobre as mãos, que sobrepôz na mesa, e passou instantes assim con-

centrados no ponto negro que lhe enlutára para sempre a vida.

Depois, erguendo de subito a face, onde corriam duas lagrimas tardias, cravou com apaixonado interesse os olhos no conde, e exclamou com voz tremula:

— Vou ler-lhe o diario de minha mãe...

— Ah! sim... tinha-me promettido...— tornou o conde com affectuoso enthusiasmo.

— Tinha promettido... não cumpro com exactidão... paciencia... Os tempos mudaram-se, e as circumstancias tambem. Prometti que fosse manhã... é hoje... Convidei-o para a granja de D. Antonia Bacellar... é em casa do senhor conde de S. Vicente... que importa? o local e o dia nada teem com o diario, nem comnosco, nem com a infeliz, a cuja morte v. exc.ª vae assistir pela primeira vez, e eu assisto todos os dias, desde que sei soletrar as oito lettras que dizem ANATHEMA!...

— Sempre essa palavra funebre...— redarguiu o conde com tristeza.

— E' uma palavra... escreveram-a aqui no diario... mas quem sabe se passará de uma palavra?... Sabe-o Satanaz... Deus voltou a sua face divina d'aquella que a escrevera... Comecemos, senhor conde... Mas primeiro deixe-me dizer-lhe: quem escreve é a religiosa de Santa Clara, cuja correspondencia lhe li hoje de manhã.

O abbade tirou de um canudo de lata um rolo de papel, cosido á margem com cordão preto, e mais antigo na apparencia do que realmente era. Leu:

«De dia e de noite na minha cella, nas minhas rezas diante do meu oratorio, ou no côro, orando a Deus, a alma de minha amiga vem perfumar de unção celeste as minhas orações, enxugando-me as lagrimas, que tanto desafogo me são desde que a perdi.

«Consagrei-lhe a minha vida, porque não tenho vida que não seja a saudade. Não posso, ainda supplicando ao Senhor perdão das minhas culpas, chorar uma lagrima por mim... Choro por ella, como quem deseja morrer para encurtar o espaço que nos separa até o dia de juizo.

«Fiquei n'um ermo desde que o esquife m'a levou dos braços. Viuva de todas as consolações humanas, eu, pobre mulher, que a tinha a ella como um anjo, custou-me muito a vel-a separar-se de mim para sempre. Não tinha ninguem mais aqui. Orphã como ella, eu só queria da piedade divina que a mesma mão caridosa nos fechasse os olhos de ambas. Deus não me achou digna. Eu curvo-me peccadora diante de quem chama a si os que soffrem na terra, e vão no céo receber a corôa do martyrio. Morrer martyr! Eu fui testimunha da sua vida. Via-a, menina, colher flores. Via-a, donzella, adivinhar o seu triste futuro, quando as lagrimas sem explicação lhe banhavam as faces, e eu lh'as enxugava com as minhas. Via-a retalhada em cada fio do coração, enganada em cada crença, desfallecida, abraçada com a morte, como quem busca o refugio de mãe, que não póde repellir sua filha.

«N'estas horas afflictas que me sobram das minhas obrigações de religiosa, venho aqui n'este claustro, que foi para ella a sua derradeira paragem nos trances da vida... n'este claustro, que já não é para mim remanso de paz, mas prisão de flagellos... e aqui vejo-a em toda a parte, sorrindo-me e chorando, chorando-se e lamentando-me... Vejo-a n'aquelle leito, d'onde as agonias a lançaram para estes braços, onde devera morrer quem n'elles vivera tão pouco tempo, mas tão longe de amarguras. Vejo-a, com os olhos e labios cerrados pelo sêllo da morte, saír aquella porta por onde entrára com

o grito de soccorro nos labios, e as lagrimas da desesperação nos olhos. Soccorro... quem o não daria áquelle anjo, que fugia do mundo, escarnecido na sua innocencia, e ferido no coração com tamanha crueldade?

«Eu era a sua amiga, a sua irmã, a sua mãe. Filha do meu coração, pranto que ella chorasse, dores que lhe queimassem o seu viçoso sorrir de candida felicidade, eram as minhas dores e o meu pranto. Fui tudo para ella. Morreu-me, mas eu quero que a sua memoria seja a minha pobre existencia. Vou principiar a viver com ella. Todo esse passado de gosos e martyrios quero copial-o do coração para este papel... Será a mim só que deve importar a sua vida e o seu fim? Não é... e praza a Deus que eu fosse a unica a choral-a; e, do que ella foi, quizesse o céo que o meu coração fosse o unico sacrario!...

«Escrevo para mim... Ella vê-me do céo... Sinto a sua mão tocar-me na face... São lagrimas, minha cara amiga! Bem sei que não ha ahi o chorar, nem o pedir de joelhos a Deus uma vida melhor. Mas o pouco, que eu tinha n'este mundo, comtigo se foi!...

«Aqui ha o refugio da oração... repete-a aos pés de Deus, supplica-lhe que me escute... E a tua oração, minha irmã, é aquella que o desejo da morte te segredára nas grandes tribulações, e que tu me deixaste em herança. Pede commigo ao Senhor que nos junte nos bens do céo, como nos juntára nas desgraças da terra.

«Como ha tamanhos soffrimentos, e como se póde viver com elles!

«E' muita coragem na dor pedir ao coração todas as palavras e movimentos, e esperanças, e desconfortos que ligaram a minha vida com a de Antonia Bacellar. E' muito, meu Deus!... Mas as ultimas instancias

d'ella tão choradas, tão anciosas, quando a mão da morte lh'as comprimia na garganta... como hei de eu cumpril-as, se «aquelle» infeliz tiver a desventura de sobreviver-me...»

O diario, se tal nome póde dar-se a esta pungente recordação, tinha aqui algumas linhas traçadas. O conde de S. Vicente revelára já por lagrimas a sensibilidade que de antemão as suas proprias desventuras lhe enterneceram. O abbade lia sem commoção. No tom com que lia, denunciava-se uma frieza incoherente. Dir-se-hia que padre Carlos da Silva expunha o processo criminal de um réo, que tinha a condemnar depois.

Continuou:

«Conheci Antonia Bacellar no collo de sua mãe. Tinha eu dez annos, e ella, sem articular palavra, chorava se a não deixavam abraçar-se-me ao pescoço, e rir... rir... rir para mim, como se quizesse vaticinar-me que tempo viria em que eu a visse chorar muito.

«Abracei-a com muito amor um dia... Chorei quando ella saltava de contente sobre os meus braços; tive-a commigo horas e horas, até que ella, saudosa do collo de sua mãe, chamava por ella, e chorava já por a não ver... Quiz entretel-a... Acarinhei-a... devorei-a de beijos; mas não era possivel distrahil-a... *Mãe: mãe!* gritava ella... Que importava chamar? sua mãe tinha sido enterrada n'aquelle dia!...

«Antonia tinha anno e meio. Seu pae, que não tinha outra, nem recursos para muitos, estremecia-a, e pedia a Deus que pela sua misericordia me conservasse a mim, já que tão cedo lhe levára do mundo a mãe de sua filha. A creança parecia afagar-me com mais amor, como se adivinhasse que não tinha mãe. Era este nome o que ella me dava... Quando lhe diziam que eu era

Rita e não era mãe, a pequenina chorava, e pedia-me que castigasse a pessoa que tal dizia.

«Era muito linda. Apartava-se de todas as creanças pelas feições, onde se via alguma cousa de dolorosa predestinação... A face era pallida como estas flores, que descoram da sua alvura um momento depois de colhidas. Os olhos como debilitados pelas lagrimas tinham uma serenidade maviosa como os que se pintam nos quadros do Menino Deus no collo da Virgem Santissima. O seu riso tornou-se de uma tristeza que entristecia os outros; e os seus cabellos louros era um gosto ver-lh'os crescer tão annelados, por aquelles hombros que eu lhe humedecia com os meus beijos phreneticos.

«Aos quatro annos, em que principia a estação risonha dos brinquedos, Antoninha entretinha-se em enflorar de ramalhetes o seu oratorio, e não consentia que outras mãos além das minhas lhe desordenassem a symetria, que ella suppunha dar aos seus preciosos santinhos.

«Ensinei-lhe o Padre-nosso e a Avé-Maria. Depois disse-lhe que rezasse por alma de sua mãe. Fitou-me os olhos, viu-me a chorar, parecia comprehender-me, viu-me ajoelhar, ajoelhou tambem, rezou commigo, e no fim da oração, apontando-me para o céo, perguntou-me se estava lá. Disse-lhe que sim, e ella pondo as mãos insensivelmente repetiu a sua oração.

«Encontrei-a depois a rezar muita vez: perguntava-lhe se rezava por sua mãe — respondia-me que estava a pedir-lhe que viesse ver os seus santinhos e a sua Ritinha, que era eu. Eu sorria-me e ella pendurava-se-me do pescoço, beijando-me sofregamente.

«Os meios, não muitos, de seu pae, suppriam as despezas de uma educação de mulher. Antonia aos oito

annos era a maravilha dos que a conheciam em Villa Real. A melancolia e o desinteresse, que tudo que eram prazeres lhe causava, fizeram-a celebrisar-se entre todas as educandas. Bordava primorosamente. Conservo eu tantas das suas tarefas da mestra, e tão reveladoras do que lá dentro se passava triste n'aquella alma infantil!... Aquelle panno bordado, onde uma pastora afaga um cordeirinho que perde a sua mãe! Aquelle outro, onde uma creança espalha flores n'uma campa isolada no adro de uma igreja!... Aquelle lenço que ella bordou a retroz preto, e marcou com estas lutuosas palavras — *para as lagrimas de Antonia Bacellar*—não será isto o presentimento da desgraça, que murmura uma prophecia funebre nos segredos de um coração innocente para a culpa, mas fadado para o infortunio?

«Seu pae luctava com as adversidades da vida desde creança. Trinta annos antes seus avós eram ricos e nobres. Partidarios de Hespanha, caíram com o dominio de Filippe III, e perderam a fidalguia e a honra, e sobre tudo os elementos que grangeavam nas suas herdades.

«Depois o decorrer dos annos, cada vez mais escassos de subsistencia, fez que o passado, tão rico de prestigio e fortuna, se tornasse para Alvaro Bacellar, pae de Antoninha, como um sonho de felicidade, de que o infeliz acorda sempre no mesmo leito de dôr.

«Desde a acclamação de D. João IV, que o pae d'aquelle anjo de tristeza luctava com um poderoso, e esperava reivindicar uns bens que lhe foram violentamente usurpados com titulos de má fé, e deshumana iniquidade.

«Este poderoso era Vasco da Veiga—homem tão mau, que seria duvidar da justiça de Deus rezar hoje um

Padre-nosso por aquella alma eternamente condemnada!...

«No dia em que as leis calcaram a justiça de Alvaro Bacellar, para augmentarem ao thesouro de um opulento delator o obulo do pobre, aquelle honrado homem adoeceu.

«Antonia e eu sentámo-nos á cabeceira da sua cama. Pedimos-lhe por alma da que Deus lhe tirára do seu lado, que se lançasse nos braços da Providencia antes de se lançar nos da morte. Chorou muito comnosco. Apertou ao seio aquella filha. Sentia-se morrer de dôr quando não podia consolar-lhe os gemidos abafados que saíam do coração d'ella a abrazar-lhe os beiços... Pedia a Deus, de joelhos sobre o leito, que o deixasse viver para amparo de sua filha.... Era já tarde...

«Uma noite velavamos ambos ao lado do enfermo. Reclinado para a filha, pediu-lhe que mandasse chamar um confessor.

«A infeliz não pôde suster-se; desmaiou, e n'este desmaio soltou um grito: «Meu Deus! levae-me a mim primeiro, que eu fico orphã!» Este brado devia compungir o Eterno, se a sua divina vontade não fosse um mysterio para os que não podem julgal-a de entre o pó da terra.

«Durante o desmaio, Alvaro Bacellar quiz ter a filha sobre o seu leito; mas redobrou de afflicção quando, ao sentir-se arder em febre, temia communicar a doença a sua filha...

«—Melhor fôra que ella não podesse rezar por alma de seu pae...—dizia elle, afastando-lhe os cabellos ensopados em lagrimas e suor.

«Depois, voltando-se para mim, já com os labios rôxos como se a dobra da mortalha os empanasse, disse,

com voz tremula e soluçante, estas palavras, que me foram escriptas com lagrimas de sangue no coração:

«— Deus me dê vida... mas se está destinado que eu vá dar contas dos meus peccados... quem ha de revogar os decretos do Altissimo?...

Seguiu-se uma longa pausa, e um profundo gemer de atribulado na hora da morte. Passada esta syncope dolorosa, em que as trevas do tumulo lhe passavam terriveis diante dos olhos, o doente continuou, apertando-me a mão com a sua mão de fogo:

«—Esta menina... vae-me suspensa da minha alma aos pés de Deus... Lá pedirei por ella, que é tão linda e tão innocentinha...

Os suspiros embargavam-lhe a voz. Eu chorava, e déra a minha vida por a d'aquelle homem... Dera a minha vida por não ter conhecido esta familia... por ter morrido um dia antes d'aquella scena atribulada!... Com que ancia eu invoquei a Virgem Maria! Que promessas n'um momento eu não fiz para cumpril-as de rastos com as mãos e os joelhos ensanguentados!... Quiz ajoelhar-me... mas aquella mão de moribundo apertava-me como se eu fosse a vida para aquelle desgraçado que não queria morrer!...

«Depois de um longo intervallo de gemidos abafados e quasi extinctos como um ecco amortecido, Bacellar proseguiu com os olhos fitos em mim e quebrados pelo languor da febre:

«—Mas este anjo fica no mundo... sem protecção... sem fortuna... sem futuro... Perdão... perdão... Ritinha... A senhora tem vinte annos... foi mãe d'esta orphã, foi protectora d'esta desvalida... foi tudo quanto Deus pode inspirar a favor de uma desgraçada... A minha filha não fica sem asylo... Os seus dez annos tão tenros... tão perigosos no abysmo da perdi-

ção... ha de proteger-lh'os, sim?... diga... não chore assim, que me parte a alma... ha de ser a mãe de minha filha... a herdeira das minhas lagrimas, para as chorar por ella?... diga... diga... que eu invoco a Virgem Maria para ser testimunha da sua promessa...

«—Sim... sim...—respondi eu com todo o vigor da minha alma angustiada, comprimida, e esvaecida n'um transporte de dôr. O pae de Antoninha violentára-se tanto para fallar... esgotára tanto o resto de forças n'aquella afflictiva commoção de pensamentos, que, acenando apenas á minha resposta, pendeu a face livida sobre o hombro direito, e, depois de um trabalhoso arquejar sobre a dobra do lençol que marcava os estos do coração, caíu desacordado.

«As contorsões que eu soffri... o excesso de mágoa despedaçadora, que me vibrou por todo o corpo, só depois outra vez o senti, e não ha linguagem humana que o diga aos que não conheceram o requinte de dôr, que envenena uma vida inteira, se a não mata logo.

«Deus quiz conservar-me os alentos. Peguei de Antonia e transportei-a á sua cama. Ahi senti-me desfallecer... Collei os meus labios aos d'ella, que me não sentia, e chorei a desgraça de nós ambas.

«Chamei a criada unica da casa, e pedi-lhe que chamasse a toda a pressa o confessor. Esta pobre mulher, que fôra ama da mãe de Antoninha... que vira expirar o dia feliz d'aquella familia, e nascer o primeiro de eternas desgraças... rompeu em soluços que tornavam mais tormentosa, se era possivel, a minha situação. Consolei-a... eu, que tanto carecia de animo para salvar aquella familia da extrema desolação!... Pedi-lhe que ao menos me chamasse meu tio... a unica pessoa de minha familia... o unico amigo que eu ti-

nha no mundo, depois d'aquelle homem, que se estorcia nos paroxismos da morte.

«A minha querida Antoninha, quando abriu os olhos, e se viu sósinha no seu quarto, chamou o pae com afflictiva desesperação, como se acordasse de um sonho em que o visse amortalhado dentro do esquife. Fui em seu soccorro: acarinhei-a, pedi-lhe que não aggravasse a doença de seu pae; inspirei-lhe confiança na Virgem Maria, e lembrei-lhe que rezasse com fervor e esperança nas melhoras d'elle. A infeliz ajoelhou, e nunca prece mais crente e lagrimosa foi de um coração innocente mover a compaixão do Senhor. Eu, vendo-a tão fervorosa, pensei que Deus a escutaria! Quando se reza com tanta afflicção, deve-se esperar a misericordia divina... dizia eu commigo, olhando-a tão bella no seu extasis doloroso, tão apaixonadamente animada n'aquelle santo delirio!

«Deixei-a n'aquella postura angelica, para acudir ao pae, que chamava sua filha. Não a deixei seguir-me. Pedi-lhe que não interrompesse a sua oração tão bem principiada... Fui só, e encontrei-o delirante. Não me conheceu... — «E's a minha filha — disse-me elle com grandes intervallos e difficuldades — és o retrato de tua mãe... Não a conheceste... Foi bella no rosto e no coração... Nunca se queixou do destino... Morreu sorrindo-se para o mundo, que lhe fôra um algoz... Eu não... eu amei-a... adorei-a... e inundei-lhe de minhas lagrimas aquelle rosto, onde brilhava uma luz celestial... um resplendor dos anjos, que nem o sôpro da morte lhe apagou... Perdemol-a ambos, minha filha... Deveramos morrer n'aquelle dia... A tua amiga... foi Deus que a mandou sentar-se ao pé do teu berço... Sem ella o que seria de ti... e de mim, que tenho passado a minha vida a luctar com a desgraça,

para desviar-lhe os golpes da tua cabeça?... Não pude... filha da minha alma... não pude... Estás pobre... que eu morro como o ultimo dos criados de teus avós... Em qualquer leito se morre... não é assim, Antoninha?... mas a vida... a honra... a virtude... é outra cousa!... Meu Deus!...»

«Esta exclamação foi um brado improviso como o de homem que apunhalaram de repente. Tremia em convulsões medonhas. Chamei-o com muita afflicção, e com muito medo... não me respondeu com o menor gesto. Antonia veio angustiar ainda mais aquella situação. Entrou espavorida no quarto, afastando com phrenesi os cabellos que lhe empastavam as lagrimas da face.

«—Deus não quer as minhas orações...—exclamou ella, abraçando-se commigo — Rezei muito, e não tive uma voz que me promettesse a vida de meu pae... Morre!... O' Ritinha!... meu pae morre... e não ha nada que possa valer-lhe...

«E caíu n'um choro tão dilacerante e inconsolavel, que eu não sei como o Senhor, que tudo póde, lhe não suavisou tamanha agonia! Perdoae-me, meu Deus!... ha existencias tão virtuosas, tão atribuladas do berço até á morte, que seria offender a Providencia, julgando-as protegidas e vigiadas por ella...

«Quando o cirurgião chegou, e meu tio com o padre, Alvaro continuava no seu delirio de palavras confusas e sumidas. O cirurgião, sem lhe tomar o pulso, nem indagar de nós os padecimentos do enfermo, segredou ao padre algumas palavras, que depois soubemos que foram recommendar-lhe a extrema-unção, no caso de que fosse impossivel confessal-o. Antonia adivinhou, como se o anjo do martyrio lhe murmurasse aos ouvidos, cada palavra do seu futuro negro. Parece que as lagrimas tinham seccado n'aquelles olhos! A in-

feliz soluçava, contorcia-se, arfava como nas agonias da morte, e causava terror!

«Parece-me que ouço ainda a voz tremula d'aquelle padre de cabellos brancos e rugas profundas no rosto. A sua missão era consolar os vivos, e prometter o céo, em nome do Altissimo, aos que iam das penas do mundo para a eternidade. Aos pés do leito do moribundo, com as mãos entrelaçadas sobre o peito, pedia talvez a Jesus Christo um intervallo lucido para abençoar o enfermo de alguma falta, que lhe maculasse a sua vida toda de martyrio e de virtude. A nós, que não podiamos curvar resignadas a cabeça á vontade de Deus, o padre fallou-nos com a magestade de um inspirado:

«— Tende coragem filhas!... Os espiritos que enfraquecem no dia da provação, não pódem ser os queridos do Senhor, que expirou na cruz sem um gemido de impaciencia... Almas como as d'este honrado homem, quando o Creador as eleva até si, pedem lá incessantemente pelos que ficam na terra dilacerados pela saudade, ou pela herança de infortunio. A religião deve consolar-vos n'essa dôr, minhas filhas. Ouvide a consciencia... ella vos dirá que o virtuoso, desgraçado no mundo, tem uma vida eterna a viver na presença de Deus. Vêde aquelle rosto, onde o remorso não cavou uma ruga, se o não illumina a claridade de uma alma, que vae deixar a mortalha do corpo, e levantar o seu vôo ao extremo refugio dos justos!? O que é a vida, se o excesso de infortunio póde envenenar a alma do homem, que chegou á velhice com os labios puros de uma blasphemia contra a Providencia? Deus, que nos dá a vida, e que tão provada de dôres a deu a este moribundo, levará em bem essas vossas lagrimas desesperadas? Eu vos digo que não, e em nome do Crucificado vol-o digo! A vida é um emprestimo — uma pas-

sagem sobre espinhos ou flores, no fim da qual se abre o reino da gloria para o que leva os pés ensanguentados dos espinhos, ou o reino das trevas para o que se coroou de flores regadas pelas lagrimas dos opprimidos... Filhas, ajoelhae commigo... Mostrae as vossas lagrimas áquelle crucifixo; convertei-as em orações... pedi-lhe que leve d'este mundo aquella alma, se na balança do céo pesarem mais as suas virtudes... ou então, pedi-lhe para aquella fronte queimada pela febre o refrigerio da razão, um instante de intelligencia, para que eu possa abençoal-o e remil-o dos seus peccados, pelo muito que descontou em amarguras...

«Rezámos. Antonia custava-lhe suster-se de joelhos, e pousou o rosto sobre o meu hombro.

«De repente, Alvaro Bacellar soltou um gemido agudissimo. Depois de uma pequena pausa, prorompeu n'estas palavras convulsas e tiradas com violencia do resto das suas forças. Eram talvez o derradeiro esforço da vida, exagerado pelo delirio da febre:

«— Que mal fiz eu a esse Veiga, para tamanha perseguição?!... Juiz!... vaes julgar um homem de probidade, que se refugia á sombra da lei... Não venhas roubar-me aqui o pão da minha filha, nobre deshonrado!... Juraste cuspir-me na virtude, hypocrita!... Não... não cuspirás!... Quero legar memorias honrosas a minha filha, já que tu me não deixas legar-lhe o mesquinho torrão de meus avós... Desde 1640... ha trinta e um annos... que a tua raça maldita da honra me persegue desde o solar de meus avós até estas palhas da extrema miseria! Espoliado, quasi mendigo, mas calado e com os dentes cerrados para estranhos me não ouvirem um gemido... aqui com esta filha innocente... com este anjo que te não commove... aqui, amaldiçoado de Deus, chegou a tua mão

assassina! Filha da minha alma, roubaram-te... mataram-me... Desvia os olhos do verdugo!... não vês aquelle rosto calcinado pelo fogo do inferno?! Foge... foge... abriga-te no meu seio... quero levar-te ao céo candida e innocentinha como de lá desceste!... Meu Deus!... eu vos entrego este anjo que ficaria no mundo a chorar a minha falta... Minha filha!... minha filha!...

«No decurso d'este prolongado delirio, eram variadas as commoções do doente. Sempre com os olhos errantes, mas empanados de uma nevoa que lhe desconcertava a physionomia, Alvaro Bacellar apertava-nos insensivelmente as mãos, e queria sentar-se, fazendo esforços que o padre lhe embaraçava, tomando-o pela cintura. A sua ultima exclamação pela filha, que parecia estatua ou paralysada pela dôr, fel-a com a voz enfraquecida e mortal, como se a lingua se lhe abrazasse na febre que lhe vinha aos beiços em baforadas de lume.

«Esperámos se reanimasse do quebrantamento em que o delirio o deixava. Entretanto o padre, zeloso da salvação d'aquella alma, e, porque assim o aconselhára o cirurgião, disse-nos que era bom sacramentar aquelle moribundo. Estas palavras coaram nos ouvidos de Antoninha, como a noticia da morte de seu pae. O padre fallou-lhe como um anjo de consolação, e não sei por que divino mysterio as nuvens da minha alma se desvaneciam conforme a sua linguagem, perfumada de paciencia e resignação e amor de Deus, se insinuava brandamente nos ouvidos, no coração e na consciencia.

«Quando estavamos na dolorosa diligencia de serenar os transportes afflictivos de Antoninha, annunciou a criada que estava alli um homem, que necessitava fallar ao senhor Alvaro Bacellar, e que tendo ella dito que era

impossivel, por estar muito doente, o homem dissera que mesmo assim precisava fallar-lhe, e acrescentou que dissera isto com grosseiros modos.

«Mandámol-o entrar, porque o padre nos disse que não havia razão para o contrario, visto que o homem instava.

«Entrou, e ficou surprendido quando nos viu á roda do leito de um moribundo.

«— Pois elle está assim doente?

«Ninguem respondeu palavra a esta pergunta.

«— Em tal caso—continuou o homem—ha de ser intimado no parente mais proximo.

«— Para quê?—perguntou o padre.

«— E' que eu venho intimar-lhe a sentença que o meritissimo juiz de fóra da comarca deu contra elle, e a favor do exc.^mo^ sr. Vasco da Veiga...

«Antoninha, como arrebatada e perdida, lançou-se de joelhos aos pés do meirinho, e exclamou, de mãos erguidas:

«— Pelo amor de Deus não mate meu pae!... Vá-se embora antes que elle abra os olhos... Tenha pena de mim, que sou filha d'elle...

«O padre, reparando na humiliação de Antoninha, e na immobilidade estupida do meirinho, fel-a erguer com suavidade, e, voltando-se para elle, proferiu estas palavras, com as lagrimas a descerem-lhe nas faces venerandas:

«— Que mais quer a justiça d'este pobre homem?... O senhor Vasco da Veiga venceu; pois que tome posse... e Deus julgará no seu tribunal de quem ella devia ser... Mas, o senhor bem o vê!... Alvaro Bacellar está para dar contas ao Supremo Juiz... Diga isto mesmo ao senhor Veiga...

«— Mas eu tenho de cumprir a minha obrigação —

replicou o meirinho — é preciso que me assigne alguem a intimação...

«— Assigno-lh'a eu, se isso vale de alguma cousa — disse o padre com brandura.

«— Isso é que eu não sei se um padre póde assignar cousas de justiça...

«— Pois eu tambem não... Vá saber e volte, com a graça de Deus.

«O meirinho saiu, e o padre soccorreu com os seus afagos religiosos a minha querida Antoninha, que parecia desesperada e inconsolavel. Eu, por mim, como se Deus attendesse á precisão que eu tinha de animo para confortar a minha filha adoptiva, sentia-me reanimada, não pela esperança das melhoras, mas pelo allivio com que Alvaro Bacellar morreria, tendo uma voz intima que lhe dissesse que eu cá ficava no mundo para amparo de sua filha.

«Logo depois da saída do official de justiça, o pae de Antoninha abriu os olhos, contemplou-nos a todos com muita serenidade, e sorriu-se para a filha, e a mim apertou-me a mão. Se elle fallasse e me pedisse com toda a ancia do seu amor que fosse eu a mãe de sua filha, não me faria na alma maior impressão do que senti n'aquelle aperto mudo e tão expressivo. A physionomia do sacerdote illuminou-se de uma santa alegria. Não eram as esperanças da vida, n'aquelle sorriso de Alvaro Bacellar, as que alegraram o padre. Eram esperanças que, acima das illusões mentirosas do mundo, tinham a sua realidade no céo. A confissão, que elle julgára impossivel, ia preparar aquella alma, despil-a das tribulações mundanas, e perfumal-a dos incensos que do leito da morte já parecem recender aos pés do throno do Senhor.

«Antoninha perguntou muitas vezes a seu pae se

sentia melhoras: elle sorria-se e anediava-lhe os cabellos da testa. O padre fez-nos signal de que saíssemos, e nós, por um esforço sublime da religião sobre a nossa vontade de filhas (eu se o fosse não o amára mais), deixámol-os, e viemos chorar diante do oratorio, onde encontrámos aquella boa velha desfeita em lagrimas.

«Inesperadamente, Antoninha abraçou-se em mim, e exclamou:

«— E se meu pae morre, ó Ritinha... que ha de ser de mim?!

«O grande amor que eu lhe tinha magoou-se com esta pergunta. Por mais que me reprimi, não pude conter esta resposta magoada:

«— Eu cuidava que me tinhas amor de filha, ou de irmã, ou de amiga, pelo menos...

«— E não tenho?—interrompeu ella afflictivamente.

«— Parece-me que não...

«— Por quê, Ritinha?... diz!... eu que te fiz... perdôa-me se te magoei...

«— Pois tu perguntas-me o que ha de ser de ti se teu pae morrer?! Não sentes que a vida de ambas nós é uma só vida para o infortunio?...

«— Sim, sim, para o infortunio... — tornou ella, fitando-me os olhos com estranha penetração, ao mesmo tempo que parecia distrahir-se nas amargas conjecturas de infortunios que a esperavam. Eu despertei-a d'aquelle doloroso recolhimento de espirito, com estas palavras animadas sabe Deus côm que esforço do meu proprio desalento:

«— Mas attende, Antoninha... Não sou eu a tua querida irmã?

«— E's, Rita... és...

«— Pois então?... ficarás sósinha no coração de tua irmã?

«— Não... mas meu pae amava-nos tanto a ambas !.. Era a alma onde viviamos juntas, e depois a quem havemos de chamar pae n'este mundo?

«— A Deus, Nosso Senhor, que é pae da mais pobre das suas creaturas... Olha, Antoninha, se o Senhor determina que o teu... e meu pae não viva entre nós, é porque o chama á vida dos anjos... Se morrer na terra para viver no céo, viverá por nós tambem. Rezar-lhe-hemos todas as horas, sempre juntas, sempre dignas de um dia quinhoarmos da sua gloria... E não te parece que orar é conversar com os justos e com os santos?

«Antonia parecia não me escutar, ou a dor lhe entalava as palavras no coração. Respeitei aquelle amargurado silencio, que é a mais eloquente expressão de uma orphã, que não póde, sem sentir morrer-lhe metade da existencia, consagrar a outra metade aos carinhos de uma irmã adoptiva. Fiz-lhe mal com aquellas ternas palavras, segundo ella depois me disse. Antoninha n'aquelle conflicto, quizera antes que eu lhe désse esperanças de seu pae viver, e lhe não fallasse do que aconteceria depois da morte d'elle. Mas eu, escrava das minhas propensões para futurar o peior, não pude suavisar-lhe o padecimento com esperanças que me não suavisavam a mim. Disse-lhe o que sentia infelizmente... O coração dizia-me sempre desde que Alvaro Bacellar adoecera, que d'aquella cama para a sepultura só a mão de Deus poderia amparar-lhe a queda.

«— Então, não me dizes nada, Antoninha?—disse-lhe eu, apertando-a contra o meu coração, e beijando-a nos labios que me davam um triste sorriso.

«— Que queres que eu te diga, minha amiga?... que não tenho esperanças nenhumas na vida de meu pae?... E' verdade... não tenho... perdi aquelle pae,

tão bom, tão nosso amigo... mas, mas se elle ainda vive, quero estar ao pé d'elle... deixem-me estar ao pé d'elle, já que Deus não quer que eu o siga...

«A transição para as lagrimas foi repentina. De novo os soluços, os gemidos, as contorsões, e até o desespêro vieram assaltal-a na sua resignada mansidão. Tremi pelo desarranjo mental d'aquella infeliz, quando a vi arrancar-se os cabellos desatinadamente.

«— E' atroz—gritava ella—é atroz, meu Deus, eu ficar sem meu pae!

«Debalde lhe reprehendi aquellas peccaminosas arguições á Providencia... Pareceu-me humano e mais religioso talvez deixar-lhe o desafogo n'aquella suprema agonia, n'aquelle combate dilacerante entre o amor ardente de filha e a resignação christã, que parece (e Deus me perdôe se é um crime sentil-o) uma violencia feita ao coração, quando com ella nos querem apagar na alma um grande incendio no começo do seu ardor.

«Decorrera meia hora, quando o padre veio dar comnosco ao pé do oratorio n'estas lagrimas e n'estas afflicções. Acenou-me ás escondidas de Antoninha, e disse-me que fosse ao quarto de Alvaro Bacellar, que elle ficava alli com a filha.

«Fui... Oh meu Deus! as palavras que elle me disse, ouço-as ainda nos meus sonhos funebres, em que Alvaro Bacellar, nas agonias da morte, vem inundar-me as faces de lagrimas, que são, no meu despertar sempre triste, uma confirmação de que nasci para chorar noite e dia!

«Quando abri a porta conheci-lhe nos olhos amortecidos a anciedade com que me esperava.

«Com muito grande esforço estendeu-me o braço, e eu beijei-lhe a mão, e tive-a longo tempo collada aos meus labios. Parecia que isto lhe aprazia, como se a

frescura de minhas lagrimas lhe refrigerasse a quentura febril da mão. Estivemos assim sem trocarmos uma só palavra, e eu não sei verdadeiramente o que desejava, mas parece-me que tremia de ouvil-o, por saber que tinha de sentir-me estalar o coração quando elle principiasse a recommendar-me sua filha... Conhecia-se que Alvaro luctava com a fraqueza do peito para fallar ou quem sabe se com as angustias do espirito? Foi assim que elle começou, levantando-me o rosto para si:

«— Olhe, Rita... a sua bondade para com esta familia infeliz, que lhe enlutou a mocidade com alheios pezares, não é um sentimento vão aos olhos de Deus. Se o céo não ha de galardoal-a do muito que soffre por mim e minha filha, que devo eu, tão peccador, esperar da misericordia divina!?... Faço-a soffrer bastante, não é verdade, menina?... Não chore assim, que então não posso dizer-lhe o que manhã não poderei...

«A falla enfraquecia-se-lhe tanto, que eu não podia, sem susto, contemplar-lhe as faces, que pareciam morrer rapidamente. Tinha medo de estar sósinha com elle: parecia-me que a mão lhe arrefecia de mais. Temia de o ver fallecer, e estava para dizer-lhe que não fallasse, porque eu adivinhava quantas palavras elle tinha no coração para mim, quando elle, depois de uma dolorosa pausa, continuou:

«— Deixo-lhe a minha filha. O coração diz-me que ella não ha de sobreviver-me muito tempo; mas não ha orphã que tanto amparo precise. Ampare-a, Ritinha, que eu pedirei a Deus por si e por ella. Manhã que ella expirasse não lhe ficava no mundo quem lhe esmolasse uma mortalha e uma missa por sua alma. Eu tenho um irmão, mas pobre, porque é um honrado magistrado. Os filhos são-lhe de mais para consumirem o pão escasso do seu suor... A Ritinha tem alguns bens

de fortuna: a sua amiga e irmã e filha não lhe será pesada. E' um prato de mais, que faz; e uma desvalida de menos no numero das desgraçadas que se perderam por falta de subsistencia. Que lhe resta a ella dos avultados haveres de seus avós? Aquella granja do Prado, que por escarneo me não quizeram usurpar! Comtudo... e não sei porque... tinha vontade que ella conservasse aquelle ultimo palmo de terra, que seu pae lhe legou... Quem diria que Alvaro Bacellar tinha de morrer assim tão pobre? Com que pressa se cumpre a vontade de Deus! Bemdito sejaes, Senhor, que déstes ao desgraçado na hora da morte a esperança em vós! Bemdito sejaes, Senhor, que pozestes ao meu lado um anjo de consolação, que será o amparo da minha querida filha!...

«Os soluços abafavam-nos as vozes.

«Eu quiz reprimil-os, para poder a todo o custo dizer poucas palavras que lhe fossem de consolação. Não pude, nem elle pôde continuar. Nos meus beijos gravados n'aquella mão cada vez mais gelada, é impossivel que elle não sentisse o juramento que eu mentalmente fazia de ser irmã de sua filha. Não valeriam mais as palavras, não. O que eu senti não foi só a sagrada promessa feita a um agonisante; foi, como se eu curvasse humilde a cabeça ás ordens do céo, dadas pelo proprio Deus á sua indigna serva.

«Senti bater na porta; fui ver; era o sacerdote a perguntar-me se Alvaro Bacellar me tinha dito o que queria. Respondi que me parecia que sim, e elle pediu-me que fosse estar com Antoninha, que desmaiára, emquanto se ministravam os ultimos sacramentos ao moribundo.

«Ao retirar-me senti passos de quem subia na escada; cuidei que era o abbade com a extrema-unção, mas-

não ouvindo rezar o bemdito á porta, julguei que seria prevenção para não aterrar Antoninha. Enganei-me. Disse-me depois o padre confessor, que era um official de diligencias e um cirurgião que vinham, a requerimento de Vasco da Veiga, examinar se na verdade Alvaro Bacellar, por doente, não podia ser intimado! «A tua mão assassina veio perseguir-me no leito da morte!» tinha dito o infeliz Bacellar no seu delirio; e assim acontecia!... O' Ente Supremo! como são insondaveis os vossos mysterios, quando fazeis que um homem seja o flagello de martyrio para outro que chamaes para a bemaventurança!

Eu tive um pensamento, que devia ser inspiração do céo. Antoninha, assim desmaiada, ser-me-hia facil transportal-a a minha casa, que era perto. Meu tio estava alli quinhoando da nossa dôr. Achou boa a minha lembrança; e tomando-a nos braços levou-a d'aquella casa para nunca mais voltar a ella. A vizinhança, que era do coração amiga de Antoninha, dividiu-se pelas duas casas. Eu queria poder estar em ambas; mas a minha infeliz amiga, quando acordou d'aquelle angustiado somno, e se viu em minha casa e me não viu alli a reanimal-a, gritou, como se perdera o juizo, contra as pessoas que a consolavam, arguindo-as de terem morto seu pae e sua irmã.

«Corri logo a casa; e achei-me abraçada por ella com quanta força a desesperada agonia podia dar-lhe a ella tão debil e esvaída!...

«— Meu pae morreu? — bradou ella.

«— Não, Antoninha, não morreu; mas se Deus permittir que elle viva, precisa muito descanso, e tu bem vês quanto nos é difficil a quietação. Vieste para aqui, e logo que o cirurgião permitta voltarás para tua casa.

«Ai! não voltou, nem eu voltei!...

«Disse-me depois o padre que Alvaro Bacellar recebera os ultimos sacramentos com todas as mostras de uma contricção sublime, e que repetidas vezes pronunciára o meu nome, e que perguntado se queria ver sua filha, erguera as mãos pedindo que lh'a desviassem d'alli. Uma vez redobraram as instancias com que o moribundo me chamava. Vieram a toda a pressa a minha casa: eu ia já no fundo da minha escada, quando encontrei o sacerdote que me disse:

«— Morreu!

«Os ouvidos da minha alma ouviram ainda o grito que eu soltei com a maior dôr do coração humano! Não sei o que se passou. Achei-me depois n'uma cama. Vi lagrimas em todas as faces. Perguntei por Antoninha, disseram-me que estava no quarto proximo, sem sentidos havia quatro horas. «Talvez morta!» disse-me um presentimento horrivel. Corri ao quarto. Achei-a desacordada; mas o pulso batia-lhe, e o seio respirava. Ajoelhei então; ajoelharam commigo todas as pessoas e ao meu lado aquelle augusto sacerdote, cujo semblante era severo de religião como a magestade do Senhor. Rezámos todos por alma de Alvaro Bacellar. Estavamos n'esta oração fervorosa, chorada e ouvida no céo, quando Antonia despertou. Sentou-se na cama com impeto. Contemplou-nos alguns minutos com os olhos esgazeados e turvos como os de um demente. Buliu com os labios sem proferir um som. Fez alguns gestos sem significação alguma. Depois... com o lume de uma alegria feroz nos olhos, e com um riso de possessa nos labios, soltou uma risada medonha, convulsa, e arripiadora.

«— Está douda! — bradaram todas aquellas vozes!

«Eu é que não articulei uma palavra!... Como a mãe a quem roubam a filha das suas entranhas, cingi-me a ella vivamente... phreneticamente... com so-

freguidão delirante, e não tive senão lagrimas para ella, que me encarava com aquelle espanto dos dementes, ou com os tregeitos repulsivos e atemorisadores dos idiotas.

«— Meu Deus! esta é a suprema de todas as desgraças! — bradei eu na maior consternação! — Perdoae a esta creatura, se ella tem culpas para tamanhos castigos!

«O cirurgião ordenou que se retirassem d'alli todas as pessoas, menos eu. Quando assim se cumpriu, o sacerdote retirava-se com as demais pessoas, e Antoninha fez-lhe signal de que não saísse. Eu quiz persuadir-me que ella por esta acção, não estaria douda, mas o que depois colligi foi que aquelle homem de Deus exercia a sua divina auctoridade sobre os espiritos sãos, e os espiritos enfermos e desvairados pela perdição dos infortunios.

«— Que me quer, minha filha? — disse-lhe o padre, correndo-lhe a mão pela face pallida.

«— Diga muitas missas por alma de meu pae, sim? — respondeu Antoninha enternecida, e affavel, com uma voz de carinhosa meiguice.

«— Pois sim, direi missas... muitas missas... mas seu pae não precisará de muitas para entrar no reino dos justos...

«— No céo? — perguntou ella.

«— Sim, no céo, que é a patria dos que penam torturas na terra sem maldizerem a mão inimiga que os martyrisa.

«— Se eu fosse vêr minha mãe!... — tornou Antoninha com sobresaltada alegria. — E' verdade... ai! que prazer para ella!... Ritinha... não é? o pae... vêr o pae, hoje, manhã, sempre no céu, e por toda a eternidade... Diga, senhor padre... não estão juntos, abraçados, amando-se como cá, cercados de anjos e seraphins, na presença da Virgem Maria?...

«— Estão, estão, minha filha. Agora o que elles pedem a Deus é que sua filha os imite na coragem em soffrer os espinhos da terra, que rebentam no céo em flôres... Antoninha ha de imital-os, sim?

«— Heide rezar muito... isso heide, e mais a minha Ritinha; mas tu choras, Rita?... Então, não sou tua amiga?...

«Eu chorava, porque temia que ella não recuperasse o juizo.

«Disse o cirurgião que lhe seria muito bom passar pelo somno. Receitou-lhe um medicamento com opio, que produziu muito bom effeito. Antoninha, depois de desvairar em quasi tudo que disse, adormeceu nos meus braços, e d'elles passou para os do sacerdote, que já não quiz separar-se da que elle chamava «flôr da corôa de martyrio de seu pae».

«Antonia Bacellar tinha-me só a mim no mundo. Meditei muito na sua vida, e considerei-a, senão feliz, ao menos amparada pelo meu amor e pelos meus recursos. Docil e humilde, com uma singeleza de alma levada ao infinito da innocencia, Antoninha, quando as pungentes saudades de seu pae perdessem os espinhos dos primeiros tempos, olharia risonha para o mundo, e para mim com ternura de uma reconhecida irmã... *Reconhecida*... não. Eu não queria constituil-a em obrigações para commigo. O que eu queria era que ella me désse o seu coração todo cheio do meu amor, e vazio de sentimentos por tudo que não podesse ser seu pae, sua mãe, ou uma amiga que a idolatrasse mais que eu.

«Poderia ella deparal-a no mundo? Oxalá, oxalá — dizia eu tantas vezes no fundo da minha alma! — Permitta Deus que todos a amem, e eu seja a que menos lhe mereça o seu amor, se bem que penso que ninguem poderá amal-a mais que eu.

«Antonia Bacellar estava de quatorze annos, quando perdeu seu pae. Eu tinha vinte e quatro. Esta differença de nossas idades, e o meu genero de vida sempre triste e meditativa, fizeram-me sentir por ella alguma cousa que deve ser a similhança do que sentem mães extremosas por suas filhas.

«Eu scismava n'estas conjecturas, quando ouvi os responsos do acompanhamento que conduzia o cadaver de Alvaro Bacellar. Toda eu estremecia de crueis abalos, que ainda hoje me commovem! Então é que eu senti o amor filial que o trato intimo de familia me habituára a alimentar no coração pelo pae de Antoninha. Não chorei, porque as minhas lagrimas parece que o fogo da dôr as consumira; mas, peior mil vezes que o chorar, este gemer surdo e recolhido no seio, é a mão da amargura suffocando-nos a vida sem refugio algum. Senti-me tão quebrada nos alentos, e tão descoroçoada de mim, que cheguei a implorar ao Senhor que me désse animo e coragem, e saudade para desviar do coração de Antoninha os golpes que eu podesse aparar no meu. A gente quando ora com fervor e esperança, é sempre confortada. Conheci-me fortalecida com vigor de sobra para o martyrio. Depois pedi por ella, pelo meu anjo, e, com tamanha fé na misericordia divina, que mal a minha oração findára, Antoninha despertou, chamando por mim. Foi Deus.

«As suas feições não estavam decompostas como ha pouco. Languida na vista, e tão livida n'aquellas faces angelicas, o seu ar era de quem se retrahia á dôr insondavel da alma, e descreu das consolações mundanas. Magoava-me com o seu silencio. Eu queria que ella chorasse e se queixasse, e me pedisse a mim o balsamo para as suas feridas. Calar-se, era desconfiar de mim, era não querer entrar no meu coração, ou confiar no re-

fugio intimo das suas consolações, e ter em pouco as alheias...

«—Antoninha—dizia-lhe eu, abraçando-a e beijando-a — não tens uma palavra que dês á tua amiga? Falla... pelo amor de Deus... Não estejas assim calada, que me assustas... Que sentes?

«Sorria-se amargamente, e racaía logo n'aquella somnolencia, talvez peior que a afflicção, que tumultua, chorando e gemendo e aniquilando-se até cansarem as forças do corpo e as do espirito.

«Quando o padre nos deixou, parece que ambas reservavamos algumas lagrimas para dar-lhe em recompensa do muito amor que elle nos déra.

«— Seja nosso amigo, senhor padre Antonio — lhe dizia eu, beijando-lhe a mão.— Bem nos vê sósinhas a mendigarmos conforto uma á outra para sermos menos infelizes na soledade em que vamos viver. Venha ter comnosco sempre que possa. Seja o nosso guia para o céo n'esta dolorosa peregrinação da vida...

«— Serei um vosso tio, minhas filhas... serei como um pae que adoptaes e recolheis no seio da Igreja... mas que precisão havemos d'estes parentescos? Sou um padre, filhas de Deus, e esta palavra resume em si toda a caridade, todo o Evangelho e toda a protecção que um enviado do céo poderia dar-vos. Recorrei ás vossas orações, que hão de subir sempre immaculadas aos pés de Jesus Christo. Nos trabalhos do mundo, acercae-vos de mim, e eu orarei comvosco para que a mão invisivel do Senhor os afaste de vós. Ficae em paz! eu vos abençôo em nome de Deus.

«Antoninha abraçou-o com santo enthusiasmo, e dos braços d'elle veio lavada em lagrimas para os meus. Valeu-lhe muito aquelle desafogo. O pranto é a respiração

da alma abafada pela dôr... Pareceu-me que ella me responderia a esta pergunta:

«— Sentes-te mais alliviada, minha querida?

«Acenou-me affirmativamente. Eu instei, porque necessitava ouvir-lhe uma só palavra que fosse:

«— Mas falla, meu anjo... estás menos opprimida?

«Depois de um profundo gemido, murmurou:

«— Eu...?

«— Sim... tu, Antoninha... Estás melhor... mais alliviada, não é verdade?

«— E'... Estou mais alliviada... e tu?... soffres?...

«— Soffro muito por te vêr soffrer mais do que podem as tuas forças...

«— Muito... eu soffro muito... Meu pae já não vive... não torno a vel-o...

«— Has de vel-o, Antoninha, no céo... Não é tão consoladora esta esperança, que não mente como as esperanças do mundo?

«— E'... mas eu não queria viver... Ha de matar-me a saudade, mas quando será!?

«— Quando fôr vontade de Deus... quando tiveres mostrado que és digna do céo pela paciencia com que soffreres os trabalhos, que Deus não dá em vão a quem é infeliz.

«Antonia fez-me um gesto significativo de que me calasse. Recostou a face ao meu seio, e apertou-me com estremecimento. Comprehendi o amor e o soffrimento d'aquelle abraço. Ha dôres assim que, no seu consternado silencio, reclamam o silencio dos outros. Depois é que eu conheci as angustias caladas e reconditas. Hoje é que eu comprehendo o coração de Antonia Bacellar, depois que os vermes do sepulcro lh'o corroeram... depois que um punhado de pó não póde reviver... suspirar... e sentir o afago das minhas lagrimas. Oh meu

Deus! se não fosse a esperança que prende a saudade dos vivos a um anjo que de cá me levastes, o que seria de mim n'esta viuvez em que me vejo de todos os enlaces mundanos?! Eu amaldiçoara o meu nascimento, e o destino sinistro, e a morte, que todos os dias me acena com as suas agonias, e tão caprichosa, ou tão cruelmente escarnecedora das minhas supplicas, não me quer ceder oito palmos de terra para meu descanso eterno!... Mas, perdoae-me, Senhor!... Eu anceio a morte, e é a vós que a peço, como a esposa que suspira pelos braços do esposo captivo, como a filha que chora pelo regaço da mãe, como Antonia Bacellar chorava na vida pela morte, que a arrebatasse á bemaventurança de seu pae.

«Aquelle anjo de martyrio, tres mezes depois da sua orphandade, parecia transfigurado. O sentimento nunca em tempo algum lhe deixou brilhar no rosto o festival rubor da mocidade, a radiosa alegria que transpira dos olhos e dos labios como o perfume das flôres. A sua côr era assombrada pela tristeza perenne, que ella dizia nascer-lhe de presentimentos vagos, mas todos melancolicos.

«Depois da morte do pae, a sua paixão não respirava, nem as suas breves conversas, commigo mesmo, eram sobre aquelle magoado assumpto. Eu fugia de taes recordações, por temer ferir-lhe a sensibilidade, que era sempre, na amargura, como estas flôres que se contrahem, quando são levemente tocadas. A dôr tambem se concentrava mais n'aquelle coração, e depois era de morrer de pena vêr como o rosto lhe amarellecia, e os olhos se lhe orlavam de nódoas rôxas.

«Vivemos assim tanto tempo! Nunca um sorriso machinal lhe descerrou os labios, com todos os meus esforços e os d'aquella pobre velha, que pela sua bondade era um manancial de consolações.

«Padre Antonio visitava-nos tres vezes por semana, e instruia-nos nos livros sagrados, e na historia profana, que elle dizia era preciso conhecer na essencia para admirar o dedo de Deus apontando o destino das nações, e a fraqueza dos arrojos humanos, e a altivez decaída dos imperios, sujeitos ás predicções dos prophetas.

«Antonia interessava-se n'estes estudos, e era considerada como um portento de intelligencia pelo padre.

Eu menos ávida de instrucção que ella, se não consegui tanto pelos meus estudos voluntarios, devo-lhe á sua conversação tudo que aprendi, porque fiz proposito da captivar-lhe o espirito com as sciencias, para distrahir-lh'o das memorias lagrimosas de seu pae e da sua vida.

«Seu tio Domingos de Serqueira Bacellar foi despachado corregedor de Vizeu, e, melhorado de meios, estabeleceu-lhe uma mezada, que eu consenti que ella aceitasse, para dar largas ao seu melindre, que poderia magoar-se com a lembrança da sua dependencia! Como seria cruel esta lembrança para mim, se ella chegou a concebel-a uma só vez na sua vida!

«Eu creio que não... Morro com esta consolação!... E' a melhor recompensa para uma boa alma.

«Decorreram dois annos n'este viver obscuro. Começava a raiar uma frouxa luz de felicidade nos nossos invariaveis recreios de portas a dentro. Antonia não me recordo vêl-a chegar a uma janella, nem mostrar o menor desejo de vêr a luz do dia. Ao amanhecer dos domingos, iamos á missa d'alva; ajoelhavamos sobre a sepultura de seu pae, e recolhiamo-nos sem trocar palavras com alguem. As suas devoções eram no meu oratorio, e ao principio muito continuadas e excessivas, se é que póde haver excesso em fallar com o espirito divino. Depois eram menos repetidas, porque padre Antonio nos

disse que a pura elevação da alma a Deus n'um minuto levava comsigo muita adoração, e não o dispunha menos a nosso favor que as rezas obrigatorias de repetidas estações e corôas.

«Acreditamol-o, porque este santo homem fallava segundo as inspirações que lhe desciam de Deus.

«A nossa vida, pois, era a vida da clausura, com todos os prazeres que alli amparam a vida sagrada á religião, embora hajam mágoas do mundo que a desconsolem na sua intima consciencia.

«Foi este viver que despertou em padre Antonio o desejo de vêr-nos religiosas n'um dos mosteiros em que fosse mais tibio o fausto, e mais acrisolada e austera a ordem.

«Senti-me impressionada de commoções estranhas, quando o padre me propoz este voto de perpetua reclusão na casa de Deus. Eu tive sempre em grande respeito e temor as obrigações de uma esposa de Christo, digna de tão magestoso nome.

«O meu espirito vacillava timorato n'uma decisão tão grandiosa. A vocação era decidida ; mas eu tremia diante de um futuro, que não podia de antemão talhar á minha vida, que não era só minha, mas d'aquella orphã, que eu adorava mais que a minha felicidade. Por ella, faria eu calar todas as minhas propensões em desharmonia com as suas.

«N'esta lucta silenciosa, que eu não podia nem me atrevia a revelar á minha querida amiga, surprendeu-me ella uma vez, como se os segredos do meu coração lhe fossem denunciados pelas lagrimas que debalde tentei esconder-lhe :

«— Não chores, Rita—me disse ella com meiguice—não chores por isso... Devêras antes chorar de remorso, para que eu te perdoasse o mysterio que fazes da

mágoa que te dóe no coração... Porque não has de tu ser freira? Ha nada n'este mundo mais proximo do céo? Não ha, não póde haver... Um convento parece-me um asylo, entre o céo e a terra, suspenso das mãos dos anjos... Alli é que a vida deve ser repassada das alegrias de Deus!... A oração muito sublime ha de ser na solidão do templo, e no escuro de uma cella onde não entram as vozes tumultuosas do mundo!... Se eu podesse ser religiosa, alli nas Claras, onde eu ia visitar minha madrinha!...

«— Antoninha! — exclamei eu perdida de contentamento — Antoninha, meu anjo, tu queres ser freira?... queres? diz... diz...

«— Queria, queria!... se eu podesse... se eu tivesse o dote...

«— Tens. Antonia, temos um dote para nós ambas... Sou muito rica, muito, muito, minha irmã, para comprar a felicidade de nós ambas...

«Antonia sorriu-se para mim. Eu não sei como estaria; mas parece-me que o jubilo que senti devia transpirar dos meus gestos, das minhas feições, e d'aquella anciedade com que lhe aspirava as respostas. A sua mudez tomei-a por assentimento. Ergui-me, abracei-a, corri como douda, disse ás criadas, a meu tio, e queria contar a todo o mundo que iamos professar — nós as duas existencias vinculadas para o céo, e para a soledade da clausura!... O padre Antonio encontrou-me n'este accesso de alegria. Maravilhou-se. Não lhe dei tempo de perguntar-me nada. Abracei-o, beijei-lhe as mãos, contei-lhe tudo, tudo, que tudo era pouco para a immensa expansão de goso que minha alma pedia. Foi talvez de mais o meu sobresalto; mas eu tinha soffrido desde o berço; era aquelle o meu primeiro prazer; estranhei-o; delirei, vi-me commovida, capaz de rir e de chorar, ca-

paz de tudo, menos de prever novos infortunios na existencia de nós ambas.

«Padre Antonio deu os parabens á minha amiga. O meu contentamento brilhava nas suas faces venerandas. Transportou-se á mais elevada poesia da religião: fallou como um homem illuminado por Jesus Christo; arrebatou Antoninha; fez-nos chorar a todos, e abraçou-nos ambas juntas n'um extasis apaixonado, como agradecendo ao céo a inspiração de nos fazer religiosas.

«— Então tu queres dotar-me, Rita? — perguntou Antoninha n'um tom fagueiro e alegre.

«— Que tenho eu, Antoninha — respondi eu — que não seja nosso? Não temos nós um leito para ambas? Os nossos vestidos e alimentos não os partimos como irmãs? Não são as nossas orações murmuradas ao mesmo tempo, com os mesmos labios, e consagradas no mesmo coração? Não é isto assim, diz?

«— E'... foi sempre...

«— E ha de sel-o sempre, Antoninha?

«— Sempre?!— respondeu ella improvisamente contristada—quem sabe o que Deus dispõe? Não podemos contar com o dia de ámanhã... Mal diria meu pae que me deixava tão cedo?... mal diria eu que havia de sobreviver-lhe um dia, um mez, um anno, dois e tres annos... E vivo... mas como, santo Deus!... tão infeliz!

«Rebentaram-lhe as lagrimas, e eu penalisei-me. Reconheci então que os prazeres para mim eram sonhos. Vieram logo as afflicções, como compensação crudelissima de um goso momentaneo.

«O padre, com palavras ungidas pelo conforto do céo, enxugou o pranto em ambas as faces de duas desventurosas amigas, que sorriam juntas e juntas choravam.

«No dia seguinte ao d'este lance de triste, mas sau-

dosa lembrança para mim, Antoninha, mal despertou, mesmo antes da sua oração da manhã, acordou-me, inquieta e sobresaltada, para me contar um sonho.

«— Escuta, Ritinha — dizia ella com muito amor — senão esquece-me, e depois não terei outro tão lindo que contar-te.

«— Diz, diz, Antoninha...

«— Olha. Eu estava de joelhos, alta noite, pedindo a uma estrella que me alumiasse o rosto de meu pae...

«— Oh filha — interrompi eu — no céo ha almas... e o espirito não tem rosto humano.

«— Pois sim, mas querias tu que a alma a sonhar soubesse o que muitas almas não saberão acordadas?! Isto é um sonho... já te disse... ou estás a dormir, Ritinha?

«— Não estou, não... E depois a estrella...

«— A estrella respondeu-me que a luz dos justos era mais clara que a luz das estrellas, e que por isso as trevas não podiam alumiar o sol. Depois eu, chorei, porque o céo era surdo ás minhas supplicas, e um anjo desceu até mim sobre um throno de nuvens, que dardejavam um lume que cegava os olhos da face e alumiava os do entendimento. E o anjo tocou-me na fronte com uma vara de fogo celeste e escreveu esta palavra — MARTYR!

«— E acordaste, depois, Antoninha?

«— Não... oxalá acordasse...

«— Então?

«— Tive um sonho mau, tristissimo e aterrador... Foi logo em seguida... Eu curvei a face marcada pelo anjo, e adorei a vontade do Senhor.

«N'isto o céo escureceu-se; o ar ennegreceu como o interior de um esquife, e eu tremia como a flôr das montanhas açoutada pela tempestade. Orava, e as palavras crestavam-me os labios, como se eu respirasse fogo. Que-

ria fugir, e os joelhos sentia-os estalar, quando tentava erguel-os de uma pedra que era o sepulcro de meu pae. Depois ouvi o reboar dos trovões que rolaram, rolaram desde os confins do céo até rebentarem sobre a minha cabeça. Vi um raio. Ao seu clarão negrejava o anjo das trevas, que alumiava os olhos da face, e cegava os do entendimento. Desceu, desceu até mim, e com uma vara de fogo infernal escreveu-me na fronte esta palavra — ANATHEMA!

«— E depois — perguntei eu aterrada.

«— Acordei... Não é tão medonho, Ritinha?

«— E'... mas não passa de um sonho, não é verdade?

«— Eu sei!... Não leste no *Genesis* o sonho de Pharaó?

«— Pharaó era um criminoso, a quem Deus mandou ler em sonhos a sua sentença — tornei eu, receiando as apprehensões d'aquelle espirito quasi infantil. — E tu és innocente como uma das onze mil virgens.

«— Deus é que nos julga, Ritinha.

«E dito isto começou a sua oração da manhã, sem dar-me azo a replicar-lhe.

«Eu estava agitada e anciosa pela vinda do padre Antonio. Queria eu que elle fosse o interprete d'aquelle sonho, como *José do Egypto*. Mal chegou, contei-lh'o sem que Antonia nos escutasse. Assustei-me dolorosamente quando vi o silencio d'aquelle santo homem! Queria que elle sorrisse, e comtudo não sorriu.

«— Devem-se crer os presagios dos sonhos? — apressei-me eu a perguntar-lhe.

«Elle respondeu com firmeza e magestade:

«— Não ha lei divina nem humana que dê credito aos sonhos, e nos mande temer a realidade de prazeres ou desgostos sonhados; mas, minha filha, quando a alma

se agita n'um corpo adormecido, sem desvairar por chimeras e disparates; e quando é o espirito sublime de Antonia Bacellar o que recebe a consolação do anjo de Deus e a maldição do anjo das trevas... eu não sei o que pense!... Deus manifesta-se ás suas creaturas por tão variados modos!... A alma, que é do céo, prevê tanto os infortunios na allucinação de si propria!... Emfim, Ritinha, não diga nada dos meus receios a esse anjo; mas eu quizera manhã, se possivel fosse, vêl-a protegida pelas telhas sagradas do convento... Deus me não leve sem que eu veja a realidade d'esta minha querida esperança...

«A incerteza do padre apavorou-me. N'esse dia fallei sempre com Antoninha em entrarmos na clausura. Achei-a vivamente propensa para isto. Meu tio e tutor, que era um honrado executor da nossa vontade, fez-me entrega da minha fortuna, que avultava d emais para o nosso dote em qualquer ordem monachal. As licenças e as escripturas encarregou-se padre Antonio de as preparar. Ardiamos ambas em desejos pelo consentimento do tio de Antoninha, a quem ella pedira licença como prova de reconhecimento aos seus beneficios. O tio felicitou-a, e disse-lhe que ficava pedindo a Deus lhe désse a elle meios para que suas filhas tivessem igual sorte.

«Chegou o dia da nossa entrada.

«Ninguem virou costas ao mundo com olhos mais enxutos... Seria por não termos conhecido as suas delicias? Deveria ser... Nós viamos tanta filha feliz, tanta esposa alegre e embebida nos prazeres de mãe; tanta orphã esperançosa em povoar o coração de affectos, e crear ligações mais ternas que as de pae; tanta desgraçada, tantas meninas desvalidas sempre com o sorriso da alegria para o mundo que as lisongeava e embevecia!... Nós é que só tinhamos a solidão, e a tristeza,

e o desapêgo por tudo que não fôsse a nossa vida monotona e circumscripta ás relações de um padre que nos estremecia, e do meu velho tio que nos amava como filhas. Foi por isso que não tivemos uma lagrima de que o mundo possa vangloriar-se.

«A nossa entrada foi sem pompa, quasi ignorada, e desapercebida dos faustos, que acompanham a que vae do mundo renunciar aos pés do altar as alfaias mentirosas com que o amor proprio lhe aformoseára o pó... o *nada* da formosura.

«Antonia chorava, quando a porta do mosteiro se fechou com um rodar triste de não sei que saudade vaga e funebre. Pedi-lhe explicação d'aquellas lagrimas: disse-me que a não tinha.

«— Bem sabes o meu coração!... — ajuntou ella — Eu que tenho fóra d'aqui? o tumulo de meu pae... e mais nada, que me desperte a vontade de viver com toda a minha liberdade... de chorar... Não é isto assim, Ritinha?...

«— E'—lhe tornei eu, consolada de vêr que não era o arrependimento.

«E de certo não era. Antoninha, quando lhe cortaram o cabello, e lhe deram, em troca dos vestidos seculares, tres tunicas e um manto de estamenha *vil no preço e na côr,* assim como o determina a regra do instituidor, olhava para mim com tal sorriso de bondade e abnegação de si, que eu, no fundo do meu coração, consternei-me por não adivinhar que gosto ou dôr mysteriosa denunciava aquelle sorriso.

«Foi-nos dada mestra de noviciado. Era uma religiosa austera, das que cingem o cilicio, e oram sempre fervorosas pelos peccados alheios. Era muito boa conselheira, e sobejavam-lhe esforços em nos inteirar das nossas obrigações, e da vida desapegada que tinhamos a viver em

relação com o mundo. Mal sabia ella quanto demasiadas nos eram as suas praticas!... Tão espontaneas as nossas vocações, era santo mas vão trabalho experimentar-nol-as com a pintura de perigos assustadores para as almas debeis e tibiamente decididas. Padre Antonio era que farte inspiração de nossos deveres, se a precisassemos. Foi-nos permittida, a custo, uma grade cada semana para o ouvirmos, e para elle nos bemdizer a face prazenteira que lhe mostravamos, tão folgadas dos nossos trabalhos, tão ditosas da clausura que para nós valia a maior liberdade marcada pelo dedo do Senhor, e tão anciosas por maiores luctas de espirito em que provassemos a robustez de nossas vocações.

«Assim o pensavamos — assim o criamos. Deus, porém, não era comnosco n'estes desejos.

«Antonia Bacellar fôra, desde menina, adoentada. A sua magreza natural augmentava todos os dias a olhos vistos; mas nem ella se intimidava da morte, nem queria que eu me atemorisasse por isso. Deus sabe o que eu soffria calada por tão debil e franzininha a vêr assim continuamente deteriorada na saude! A's vezes parecia que as pancadas do pulso lhe refluiam ao coração: tal era o quasi nada das pulsações, e tão violento lhe arquejava o coração encostado ao meu por aquelles abraços de amiga que teme perder a amiga — resumo de tudo que a sepultura ainda lhe não fechou.

«No setimo mez de noviciado, Antoninha estava desbotada, esvaída de vigor, e n'um definhamento de tysica apparente, que me fez chorar dia e noite, a occultas d'ella, algum novo sobre tantos infortunios.

«O medico entendeu-se com o padre Antonio, e aconselhou a saída de Antoninha a ares por alguns mezes.

«O padre, antes de communicar-me esta precisão, rodeou-a de mil razões, e de tão santos argumentos para

eu me sacrificar ao apartamento de alguns mezes, que eu, em vez de lagrimas, tive o sorriso de gratidão para dar-lhe, a elle que tanto se empenhava na saude d'aquelle anjo unico da minha desventurosa vida. Por quantos desvios e melindres pude, cheguei a propôr-lhe a saída. Antonia, então sim, apavorou-se não sei se da morte com que a ameaçavam, se da surpreza. Dizer-lhe que saísse do convento, quando ella principiava a desconfiar do seu cansaço na respiração, era o mesmo que dar-lhe a escolher uma campa no claustro do mosteiro, ou na igreja ao pé da de seu pae. Debulhou-se em pranto, e, em paga do amor com que a consolava, só teve estas palavras para dar-me, arrancando-as do coração:

«— Que importa morrer hoje aqui, ou manhã lá fóra?!

«— Quem te falla em morrer Antoninha?—lhe repliquei eu com amargo fingimento —O que eu quero é remediar todas as tuas mortificações, que tambem são minhas. Não vês a magreza e frouxidão em que descáes de dia para dia, e esse abatimento de corpo, que é de onde provém a turbação da alma, em que sempre estás assombrada?! Se é necessario que saias para melhorar, por que não has de sair? Deus não agradece o deixar-se a gente morrer para mais depressa tocar o termo dos trabalhos da vida... E' o que diz o senhor padre Antonio, e bem sabes com que verdade as palavras lhe descem do céo ao coração...

«— Mas quem diria — replicou ella, limpando as lagrimas—que serias tu a que tanto me rogasses a minha saída de ao pé de ti!....

«— Oh! minha filha!—exclamei eu, abraçando-a—eu não te peço que saias de ao pé de mim... E' o meu coração que cede á amizade e ao dever... Para te ter sempre ao meu lado, para que vivas mais que eu, An-

toninha, é que eu te peço que vás buscar vida mais duradoura e vigorosa do que a que tens... Ora diz-me, não virás aqui á grade todos os dias se quizeres? Não será tamanha consolação para nós ambas a tua saude completa, á custa do sacrificio da nossa separação por algumas horas no dia? diz, Antoninha?...

«— Mas eu não posso estar sem ti um instante... Com quem hei de eu viver lá fóra?

«— Commigo sempre no pensamento... não será um allivio?!

«— Não... a saudade é uma paixão que mata... não vês como eu estou?! Não te parece Rita, que era acabar-me separarem-me de ti?

«Eu não sabia responder a isto. Por mais resoluta que me quiz mostrar, cedi com facilidade. A minha coragem era contrafeita... Deus sabe com que vontade a aconselhava para saír; mas a razão pesou tanto sempre nos meus juizos, que nunca até hoje me deixou um instante de liberdade ao coração... E saberei eu o que é a liberdade do coração?! Ah! sei... sei... Era acompanhal-a, saír com ella, mudar as minhas tenções se ella as mudasse, ser religiosa se ella o fosse...

«Quando padre Antonio soube da repugnancia de Antoninha, arguiu-me de a não querer deixar saír, e vaticinou-me redodradas lagrimas, se lhe não zelasse a sua saude, com alguns sacrificios.

«Chamei-a para me justificar da injustiça com que me accusavam. Arrependo-me d'isso. O meu coração era culpado, e as culpas, por mais escondidas que lá se abysmassem, aos olhos perscrutadores do sacerdote eram visiveis como as nódoas na alvura da face.

«Culpada, disse eu que era, porque, aterrada pelo presagio que Antonia me fez sentir da sua saída, nunca mais instei com ella.

«Antoninha entendeu a precisão que eu tinha de ser salva por ella, e disse ao padre Antonio que as minhas instancias, por demasiadas que tinham sido, a tornaram desconfiada da minha amizade, e que eu, por conhecer quanto a dissaboreavam taes rogos, nunca mais lhe tocára n'essa ferida mal fechada.

«Foram tão ajustadas com a religião e com o juizo as razões que o padre Antonio deu para a saída da minha amiga, que nem ella pôde, com toda a sua repugnancia, balbuciar uma só palavra em abono da sua vontade.

«Chorar, e nada mais, foi o que ella respondeu. Contrafiz-me quanto me foi possivel para acalmar-lhe as penas. Fiz-lhe trocar pelo pranto o sorriso da esperança, que bellos annos no futuro realisariam em perpetua felicidade para nós. Ella creu-me, e eu, tão crente como ella, não presagiei a mais ligeira mágoa, além das pungentes saudades, cuja consolação estaria em nos vermos uma hora em cada dia.

«Padre Antonio não quiz espaçar muitos dias a saída, logo que alcançou o consentimento de Antoninha.

«Na manhã do fatal dia 10 de fevereiro de 1673 choraram todas as religiosas que vieram acompanhar á portaria aquelle seu anjo do céo, como todas lhe chamavam.

«Quando me vi, sem ella, na minha cella, sósinha, e inconsolavel aos esforços de tão consoladoras creaturas, senti a morte.

«No momento em que escrevo... redobram as minhas lagrimas. O meu espirito varado pela saudade d'aquella dor... sinto-o reluctar-me no peito com toda a agonia do desespêro... Soffro muito, meu Deus!... Permitti, Senhor, conservar-me o claro entendimento, que tantas vezes sinto turvar-se e escurecer-se... A demencia!...

seria cruel, meu Deus!... A morte... antes a morte, que eu vos supplico com tanto amor, e que eu tanto mereço pela resignação com que tenho padecido.»

. . . .

Aqui suspendeu o padre Carlos a sua leitura. Tinham decorrido tres horas. O conde de S. Vicente, como estava magoado no coração, limpára as lagrimas muitas vezes. O padre não era estranho áquella commoção; mas lagrimas é cousa que elle não tinha, ou então esgotára-as á força de gastar a sensibilidade em repetidas leituras d'aquella historia.

— Não lê mais? — perguntou o conde.

— Hoje não. Vamos tratar agora dos vivos, e depois voltaremos aos mortos, não lhe parece razoavel, senhor conde?

— Tratar dos vivos!?... Ah!... sim... Mas eu tinha tanta vontade de ouvir o fim do diario de sua mãe... Por que o não acaba?

— E' quasi noite... Não vê que manhã tem de apparecer um pobre á senhora D. Ignez? E supposto que os pobres se acotovelam em abundancia por esses caminhos, ainda assim é preciso escolher e iniciar o mais esperto de todos... V. exc.ª não deve aqui ficar sósinho... E' verdade... Venha ser meu hospede á residencia de Santa Senhorinha. Se sobrar o tempo das primeiras occupações, leio-lhe o *finis coronat opus* da minha historia.

Ao anoitecer saíram o conde de S. Vicente e o padre Carlos, e foram caminho da residencia.

A tia Benta do João, que os viu passar, fez á noite ao lar, esta advertencia ao seu marido:

— O' homem! eu agouro mal d'este *matrimonho*... E Deus me perdôe se pecco. Aqui ha dente de coelho!... Isto começou por morte de homem... e, como

diz lá o dictado «quem com ferro mata com ferro morre...»

— Isso é verdade...—respondeu o tio João, cambaleando com somno. E não pôde dar outras razões do seu dito, porque adormeceu.

O leitor talvez se interesse tanto como o João da Benta nos romanticos acontecimentos d'esta peregrina historia...

CAPITULO XX

Vê-se que o editor d'esta verdadeira historia não quiz desfalcar a ordem do manuscripto, e por isso deu aqui remate ao lamentoso diario de Antonia Bacellar

A residencia parochial de Santa Senhorinha de Villa-marim era uma casa rustica, pequena, e sem presum-pções de nenhum estylo architectonico.

Por dentro era decorada pobremente, e essa mesma pobreza era afeiada pelo desalinho e sordidez que ressu-mava d'aquillo tudo.

Quatro taipas, milagrosamente suspensas e irriçadas de palhas barrentas, constituiam o reservatorio, ou ca-mara do senhor abbade d'aquella freguezia.

O abbade já os leitores o conhecem, e não é pequena maravilha conhecerem-o como um sacerdote de mais asseiados crepes que passeiava na provincia. Não custa a deparar d'estes contrastes em todas as classes: hoje, porém, na do clero portuguez, vereis muita somma de padre a transsudar immundicia da batina ensebada; mas, se elle vos dér licença de o visitardes, topareis o apri-morado da mobilia, e o folheado das sanefas e dos

guarda-camas, e os tremós com os diches chinezes, e as odaliscas voluptuosas harpejando ás plantas do sultão, pintadas, já se vê, nos papeis das paredes... visto que em paiz christão não é permittido pôl-as alli de carne e osso, a contento de um folgado derviche, zelador sincero das houris do propheta.

O conde de S. Vicente, quando se viu na amesquinhada vivenda do padre Carlos da Silva, deu visos de pasmado.

— Estranha? — perguntou o abbade.

— Reparo na simplicidade de tudo isto...

— Na pobreza é que v. exc.ª quer dizer... E' porque eu realmente sou pobre... Podera amontoar ouro, sem usurpar o alheio, mas de que me serve o ouro a mim, se eu não compro com elle a vingança de minha mãe?!

— Sempre essa terrivel palavra, senhor padre Carlos! Por que não perdôa?

O padre sorriu-se. Espevitou a torcida de um enferrujado candieiro de cobre, e, caminhando adiante do seu illustre hospede, entrou n'um pequeno quarto, cujas paredes eram forradas por estantes de livros postos para alli em desordem, e vinculados á perpetua moradia de não sei quantas familias de reptis, em que predominavam aranhas corpulentas, e, ao que pareciam na sua inquietação, inimigas da luz.

— Pelo que vejo — notou o conde — vossa mercê já teve mais gosto da vida...

— Por quê, senhor conde?

— Vejo que se deu aos livros... e, quando a vida se aborrece, aborrecem-se os livros, que não prestam consolação nenhuma.

— Estes livros, senhor conde — tornou o padre — não me custaram um ceitil, e para ahi estão como ahi entraram ha seis annos. Foram livros que me legou aquelle

padre Antonio dos Anjos, que v. exc.ª conhece da historia... Alguns d'elles foram de minha mãe e outros de soror Rita da Santissima Trindade... Tomára eu nem vêl-os... São lagrimas que ahi estão... parecem-me vigias que estão d'alli a vigiar se eu adormeço no esquecimento da vingança...

O conde tirou da estante um livro, e veiu á luz ler-lhe o titulo. Era o primeiro volume das—*Obras de Santa Thereza*—, com estas palavras manuscriptas: *Pertence a Antonia Bacellar, noviça no mosteiro das franciscanas de Santa Clara em Villa Real—10 de outubro de 1673.*

— Aqui está um livro que era de sua mãe, senhor padre Carlos...

Não teve resposta alguma. O abbade esfregava impaciente a testa com a mão direita, como se tentasse comprimir nas palpebras duas lagrimas que o accusavam de sensibilidade mulheril.

Tavora, folheando o mesmo livro, deparou um quarto de papel, escripto.

— Que será? — perguntou elle, mostrando-o ao padre.

Este tomou-o com desinteresse, e murmurou:

— E' alguma devoção de minha mãe... A lettra é sua.

Emquanto o conde lia de passagem meia pagina das contricções da Santa, o padre leu algumas linhas do manuscripto de sua mãe, que rezavam assim:

«O mundo não foi para ella um horto de espinhos. Reputou-se venturosa na culpa, votou-se ás paixões que lhe encheram o coração, morreram-lhe as illusões, mas não ficou vazia de affectos a sua alma ardente. Deus é todo amor. Foi elle que lhe sarou as ulceras d'aquella alma corrupta, e dignou-se assentar alli o seu throno...

Depois do crime o remorso, e depois do remorso a santidade!... mas eu tão infeliz sempre... sempre...»

O padre não proseguiu este ligeiro commentario á vida de Santa Thereza; poderia, se continuasse, deparar com alguma invectiva á Providencia, accusando-a de menos generosa com a sua alma anciosa de commoções. Foi interrompida a leitura de ambos, por uma servente, que poz um taboleiro de pratos de estanho sobre a mesa, e retirou-se sem gastar mais palavras que as classicas do — *louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.*

Não eram só pratos de estanho. Em uma travessa chineza lourejava uma gallinha assada, de que o conde se serviu quasi nada, e o padre apenas provou, e trinchou distrahidamente. Tomada esta parca refeição, que era de sobejo para dois homens que se nutriam do fel das desgraças, o abbade tomou o taboleiro, collocou-o fóra da porta, e fechou-a sobre si. Depois disse com affabilidade:

— Agora, senhor conde, quer v. exc.ª conversar com os mortos antes de curarmos dos vivos?

— E' a continuação do diario que vae ler-me, não é verdade?

— Se lhe apraz...

— Aprazem-me tanto as tristezas... e estou tão afeito a ellas desde que um fado mau aqui me trouxe...

— Bem mau que elle foi, senhor conde!...—atalhou o padre, dando a cada palavra um accento de prophecia lugubre...

— E não ha de fazel-o melhor a sua amizade, senhor abbade...

— Melhor!... quem sabe?!... a luz dos desgraçados é tão baça para derramar claridade nas almas alheias escurecidas pelo infortunio!...

— Mas o seu juramento?! Não basta esse?

— Basta, realmente, basta, senhor Manuel de Tavora! O meu juramento é a sua felicidade?

— Cumprido que seja...

— Sel-o-ha.

N'esta expressão unica do padre vinha o desabafo intimo de uma vingança risonha, pensada, tremenda e irrevogavel. Este *sel-o-ha* tinha a firmeza das condemnações irremissiveis.

Alli, juiz, algoz, e lei, era o padre, só e livre, na sua consciencia. Deus tel-o-hia perscrutado; mas quando da mão de Deus é que o flagello da punição desce á mão do homem, a alma sequiosa de sangue não transluz na face do que ahi foi posto para flagellar.

Estava o padre desdobrando a folha que deixára com signal, e o conde em frente d'elle era todo ouvidos para attendel-o. O primeiro, antes de principiar a leitura pouco antes interrompida, ceremoniosamente disse ao seu bondoso hospede, que, no caso de enfadar-se com o estirado da historia, sem rebuço lh'o dissesse, para lhe ir mostrar a cama, onde poderia dormir sem receio de pouca limpeza. Estas considerações eram necessarias para qualquer pessoa melindrosa, que attendesse no desleixo d'aquella casa, e mais que tudo na variedade de bicharia miuda, que deveria surdir de cada buraco e de cada fisga das paredes.

Dito isto, ouçamos o padre, que lê em tom de entranhada melancolia o diario sentimental de sua mãe:

«Padre Antonio procurou-me á tarde, no dia da saida de Antoninha. Vinha triste e muito recolhido em si. Abstrahia-o uma dor grande, ou um avêsso presentimento. Fallando-me d'ella, nas suas palavras via-se o mal fingido receio da doença incuravel de Antoninha. Pedia-lhe com instancia e afflicção que me dissesse o que pensava da molestia da minha amiga. Respondeu-me que

era tão precisa a distracção como o ar que se respira, e como o arrependimento e a fé em Christo aos que a precisam para se salvarem.

«Antonia Bacellar passára toda a manhã em prantear-se. As saudades da sua cella, dissera ella, é que lhe redobravam a doença. O padre confortou-a, como elle só no mundo sabia fazel-o, e foi baldado o seu conforto. Meu tio, acarinhando-a como filha, não a deixou um instante, e algumas vezes, assumindo a auctoridade paterna, impoz-lhe o preceito de se curvar com resignação á vontade das pessoas mais idosas.

«A minha amiga era docil como um anjo. Desde logo suffocou em si as angustias, e prometteu, sorrindo-se, não chorar mais, nem accusar alguem do muito que viesse a padecer.

«Isto era ainda mais pungente para mim que as mesmas lagrimas. Cheguei a persuadir-me que m'a não tratariam com a meiguice precisa para consolal-a. Eu enganava-me. Meu tio enganava-me. Meu tio amava-me quanto podia amar-se uma pessoa, que não carecia do amor compassivo pelo infortunio; e a ella amou-a mais ainda por vêl-a desvalida, orphã e pobre.

«A manhã do seguinte dia passou-a Antoninha n'uma grade commigo, com a mestra, e com padre Antonio.

«Vinha menos amargurada, ao que parecia, do que m'a pintaram. Senti-me feliz com esta surpreza. Fallámos dos nossos dias futuros sem interrupção de os vivermos juntos. Para tanta ventura, disse o padre, que bastava a vontade de Antoninha: ponto era que ella cuidasse em desembaraçar-se de pensamentos tristes, dando-se ás distracções do campo, que tão lindo era na estação das flores.

«Conviemos em que Antoninha devia ir muitas vezes á sua granja do *Prado*, e passar por lá a maior parte do

dia: Dorothêa, a sua velha criada, deveria acompanhal-a, quando os encargos do sacerdocio lhe não cedessem a saudavel companhia de padre Antonio.

«Assim o fez. Repartia os dias pela grade e pela sua granja do *Prado*. Lá entretinha-se em dispôr flores, e arranjar as copas das arvores, e as varas das ramadas para no estio lhe darem sombra e escondrijo, que ella tanto amava, se a melancolia scismadora lhe era menos dolorosa na solidão.

«Um mez depois que saiu, Antoninha pareceu-me reanimada: mais côres na face, mais vida nas expressões, e nos labios aquelle sorriso de contentamento, que se estrema bastante do que vem amargurado e contrafeito de dentro.

«Alegrei-me e bemdisse a misericordia divina, que me amparava aquella metade da minha existencia, e m'a promettia com a saude, e longa vida, para que eu viesse a ser um dia chorada por ella, e não ella perdida para mim.

«Ha presentimentos terriveis.

«Um dia chorei muito: Era de matar a tristeza que me entorvava o espirito. Quiz desafogar-me d'aquella dor mysteriosa com o padre Antonio; mas o que eu padecia era inexplicavel. Não atinava com a causa. Era o presentimento.

«Seguiram-se dias cada vez mais torvos para mim. Antonia Bacellar pedia-me explicações; eu não lh'as dava que não podia, e ella condoia-se; contristava-se comsigo; e caía n'um profundo silencio quando eu me calava.

«— Antoninha—exclamei eu uma vez n'um tom afogado de angustia—Antoninha, tu não serás minha amiga como eras?!

«— Que pergunta, Ritinha!—respondeu admirada,

mas menos sobresaltada do que eu ficaria se tal pergunta me fosse feita por ella.

«— Diz-me—tornei eu, estendendo-lhe os braços pela grade em ar supplicante — és minha amiga como deves?

«— Que faço eu para suppôres que não? deixei eu de vir aqui algum dia? Viste-me já um gesto de enfadamento nas horas fugitivas que vivemos juntas?

«— Não—respondi eu—não tenho visto; mas então, já que és um anjo do céo, explica-me por que eu estou tão triste...

«— Eu sei!... Estarás doente... por que não sáes!... Não te tenho eu pedido tantas vezes que...

«— Vá viver contigo para não arrefecer a tua amizade?

«— Isso não... eu nunca te disse tal, Ritinha... Tu queres fazer-me chorar... pois bem... conseguiste-o...

«E chorava.

«— Que mal te faço para isto?—proseguiu ella, soluçando. — E' o mesmo que chamares-me ingrata... e esse crime é o maior de todos... Juro-te que o não sou... não sou... não... nunca o serei, por mais que a desgraça venha a desmemoriar-me dos beneficios que te devo.

«— Nada me deves, Antoninha, se bem me pagas este grande amor que te tenho...

«— Notas em mim alguma differença?

«— Não; e para que m'o perguntas, se a consciencia te não accusa?!

«— Para que t'o pergunto?! Pois não será um capricho teu duvidares de mim sem dar-me uma só razão que me culpe?

«— Deus me livre de podel-a dar... Morreria antes

d'isso, minha filha... Está bom! — prosegui eu, enxugando as lagrimas — Somos muito amigas... Estou consolada e arrependida... Perdôas-me, Antoninha, de recear que o teu coração estivesse repartido...

«— Repartido! — exclamou ella surprendida.

«— Assustas-te! — disse eu mais surprendida que ella — Não podia ser muito facilmente...

«— O quê? — tornou ella cada vez mais enleiada e absorta.

«— Amares... Haverá nada mais natural na tua idade e com o coração que tens?

«— Não te amo eu a ti com todos os affectos do meu coração, Ritinha?!

«— Amas?! pois bem; eu não ambiciono mais nada... Sou mais feliz que tu, que não podeste ainda suspeitar do meu amor um instante só na tua vida. Quando souberes como dóem estes receios, verás a felicidade que vem de palavras animadoras e santas como as tuas... Estás tão longe... não posso dar-te um beijo!...

«— Vês? olha lá como nós somos felizes!... nem nos podemos beijar quando queremos!

«— E que tem isso? não é tão grata a certeza de que o faremos bem cedo, quando vieres para os braços da tua irmã?!

«Antonia não me respondeu. As feições parece que se lhe toldaram de uma nuvem negra. Foi uma transição espantosa. Então é que eu senti um ferro em braza varar-me o coração. Faltaram-me palavras para lhe fazer uma pergunta. Toda eu tremia, e ella parecia vergar sob um peso de vergonha, ou de remorso, que lhe não deixava erguer a face para mim! Nem a experiencia propria, nem o tracto da vida das paixões alheias me dizia na consciencia que Antonia Bacellar era mulher que amava um homem... Adivinhei-o, senti-o, repassei-me

de uma dôr suprema de verdade, li-o n'aquella vergonha, n'aquelle rosto abatido, em todos aquelles gestos que denunciavam uma alma fraca, singela e incapaz de mentir.

A' custa de uma grande lucta com as minhas lagrimas, pude perguntar-lhe:

«— Estás incommodada, Antoninha?

«Não me respondeu.

«— Vae, meu anjo, vae dar o teu passeio... — tornei eu, quando o resentimento, o ciume e a febre principiavam a operar em mim um sentimento estranho — Isto aqui está triste... Não percas um instante de saude e de contentamento...

«— Rita! — exclamou ella com anciedade.

«— Que queres, Antoninha?

«Respondeu-me com o silencio das lagrimas. Comprehendi-a, e desejei morrer n'este instante.

«A Providencia do Senhor é prodigiosa. N'este trance afflictivo, entrou padre Antonio, e ficou perplexo, olhando-nos uma e outra, que não lavantámos a face para elle.

«— Que tendes, meninas? Vós sois os meus peccados... Choraes mais lagrimas na roda do anno, que as familias todas de Villa Real, não exceptuando o vosso velho padre, que tambem chora ás escondidas... Então? que é isso?!

«— Nada!... — respondi eu; e Antonia, com a voz cortada pelos soluços, respondeu depois de mim:

«— E' a minha desgraça... senhor padre Antonio...

«— A sua desgraça, minha filha!? Não a castigue Deus. E' desgraçada quem é tão querida de todos, e tão sem mancha no seu coração de um anjo!?

«Eu adivinhava que pungir seria o d'estas palavras na minha infeliz amiga. *Desgraçada,* chamou-se ella então... Ah! de certo o era... muito desgraçada, meu Deus!... Para atalhar ás mágoas involuntarias que o

padre lhe causaria, disse eu, sorrindo-me d'aquella alegria dos que podem reprimir na garganta o grito da desesperação:

«Vão passeiar... ande, senhor padre Antonio, tire-a d'ahi, que está muito afflicta...

«— Pois sim—tornou o padre, tomando-lhe a mão, e fazendo-a erguer — Vamos ao *Prado* vêr se aquellas *saudades* e *suspiros* desabrocharam... Tenho saudades das minhas flores, e quero vêr como esta fada dos jardins encantados me cultiva uma flor que lá tenho, e que é só minha, pois não é, minha jardineira?

«— Sim, senhor—respondeu Antonia, com os olhos fitos no chão, e a alma sabe Deus distrahida por onde...

«— Adeus, Antoninha, até manhã—lhe disse eu com insuspeita ternura.—Olha a minha rosa branca, que não seque, sim? Adeus!

«Sairam.

«Dorothea, que tinha esperado no pateo por sua ama, quando a viu saír acompanhada pelo padre, voltou atraz a cumprimentar-me, e disse-me estas memoraveis palavras, quando saía:

«— Ha grandes desgraças a futurar, menina... Manhã lhe direi... não posso já calar-me... Deus não me perdoaria se eu não dissesse...

«— O quê?—interrompi eu anciosa.

«— Agora não... Estão á minha espera... Até manhã.

«— Estava aclarado o mysterio com os mais salientes traços. Não havia que duvidar. Antonia amava... Quem... e para quê? Era esta a angustiosa pergunta que eu me fazia incessantemente. Já me não magoava a perda da melhor parte d'aquelle coração. A desgraça menor cedia á suprema de todas as desgraças — *Deshonra!*... esta palavra maldita murmurou-me com desabrimento todo

àquelle dia o seu accento diabolico aos ouvidos da alma! *Deshonra!*—e a deshonra de Antonia Bacellar—da filha de Alvaro Bacellar, que, na hora da morte, me tinha dito—*entrego-lh'a... seja mãe d'esta desvalida!*

«A noite que eu passei, Deus a não dê aos meus inimigos, se é que os tenho merecido, n'esta minha vida toda de amor ao proximo, e de desenganos e ingratidões...

«Muito de manhã, no dia seguinte, veio o padre Antonio dizer-me que o nosso anjo estava doente de cama, com alguma febre.

«O coração senti-o n'aquelle momento respirar com desafogo toda a sua dôr retrahida, mas a prudencia calou-m'a nos labios. Iria eu dizer áquelle santo homem suspeitas, que poderiam ser infundadas, ou adiantar-lhe segredos que elle saberia no confessionario? Não quiz; não pude, e não devia.

«Com muitos rodeios pude revelar timidamente o confuso temor em que eu estava a respeito de Antoninha. Perguntei-lhe se ella na granja do *Prado* era cortejada por alguem... Respondeu-me que não.

«—Por que me faz tal pergunta?—continuou elle—Não aventure assim juizos temerarios, minha filha, que são muitas vezes ança para grandes culpas. Antonia Bacellar é innocente como ha dez annos o era no seu collo. Peça perdão a Deus d'essa indiscrição, que é peccaminosa, e peça tambem perdão á sua amiga...

«—Pedirei...—respondi eu—oxalá que ella tenha de perdoar-me...

«—Pois então, Rita, a senhora duvída da pureza da sua amiga?!

«—Não, senhor padre Antonio... Deus me mate, antes que eu duvide da sua pureza...

«—Eu acompanho-a, pelo menos, duas vezes por se-

mana no seu passeio... Nunca por nunca deparei um homem que podesse... que ousasse... nunca, minha filha, eu juro que ainda não vi por onde perca a innocencia d'aquella virgem... E demais... Deus me perdôe!... bem sabe que eu sou o director espiritual de Antonia Bacellar....

«A primeira ideia que me assaltou, foi que Antoninha se não confessára desde que saíra... Que valia a mais forte razão de padre Antonio?... Sustive esta contrariedade, e não quiz alvoroçar a alma escrupulosa d'aquelle homem crente e bom. Bastava eu para tamanho flagello...

«Mandei saber de Antoninha duas vezes n'essa manhã, e tive em resposta que se erguera melhor ás onze horas, e estava escrevendo uma longa carta.

«A's cinco horas da tarde recebi-a, e ficará, com algumas outras, appensa a esta historia, se, antes de concluil-a, a morte se não apiedar de mim.

«*Rita.*

«Se tivesse mãe atirava-me ao seu regaço a chorar; se tivesse pae ajoelhava-me a seus pés e soluçava até ser comprehendida. Tenho-te, e foste, e és tudo para mim. A ti me ajoelho, chóro no teu coração... não me lances de ti... abraça-me, sorri-me, falla-me com brandura, que eu sou muito desgraçada.

«Não tenho valor nenhum, Ritinha! Queria segredar-te as minhas dôres; era-me tão bom dizer-t'as abraçada a ti... contar-t'as, e com as minhas lagrimas suavisal-as da culpa... e não tive alma hontem, nem hoje, nem a terei um dia de levantar a face, e dizer-te — *eu amo — e soffro — e peço a morte, quando devera querer muita vida...*

«Não rasgues esta carta, minha querida amiga! Se me repelles, anjo pretector, onde irei pedir consolações?

«*Consolações!*... No posso mentir-te... Não és tu quem póde dar-m'as todas... Hoje... Ritinha, não és tu só; e, comtudo, eu amo-te... quero-te como te queria ha tres mezes, como te amarei até ao fim da minha flagellada vida...

«Deixas-me conversar comtigo? Não viras o rosto com despreso á tua Antoninha, á tua querida irmã, que te abre o sacrario da sua alma, como a maior das infelizes quando pede á Virgem dos céos o soccorro, que não acha na terra?!

«Foi em uma tarde de insondavel amargura... Eu estava scismando em ti, e em meu pae, e na minha pouca saude, que me privava dos teus afagos, e do manancial das esperanças que me davas tão... desvanecidas. A culpa não foi tua... nem minha... O destino... o destino, não... é Deus.

«N'essa tarde, longa de dôres e presentimentos, um homem, ainda moço, e vestido de caçador, encostou-se ao portello da minha granja, inclinou-se para dentro, cortejou-me com familiaridade... pareceu-me que deveria conhecer-me, pela liberdade com que o fez.

«Tu bem o sabes, Ritinha: era a primeira vez que um homem, sem os carinhos paternaes de teu tio, e a mão abençoador de padre Antonio, me dirigia uma palavra, uma saudação, um simples gesto. Estremeci, envergonhei-me, creio até que nem atinei com as maneiras cortezes de mulher bem educada! Tamanho sobresalto me agitou o sangue, e aqueçeu o rosto, que Dorothêa me estranhou, e perguntou-me o que tinha. Poderia eu dizer o que sentia? Era pejo, ou surpreza, ou abalo nervoso, ou presagio de infelicidades? Eu não sabia...

«Perguntei depois a Dorothêa quem era aquelle ho-

mem: respondeu-me com azedume que era Christovão da Veiga — o filho do inimigo implacavel de meu pae!

«Fiquei convulsa e aterrada. De relance passaram-me pela imaginação quantos quadros de dolorosa lembrança eu vira na minha infancia. Afigurou-se-me o leito onde meu pae expirou. Ouvi as imprecações agonisantes que elle soltára contra Vasco da Veiga. Delirei, Ritinha; a febre devorava-me, e temi algum accidente que me impedisse de ir para casa.

«Saí logo da granja, e não disse uma palavra a Dorothêa. Poucos passos caminhára na estrada, quando, outra vez, Christovão da Veiga, atravessando diante de mim, parou, e assobiou pelos cães. Preguei os olhos no chão, e não sei porque não cedi a uma força occulta que me impellia a retroceder. Accelerei o passo, e no momento que passei por elle, conheci que se descobrira, e me saudára não sei com que palavras, a que Dorothêa me parece que respondeu.

«A' entrada da villa, o mesmo homem, que se adiantara por atalhos, saltou uma parede e caminhou diante de mim. De noite, que foi uma estirada noite de inquieta vigilia, scismei e sonhei com Christovão da Veiga. Ergui-me antes de amanhecer. Protéstei não mais tornar á granja, para mais não encontrar um filho de Vasco da Veiga. Anciei pelas horas de fallar-te, para me desvanecer dos terriveis prejuizos que a só presença de tal homem me revoltou no coração... E depois, ó Ritinha, estive comtigo, e nada te disse, e tantas vezes me lembrou dizer-te aquelle mau encontro!...

«Que seria? Se o meu temor encareceu aquelle acontecimento, por que não te contei eu que encontrára Christovão da Veiga—um homem que me inspirou tanto medo, tanta repugnancia, e mais nada? Eu não sei!...

A *desgraça*... esta palavra explica todos os sentimentos escuros da minha alma.

«Não fui dois dias á granja. Na manhã do terceiro morreu Vasco da Veiga, e que morte tão afflicta disseram que foi a d'elle!

«Lembrei-me que o filho não sairia de casa. Senti uma alegria infinita com esta certeza. Fui á *granja*. Padre Antonio foi commigo, e com grande admiração mostrou-me um *martyrio*, plantado e quasi sêcco n'um dos meus canteiros!

« — Como veio para aqui esta flor tão murcha com tão poucos dias de vida?

«— Não sei — lhe respondi eu.

«— Alguem que sabe da sua tristeza — tornou elle— quiz significal-a por esta flor... mas quem seria?...

«— Talvez o tio de Ritinha—disse eu; e assim ficámos na incerteza, até que á noite teu tio nos disse «que já estava em idade de não usar da linguagem das flores, quando tinha tão boa lingua para fallar.» Eu não me ri, porque fiquei vivamente sobresaltada.

«Este successo já tu o sabias; mas eu não quero que me esqueça a menor das minhas culpas... *culpas*, ou... *infelicidades?*

«Que mysterio é este? — disse eu a Dorothêa. A pobre mulher affligiu-se commigo, e não m'o explicou, nem quiz que me eu cansasse a pensar n'aquella brincadeira.

«Continuei a ir regularmente á granja.

«Eram passados quinze dias depois que vira Christovão da Veiga. Começava a assustar-me, que, findo o luto, elle tornasse á caça, e me apparecesse. E por que é que eu me assustava? O' Ritinha, no meu coração tumultuavam uns pensamentos estranhos... uns pavores infantis...

«Nunca puz mão n'aquelle *martyrio*. Dorothêa assustava-me com bruxarias e não sei que rezas andava a murmurar uma tarde, quando eu, distrahida com os meus craveiros, deparei um papel dobrado entre os cravos.

«— O' Dorothêa? — exclamei eu assustada.

«— Que tem?

«— Nada... — lhe respondi eu... Não pude dizer-lhe que vira um papel! Apossou-se de mim um susto, uma surpreza vaga e mysteriosa, uma especie de fascinação, que me tolheu a falla. O coração batia-me em desordem. Nas faces sentia o calor do sangue. Tremula, perdida da cabeça, e cansada n'um tão rapido instante de afflicção, sentei-me no collo de Dorothêa, que parecia tão assustada como eu.

«— Que tem, menina? deu-lhe algum vágado?

«— Foi... quasi nada—lhe respondi, affectando melhoras.

«— Quer que vamos embora?

«— Sim, e já... mas não—emendei eu—não vamos já... que eu não posso... Passeiemos... isto ha de passar.

«Custa-te a acreditar, Ritinha? Eu não minto. Aquelle papel, se eu podesse explicar o abalo que me causou, verias o que é o coração da tua pobre Antonia! Não pude, nem posso. Não haverá no mundo quem o sentisse assim? Só essa, que Deus fez com um coração igual ao meu, poderá comprehender-me.

«Eu já pensei se isto seria um encantamento!... Mas esta palavra, porventura, alguma cousa explica? Eu não sei se a vida tem segredos, que se não adivinham, ou se estes são attributo sómente das pessoas infelizes! O que eu não posso é calar a voz intima, que então me aconselhou que não mostrasse aquelle papel a Dorothêa!

E comtudo eu ignorava como ella as palavras que elle tinha, se é que era um escripto.

«Com disfarce e subtileza, que pela primeira vez na minha vida me ajudou a occultar uma acção, tirei o papel de entre os cravos, escondi-o em mim a tremer, e creio que me denunciaria pelo desassocego em que fiquei, se Dorothêa estivesse de sobre-aviso para vigiar-me os movimentos.

«N'aquella tarde não disse mais uma palavra, que não fosse a da saída da granja.

«Mal me fechei no meu quarto, abalada por uma predicção de dentro da alma, abri o papel, e li... essa carta que te confio, Ritinha.

«Diz-me o coração que este papel irá ás tuas mãos, anjo do céo! Deus dá o dom da prophecia ás almas, que santamente se apaixonam pelas virgens, que elle mandou á terra para ostentação da sua omnipotencia.

«Quem é que te escreve, Antonia Bacellar? *E' um Veiga!!*

«Não te horrorises! Se ha presentimentos entre duas almas que devem ligar-se, na tua deverás ouvir esta resposta — *é um anjo!*

«Eu devo ter-te sonhado desde o berço! Um amor assim purificado nas lagrimas, não nasce da impressão de um instante. Vejo-te no céo, desde que os olhos da minha alma, anciosa de amor, se levantam para Deus!

«E vivias no mundo!

«Uma vez oravas ajoelhada na sepultura de teu pae... Não te vi as lagrimas... era ao amanhecer... mas senti-as na minha face, e disse na soledade da minha alma — *devem queimar assim as lagrimas d'ella!*

«Eu chorava remorsos... meus, não — os de minha familia.

«Que queimará mais? o pranto consolado da que pede pela alma do justo, ou o que desce nas faces cavadas pelo remorso?

«Perdão! filha de um homem virtuoso! perdão para o filho de um mau, que expirou nas tribulações do crime impenitente!

«Perdão para mim, que pedi de joelhos a meu pae commiseração para o teu! Perdão, Antonia Bacellar, para Christovão da Veiga, que não póde com lagrimas de sangue lavar da memoria dos homens um appellido que o deshonra!

«Meu pae não vive já! Não o maldigas! pede por elle, que a sua alma precisa das tuas supplicas, antes que desça ás trevas eternas!

«Os seus suffragios foram comprados. Não se ergueram a Deus as mãos de um anjo... — pede por elle, que é pae do homem, que se ajoelha a teus pés.»

«Que impressão te fez esta carta, Ritinha? Diz-m'a, por quem és, que eu não posso dizer o que em mim se passou! Chorei, mas estas lagrimas que sentimento revelariam?! No fim da leitura senti dobrarem-se-me os joelhos: aos labios subiu-me do coração uma prece pela alma mais necessitada do fogo do purgatorio. Orei com vehemencia, com devoção, e só com uma lembrança, um só sentimento — a alma de um mau que se perdia!...

«Caí de cama.

«Lembras-te d'aquella febre, que me não deixou erguer tantos dias? Foi então que eu recebera essa carta, vinda do... céo... sim, Ritinha, eu creio que Deus tolheria o braço de quem a escreveu, se a zombaria ou a mentira ahi viessem para lançarem n'a sepultura a tua amiga.

«Dia e noite a imagem d'aquelle homem não me deixou socego para uma hora de sereno dormir. Sonhava-o. Via-lhe distinctas as feições que tanto de relance uma só vez encarára... adivinhava-o no menor dos seus gestos; despertava com o coração a pular-me no seio, e queria suffocar aquella alegria... aquella saudade... não sei o que era, que me transtornava a minha vida, os meus costumes, tudo, até as minhas orações!

«Quando suppliquei a Deus com fervor foi n'um despertar, em que os meus labios, agitados por um sonho, balbuciaram esta palavra! qué distinctamente ouvi — *amo-te*, — Então ajoelhei com a maior devoção de desgraçada. Pedi á Virgem Maria, a meu pae, á alma do justo mais querida do Senhor, que me tirasse do coração a imagem de Christovão da Veiga, e as lettras d'aquella carta.

«Não me ouviram, Ritinha!

«Passaram-se dias... muitos dias que eu não fôra á granja. Padre Antonio, creio que instado por ti, fez que eu saísse. Fômos ao *Prado*. O *martyrio* tinha sido tirado, e no seu logar estava um ramo de cypreste. Novos espantos para padre Antonio. Para mim, ó Rita, mal sabes que funebre surpreza não foi aquelle ramo! Tirei-o com uma certa resolução, que maravilhou o padre. Dorothêa benzeu-se, e esconjurou os maleficios d'aquelle novo sortilegio. Reparei em padre Antonio, que se ria das crendices da virtuosa mulher. Eu, por mim, bem sabia que encantamento o ramo tinha; mas não eram conjurios humanos capazes de quebrar-lh'o!

«Fallavamos do *martyrio* antes do *cypreste*, como symbolo da morte; ouviamos o padre, que lançava tudo em conta de brinquedo, quando repentinamente divisei ao longe sobre uns rochedos Christovão da Veiga, sentado, com a espingarda inclinada sobre o braço esquerdo. Re-

conheci-o logo. Afoguearam-se-me as faces. Conheceram-me a alteração. Eu fiz-me incommodada da cabeça, e não tornei tão cedo a olhar para aquelles sitios. Ninguem deu por elle.

«Antes de saírmos, olhei furtivamente... Lá estava, immovel, triste... parecia-me que o estava... triste como eu o tinha visto tantas vezes nos meus sonhos...

«Amava-o, Rita, amava-o, juro-t'o pela salvação da minha alma!

«Bastava a lembrança de encontrar Christovão da Veiga face a face, para me irritar a doença. Era logo a febre a devorar-me, e o quebrantamento das forças, a necessidade de não sair da cama; e comtudo, eu tinha desejo de viver, anhelava a saude, e parecia-me que a vida era muito preciosa para a mais infeliz das creaturas.

«Accusaste-me, Ritinha, de esquecida de ti! Mal sabias que a doença me não deixava alguns dias ver-te; e eu, por não te magoar, pedia que nada te dissessem, embora eu passasse por ingrata, ou distrahida!

«Estás farta de ler, não é verdade? Ora deixa, minha cara amiga, que eu vou findar... perdôa-me... tu não te afadigas com a minha carta... Eu é que sou muito injusta... O coração não disse tal, Ritinha... Foi um gracejo por entre tristezas... Nunca sorriste com os labios humidos de lagrimas?

«Eu já, e agora e sempre!...

«Olha, Ritinha, vou fallar comtigo, como se estivera sentada no teu collo, com o braço á roda do teu pescoço, e com os labios tão proximos dos teus, que te désse em beijos a paga de alguma reprehensão!...

«Não vês que tenho alguma alegria? Pois se eu abri o meu coração á minha amiga! Eu não sabia que era tamanha consolação o desafogo das paixões reprimidas! Calei-te a minha... não devia fazel-o... estou bem punida...

«A primeira vez que fui ao *Prado,* depois do encontro do cypreste, sentia menos retrahimento em minha alma, e menos susto de Christovão da Veiga.

«Desejos de vel-o... isso não; creio que não; mas se o visse... e podesse dizer-lhe que me esquecesse... isso, sim, fazia-o para seu desengano, e para meu socego... Seria preciso dizer-lhe qual a minha vocação... fallar-lhe no mosteiro, e na distancia que ia da clausura ao mundo... Só assim é que ambos ficariamos tranquillos; e Deus abençoaria esta minha nobre resolução... Com estas ideias enchi-me de animo, e fui; mas conforme diminuia a distancia, ia diminuindo a minha coragem... Refazia-me de novo vigor, de firmes reflexões, de novos alentos, mas, dois... tres passos dados, descoroçoava, enfraquecia, e sentia até faltarem-me forças para andar.

«N'esta alternativa, a que Dorothêa era estranha, cheguei ao *Prado*, e no canteiro do *martyrio* e do *cypreste* achei uma *perpetua.* Custou-me a aplacar os pasmos e momices da criada, que a vira primeiro que eu. Era-me forçoso concordar com as suas doutrinas de feitiços; mas nem por isso lh'a deixei pizar aos pés, cocomo ella queria, depois de não sei que oração.

«Estava eu scismando n'este enigma de flores, que já então não era enigma para mim, (quero ser sincera —eu estava tão lisongeada com ellas!...) quando Christovão da Veiga passava na estrada. Senti-lhe os passos; o coração adivinhou-o: acaloraram-se-me as faces; alvoroçou-se-me o sangue: a coragem, as tenções, a memoria foi-me tudo delido na alma, apenas concebi que era possivel fallar-lhe.

«O acaso... (seria o acaso?...) fizera que eu estivesse encostada á parede mais baixa da granja. Da estrada via-se-me a metade do corpo. Quiz retirar-me;

luctei com as mais encontradas perplexidades... senti-me presa áquella parede, como se uma paralysia me tomasse de improviso.

«Veiga estava muito perto de mim. Descobriu-se... e nem uma palavra me disse. De mim não sei o que podessem dizer. Sei que até a vista se me enturbou, e a minha perturbação era como eu não sei exprimil-a. Queres que te não falte á menor das circumstancias d'este encontro? Olha... de repente seccaram-se-me os labios tanto, que me não era possivel despegal-os!... Como é o amor, Ritinha!

«Este silencio não foi d'instantes. Penso que lhe não ouvi palavra alguma, antes d'estas que ainda escuto:

«— E' só uma pergunta.... Possue uma carta minha?

«Balbuciei muito, antes de responder-lhe:

«— Sim, senhor.

«— Já sou menos infeliz—tornou elle.

«Eu não disse cousa alguma; nem ideia tive que o pejo me não deixasse exprimir. Fiquei petrificada; nem os olhos lhe lancei com afouteza. Ora frio, ora calor é o que eu sentia lavrar-me por todo o corpo. Depois foi elle que me disse:

«— Soffre ainda muito da sua doença?

«— Ainda soffro—respondi, quando Dorothêa se achegava de mim.

«— Com quem está a menina a conversar?! — perguntou ella em alta voz.

«Não pude responder-lhe... E que resposta poderia eu dar-lhe?... o silencio, e as côres da vergonha no rosto...

«Christovão da Veiga ouvira-a, e disse com graça:

«— Conversa com um jardineiro, que ha de cuidar-lhe das suas flores, se elle fôr capaz de tratal-as com o mimo com que foram creadas...

«Dorothéa debruçou-se no muro, conheceu quem fallava, e retirando muito á pressa a cabeça, exclamou a meia voz:

«— Ai! Credo! Longe vás que damno não faças!... T'arrenego!... és Veiga... estão as inquirições tiradas...

«E começou a acenar-me para que saísse d'alli, e quem sabe o que eu faria, se Christovão da Veiga me não prendesse a attenção com esta pergunta:

«— A minha carta mereceu-lhe uma lagrima?

«Nada respondi. Elle proseguiu:

«—Afflijo-a com as minhas perguntas?

«— Não me afflige; mas não devo responder-lhe....

«— Então sou eu o incivil... Desculpe-me, sim?

«Commoveram-me estas palavras. Não por ellas, mas não sei porque, as lagrimas embaciavam-me os olhos, e eu em vão fazia por occultal-as. Estava morta por que elle se despedisse, e não podia já aturar os tregeitos e enfadamentos de Dorothêa. Elle parece que me adivinhou, fazendo-me esta pergunta, a que eu de embaraçada, não atinei a responder:

«— Sou já importuno... quer que a deixe?... Diga, não tenha dó de magoar-me...

«Ficámos calados algum tempo, até que Christovão da Veiga, ao despedir-se, me fallou assim... creio eu que foi assim:

«— Penso que alcancei o mais que podia alcançar.... Perdoou em mim os crimes de meu pae?!

«Eu atalhei rapidamente:

«— Por quem é... senhor... não pronuncie esse nome, que não é preciso.

«— E', senhora D. Antonia—replicou elle—é preciso que eu seja menos desgraçado com o seu perdão, já que

o seu amor não póde ser para mim a felicidade da vida... Diga-me por quem é... aborrece-me?...

«— Não, senhor... por que hei de eu aborrecel-o?— respondi, perturbada.

«— Eu lhe agradeço, com as lagrimas nos olhos... Não posso ambicionar mais ventura... Repita que me não aborrece...

«— Não posso aborrecel-o... não tenho por que... As culpas de seu pae... Emfim, (interrompi eu mesma a minha ideia com precipitação), não posso aqui demorar-me...

«Christovão da Veiga retirou-se. Eu fiquei como cansada de uma grande lucta de espirito. Sentei-me por necessidade. Dorothêa disse-me que eu de vermelha me tornara pallida, e por fim macilenta. Passavam-se em mim sentimentos tão variados de dor e de prazer, que nem eu sabia no que viria a parar a desordem da minha imaginação. Eu, Ritinha, temi sempre a demencia desde que me disseste que eu, na morte de meu pae, estivera douda. Pensei então que o estava, e cheguei a apertar as mãos na cabeça, como se quizesse suster a razão, que me fugia.

«Ainda que eu muito queira, não sei contar-te com vagar e fidelidade a historia do meu coração desde aquelle dia até esta hora em que te escrevo.

«O amor, verdadeiramente sentido e mais sublime do que eu t'o posso explicar, augmentou, sem que Christovão da Veiga trabalhasse para me captivar quasi todos os pensamentos da minha alma. Tu e elle! — não tinha outras imagens de pessoas vivas que me adoçassem as saudades mortificadoras das que morreram. Para eu amal-o tanto, não era talvez precisa esta carta, que da estrada para dentro do muro me foi lançada no dia seguinte áquelle em que fallámos. Lê, e vê se d'ella

adivinhas as commoções que senti. A carta via-a cair, quando felizmente padre Antonio, afastado de mim, rezava no seu breviario.

«Serei muito desgraçado, se me tiver illudido.

«Não poderei queixar-me de Antonia Bacellar. Essa ainda me não disse palavras de esperança. Eu sou escravo do coração: é este que me falla em nome de um anjo, e me promette uma felicidade, que nem eu sei concebel-a... E' um sonho o teu amor. No dia em que fosses esposa de Christovão da Veiga eu acordaria no céo.

«Olha onde se eleva o sublime d'esta paixão! Para que te buscaria eu entre os anjos, Antoninha?!

«Não me criminas quando te offereço esta alma não manchada pelas iniquidades de Vasco da Veiga?

«Não posso crer que sou abominado! Disseste-me que o não era. Não o sou; mas é confiar demasiado em mim propôr-te uma alliança, sem sondar-te a inclinação! Quererás ser religiosa... Pois bem... Eu considerar-me-hei a expiação dos crimes da minha familia...

«Attende-me porém, Antonia Bacellar. Meu pae usurpou-te a maior parte dos teus bens. Quero restituir-t'os, e já. Vinculadas as nossas almas, tenho satisfeito perante Deus e os homens uma sagrada indemnisação. Repellido, como teu marido, quero... peço-te que me digas a quem devo dirigir-me para renunciar estas propriedades, que são o meu inferno, e com ellas as indemnisações que a minha honra me aconselha severamente. Manhã ouvir-te-hei.

«Christovão da Veiga».

«Ha tres dias que recebi esta carta. Antes de hontem fui ao *Prado,* e quando abria a cancella fui surprendida por Christovão da Veiga. Dorothêa, com ares de enfado, e não sei por que, deixou-me alli com elle sósinha, perplexa, e envergonhada. Parecia que elle estava embaraçado como eu! Depois de muito silencio, apenas interrompido por algumas palavras vagas de cumprimento, Christovão da Veiga disse-me isto:

«— Recebeu a minha carta... eu bem vi que a recebeu.

«— De certo — lhe respondi, cada vez mais perturbada. Elle continuou com voz tremula:

«— Não poderia lel-a com indifferença... Seria bem triste que assim a lesse... Póde responder-me?...

«— Por emquanto não — lhe tornei eu a tremer de pejo, sem ousar fitar-lhe os olhos.

«— Precisa de consultar algum parente?

«— E' uma amiga, a mais carinhosa depois de minha mãe...

«— Pois bem... consulte-a... ella não ha de estorvar-lhe a sua felicidade, se o meu amor póde fazel-a feliz.

«Calei-me. Estava anciosa por fugir d'alli. Dorothêa aproximava-se de nós. Não sei por que, mas reparei que Christovão da Veiga se envergonhava de fallar diante d'ella com a mesma franqueza. Depois fallou-me nas flores, e fez allusões ao *martyrio,* ao *cypreste* e á *perpetua,* que já não eram precisas para eu decifrar o segredo.

«Pouco depois retirámo-nos eu e Dorothêa. Elle... bem notei eu a repugnancia com que se despediu.

«Não tornei mais a vêl-o. Sei que a sua imagem é a minha imaginação incessante. Não é preciso perguntar á minha consciencia se o amo; é ella que m'o diz con-

tinuamente, quando faço por esquecer um instante este amor que me allucina.

«Aqui tens, Ritinha, a minha alma, e as minhas lagrimas. Agora condemna-me. Não tenho coragem de ir ahi, emquanto me não sorrires de lá com a indulgencia do teu bom coração.

«E' tão tarde!... E disse tão pouco de tanto que tinha escondido na minha alma!

«Adeus!... Tua irmã

«*Antonia.*»

«Não se dizem as alternativas de alegria e de terror que experimentei, emquanto li esta pagina do livro negro de Antonia Bacellar. No fim, o que tive na alma foi um sentimento indefinivel de compaixão, de ciume, de presagio medonho... de tudo, cuja expressão nas minhas faces foram lagrimas abundantes.

«Senti-me só desde aquelle momento. Olhei para o interior do meu coração e achei-o ermo: reparei no que lá dentro se passava amargo e tumultuoso, e vi-me outra, mudada n'outro viver, n'outros pensamentos, e em desventuras infinitas.

«Antonia Bacellar é uma ingrata! — foi a accusação de dorido resentimento que lhe fiz. Depois invoquei todos os recursos da minha razão, e consolei-me com a certeza de que eu não podia dominar uma mulher livre, e captiva algum tempo ao meu amor pelos laços quebradiços da gratidão e da amizade.

«N'essa mesma tarde escrevi-lhe este bilhete:

«A tua felicidade, Antoninha, é a minha felicidade. Permitta Deus que o casamento seja a suprema das tuas venturas. Lembra-te que tens uma amiga para soffrer e gosar comtigo. No dia em que, esposa de Chris-

tovão da Veiga, soltares um gemido de arrependimento, esse gemido encontrará um ecco no coração da tua Rita. Vem quando quizeres, que o teu logar no meu coração suspira sempre por ti. Não o abandones tu, minha querida irmã. Consagra-lhe a tua amizade, que é um dever. Amor... não t'o peço: em nós é uma illusão infantil... Espero-te ámanhã. Já vês que estou alegre, e dou-te o mais terno sorriso de indulgencia, se é verdade que o precisavas, ou ambicionavas de mim.

«Tua até á morte extremosa amiga.

«*Rita.*»

«Antonia veio. Parecia que a felicidade lhe brincava na physionomia! Estava um prodigio do formosura. A febre purpureava-lhe o jaspe das feições, e no seu sorrir expansivo e festival via-se a alma alvoroçada, que vem ás faces animadas florejar em alegrias intimas.

«Então é que ella parecia delirar em sonhos de gosos impossiveis. Fallava-me do seu amor com ternura, com phrenesi, com exaltação, com extasis que a assimilhavam ás vezes a uma douda. Por fim, recaía na sua tristeza, e era então que, não sei por que adivinhação do instincto, eu ajuizava que aquelle amor era uma grande paixão. Perguntei-lhe eu:

«— O' Antoninha... Será bom que o nosso amigo padre Antonio saiba d'esses amores?

«— Pois sim...— respondeu ella com ar de duvida. Eu continuei:

«— Um casamento não se esconde como um crime... E' um acto tão santo, tão publico, não é verdade?

«— De certo... Pois sim, digamos tudo ao padre Antonio, sim?

«— E á tua mestra de noviciado, queres?

«— Para quê? Essa não sei para que deva sabel-o!.....

«—Lembrava-me eu que, sendo ella tão boa para ti, nos dias das tuas amarguras, deveria alegrar-se hoje com as tuas alegrias...

«— Pois então diz-se-lhe tudo...

«N'este momento chegou padre Antonio, e abraçou Antoninha, transportado em regosijo de a ver alli, quando lhe tinham dito que ella estava de cama.

«Eu não quiz demorar a impressão mais aprazivel de padre Antonio.

«— Não sabe que temos casada, não tarda, a nossa Antoninha?

«— Casada... é verdade — respondeu o padre — as esposas de Christo tambem são casadas com o divino Esposo.

«— Nada, nada... — repliquei eu, sorrindo — é um esposo profano.

«— Está a gracejar a Ritinha?...

«— Ella que o diga... O' Antoninha... dize tu, que sabes dar mais enthusiasmo aos teus desposorios...

«—Estás a brincar commigo—respondeu ella, sorrindo-se com tristeza.

«— Bem o dizia eu! — tornou o padre.

«— Visto isso — exclamei eu com azedume — estou aqui zombando com o senhor padre Antonio por tua causa, não é verdade?

«— Não, não estás — disse Antonia com seriedade. — E' certo, senhor padre Antonio, póde ser que eu venha a casar...

«— Tudo é possivel minha filha, e permitta Deus que seja feliz como merece... Então quem é o ditoso que lhe tocou esse coração angelico?

«Antonia abaixou os olhos, e fez-se vermelha. Eu

vi-me na irresolução de responder. O padre voltava-se para mim, interrogando-me com o seu silencio. Quem nos espreitasse, sem quinhoar da nossa amargura, rir-se-hia d'aquella mudez incomprehensivel para o santo homem.

«— Então? esse esposo é anonymo, ou ainda não foi baptisado? — replicou o padre com entonação de gracejo.

«— Tem nome — respondi eu — e um grande nome que elle tem...

«— Ora vá... digam...

«— E' Christovão da Veiga — respondeu Antonia Bacellar com energia, e com um certo entono de soberba.

«— Christovão da Veiga! — murmurou o padre com a physionomia transfigurada — Christovão da Veiga — repetiu elle n'uma abstracção, que parecia ignorancia d'aquelle nome.

«— Sim, senhor! — affirmou Antoninha, sem sobresalto.

«O padre então ergueu as mãos para o céo, e exclamou:

«— Tudo é possivel, meu Deus, quando vós o quereis!...

«Fiz por abreviar este lance angustioso para o melhor dos homens, e o mais santo dos ministros do Senhor. Pedi licença a Antoninha para mostrar ao padre as duas cartas de Christovão da Veiga. Concedeu-m'a com prazer, e quando as eu passava para fóra da grade foi ella a que primeiro as tomou com sofreguidão e transporte tal, que... eu propria córei áquelle excesso... Pareceu-me que o era... Não espero ser castigada na terra por aquella injustiça... se o foi.

«Padre Antonio leu as cartas sem a mais leve commoção: dobrou-as vagarosamente: entregou-as a Anto-

ninha, e disse-lhe com as lagrimas a descerem-lhe nas faces cavadas por longos annos de trabalhos, mas não de experiencia:

«— E' impossivel que Deus a não proteja, menina! O seu coração é sem mácula: eu não posso receiar que deva expiar nas vergonhas da terra peccados que não tem... Ama este senhor?

«— Amo... não devo mentir a alguem d'este mundo, e menos ao meu confessor: amo-o, e tenho fé que sou muito amada por elle... juro-o...

«— Pois, filha, eu hei de afervorar as minhas supplicas ao Senhor por que não seja em vão o seu juramento... Deus ha de ouvir-me, que eu supplico por um anjo, por uma virtuosa orphã.

«— Pois... supplique, supplique senhor padre Antonio — exclamei eu, soluçando.

«— E quem sabe—tornou elle—se Deus ha inspirado o coração de Christovão da Veiga para saldar com Antonia Bacellar as tremendas contas de Vasco?!...

....

«Desde este dia em diante, Antonia foi menos recatada no seu namoro. Christovão da Veiga (meu Deus!... que pavoroso nome! que resumo de crimes! que perversidade tão singular!)

....

Aqui o padre Carlos da Silva fitou attentamente o conde, e esteve n'este olhar eloquente e amargurado alguns instantes, que foram horas tormentosas para o seu hospede. Depois, continuou a leitura:

«Christovão da Veiga já se não escondia de Dorothêa, nem do padre Antonio, nem dos que deviam lançar n'aquelles amores o fel, cuja amargura é só uma pobre mulher a condemnada a sentil-a. Uns escarneceriam: outros amaldiçoariam a filha, que tão depressa

olvidára as agonias mortaes de seu pae. Todos, emfim, n'este seculo immoral e ao mesmo tempo severo com os seus proprios crimes, lhe chamariam logo — *deshonrada!*

«Antoninha relatava-me de viva voz, desde então em diante, a mais simples troca de palavras que praticasse com Christovão da Veiga. Afiz-me ao seu contentamento, e já me era grata aquella alliança, que eu n'outro tempo olharia como desgraça para mim, qualquer que fosse o homem que me roubasse a minha querida companheira de infancia.

«O proprio padre Antonio mostrava-se contente do honesto andamento que Christovão dera áquelles amores. Regosijava-se de ser elle o que viria a santifical-os um dia no altar. Em nome de Antoninha, pedia-me que renunciasse a professar, e fosse depois saborear o meu quinhão de felicidade no manjar de delicias da minha amiga, ligada áquelle homem tão nobre de coração, tão fidalgo de virtudes, e tão honrado, e bemquisto de todos.

«Eu sorria-me com isto... Antonia, com o coração ebrio do amor de seu marido, o que seria para mim? Uma amiga, cujo coração as recordações de infancia não deixaram resfriar de todo. Uma boa alma, agradecida, terna e sublime, porém sem vida, sem calor para mim, que fui lançada de seu seio, apenas o olhar de um mancebo lhe mandou que me repellisse.

«Estes meus pensamentos, fielmente escriptos hoje, nunca eu os disse a ninguem, nem aqui os escrevera, se esta historia tivesse de ser lida antes da minha morte...

«Dorothêa veio, a chorar, denunciar-me os successos que eu já sabia. Era este o seu segredo. Pedi-lhe que nunca me escondesse a menor circumstancia d'aquelle

namoro, embora Antonia não tivesse para mim segredo algum. Prometteu-m'o... oxalá cumprisse...

«O proximo casamento de D. Christovão da Veiga com D. Antonia Bacellar era já publico em Villa Real. Principiaram os respeitos para ella, que até alli passava pelas turbas que se não descobriam. Lisongearam-a estes cortejos intempestivos. O seu coração transfigurou-se. Nem a linguagem era a mesma da sua innocencia. Sempre quieta e abstracta, sempre receiosa e resoluta... não sei o que me pareciam aquelles modos estranhos, onde respirava a soberania, o orgulho, e outros sentimentos que lhe não ficavam bem.

«Uma vez perguntei-lhe eu:

«— Antoninha! o amor faz tudo isso que tu és?

«— E eu que sou?—respondeu ella, sorrindo-se carinhosamente.

«— O que és? nem eu sei!... pareces-me outra...

«— Ah!... de certo sou... Nem eu sei como esta mudança se fez em mim!... Que me notas, Ritinha?

«— Muita alegria...

«— Se eu sinto-a!...

«— Sempre?

«— Não... Tenho horas de tristeza... quando a duvida no amor d'elle me inquieta...

«— Pois tu duvídas?

«— Se eu amo-o tanto!... E se isto fosse um sonho, ó Ritinha?

«— Era uma desgraça, pois não era?

«— Era a morte!...—respondeu ella, profundamente recolhida em si.

«— Deu-te elle alguma causa para temores e receios?

«— Nenhuma.

«— Então que vos falta? Tratae de vos unirdes.

«— Se fosse isso só!...

«— Pois que é? Eu cuidei que bastava a vontade de ambos!...

«— E' preciso pedir licença ao rei... Não vês que ha esta maldita lei...

«— E elle por que o não faz?

«— Vae fazel-o... Não vês que lhe morreu o pae ha tão pouco tempo...

....

«Achei boas todas as razões que Antonia me deu. Padre Antonio approvou-as, e até aconselhou a precisão de dilatar este casamento para mais tarde, a fim de não despresar os costumes e usos, que tinham grande poder na opinião mundana. Eu não amava, nem tinha a experiencia das paixões, mas parecia-me que cederia, se amasse, mais depressa aos desejos do meu coração, do que aos usos e costumes friamente calculados. Parecia-me isto.

«Ha um intervallo, de que não tenho algumas reminiscencias. Não sei o que então se passou. Antonia fallava-me com o mesmo interesse, e fallava sempre das virtudes que se escondiam em cada uma das palavras do seu amado.

«Dorothêa vinha quasi sempre chorosa perguntar-me o dia do casamento. Queixava-se do pouco caso que sua ama fazia d'ella. Impacientava-se por vêr que Antoninha horas e horas conversava em segredo com D. Christovão. Eu consolava-a, e a pobre mulher custava-lhe a aquietar-se com os meus juizos, sempre bons a respeito d'aquelle namoro.

....

«Eram passados tres mezes depois que Antoninha me escrevera a primeira carta.

«Um dia, de manhã, mal se abriram as portas, procu-

ra-me meu tio. Quando m'o annunciaram, senti um suor de morte por todo o corpo. Que negro presagio! Fui á grade. Quiz logo adivinhal-o pelo semblante. Vi-o livido, desmaiado, trémulo, e assombrado de terror. Nem uma expressão me deu...

«— Que tem, meu tio?

«Sentou-se, afastando com desespêro os cabellos, e escondendo depois o rosto entre as mãos.

«— Que tem... diga, meu tio, falle pelo amor de Deus. Já sei que me vem annunciar alguma desgraça... Antoninha está doente?

«— Morta!

«— Meu Deus! — exclamei eu.

«— Morta para a honra! — disse elle n'um tom funebre e entrecortado de lagrimas.

«— Oh santo nome de Jesus!

«Eu não pude dizer mais nada. Encostei a cabeça á grade, e senti escorrer-me em bagas um suor frio pela face. Aquillo é que era um sonho aterrador! Houve uma commoção de morrer dentro em mim... cuidei que morria... Ouvi meu tio:

«— Rita! Deus me perdôe, se te não devia trazer estes padecimentos... Não vês que eu morreria ao peso da amargura... e de vergonha... se me não désses o teu coração para allivio?... Ajuda-me a levar esta cruz...

«— Que foi, meu tio?...

«— Socega... depois saberás...

«— Diga, diga já; que a incerteza atormenta-me.

«— Promettes...

«— O quê, meu tio?

«— Ouvir com resignação...

«— Sim, sim, eu prometto, e peço a Deus que me deixe cumprir...

«— Pois pede, que eu tambem já lhe pedi... Ouve, Ritinha... Christovão da Veiga, ao romper do dia, saiu do quarto de Antonia Bacellar!

«— Santo Deus! — exclamei; e não me lembra que soltasse outra palavra. Passou-me diante dos olhos uma nuvem negra... o coração senti que m'o despedaçavam... Desmaiei.

«Quando acordei d'aquelle somno, que Deus não permittiu que fosse o ultimo, achei-me nos braços da mestra, e rodeiavam-me muitas religiosas... Lembra-me que vi meu tio, e lhe fiz um signal de silencio pondo o dedo sobre os labios.

«N'esse dia á tarde fui procurada por Antonia Bacellar. Disseram-lhe que eu estava enferma de cama, e acrescentaram-lhe que de manhã ainda eu fora com saude a uma grade fallar com meu tio, e que viera de lá nos braços das religiosas.

«Disseram-me que o rosto de Antoninha se turvara de uma espantosa amargura, e que não lhe ouviram senão um ai mal reprimido no coração, como um grito afogado na garganta. E retirou-se.

«Dorothêa supplicou, depois, que a deixassem ir á minha cella; não lh'o consentiram. Avisaram-me d'estas instancias. Ergui-me, e quasi me arrastei á grade. Soube que Antonia estava de cama a arder em febre; que meu tio a não procurava; e que Christovão da Veiga respondera a uma carta que lhe ella escrevera depois que fôra do convento.

«Dorothêa não cumprira a promessa que me fez... sabia tudo, e fôra ella quem avisára meu tio das suas suspeitas. Antonia jámais lhe confiara o segredo da sua... deshonra... mas ella tudo espreitára, porque desde o principio agourou mal d'aquelle namoro. Meu tio, depois de avisado, vigiou e viu um encapotado atra-

vessar um salão, e entrar no quarto de Antonia Bacellar. Quiz chamar testimunhas para o verem sair. Não as chamou. Pareceu-lhe que salvava a honra d'aquella infeliz com o seu silencio. Ao romper do dia viu-o sair. Sósinho e desarmado, esperou-o no pateo. Impoz-lhe o preceito de dizer quem era. Christovão da Veiga desembuçou-se: pôz a mão nos copos da espada, e jurou por ella, e pela sua honra, de lavar com o seu proprio sangue, se tanto fosse preciso, as manchas da honra de D. Antonia Bacellar.

«E' isto o que Dorothêa presenciou. Antonia ignorou quanto se passava; mas nada lhe era extranho depois que me procurou, e muito mais quando percebeu a mágoa de meu tio....

«No dia seguinte, padre Antonio procurou-me... eu presentira a sua vinda; tinha-me erguido para o não fazer esperar; até em agonias de morte eu iria á grade, sendo elle o meu anjo consolador n'aquellas maiores tribulações da minha vida.

«Tremi diante do aspecto severo e triste d'este homem, quando o vi de braços cruzados sobre o peito. Parece que reprimia com os braços os saltos do seu coração n'aquella postura humilde.

«Custou-lhe a fallar. Eu, por mim, rompi em soluços, que então não podera livremente soltar. Elle quiz atalhar-me na minha afflicção:

«— Rita! Se não fosse verdadeira outra vida depois d'esta... devêramos todos amaldiçoar a hora em que nascemos... Ha desgraças que fazem descrer da Providencia de Deus... mas é aos duros de coração... aos réos da impiedade... aos blasphemos na hora da afflicção... Não ha um passo de homem que o Senhor não meça, Ritinha... Não desespere da misericordia divina... A sua amiga não ha de ser amaldiçoada de

Deus, nem dos homens. As martyres que sobem ao reino dos justos não é pelo degrau da deshonra... O Eterno, a querer mortifical-a com grandes dores, não lhe dera a deshonra por côrôa de martyrio. Aquelle anjo é pelo coração que o é... Não lhe tire o seu amor... ame-a, minha filha, conforte-a, não lhe faça subir a côr da vergonha á face, console-a, que é hoje mais desgraçada que nunca. Abandonada que fosse a sua amiga pelo homem que a perdeu, Ritinha, a religião pede-lhe em nome da caridade que a não lance de si... Diga, filha... prometta-me consolar aquella desgraçada menina...

«— Consolal-a!...,—respondi eu com impaciencia— pois se ella está perdida, valerão de algum lenitivo as minhas consolações?!...

«— Valem... E ella não está perdida. Christovão da Veiga casará com ella. Ouço uma voz do céo dizer-me que sim...

«— Oh! meu Deus! eu vol-o rogo pelas vossas cinco chagas!

«De joelhos fiz esta prece afflictiva. Depois, n'um transporte de saudade por Antoninha, exclamei:

«— Sim, sim, eu quero vêl-a e consolal-a... Faça que ella aqui venha, senhor padre Antonio... Diga-lhe que eu sou a sua mãe, que tudo lhe perdôa...

«— Eu vos agradeço, Senhor!—disse o padre, erguendo as mãos, e os olhos lagrimosos para um painel do Senhor crucificado.

....

«Ao anoitecer d'este dia recebi esta carta de Antonia Bacellar:

«De joelhos te agradeço, minha irmã. Não me despresaste... Tenho o coração cheio de vida, Rita... e não encontro palavras... Não posso... não sei escrever-te. *Deshonrada*... não! Não me dêem este nome!

por piedade! Aquelle anjo vae ser meu marido... Amo-o com delirio. Podia perder-me, deshonrar-me, matar-me por elle; mas não me perdi... Quem me despresar ha de ter remorsos. Não devo ser despresada... não! E' meu marido... sou d'elle como esposa, como escrava, como o insecto que morre debaixo de seus pés...

«Rita!... ver-me-has... e só então... no dia em que eu podér dizer-te — *Sou esposa de Christovão da Veiga! Quem me cuspiu despresos na cara tem o meu perdão*... Adeus, Rita! Salva-me da vergonha de te apparecer...»

«Pelo desconcerto e confusão d'estas ideias, comprehendi a lamentavel situação de Antonia Bacellar! Com as mais animadoras esperanças no seu casamento, ainda assim pareceu-me que ella se debatia nas angustias de uma consciencia peccaminosa!

«O desejo de vel-a era-me impossivel reprimil-o, por mais considerações rigorosas que eu propria me fizesse. O que é a verdadeira amizade! Como a gente perdôa os crimes alheios primeiro que os seus, se por ventura... ou por desgraça... tem um coração sempre compassivo para abençoar!

«Perdoei-lhe tudo! Senti-me crente nas suas virtudes como d'antes. A razão condemnava-a... bradava-me que ella tinha perdido muito; e o coração, abrandado por padre Antonio, dizia-me que aquelle anjo despenhado tinha um novo incentivo para o meu amor...

«Pedi-lhe que viesse vêr-me. Interpuz o valimento de padre Antonio, e de mèu tio, que lhe restituira a sua amizade: não consegui que viesse fallar-me.

«Todas as tardes Christovão da Veiga a acompanhava á granja, e de lá á entrada da villa, onde se separavam depois do escurecer, sem que Dorothêa se atrevesse

a aconselhal-a. Padre Antonio já não era embaraço para os namorados se não fallarem. O mesmo Veiga parecia estimal-o, respeital-o, e tanto o captivou de suas maneiras, que o credulo sacerdote chegou a jurar pela honra d'aquelle nobre cavalheiro.

«Faltava um mez para completar-se o praso do luto. No fim de seis, Christovão da Veiga requeria a licença régia para os seus esponsaes. O bom e prompto resultado era certissimo. Depois, lidos os banhos, a minha Antoninha estaria com o seu coração purificado como no dia em que nos abraçámos em angustiado adeus na portaria do mosteiro... Que felicidade! que alegria de esperanças para o meu coração!

....

«— Antonia está muito triste—disse-me uma vez padre Antonio.

«— Que será?... Talvez saudades minhas!... Ella deve ter soffrido bastante para cumprir a sua caprichosa palavra de aqui não tornar antes de casada... Será isso?—perguntei eu.

«— Será? mas essa tristeza nunca ella m'a occultou. As torturas de hoje são um segredo... Já me lembrou...

«— O quê?—interrompi eu com anciedade.

«— Alguns amuos de namorada... algumas creancices do coração, que tantas elle tem quando salta livre n'um peito de dezoito annos...

«— Talvez!... por que lh'o não pergunta?

«— Já o fiz de mais... via-a chorar, e tomara eu não affligil-a...

«— Teremos a lamental-a como a mais desgraçada das mulheres?!— repliquei eu, com excitação, e instancia afflictiva.

«— Meu Deus!—exclamou o padre—esse pensamen-

to é um veneno que me mata... Trago-o commigo, Ritinha, e não sei por que ha dias rogo a Deus que me leve cedo para si.

« —Assusta-me, senhor padre Antonio!—atalhei eu—pois não tem esperanças... diga por quem é... Antoninha fica perdida... impura... deshonrada!?

« —Isso é impossivel! Deus não permitte humiliação tamanha a uma infeliz! Christovão da Veiga não póde ser tão sem temor de Deus que atraiçoasse aquelle anjo... Demais, Ritinha, que justos motivos temos nós para receios tão angustiosos?! Está triste Antoninha? Tristezas e lagrimas não foram sempre as noites e os dias da sua vida? Ha muito que não chorava... Chora hoje... Quantas vezes na grande alegria ha estes recolhimentos de espirito que folga sósinho comsigo, e parece avarento do seu gôso?! A isto chamarão tristezas os que não sabem o que é o coração humano!... Ora pois, minha filha, alegre-se das esperanças do seu velho padre, que tem muita confiança que a mão da Providencia ha de acompanhar a nossa Antoninha até ao altar.

....

....

«Não me valeram estas palavras ungidas de esperança. Desde logo o espinho da duvida encravou-se-me no coração, e a ferida não teve balsamo de fé que m'a curasse.

«Dorothêa augmentava cruelmente o meu desalento com as suas duvidas. Fallava-me da melancolia incessante de Antonia, apenas desafogada por gemidos, que, por nenhuns rogos da criada, ella explicava. As poucas cartas, que lhe escrevi, eram respondidas com duas palavras, e essas tocadas de um fingido contentamento... O segredo era para todos...

«Os seis mezes estavam completos. Eram passados tres que eu não via Antonia Bacellar. Ahi está a carta que recebi, em resposta á mais pungente, á mais lagrimosa invocação que eu podia fazer-lhe da minha cella.»

. . . .

— Esta carta — disse o padre Carlos da Silva — é a primeira que hontem lhe repeti de cór. Está lembrado, senhor conde? (1)

— Estou... foi quando ella sentindo-se mãe...

— O manifestou a soror Rita da Santissima Trindade, por estas palavras — *até hoje só Deus via os meus crimes; d'ora em diante eu sou criminosa aos olhos do mundo... Comprehendes-me, Rita?... A minha situação... o meu estado, meu Deus! Adivinha-me, minha querida amiga... antes que eu t'o diga...*

— E remata — atalhou o conde — pedindo á sua amiga...

— Que supplique de joelhos á Virgem para que *inspire aquelle que a póde fazer virtuosa no conceito do mundo, ou abandonada por torpe e maldita de vergonhas...* Prosigamos agora no que escreveu soror Rita:

«Li esta carta repetidas vezes, até que a surpreza me deixou entendel-a. Eu já nem hoje me recordo da incomportavel dôr, que me paralysou o coração. Lembrame que não pude chorar. E' o que me lembra d'aquelle transe muito superior ás forças de uma pobre mulher, e, mais ainda, ás de uma amiga extremosa.

«Mandei chamar o meu bemfeitor... aquelle amparo do meu coração nas suas quedas para o abysmo do desconforto... Padre Antonio veio com a alma cheia de consolações; mas eu não pude revelar-lhe o meu suppli-

---

(1) Veja a pag. 197, cap. XVII.

cio... não pude... e não pude infelizmente ser comprehendida!...

«Escrevi a Antonia Bacellar. Reanimei-a. Pedi-lhe como de joelhos que não descresse na honra de Christovão da Veiga... Rogava-lhe que viesse a uma grade, que eu lhe daria consolações, como se a Virgem m'as inspirasse para eu lh'as dizer. Nada consegui. Esta é a resposta que recebi de todas as minhas supplicas:

....

— E' a segunda carta que hontem lhe li—disse o padre Carlos, sem olhar para o conde, que, em testimunho do seu bom coração, tinha os olhos rasos de lagrimas.

— Recordo-me dos pontos principaes da carta—respondeu o conde (1).

— Pódem resumir-se n'isto — proseguiu o padre com voz trémula, e as faces afogueadas de uma cólera que parecia ter-se incendiado lentamente — *Christovão da Veiga é outro homem... vejo-o impacientar-se, quando timida e chorosa lhe fallo na minha honra e nas suas promessas... Com ares de enfastiado pede-me que não ultraje o seu cavalheirismo, suppondo-o capaz de faltar-me... mas não é o coração que lhe dá o enthusiasmo... não é, não, Rita, eu conheço que o não é, e não sei dizer-te a razão por que o conheço...* Estava trahida, deshonrada e abandonada, senhor conde de S. Vicente... não lhe parece natural?...

— Natural... não, senhor padre Carlos, parece-me atroz!... é uma ferocidade incrivel!...

— Lá vamos ao remate—disse padre Carlos; e proseguiu na leitura:

---

(1) Veja as pag. 197 e 198.

«As minhas forças estavam gastas, esvaídas, e aniquiladas pela desesperança. Adoeci gravemente. A luz da existencia apagava-se-me nos olhos, depois que a vi morrer-me no coração. Eu chamei a morte em meu soccorro, como um faminto pede um bocado de pão! Não quiz vêr alguem nos primeiros dias. A minha mestra augmentava com a sua continua assistencia a minha afflicção. Eu queria gemer, chorar, gritar... e não podia... era forçoso morrer suffocada, retrahida, n'aquella soledade, com a alma tão desviada de Deus, tão atribulada em angustias, que eu não podia soffrer em desconto das minhas culpas!... Que noites, meu Deus!... que noites e dias tão cerrados á luz de uma esperança por mais que a eu pedisse á minha imaginação!...

«Recebi cartas de Antonia Bacellar. Queimei-as quasi todas antes de as lêr, para que m'as não vissem... As que li eram cavadelas que aquella infeliz me dava na sepultura. Aquelle coração devia de estar despedaçado! Era um chorar de desolação, de perdição, de abandono que condoía feras... Santo Deus, como a imagem de Christovão da Veiga se me afigurava horrorosa, esmagando debaixo de seus pés aquella innocentinha!...

....

«Padre Antonio conseguiu visitar-me na minha cella. Pediu para ficar só commigo. Consentiram-lh'o..., tal era a santidade do seu nome, e o credito de suas virtudes no mosteiro!

Lancei-me em seus braços, humedeci-lh'os de lagrimas, vi-o chorar como nunca vira, nem pensei que um homem podesse chorar... Então é que eu conheci que nada lhe era novo, e que aquellas lagrimas eram como a sentença de Antoninha — *perdida para sempre!*

«— Não ha nenhuma esperança?! — exclamei eu.

«— Nenhuma das que nascem da terra... Do céo,

sim, podem vir todas... Resignação, minha filha! Roguemos a Deus que a leve... e nos leve... Realisou-se o sonho da infeliz, quando era innocente. O anjo de Deus desceu do céo, e escreveu-lhe na fronte uma sentença — MARTYR — . O anjo de Satanaz subiu das trevas, e traçou-lhe com fogo a maldição—ANATHEMA—... Lembra-se d'este sonho, Ritinha?

«— Lembro...— respondi eu a desfallecer, debatendo-me em incomportaveis agonias de um suor de morte, que me resfriava.

«Padre Antonio, assustado do perigo apparente da minha vida, pediu soccorro, que eu tanto lhe instei por acenos que não pedisse. Os medicos consideraram-me perigosa. Mas... não é de mim que devo fallar... Tão obscura corre a minha vida n'esta cella, que só em afflicções ignoradas pelo mundo eu podéra dar-lhe um frio interesse que me fizesse lembrada, durante o meu repouso eterno n'aquella clausura.

«Eis ahi o que eu soube de Antonia Bacellar, emquanto a doença me teve no leito da dôr por espaço de quatro mezes. Era o padre Antonio que a furto me informava de ametade dos acontecimentos, que mais tarde me foram dados com as côres da mais negra traição.

«Christovão da Veiga ao cabo de dez mezes abandonou-a!

«Este abandono foi assim: instado com lagrimas para que realisasse um casamento, cuja demora era um peso de vergonha para Antonia Bacellar, Christovão da Veiga fingiu que na côrte, por motivos imprevistos, lhe negavam a licença regia para este casamento. Mostrava-se vivamente magoado d'este estorvo, e protestava ir a Lisboa destruil-o, á custa da sua fortuna, se tanto fosse preciso. Padre Antonio, que de boa fé acreditava n'estes atraiçoados artificios, foi espontaneamente a

Braga fallar com o arcebispo, e conseguiu d'este licença para o casamento clandestino, e promessa de reconciliar qualquer desavença com a côrte. Doudo de contente, padre Antonio propôz a Christovão da Veiga esta feliz maneira de se unirem, e encontrou frieza e aborrecimento. Aqui principiaram as suspeitas n'aquelle santo homem, até então illudido. Soube da côrte, que Christovão da Veiga jámais pedira licença para casar-se; e que, se a pedira, lhe não seria negada. Convenceu-se da traição. Communicou-a a Antoninha. A desgraçada lança-se de rastos os pés do seu seductor. Supplica-lhe que a salve da deshonra. Pede-lhe em nome do filho das suas entranhas. Pede-lhe pelas cinco chagas de Christo. Vale-se da caridade religiosa. Sujeita-se a ser desterrada, desprezada e apunhalada no dia em que a receba como sua mulher... consegue despresos, e enfadamentos, e mentiras, que só duram emquanto novos despresos as não desmentem.

«Christovão da Veiga, uma tarde despede-se de Antonia Bacellar até ao outro dia de manhã. Promette-lhe arrancal-a do abysmo do soffrimento, onde a lançára para experimentar-lhe a constancia do seu amor... No dia seguinte uma cartinha de Antonia Bacellar é-lhe devolvida da casa de Christovão da Veiga com esta resposta: — *O fidalgo saíu de manhã para a côrte, e não disse quando voltaria.* Antonia recebeu esta carta na presença de padre Antonio, a quem mandara chamar para alegral-o com a sua promettida felicidade. Leu-a. Não disse nada. As faces primeiro pareciam-lhe injectadas de fogo, depois embranqueceram, como a dobra de um lençol de mortalha, e desmaiou. O despertar foi um grito arripiador. Após estes seguiram-se outros gritos arrancados do coração. Os braços, em contracções nervosas, lançou-os ao pescoço do sacerdote. Com os den-

tes cerrados, os brados que soltava eram rugidos convulsos, que pareciam os do estertor de um agonisante. Emfim, quando o corpo se gelava como um cadaver, e cadaver tombava entre os braços do padre, um novo grito estrugiu como um derradeiro adeus ao mundo! Padre Antonio vergou a tamanho peso. Ao dobrar-se para erguel-a do chão, sentiu... viu... ouviu os vagidos de uma creancinha... Antonia Bacellar era mãe... O ministro de Deus erguia do taboado, e afagava ao seu seio aquelle filho do crime, aquelle anjo que parecia chorar no nascimento o ferrete de deshonra com que entrava no mundo.

«O menino foi entregue a Dorothêa. Meu tio e padre Antonio, vigiaram o leito em que Antoninha delirava. Era impossivel o segredo. Veio o cirurgião, e julgou-a moribunda. No seu delirio, repetia o sonho dos doze annos. Repetia muitas vezes a condemnação do anjo das trevas — ANATHEMA! — esta palavra repetia-a ora chorando, ora sorrindo para os que lhe rodeiavam o leito.

«Não morreu. E' que na balança de Deus os seus peccados pesavam mais que o seu martyrio.

«Padre Antonio adoeceu. Os seus setenta e quatro annos estavam á beira do tumulo. Bastava a mão d'esta suprema desgraça para lh'os impellir. Ainda Antoninha se não erguia, nem parecia dar accôrdo das suas desventuras, quando recebi uma carta de padre Antonio, que, depois de relatar-me estes pungentes successos, rematava assim:

«Deus ouviu as supplicas do seu servo. Não tenho crimes. A patria dos justos é a dos que não delinquiram. Creio na salvação da minha alma. No dia da minha morte, Ritinha, abra esse oitavo de papel. Tenha piedade, se podér tel-a... E' o dedo de padre Anto-

nio que ainda lhe aponta o caminho que a leva ao céo. Se a desgraçada viver, ampare-a. Aquella luz está extincta. E' um anjo que se purifica. No dia do seu passamento hão-de os anjos tecer-lhe uma corôa e subil-a em nuvens de incenso aos pés do Altissimo. N'este instante solemne peço a Deus perdão para Christovão da Veiga... Adeus.»

«Reconheci que o Senhor me mandava erguer do leito da doença. As minhas forças recobre-as por um milagre. Eu, indigna peccadora, não me atrevo a considerar-me a eleita de Deus para a omnipotencia da sua obra; mas o meu corpo levantou-se vigoroso do seu leito da morte como o cadaver de Lazaro.

«Meu tio annunciou-me que Antoninha se levantava. Perguntei-lhe como eram os seus soffrimentos. Disse-me que não lhe ouvia uma palavra — que lhe parecia morta — que nem lagrimas lhe via. Acrescentou que tinha umas rosetas na face, e uma tosse incessante; mas que se não queixava de dores do corpo nemda alma.

«Perguntei-lhe se o mundo sabia d'aquelles acontecimentos. Respondeu-me que não; mas que se dizia que Christovão da Veiga abandonára a mulher a quem promettera casamento... e mais nada. Concebi a esperança de poder tel-a commigo, sem faltar ao decoro do convento. Fallei n'isso a meu tio, e não achei palavras para lh'o propôr a ella. Antonia aceitou com um simplés gesto de affirmativa.

«Estava eu orando na minha cella pela saude de padre Antonio. Ouço passos e fallar no dormitorio. O coração dá-me uma pancada. Batem á minha porta. Abro-a. Vejo-a... èlla... meu Deus!... desconheço-a... abro-lhe os braços... Antoninha! — exclamei com suffocação; respondeu-me com um brado... um só brado

— *soccorro!* Não sei dizer o espanto das que a acompanhavam! Pedi á mestra que nos deixasse sósinhas. Respeitaram aquelle lance nunca visto n'aquellas casas. Retiraram-se. Chamei-a com amor, com amargura, com desesperação, não me respondeu — estava desmaiada.

«N'este momento ouvi chorar em altos gemidos no dormitorio. Appliquei o ouvido... Ouvi pronunciar um nome—*padre Antonio,* e pouco depois... uma palavra — *morreu!*

«O Senhor tinha dito ás amarguras — *assaltae essa infeliz, mas não a mateis!* Vergaram-me... pendi a cabeça ferida pelo ultimo golpe... o coração partiu-se-me, a morte deu-me um abraço de inimiga, ludibriou-me, arrastou-me á borda da sepultura, e mandou-me esperar...

«Padre Antonio já não vivia. Tinha morrido um santo. Lembrou-me o oitavo de papel. Lancei Antonia sobre o meu leito. Abri aquelle papel. Continha estas linhas:

«O filho de Christovão da Veiga e de D. Antonia Bacellar foi posto em uma ama na cidade de Braga, *rua de Agua, n.º 74* — Chama-se *Carlos da Silva.* Se elle viver, achará no seminario de S. Pedro da mesma cidade um deposito de cinco mil cruzados para a sua ordenação. As clausulas estão declaradas no livro das entradas e tenças do mesmo seminario. Os meus livros ser-lhe-hão entregues do convento de S. Francisco, logo que elle seja clerigo.=*Padre Antonio dos Anjos.*=2 de janeiro de 1674.»

«A minha situação nem eu a posso recordar, porque não pude então avalial-a. Era um acervo confuso

de angustias insoffriveis! Eu não queria ligeiramente fallar a Antoninha na sua vida; mas, consolando-a, ia soprar-lhe áquellas lavaredas que pouco tinham a abrazar-lhe da existencia!... Quando ella tornou a si, abracei-a. Deu-me um olhar quebrado pela morte, e murmurou:

«— Abraças um cadaver...

«— Has de viver, Antoninha!...

«— Pelas dores de Maria Santissima... não me digas que hei de viver... Diz-me que morro... Consola-me, anjo do céo... não te envergonhes de fazel-o...

«— Não me envergonhe!... O' Antoninha!... dá-me do teu coração todo o amor que me déste!...

«— Não me falles—disse ella com muito custo—cala-te por quem és... matas-me... não posso responder-te...

«Antonia não se levantou mais d'aquelle leito. No dia seguinte mandaram-a sacramentar. Em volta da sua cama estavam sempre as religiosas. O padre, que a confessou, saíu de dentro com a face lavada de lagrimas, e pediu-nos que fossemos ao côro orar por ella ao *Senhor da Boa Morte.* Aterrou-me com isto. Eu não fui; mas sei que as preces foram abundantes de lagrimas. No fervor d'essa elevação de tantas almas queridas do Senhor, Dorothêa desfalleceu nos braços das criadas, e succumbiu dias depois com setenta annos de trabalhos, clamando até ao ultimo instante por sua ama. —

«Antoninha chamou-me á cabeceira do leito, e perguntou-me em segredo:

«— Elle vive?

«— Quem?—perguntei eu, beijando-lhe as faces que escaldavam.

«— O meu filho... o meu filho... Rita!...

«— Vive... vive...

«— Coitadinho!... sem mãe... tão desgraçado...
O' Rita... quem diria isto?!... a que eu cheguei!...

«Os gemidos privavam-me a falla. Com violencia pude responder-lhe a algumas perguntas, sem nexo, que me fez. O delirio deixava-lhe muito pequenos intervallos de razão... Penso que n'aquellas molestias ha até á ultima hora da vida uma animação que illude muito.

«A' meia noite, chamou-me d'entre muitas religiosas que vinham ajudal-a a bem morrer. Fui, sabe Deus com que receio que lhe ouvissem alguma palavra da sua vida. Levantou ainda a cabeça, encostou-a ás costas do catre, quiz, mas não pôde, lançar-me o braço direito em roda do pescoço. Depois, com a entonação debil de uma voz que expira, balbuciou:

«— Perdôo-lhe...

«— A quem?

«— A quem?!... perdôo-lhe, Ritinha... diz-lhe que lhe perdôo...

«— Sim — tornei eu — mas a quem?

«— A... Christovão da Veiga...

«— Que disse ella?! — perguntou uma das religiosas.

«— Delira — respondi eu sobresaltada.

«— Não deliro, não—tornou a moribunda — E' para que Deus me perdôe...

«Susteve-se alguns minutos, e perguntou:

«— Padre Antonio?!... não veio!... E tão meu amigo que é!... Foi a Braga... mandou a Lisboa... Tomou conta do meu... ah!...

«Foi um grito que nos fez estremecer a todas! Depois redobrou a febre e o delirio. A minha cabeça desvairou... nem eu sei o que ella disse... Os accidentes, um após outro, não me deixaram mais erguer de

entre os braços das religiosas. Mudaram-me para outra cella... Ao romper de alva, mal eu descerrava os labios para perguntar por Antoninha, as lagrimas das que me vigiavam responderam-me que a desgraçada estava na eternidade.

«— Morreu? — exclamei eu, saltando fóra da cama.

«Silencio em todas!... Quiz correr á minha cella, não me deixaram. De mim o que se seguiu, foi um d'esses soffrimentos que nem assim podem chamar-se, porque perdem o caracter da dôr, e somem-se no coração como entre cinzas o brazido de um grande incendio.

«Christovão da Veiga, esse homem amaldiçoado como Vasco da Veiga, e açoute da humanidade como seus filhos serão, casou, quando Antoninha se debatia nos paroxismos da morte!...

....

«Ha seis annos que a minha amiga repousa no claustro. O seductor vive feliz. Sei que tem uma filha. Salve-a Deus de ser a victima expiatoria de seu pae.

«O filho de Antonia Bacellar vive. Se eu viver, receberá de minha mão a historia de sua mãe. Se eu morrer, ser-lhe-ha dada, para que chore lagrimas de filho, e saiba que tremendo crime lhe deu entrada no mundo.

«As minhas lagrimas estancaram-se. Tenho hoje um sorriso para a morte, que se me avizinha devagar. Quer dar-me tempo de reconciliar-me com Deus. Bem vinda seja!... = *Soror Rita da Santissima Trindade.*»

— Termina aqui o diario, senhor conde de S. Vicente—disse o padre Carlos, enrolando o masso, e atando-o com uma fita negra.—O resto sabe-o v. exc.ª Não conheci a freira que o escreveu. Este masso foi-me entregue depois da minha ordenação... Soror Rita da San-

tissima Trindade morreu em 1681, anno e meio depois que escrevia este diario... Pediu que a enterrassem a par da sepultura de minha mãe... e nada mais sei d'esta religiosa... Está fatigado, não é verdade?

— Estou moralmente fatigado — respondeu o conde, profundamente abstrahido.

— A historia verte uma tristeza lenta nos corações menos propensos para o pezar, não é assim?

— Muita tristeza, senhor padre Carlos... Nunca eu a senti tão inconsolavel e amarga... Tem razão para soffrer muito, senhor!...

— Agora, senhor conde, vamos descansar as poucas horas que restam... Manhã temos de viver muito; é preciso não desperdiçar as espiritos... Eu vou guial-o ao seu quarto...

Separaram-se, deitaram-se e é crivel que nenhum adormecesse.

CAPITULO XXI

**Vê-se que o duello foi sempre uma caricatura em Portugal,
e ha de sel-o sempre
emquanto a dôr physica for mais pungente que a moral.
E mais se diz que mestre Antonio sapateiro
foi o unico que lucrou vinte cruzados
n'estas aguas turvas de tão infaustos successos.**

Convém saber o que é feito de D. Ignez da Veiga, depois que a vimos entrar na liteira, e acompanhada de seu irmão e dois franciscanos, ir caminho de Villa Real.

A' entrada da villa debandou a comitiva. Pedro da Veiga foi adiante, e sua irmã, com as portinholas da liteira corridas, passou incognita por entre os pasmados que dariam os dentes da sua bôca por saberem quem ia na liteira dos Veigas, depois d'aquella celebrada fuga da fidalga.

Ignez apeou dentro do pateo, com o portão fechado. A senhora Joaquina da Luz, sem recorrer á nigromancia, fez os entes da razão, e concluiu que a menina entrára em casa naturalmente com o diabo no corpo, como tinha saído.

Recolhida ao seu quarto, Ignez chorou com a maior naturalidade. Bem que a esperança lhe sorrisse, e afiançasse a alliança com o seu conde, no fim de tantos pa-

decimentos, o desampáro em que se via dos seus, e a saudade d'aquelle que bastava a encher-lhe o coração de affectos, devia contristal-a muito. A entrevista, porém, que lhe fôra promettida com um mendigo no dia seguinte, eram esperanças de sobra para consolal-a das tristezas do seu passado, e das imprevistas consequencias que d'ahi proviriam.

Nem uma criada lhe appareceu durante a tarde. Ao anoitecer levaram-lhe um taboleiro com a ceia, e não se maravilhem d'esta ceia ao anoitecer, visto que n'aquella época, regularmente estomacal, o almoço era na madrugada, o jantar ao meio dia, e a ceia ao recolher das gallinhas, como ainda hoje usam os que lêem pelos aphorismos d'aquelles tempos. A civilisação é que reformou os estomagos.

A noite que D. Ignez passou não devia ser mais repousada que a do conde de S. Vicente.

Ao nascer do sol, Christovão da Veiga, apesar do cruel rheumatismo, veio ao quarto de sua filha. Encontrou-a chorosa, mas menos aterrada do que elle a suppunha, quando a fulminasse com a sua presença de catadura severa. A menina ergueu-se e pediu-lhe a mão. O pae negou-lhe a benção repellindo-a, e fitou-a com indignação. Ignez pendeu a cabeça sobre o peito, e esperou que seu pae fallasse. Com effeito, Christovão da Veiga, colerico e carrancudo, fallou assim:

— Venho aqui enxovalhar-me ao seu quarto, mas era preciso que viesse... São só duas palavras, que meu filho se envergonharia de dirigir-lhe, ainda que não estivesse a esta hora punindo o seu cumplice pelas affrontas feitas á minha honra, denegrida pela senhora...

— Meu pae!...—exclamou Ignez, ajoelhando-se.

— Não me vexe com esse titulo...—bradou iradamente D. Christovão, afastando-se da filha.—Quero fa-

zer-lhe uma esmola para salval-a da extrema miseria. Vae recolher-se a um convento. Tenho dito tudo... prepare-se...—E saíu.

Assim, com tão desabrida fereza, deixou o pae a lagrimosa menina, que de aterrada nem teve um ai, que lhe valesse uma supplica. Deixal-a experimentar o que são paixões, sem que por isso no seu padecimento a possamos assimilhar ao requinte de martyrio que vinte e cinco annos antes penou D. Antonia Bacellar.

Tornemos á residencia de Santa Senhorinha de Villamarim. Dia claro, Pedro da Veiga procura o conde de S. Vicente na sua casa de Lordello. Dizem-lhe os caseiros que o fidalgo saíra de noite com o senhor abbade. O Veiga informa-se do prestito que os acompanhava, e pela simplicidade com que saíram, lembra-se muito bem de que o conde fosse pernoitar á residencia. Rapido, quanto o cavallo esporeado pelo odio lhe permittia, corre á residencia. Antes que descavalgasse, já padre Carlos o vira, e lembrou-se então do duello, provocado no dia anterior. Os seus planos, quaesquer que fossem, soffreram um abalo com esta inesperada apparição, que realmente não esquecera ao conde.

Veiga erguia o braço para bater no portão, quando este lhe foi aberto por padre Carlos.

— Madrugou, senhor Veiga!...—lhe disse o padre, sorrindo.

— Está aqui o conde de S. Vicente? — interrogou o Veiga com o seu rude orgulho.

— Está.

— Avise-o da minha chegada.

— Espere que elle se levante — respondeu o abbade com a mesma rudeza.

— A minha honra não concede esperas... Vossa mercê não me conhece?

— De mais, senhor Veiga... A que vem a pergunta?

— A fazer-lhe saber que não lhe farei segunda... Reptei o conde de S. Vicente... Se o covarde não deixa os prazeres da cama, n'esse caso retiro-me, e mandarei mais tarde o meu lacaio procural-o...

Manuel de Tavora chegára eventualmente á janella e ouviu as ultimas palavras do Veiga. Desceu desvaírado ao pateo. As suas armas eram a intrepidez que nasce do desatino. Face a face com o Veiga, a raiva faiscava-lhe dos olhos, e comtudo a prudencia dava-lhe um ar de galharda nobreza, um sorriso tão soberano de despreso, que nunca o homem se apresentou, conscio da sua superioridade, com mais altivez diante do seu inimigo. A um gesto seu, padre Carlos retirou-se.

— Ouvi-o fallar em lacaio, senhor Pedro da Veiga — disse o Tavora, encostado ao batente do portão.

— Fallei, sim, prometti mandar procurar mais tarde o senhor conde, se a covardia o não deixasse saír das delicias da cama.

O conde aproximou-se mais do Veiga, e com o mais apparente socego de espirito, lhe disse:

— Quero eu por um instante suppôr que o senhor Pedro da Veiga é o lacaio com que fui ameaçado. Que desforço tiraria de tal lacaio, apresentando-se-me armado como cavalheiro? Era este...

Na face esquerda de Pedro da Veiga estalou uma bofetada; em seguida o braço, que arrancava a espada, rangeu-lhe agarrado pela mão do conde; um repellão em cheio dobrou-o para o chão, e por fim o peito arquejava-lhe debaixo do joelho do Tavora, quando padre Carlos, empenhando toda a força de seus braços, pôde salval-o de ser alli afogado pela mão nervosa, que parecia cravar-lhe os dedos no pescoço.

Pedro da Veiga, apenas solto d'aquellas algemas, que

o prenderiam talvez á sepultura, erguido, lançou a mão aos copos da espada, vozeando *covarde!* a altos brados. O conde sorria-se; mas o padre Carlos sustivera a espada na baínha, sem para isso empregar metade do esforço, que um momento antes fôra preciso para salvar o filho de seu pae.

O manuscripto aqui tem uma lamentavel lacuna. Dá-nos a entender que Pedro da Veiga, rugindo vinganças e epithetos affrontosos, montára com menos garbo do que desmontára o seu cavallo, e fôra caminho de Villa Real. Tavora, pelos modos, e não deixa de ser natural, recolheu-se á residencia, e, valha a verdade, almoçou melhor do que ceiara.

O que o manuscripto claramente conta, é que estando o padre no pateo da residencia, conversando com um seu freguez sobre os precisos para uma festa de missa cantada na primeira dominga de março, passára alli o mestre Antonio, o sapateiro dos sotãos do Veiga, e perguntára se por alli teria passado o senhor fidalgo D. Pedro da Veiga. Que o padre respondera, conscienciosamente, que alli estivera, e que no decorrer da conversa sobre varios assumptos, o sapateiro perguntára ao abbade se queria comprar-lhe um annel. O abbade examinou-o, e leu com bastante pasmo o mote que o circuitava: *reges descendunt á nobis, non nós á regibus*. —Posto a preço, o sapateiro deixou-o ficar por vinte cruzados, e retirou-se contentissimo da boa feira que fizera, visto que tudo era ganho, e não seria facil que tal annel, alli sepultado n'uma aldeia, viesse a apparecer em Villa Real. Acrescenta o sincero historiador d'estas minuciosas passagens, que o padre, observando miudamente o seu annel, lhe descobrira uma mola, que se abria por dentro, e dava ao annel uma fórma de uma caixinha destapada. Maravilhado por isto, novas mara-

vilhas o surprenderam, quando leu, no interior das laminas que formavam a caixinha, este nome muito seu conhecido: *Manuel Carlos da Cunha e Tavora.*

Finalmente, reza ainda o manuscripto que o bom do padre, tendo o dono em casa, calou-se com o annel: reserva esta digna de reprehensão, se o ministro do Evangelho lhe não dér outra saída.

O leitor é penetrante de mais para saber, sem que lh'o digam, que este annel caíu do dedo de D. Ignez da Veiga na noite de 6 de fevereiro de 1701.

CAPITULO XXII

De como mestre Antonio era um refinadissimo agiota, e d'est'arte cumpre a promessa que nos fizera de fazer-se ladrão. Imaginações que conspiram na cabeça do padre, e levam por diante aquella «bernarda» moral, á custa de ferro e fogo.

A's quatro horas da tarde d'este dia 8 de fevereiro, estava um mendigo sentado nas escadas de Christovão da Veiga. Quem reparasse no cuidado que elle punha em aconchegar-se o manto andrajoso que o cobria, devera desconfiar do pobre áquellas horas alli sentado sem pedir esmola.

— Agora não são horas de dar esmola, irmãozinho... — disse o mestre sapateiro, que o via lá do interior da sua furna domiciliaria.

— Eu não lhe peço nada, mestre... — respondeu o mendigo.

— E faz bem — continuou o sapateiro, batendo sola. — Eu cá não peço por não ter saco.

— Deus o não castigue, irmão!

— Mais do que eu estou? Isso não sei... mas só se me der a lepra que deu a Job. A respeito de cobre... cruzes, nem um maravedil...

— Deus o não castigue, irmão!... Vinte cruzados é dinheiro que não tem nenhum remendão em Portugal...

— Vinte cruzados?!—exclamou o sapateiro espantado — Que quer dizer isso?!

— Que não ha razão para se queixar da sorte, senhor mestre... porque vinte cruzados, ganhos do pé para a mão, sem trabalho nenhum...

— Falle baixo, falle baixo, pois vossê sabe...

— Que ha achados muito bons, quando o dono não apparece a querer acertar o dedo com o annel...

— Cale-se, cale-se, por quem é... Eu não furtei o annel...

— Mas parece-o... Então, se o não furtou, que medo tem?!... Ora venha cá...

O sapateiro aproximou-se humildemente.

— Eu quero juntar mais cinco a esses vinte cruzados, se me fizer um serviço...

— Então vossê quem é!?

— Que lhe importa?... O dinheiro ganha-se com os olhos tapados... Quer servir-me por este preço?...

— Conforme fôr o serviço...

— Não é pesado. Saiba-me primeiro onde está a senhora D. Ignez...

— Se é isso só, posso dizer-lh'o já. Está no seu quarto fechada, e vae manhã para um convento...

— Manhã!—exclamou o pobre—manhã!... sabe-se isso de certo?

— Se sei!... eu sou dos que vão na comitiva, com uma carga de caixões... que mais quer?

— Deixa-me entrar no seu sotão?

Aqui o mendigo desmandou-se na voz, e esqueceu o artificio. O sapateiro conheceu logo que fallava com o comprador do seu annel...

— Agora já o conheço... é o senhor abbade de Villamarim!...

— Cale-se...

— O meu sotão está ás ordens de v. s.ª... podia já ter dito isso... Ora esta!... quem havia de conhecel-o com estes farrapos, e estas barbas tamanhas!... mas, a fallar a verdade, estão ao pintar!... são como as barbas dos santos *martiles* de Marrocos da procissão de Cinza! Ora vamos, a casa não é propria, mas é o que ha... Faz favor de sentar-se, e esteja á sua vontade...

Padre Carlos, fechada a porta do sotão, deixou caír o manto de farrapos, desfez-se das espessas barbas que lhe enquadravam a cara, e de mendigo que era, exceptuando os socos, que lhe ficavam pessimamente, no resto parecia um salteador calabrez, attendendo ás coronhas de duas pistolas que lhe saíam de entre a abotoadura do seu radingote de veludo azul.

«Que exemplo a futuros *sacerdotes!*»

— Vamos a saber, mestre, devo contar comsigo?

— Eu já disse... isso lá é conforme...

— O preço?

— A respeito de preço ninguem nos ha de ouvir; eu estou aqui para tudo que couber no possivel.

— Está dobrada a parada! São dez cruzados se fizer chegar ás mãos de D. Ignez, antes da noite, uma carta...

— Isso, ha de perdoar-me, mas não lhe vejo furo... O que póde fazer-se póde fazer-se; mas lá isso de entregar uma carta sempre lhe devo dizer que não é para ninguem, salvo a tia Joaquina da Luz, que a *propósto* de feitiços é como se quer...

— Deixemo-nos de feitiços. Das duas uma. Ou vossê pede dinheiro, e me serve, ou então eu sou capaz de o perder com aquelle annel.

— O' senhor abbade, por alma de quem lá tem, não

me bote a perder! Cego eu seja dos olhos ambos de dois, se eu furtei aquelle annel!...

— Não furtaria; mas eu posso leval-o a um tribunal e fazel-o condemnar... Está bom... Eu bem sei que o mestre sáe bem das emprezas em que se mette. Nada de ameaças. Quem reina é o dinheiro. Vossê fica com dez bellos cruzados e com a sua boa reputação de honrado... Vamos... entregá-se a carta?

Mestre Antonio meditou, fez diversas caramunhas, e por fim decidiu-se a tentar o arrojo.

— Então ha de ser já, emquanto os fidalgos estão no fogão entretidos com os frades — exclamou o mestre.

Padre Carlos escreveu a lapis e entregou ao sapateiro este bilhete:

«Coragem, senhora! Manhã entra v. exc.ª n'um mosteiro. Depois não ha salvação possivel. Durante a noite esforce-se por fugir. Da meia noite em diante é esperada pelo conde de S. Vicente á porta do quintal. Não tem outro refugio.

«*Padre Carlos da Silva.*»

Mestre Antonio foi e demorou-se bastante na volta. O abbade já estava impaciente.

— Entregou?—perguntou vivamente o padre.

— Creio que sim... Ainda bem que estavam todos para o salão do meio. Atravessei o corredor, sem topar viva alma. Cheguei ao cabo, onde está o quarto da menina, e estropiei á porta. Fallou-me ella de dentro. Disse-lhe que era eu. Respondeu-me que estava fechada. Metti-lhe o escripto por debaixo da porta, e ella disse-me que ficava entregue... que mais quer?

— E que provas me dá de que foi entregue o escripto? Vossê demorou-se tanto só para isso!...

— Ora ahi está como se tapam as bôcas ás más linguas... Pegue lá... ahi tem...

— Isto que é?! — perguntou o padre, aceitando um papel.

— E' a resposta... Então? ganhei ou não ganhei honradamente os dez cruzados?!

— Ganhou quinze.

— Como quinze?!

Mestre Antonio fez sérias diligencias por saber se estava acordado, emquanto o padre lia a resposta de D. Ignez:

«O sapateiro tem uma chave da porta do quintal, com que antes de hontem ficou. Que a dê. Abram a porta, e ajudem-me a descer da minha janella do quarto, que não é alta. Depois da meia noite espero com anciedade. Salvem-me, senão morro.»

Padre Carlos sorriu-se de uma satisfação, que é a alegria perversa do que satisfaz uma vingança longo tempo solicitada. Qual seria? Mais de um leitor tem os olhos fitos n'uma scena de sangue!... Ai da victima que fôr immolada nas aras cruentas da vingança... Maldito ANATHEMA!...

Mestre Antonio cedeu... — não, vendeu a chave por bom dinheiro, visto que eram honestos e virtuosos os fins para que a vendia. O homem mostrou-se cordialmente interessado no casamento da menina, que, segundo elle, a ninguem mais se devia, se chegasse a effectuar-se, como era justo, para tapar as bôcas do mundo.

Temos o padre no caminho de Villamarim, morto por despojar-se das insignias a que elle devia o mais valioso triumpho do seu plano.

O conde esperava-o com o coração inquieto. Nas horas, que passou sósinho na bibliotheca da residencia,

pungiu-o vivamente o remorso de ter feito descer tanto um irmão de D. Ignez da Veiga. Por mais que se entranhasse do rancor que as affrontas do Veiga deviam provocar-lhe, não podia serenar a sua consciencia, que o accusava de um feio excesso, de uma vileza afidalgada pelos moldes da peonagem. O sentimento que mais lhe aggravava o remorso era o amor de Ignez, que, esquecido no momento afogueado da desaffronta, remanesceu depois animado, apaixonado, e repeso de ennodoar-se n'um lance de força bruta. N'estas amarguras encontrou-o padre Carlos da Silva. Ardente de enthusiasmo, communicou-lhe os bons fructos que colhera, e as mais gratas esperanças que lhe adjudicaria ao seu futuro.

O conde abraçou-o com transporte, e jurou-lhe o seu eterno reconhecimento. Pensava elle que a suspirada vingança de padre Carlos morria satisfeita no dia em que D. Ignez fôsse esposa de um homem contra vontade de seu pae! Haviam assim muitas intelligencias myopes, que pouco augmentaram de vista nas intelligencias netas, que são as contemporaneas, taes quaes as vemos por ahi estudando a physiologia do coração humano, como quem estuda as quatro operações!...

Padre Carlos não mais fallou na vingança, nem no diario de Antonia Bacellar. E' certo, porém, que o homem pensava profundamente. O conde achava-o sempre abstrahido, quando lhe dirigia alguma pergunta. A's vezes o padre, n'aquelle afogo de pensamentos tumultuosos, que o impacientavam, dava murros na banca, erguia-se em desespero, e parecia arrepellar-se! A figura é comica, mas era exacta! Ha d'estas indoles.

Veremos que judiciosos motivos elle tinha para este desgrenhado agastamento comsigo mesmo.

CAPITULO XXIII

**O padre assenta a primeira bateria.
Vê-se o que são as vinganças nos caracteres perversos.
Antiguidade das cartas anonymas.
De como uma tulha é o melhor valhacouto
contra corregedores e meirinhos.
Descobrem-se tres familiares do Santo Officio,
que por força ou por geito deviam entrar no romance.**

Era meia noite.

D. Ignez espreitava pelos rotulos das portadas da sua janella se a porta do quintal se abria.

Não esperou cinco minutos. Abriram-a, e entraram dois encapotados. O primeiro, que era padre Carlos da Silva, levantou, debaixo da janella de Ignez, o conde de S. Vicente á altura que pôde. A menina apoiou os pés, necessariamente lindos, sobre o hombro do conde; depois inclinou-se até lhe encontrar as mãos, e assim veio descendo sem perigo e sem temer até face a face se abraçar ao conde.

Não se trocaram palavras. Atravessaram a villa calados, e acautelados com os poucos encontros que tiveram.

A direcção estava traçada. Era a residencia de Santa Senhorinha de Villamarim que devia receber no seu pobre seio os illustres fugitivos.

Chegados, Ignez parecia ebria de uma alegria desatinada; o conde tambem: o padre era um mysterio.

Depois separaram-se. A casa tinha duas camaras, e uma era do reverendo abbade... Aqui perdôe-me o fazedor do manuscripto, mas em vez dos seus alambicados rodeios, vão por conta da sã moral e decoro litterario estas duas linhas de panacêa universal.

....

....

A's duas horas da noite o padre Carlos escrevia o seguinte, e um seu criado ao pé da mesa esperava a carta:

«A Christovão da Veiga.

«Sua filha não está em casa. Foi-lhe á meia noite roubada. Se quer salval-a da prostituição, da vergonha, e do abandono, faça passar ordens para os alcaides e corregedores os não deixarem passar. Affirma-se que só depois de manhã sairão d'aqui d'estes suburbios. Providencias promptas podem resgatal-a das garras do seductor. Quem lhe escreve, senhor, é um homem zeloso da sua honra.»

— Parte... — disse o padre ao servo — não venhas sem que essa carta seja entregue a D. Christovão. Bate, até que a porta te seja aberta. Logo que a entregues, desapparece... que te não percebam a direcção. Se te perseguirem, esconde-te.

O criado partiu.

Em seguida entrou outro criado, e o padre escrevia o seguinte:

«Irmão em Christo.

«Denunciae ao Santo Officio, com a promptidão do vosso zelo, que Manuel Carlos da Cunha e Tavora propaga doutrinas hereticas e falla irreverentemente dos augustos dogmas da nossa santa religião. Qualquer demora ser-vos-ha levada em conta no tribunal de Jesus

Christo. Fazei que o capturem na sua casa de Lordello, onde se acha em braços de uma infeliz, que roubou a seu pae. Aquella é filha do nosso prezado irmão Christovão da Veiga. — Vosso irmão em Christo, e familiar do Santo Officio.

Padre Carlos da Silva.»

O sobrescripto da carta era assim:

Ao muito reverendo padre mestre frei Alvaro da Encarnação. Familiar do Santo Officio.

Coimbra.

O servo levou a mula á redea, para que os passos se não ouvissem, e quando lhe ficou atraz o povoado, cavalgou, e accelerou a corrida quanto lhe era possivel.

Feito isto, padre Carlos deitou-se e adormeceu.

Mais profundo era o somno de Christovão da Veiga, quando lhe foram á cama entregar uma carta de muita urgencia. Leu-a. Bradou que lhe trouxessem o portador. Quando o procuraram, tinha o portador cumprido fielmente as ordens de seu amo: desapparecera.

Entraram no quarto de Ignez. Viram a janella aberta, e n'aquella solidão uma especie de escarneo mudo á prepotencia de um pae, e aos brios covardes de um irmão.

Pouco depois o corregedor e mais justiças da comarca enchiam os salões de Christovão da Veiga. Os enviados partiam para alcaides e corregedores, juizes de fóra, e mais auctoridades civis e militares, a quem o fidalgo, alcaide-mór de Villa Real, dava poderes discricionarios, como hoje se diria.

No dia seguinte era uma inglezia na villa. Todos queriam fazer montaria ao lobo, todos se offereciam para ampliar o cordão de captura ao roubador de D. Ignez. Parece, não obstante, que roubador e roubada dormiam folgadamente.

O padre despertou cedo. Do adro da igreja viu uma turba de cavalleiros e peões que se dirigiam a Lordello. Comprehendeu a missão, e exultou. Subiu rapido ao quarto do conde. Chamou com fingido sobresalto. Sem que a porta lhe fosse aberta, aterrou-os com a necessidade de se esconderem, visto que suspeitava lhe dessem uma busca na residencia para captural-os. Ignez ia desfallecendo: alentou-a a coragem do conde.

A residencia tinha uma tulha subterranea na adega.

— Estão salvos — disse o padre — e basta que se escondam, se elles se avizinharem d'aqui.

Não tardou a realidade da hypothese. Bateram á porta da parte do corregedor. Subiram corregedor, beleguins, escrivães, ajudantes de cartorio, notarios, afóra soldados, e povo, e gallegos, e mestre Antonio, que ficaram á porta. Rebuscaram em vão e muito ligeiramente. O corregedor tambem era familiar do Santo Officio... Isto podia valer muito, se preciso fosse.

Estavam salvos.

— Foram tomadas algumas providencias, senhor corregedor? — perguntou o abbade.

— Todas, dez leguas em circumferencia.

O conde de S. Vicente e sua trémula companheira do subterraneo ouviram isto.

— Estamos perdidos! — exclamou ella.

— Não estamos—respondeu o conde—Este padre protege-nos... Como te enganaste com elle, Ignez!...

— E' verdade!... enganei-me felizmente... Bem se vê que o meu sangue lhe gira nas veias...

— Não me lembres que é teu irmão — disse o conde tristemente meditativo.

— Por quê?!...

— E' uma historia incrivel de atrocidades...

N'isto o padre deu signal para que saíssem da tulha.

Vinham pallidos e enfiados de susto! O amor dá coragem e dá fraqueza. E', e será sempre, um mysterio. Se o corregedor os autoasse, e d'alli os fizesse entrar na igreja como condemnados a casamento, isso era o mais grato galardão d'aquelles travêssos delinquentes; mas, no razoavel entender do conde, a condemnação seria outra, depois d'aquella bofetáda, e de um rapto em duplicado, que devia ser crime espantoso á face das *ordenações do reino*. N'estas, os raptos e bofetadas fidalgas, se as mulheres e as faces eram plebeias, expiavam-se com um passeio recreativo até *Castro Marim*; mas aqui era mais séria a pena, visto que D. Christovão da Veigá não era homem que transigisse sem *o morra por ello* d'aquella graciosa dadiva do rei de Hespanha.

Quem, ainda assim, mais apavorado parecia era o padre Carlos! O conde quizera tomar animo da coragem d'elle, mas viu-o timido, frouxo e acovardado.

— Ouviu o que disse o corregedor? — interrogou o abbade.

— Ouvimos... — respondeu D. Ignez, como anciada pór saber o acrescimo de infortunios que tinha de experimentar.

— Já vêem — proseguiu o padre — o risco em que estão se saírem d'aqui estes primeiros dias...

— E padre Carlos da Silva — interveio o conde — tão generoso, tão nobre para comnosco, negar-nos-ha o asylo da sua casa por alguns dias?

— Nunca!... prouvera a Deus que esta choupana

fosse um palacio, alcatifado de ricos tapetes da Persia, que os desenfastiasse da vida enclausurada a que tem de sujeitar-se, se não quizerem ser vistos e denunciados.

O conde abraçou o padre, e Ignez sentiu-se impellida a acompanhar o seu amado n'aquelle lance de gratidão e fervorosa amizade.

O abbade continuou:

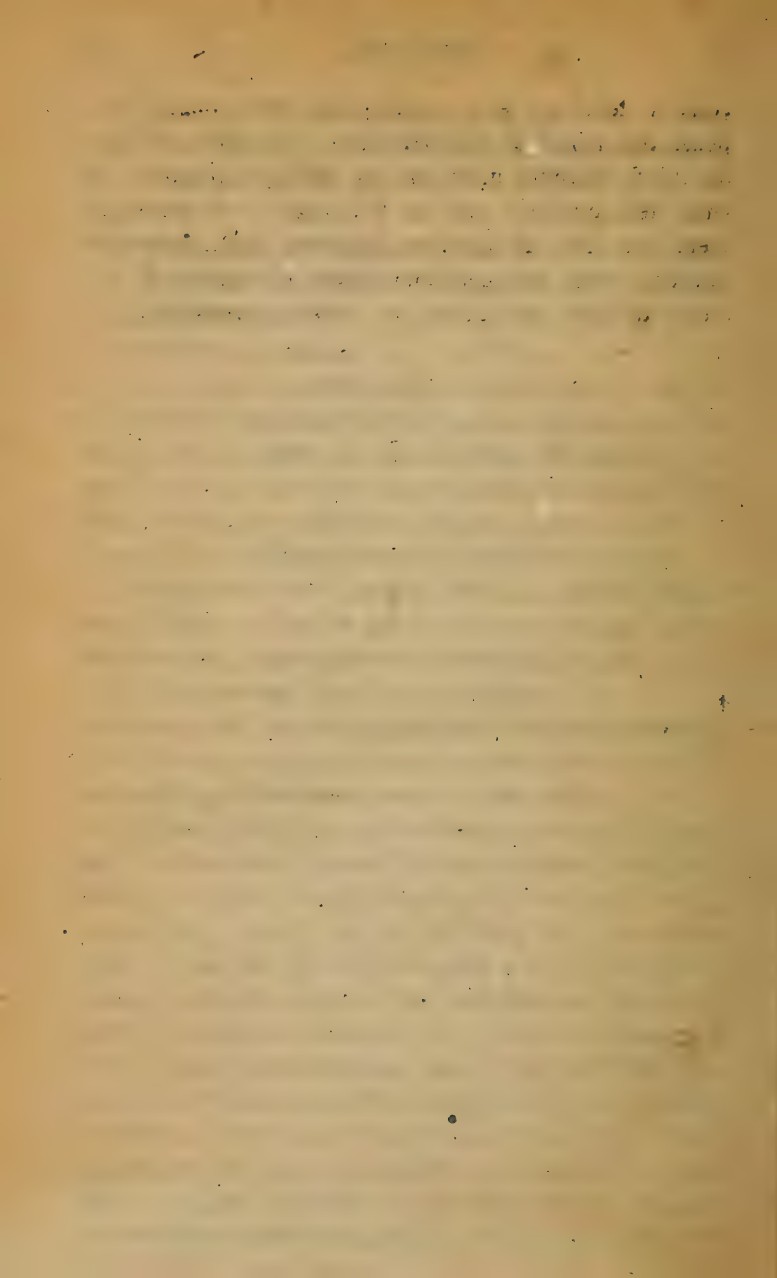
— Aqui temos, senão opiparos banquetes, ao menos sobejam-nos alimentos sadios, e a boa vontade, que é o melhor dos acepipes. E demais — disse elle sorrindo — o amor é meia mantença; e as esperanças de mais brilhante futuro são mantença inteira... não é assim?

— E', é... — disse Ignez com animada rapidez.

— Pois não é tanto assim! — tornou o gracioso sacerdote — Deus a livre de jejuns que não manda a Santa Madre Igreja. Abstinencias completas bolem com a cabeça, com o estomago, e com o coração...

Riram-se ao mesmo tempo do remoque, e conversaram serenamente em assumptos relativos ás suas circumstancias, como a natureza do caso pedia.

Os promettidos esposos viviam como não podem imaginal-o os que não tiveram na sua monotona e obscura existencia episodios apaixonados, e, por dias e noites clandestinas, sob o véo do mysterio, uma extremosa mulher, que se nos entrega corpo e alma, em recompensa de muitas lagrimas, de sacrificios penosos e de grandes desfalques na reputação... Não queremos colorir de mais o quadro, que não vá elle dar muito nos olhos pela viveza dos traços. Camões definiu a situação em dois versos, que valia a pena cital-os aqui, se não parecessem, de velhos e safados que estão, um pedantismo de rapaz de escola. O coração adivinha, quando é consultado n'estes mysterios, que são todos d'elle; e

como o leitor ou leitora nada paga n'essa consulta, eu penso *que é melhor experimental-o.* Emquanto ao conde de S. Vicente nada ha mais facil *que julgal-o.* O leitor tem direito a que eu lh'o diga; *mas julgue-o.* Deus me salve de escrever romances, cujo incenso de um fino amor vae perfumar olfatos embotados. E' escrever de amor para *qũem não póde experimental-o.*

CAPITULO XXIV

Traição e vingança

Leitores! O romance perdeu o seu mau sestro estopador. Exultae! Agradecei ao manuscripto, que, chegando a estas alturas, já não é manuscripto, é um carril de factos que roda accelerado n'um caminho de ferro, que outra cousa não póde chamar-se á impaciencia veloz com que o collector d'estas cousas se arremessou ao termo final d'ellas. Por não ter melhor cousa em que pensar, penso sinceramente no rapido desenlace d'esta enredada lenda, e chego a persuadir-me que o auctor do manuscripto era velho, sentia-se desfallecer cada vez mais, e não quiz morrer sem deixar cimentos para que *melhor penna tomasse sobre si o encargo de tão ardua tarefa*, como se diz nos prologos. Por um triz não invento algum episodio imaginoso, e o encravo a martello n'esta veridica, mas algumas vezes desapegada historia. Tenho sinceridade litteraria. Dóe-me a consciencia de perturbar o seculo XIX com questões renhidas sobre a veracidade d'esta mentira. Faço votos por que a neta da actual academia real das sciencias (cuja raça Deus não ha de permittir se perca) se não occupe em questionar e traduzir

estes gatimanhos, que muito é de crer sejam para elles o que são os caracteres arabes para os socios da actual.

Deveis pois de saber que padre Carlos da Silva foi uma desgraça fazel-o herdeiro d'aquelle diario de Antonia Bacellar. Este homem, só no mundo, farto de lamentar-se na insolação de filho sem paes, quando lhe disseram—*mataram tua mãe com o punhal da traição*—o seu primeiro grito foi pedir o nome do assassino. Assassino era seu pae, que o arremessára para os abysmos do mundo, onde cairia se não o amparasse na queda a mão caridosa de um estranho. A dorida paixão com que aquelle diario fôra escripto, irritou a vingança irada do sacerdote, que morreria amargurado e só no mundo, mas talvez generoso e bom, se lhe não pedissem lagrimas para a mãe no tumulo. Pedir lagrimas áquelles olhos que não as tinham, aquelle coração que se devorava na impotencia de as poder verter no regaço da mãe.... era pedir-lhe sangue... Esse, sim, dera-o elle todo pelo instante da sua vingança!.... salpicára com elle o altar de Deus, se fosse preciso ir alli enterrar o punhal no seio do matador de sua mãe!...

Estes planos atrozes abortaram na manhã do dia 7 de fevereiro. Outros se inflammaram das cinzas d'aquelles; e esses vel-os-ha o leitor delineados no decorrer d'este funebre capitulo.

Haviam decorrido dez dias. O conde e D. Ignez eram ainda hospedes do abbade. Este a cada instante lhes annunciava, fingidamente assustado, novas providencias para a sua captura. Demais, os familiares do Santo Officio, auctorisados pelo inquisidor conimbricense, buscavam por toda a parte cuidadosamente o conde, incurso em heresia e desacato, depois que em vão o procuraram na sua quinta de Lordello. O conde principiava a affligir-se da sua situação, e mais ainda pela infeliz, que en-

tra protecção não tinha além da sua. O padre, porém, suavisáva-lhe o martyrio, offerecendo-lhe pela millesima vez a sua casa, e os seus recursos, e a sua vida.

Manuel de Tavora, sem que a infeliz menina o instigasse, fallou ao padre n'um casamento clandestino, para salvar Ignez da deshonra no caso de algum attentado imprevisto contra a sua vida. O abbade respondeu affavelmente que sim; mas que sem licença régia seria uma temeridade, visto que elle conde perderia a graça do rei, e azedaria o odio do tribunal ecclesiastico.

Estas razões eram contrariadas por Tavora, mas as do padre venciam sempre.

O conde escreve para a côrte, e as primeiras cartas são-lhe descaminhadas pelo padre. O conde é chamado á côrte, e o padre queima placidamente as ordens régias!

São passados tres mezes.

D. Ignez da Veiga chora de dia e de noite... Sente-se mãe... e aquelle filho, que parece accusal-a já das entranhas, é fructo de um crime... e sêl-o-ha talvez por fim de uma vergonha.

Padre Carlos delira de contentamento feroz!

E' então que elle escreve para Lisboa, pedindo uma ordem régia, que promette fazer chegar á residencia incognita do conde de S. Vicente.

N'este tempo Pedro II liga-se offensiva e defensivamente com França e Hespanha contra a casa de Austria. Fazem-se aprestos de guerra, são chamados os nobres, e o conde S. Vicente é invocado com graves penas no caso de insubordinação, e reputado traidor á patria se não vier ao chamamento de el-rei.

Esta ordem chega ás mãos do conde. Padre Carlos surprende-o, chorando sobre o seio de Ignez, que lhe caíu desmaiada nos braços.

Reanima-o. Lembra-lhe que corra á côrte a alcançar

licença para casar-se, e a destruir as intrigas que Christovão da Veiga lhe urdira no Santo Officio. Offerece-se para ser o depositario de D. Ignez, e o seu companheiro depois, visto que lhe seria difficil salvar-se com ella de uma captura no circulo de dez leguas, onde redobram de vigilancia todos os dias.

O conde resiste a estas insinuações, agradecendo sinceramente os valiosos serviços do padre, mas resolve aventurar-se aos perigos com tanto que D. Ignez o acompanhe. O abbade, que vê baldos conselhos e prognosticos sinistros, na vespera da partida faz que um novo assalto á casa de Lordello, capitaneado por familiares do Santo Officio, o contenham alli atemorisado na residencia de Santa Senhorinha. Como estas combinações se fizeram entre o padre e os assaltantes, isso é que se não diz no manuscripto, e eu não invento nada.

Agora é já a propria Ignez que implora ao conde a sua ida, embora ella tenha de choral-o ausente, mas não perdido.

Tavora é um homem que ama com o virtuoso amor de um anjo. Aquella mulher, possuida á custa de tantos trabalhos, não o enfastiára um instante, nem lhe magoára o coração com o espinho do arrependimento. Instado de joelhos por ella, e afervorado pelas admoestações cavillosas do abbade, o conde, em uma noite tempestuosa, atravessa, com um guia, montanhas instransitaveis, como se as estradas lhe fossem vedadas pelas alabardas dos alcaides-móres, e, peior ainda, pelos farricocos do Santo Officio.

Incolume, com quanto fatigado de desvios inuteis, Tavora escreve do Porto a Ignez, verte lagrimas de paixão n'essa carta consoladora, e promette-lhe a felicidade, que só a suprema vontade de Deus poderia converter em desdita. Ignez, tão feliz com esta carta, no extasis febril

da sua alegria, abraça o padre Carlos, e dá-lhe pela primeira vez o doce nome de irmão. O padre, porém, sorriu-se! Este riso era um escarneo. O escarneo era o cynismo cerval do algoz.

Christovão da Veiga perde as esperanças á sua desforra. De Lisboa dizem-lhe que não ha novas do conde de S. Vicente. Desde o momento que imaginou sua filha pervertida, prostituida e deshonrada, o desventurado pae recorda-se muitas vezes de Antonia Bacellar, e o espectro d'esta mulher volteia-lhe nos seus pesadelos de velhice lacerada pelo remorso! Pedro da Veiga esquece que é assassino, e aviltado por uma bofetada, e deshonrado pela irmã, emquanto as faceis mulheres da fidalguia, apezar de primas pela maior parte, lhe suavisam os espinhados alentos da mocidade com o amaciar estremecido e carinhoso das suas franquezas.

D. Ignez conta por lagrimas os minutos que tanto lhe demoram novas do seu anjo.

Passam-se trinta dias, e nem uma carta! Padre Carlos era depositario de tres, que ella nunca viu. O conteúdo da ultima dizia assim:

«Tudo a nosso favor, anjo da minha alma! Vem! Esse generoso irmão que te acompanhe, e que venha ter partilha no delirio da nossa felicidade! Consegui licença para seres minha, e para não arriscar este anno na guerra uma vida que é tua. Debellei as intrigas da inquisição, e as da côrte, que mais me atribulavam. Este casamento convencionado aqui era a minha desgraça . . .

O resto da carta eram os logares communs do amor idealisado, perfumado, e doudejante das mais risonhas esperanças. Ignez não viu esta carta. A que ella viu era escripta por uma lettra estranha, e rezava assim:

. . . .

El-rei condemnou-me a partir logo para Madrid, em

castigo da minha resistencia ao chamamento. Não demorei uma hora em Lisboa. Vim unir-me ao exercito. As saudades que de ti me angustiavam aniquilaram-me o espirito e o corpo. Estou doente; nem o punho póde menear uma penna, que te retrate o que é martyrio incomportavel no coração do homem, que com lagrimas te escrevera. Vem, Ignez! A tua alma está vinculada á do conde de S. Vicente. Se não queres que a morte despedace estes vinculos sagrados, vem como o anjo da vida sentar-te á cabeceira do moribundo. Adeus! Pede á esse virtuoso sacerdote, e generoso protector que te acompanhe. Rua do *Carvajal*, em Madrid—10 de julho de 1701.

«*Conde de S. Vicente.*»

Ignez leu esta carta. Antes de desfallecer, ajoelhou aos pés do padre e rogou-lhe por alma de sua mãe que a não demorasse um instante...

— Por alma de minha mãe! — murmurou o padre. — E sabe a menina se minha mãe precisa de suffragios?...

A infeliz não podia responder-lhe: estava desmaiada, e permittisse Deus que d'alli a erguessem para a lançarem no tumulo!...

. . . .

Alta noite Padre Carlos da Silva e D. Ignez da Veiga sairam em robustas mulas com um criado de pé. Ao romper da aurora estavam em Chaves. O sol de Hespanha derramou os seus primeiros raios na face pallida d'aquella virgem... de coração! O tigre da vingança, o filho de Antonia Bacellar e do pae d'aquelle anjo, ia concentrado em si como o algoz, que, no caminho do cadafalso, sente o pavor de si proprio retrahir-lhe a alma!

Caminharam.

Desde Brim a Madrid, Ignez se fôra a mulher penetrante d'estas nossas eras de esperteza prematura; sondára o coração atraiçoado do sacerdote! Eram forçados e frios os seus carinhos. As conversações, que, promovidas por D. Ignez, eram sempre sujeitas ao conde, distrahia-lh'as o padre com outras relativas ás impressões de jornada, aos monumentos, á natureza luxuriante d'aquellas formosas varzeas de Hespanha, que tão despercebidas eram para a temerosa amante de um homem, que a chamava atribulado do leito da doença.

Em Madrid não existia a rua do *Carvajal*. D. Ignez esperou na estalagem que padre Carlos se informasse da residencia do conde. Era melindrosa a situação do traidor! Nem elle pensára talvez na maneira de differir o fingimento até ao dia da sua vingança. Era necessario que aquelle nefando segredo, durante cinco mezes, não transpirasse abafado n'um véo densissimo de successos premeditados tanto que o não trahissem. A innocente era facil de enganar-se; mas ha nos corações mais candidos um instincto, uma vista dupla, que devassa no coração dos grandes perversos. Até aqui, porém, D. Ignez da Veiga confiava cegamente em seu irmão, e, dando-lhe este titulo, julgava ella que o prendera á sua felicidade pelos vinculos do sangue, e pelos soccorros devidos a uma fraca e desamparada senhora.

Passára-se uma hora de estirada agonia que D. Ignez da Veiga esperava o padre, quando este chegou com a physionomia assombrada de uma tristeza mentirosa.

— Então?! — exclamou ella.

— Não existe em Madrid — respondeu o padre, amparando a cabeça com o braço direito firmado sobre uma mesa.

— Não existe em Madrid?!...

— Não, senhora.

— Mas... diga, senhor padre Carlos, onde está... para onde foi?!...

— Ignora-se...

— Oh! meu Deus!... que desgraça!... Pois não se sabe?!

— Não, senhora.

— Mas não estava elle tão doente!?

— Estava, sim.

— Eu não entendo o que isto é, senhor padre Carlos!... O' Virgem Maria! sêde em meu soccorro!...

D. Ignez, n'um extasis de desesperada agonia, ajoelhou com as mãos erguidas. O abbade, immovel na sua postura meditativa, afigurava-se o homem prostrado pela dor, que já nem póde soccorrer-se de Deus, elevando-lhe o espirito afflicto. E Deus sabe que mão de angustia infernal o suspendia pelos cabellos sobre o abysmo da vingança cavada por elle para aquella victima sem culpa! As torturas de Ignez começavam a emparelhar-se com as de Antonia Bacellar. Ambas mães, ambas abandonadas, o vilipendio, a deshonra, e a perdição principia para Ignez como um ponto escuro no horizonte altissimo das suas esperanças, qual vinte e seis annos antes negrejava para D. Antonia Bacellar. Padre Carlos scismava n'estas comparações. D'ellas é que a sua alma se alentava, quando a compaixão por sua irmã começava a abrandar-lhe as ferezas de vingança.

A filha de Christovão da Veiga não tinha alli uns braços carinhosos que a sustivessem no seu desespêro. O seu companheiro de jornada parecia contemplar friamente aquelle despedaçar-se de uma alma infantil no alvorecer de suas crenças, polluidas tão cedo pela ulcera da deshonra, insanavel no mundo. Era a scena do infortunio, sem luz de esperança, e o cynismo avarento de outras lagrimas.

De certo: eram outras as lagrimas que D. Ignez da Veiga fôra condemnada a chorar, no dia 7 de fevereiro, quando padre Carlos da Silva, no castello dos Tavoras, deparou uma virgem como sua mãe o fôra, e uma victima de perpetua deshonra como sua mãe viera a ser.

Que presentimentos não foram os da pobre menina na manhã d'aquelle dia!

O abbade de Santa Senhorinha reanimou-se, depois que sua alma bebeu na taça das angustias de Ignez o primeiro sorvo da sua vingança.

— Não desespere, senhora! — disse elle com maviosidade, despertando-a da sua absorpção de espirito — Não desanime... Ha aqui um segredo, que não podemos decifrar sem tempo...

Ignez respondeu-lhe com incessantes soluços. O padre continuou:

— Animo, menina! O conde de S. Vicente foi naturalmente chamado a Lisboa para o repararem de injustiças que a intriga lhe fez... Nem tempo lhe deram de lhe escrever... Talvez que a alegria o arrebatasse até ao delirio... ao esquecimento de que mandára vil-a...

A credula principiava a confortar-se d'estas frivolas razões. O coração tem estas simplicidades, quando a paixão lhe enturva a luz do juizo...

— Talvez!... — redarguiu ella com a face illuminada de esperança.

— E' tão possivel!... — continuou o sacerdote — E, supponde que são outras as razões, é preciso que se saibam... Em mim, senhora D. Ignez, não tem um irmão como Pedro da Veiga, tem um escravo que irá de rastos punir o seu traidor onde quer que elle esteja...

— Não falle assim — exclamou Ignez assustada.

— A traição é uma grande infamia... não é, D. Ignez da Veiga?

— De certo! — E' impossivel que eu fosse enganada pelo conde...

— Impossivel... não! — redarguiu o padre, abaixando a voz em tom sinistro — impossivel!... se a menina soubesse como foi trahida...

— Quem?... — atalhou ella a tremer.

— Ninguem! — respondeu o abbade, sorrindo com indefinivel inspiração de angustia e de sarcasmo.

Após uma longa pausa, em que o silencio era só nos labios, mas o ruido da cólera tumultuava lá dentro n'aquelle coração, adjudicado ao demonio da vingança rancorosa, o abbade proseguiu:

— Quer ser docil aos conselhos de um homem que quer salval-a?

— Ah!... sim... quero, quero... Entrego-me a si de todo o meu coração... Salve-me, se póde, que eu porei a face onde o meu salvador pozer os pés...

— Não se humilhe, senhora. Erga essa face, onde brilha a fidalguia dos Veigas!...

— Que palavras, senhor padre Carlos!... eu não lhe mereço esses motejos...

O padre calou-se. A compaixão abalára-o ligeiramente; mas o edificio do odio era robusto: os cimentos foram amassados com lagrimas e assentavam sobre o sepulchro de sua mãe.

A desgraça é a que perverte o homem.

Não protrahiremos o dialogo, em que D. Ignez, no desatino da sua dor, chega a banhar de lagrimas as mãos do seu algoz; em que padre Carlos da Silva, no delirio da sua maldade a muito custo póde reprimir a hediondez das suas tenções.

O certo é que dois dias depois D. Ignez entrava n'um recolhimento, e padre Carlos da Silva despediu-se d'ella. A infeliz fôra docil, como promettera, aos conselhos do

ministro do Evangelho. O que lhe ordenou foi que ella se recolhesse por alguns dias áquelle asylo, emquanto elle ia a Lisboa procurar o conde e convencel-o da urgencia d'aquelle casamento.

A pensão de Ignez era magnifica. As ordens, dadas a occultas, com mãos cheias de ouro, foram um rigoroso segredo na entrada d'aquella portugueza no recolhimento.

Padre Carlos não saíu de Madrid.

. . . .

. . . .

A escala dos soffrimentos humanos é infinita. A morte seria o menor d'elles para os que soffrem como D. Ignez da Veiga em Madrid, e Manuel de Tavora em Lisboa!

A rede que lhe fôra tecida a elle no Santo Officio bastou a sua presença na côrte, e a graça real de quem muito podia sobre as intrigas inquisitoriaes, para desfazel-a.

E' verdade que o conde de S. Vicente fôra promettido em casamento a D. Isabel de Noronha; mas Pedro II, que tirára a primeira mulher ao irmão, não devia ser rigoroso em fazer cumprir estas promessas, que não prejudicavam os fóros da honra externa, e apenas boliriam com os espiritos cavalheirosos em corações com brios. O seu não tinha muito d'isso, e a côrte modelava-se por elle.

Removidos estes obstaculos, e alcançada a licença régia para o seu casamento com D. Ignez, o conde fez o que razoavelmente lhe convinha, mandando-a a toda a pressa vir a Lisboa, como consta da carta roubada pelo padre.

Duas cartas sem resposta deviam perturbal-o. Esperou ainda a volta de um enviado; as novas eram incri-

veis e aterradoras. Não existia tal abbade em Santa Senhorinha de Villamarim! Havia mez e meio que desapparecera, e ninguem sabia se era vivo ou morto! A justiça, suspeitosa de algum assassinio, rebuscára vigorosamente a casa, e devassára na vizinhança, mas nenhuns indicios colhera!

Ha organisações fortes, que não podem aniquilar-se. O suicidio foi a primeira consolação que o conde achou nos recursos que pediu á sua consciencia. Depois a fuga de padre Carlos da Silva com D. Ignez umas vezes parecia-lhe uma traição sem nome no complexo dos mais atrozes crimes; outras vezes recordava-se d'aquella vingança, d'aquelle ANATHEMA conjurado diabolicamente pelo filho de Antonia Bacellar ao assassino de sua mãe. Mas que plano era aquelle de vingança!—pensava o conde no tumulto de angustiadas conjecturas—Padre Carlos cravaria um punhal no peito da infeliz? Seria ella a expiação do pae? O assassino morreria de remorso e terror salpicado do sangue da innocente?!

O leitor já previu o alvo do sacerdote. E talvez não o previsse. Ha crimes que se não crêem, nem se adivinham. E comtudo, hoje mesmo n'este seculo humanitario e socialista, muitos crimes se passam nas trevas, e se remexem no lôdo de algumas consciencias, escondidas por detraz de uma estudada pureza de physionomia...

O conde adoeceu. A sua vida era já chorada, e a causa da sua morte deixou de ser mysterio na côrte, logo que Ignez da Veiga, tão suspirada por damas e cavalheiros, não appareceu. Christovão da Veiga foi chamado á côrte. Ahi, quando el-rei lhe pediu contas de sua filha, o velho alcaide de Villa Real, de joelhos jurou que lh'a tinha roubado o conde de S. Vicente e nada mais sabia. Certo de que já não era o conde o primeiro possuidor de Ignez, Christovão da Veiga, tocado pela

morte, recolheu-se á provincia, e encerrou-se no quarto a chorar as ultimas lagrimas da sua vida. As indagações multiplicaram, e cada vez eram menos os indicios de Ignez — eram nenhuns! Ninguem já fallava de padre Carlos da Silva, ninguem achára um cadaver, nem os proprios ministros em côrtes estrangeiras poderam colher a mais duvidosa informação.

. . . .

Era no mez de novembro de 1701.

D. Ignez da Veiga, transfigurada pelo soffrimento, com a alma já embotada das recordações do conde, e decidida a morrer sem poder salvar a sua honra, pedia a Deus que lhe abreviasse aquelles ultimos transes da agonia. A regente do recolhimento queria amparal-a n'aquelle descaír rapido na sepultura, mas não podéra. N'esse dia, pois, é Ignez chamada á portaria. Foi. O coração banhou-se-lhe de uma alegria instinctiva. Era o padre Carlos da Silva, que ella não vira havia quatro mezes, e julgava morto. Arremessou-se ao raro como para abraçal-o. Balbuciava palavras inintelligiveis n'aquelle delirio de contentamento, e parecia doudejar como n'um accesso de loucura.

Padre Carlos disse-lhe que sairia na tarde d'aquelle dia. Saíu.

Ao anoitecer, deixaram Madrid, e vieram caminho de Portugal, o mesmo caminho que tinham ido. Disse o padre a D. Ignez que o conde de S. Vicente fôra levado a Lisboa como preso, e encarcerado tivera de responder ás accusações do Santo Officio, instigadas por D. Christovão da Veiga. Acrescentou que a elle padre se devia a saída do conde, a sua reputação illibada, e a conclusão d'aquellas nupcias, que iam ser realisadas na provincia, a contento da sua familia.

A todas as perguntas de Ignez respondeu o padre convenientemente, e com a serenidade de uma alma sincera. Ignez acreditou-o.

Nos dois ultimos dias da jornada, Ignez queixou-se de algumas dôres extraordinarias..........................
....

O padre accelerou o passo. Em Chaves redobraram aquellas dôres; e Ignez não conseguiu uma hora de descanso, por mais que a supplicasse ao sacerdote.

Anoitecia, quando o abbade de Santa Senhorinha pediu aos caseiros do Conde de S. Vicente a chave do seu castello.

— Para que é a chave do castello?—perguntou Ignez sobresaltada.

— E' de lá — respondeu o padre — que ha de ser levada em triumpho ao seio de sua familia. Na semana que vem chega aqui o conde. Seu pae não a recebe em casa emquanto a menina não podér lá entrar condessa de S. Vicente.

Ignez achava-se outra vez n'aquelle quarto, onde tantas afflicções a martyrisaram nove mezes antes. A senhora Benta do João chorava piedosamente, vendo-a tão mudada, tão acabada, tão outra do que fôra em formosura e graça! Queria fallar, mas padre Carlos, inteirado do que se passára na sua ausencia de quatro mezes e meio, impozera-lhe silencio, e privou-a de longas conversações com a fidalga. Não seria preciso. D. Ignez estorcia-se em dôres que lhe arrancavam gritos penetrantes.

Entretanto o padre Carlos escrevia esta carta:

«Saiba D. Christovão da Veiga, que sua filha, a meretriz do conde de S. Vicente, está, a esta hora, gemendo as dôres de parto, no castello do seu amante. A jus-

tiça de Deus quiz que esta mulher na hora da sua solemne deshonra, perdida e abandonada, se aproximasse d'aquelle que ha e vinte sete annos fez morrer Antonia Bacellar, depois dos transes... que foram os mesmos da filha de D. Christovão da Veiga.

«*Padre Carlos da Silva.*»

Esta carta foi ao seu destino.

Ignez estava com duas mulheres encerrada na camara. As dôres desvairaram-a a ponto de lhe arrancarèm invocações ao seu conde, ao seu anjo, que tão longe d'alli se debatia n'outras angustias... as da desesperança, mais atrozes talvez!...

Padre Carlos da Silva passeiava no salão. A physionomia nervosa, alquebrada, e livida pelas vigilias da sua irrequieta vingança, turvavam-lhe as sombras sinistras que descem no rosto de um scelerado ferido pelo remorso. Remorso!... era cedo ainda. O crime era de mais sanguentas aspirações. A vingança incompleta não lhe matava a sêde do odio.

Os gritos convulsos de Ignez redobravam de fortaleza e angustia.

. . . .

Christovão da Veiga, ao lêr a carta do padre Carlos, tomado instantaneamente de uma convulsão violenta, caiu, sem côr, sem um gemido, como se o braço da morte o suffocára alli de improviso.

Pedro da Veiga acudiu ao estrondo da quéda e ás lamentações das criadas. Leu a carta que estava alli no chão, e aterrou-se na presença de uma degradação, que jámais prevíra. Baralharam-se-lhe os pensamentos na cabeça afogueada, e não atinou com o mais conveniente n'aquella situação infernal. Christovão deu signaes de

vida. Ao ver-se rodeiado, fez signal ao filho que ficasse, e mandou sair os domesticos.

— Leste essa carta, Pedro?

— Sim, senhor.

— Que infelicidade, filho!...—disse o velho com a face banhada de lagrimas, e lançando-se nos braços de Pedro. Este não balbuciava uma palavra consoladora a seu pae.

— Que faremos a isto? — proseguiu D. Christovão.

— Não sei... meu pae...

— Lembra-me... Oh meu filho... ajuda-me n'esta lucta... é preciso salvarmos a desgraçada da morte... já que não podemos salvar-lhe a honra...

— Como, senhor?

— Vamos a Lordello... procuremol-a... consolemos-lhe o coração... Faremos que ella se recolha a um convento, como secular, e mais tarde diligenciaremos fazel-a professar n'um mosteiro de Hespanha, onde a não conheçam...

— Pois sim —redarguiu o filho commovido—vamos já... ou irei eu...

—Não... tu não... Ainda me lembro, Pedro, d'aquellas desgraças de 7 de fevereiro... Silencio!... O que se passou tudo é perdido e sem remedio. Façamos hoje o possivel.

....

Partiram.

Eram onze horas da noite. A lua espelhava-se nos lagos das varzeas de Lordello. O vento ramalhava nas florestas que remoinhavam ao sopé do castello. O céo era azul como em noite de estio.

Padre Carlos da Silva, encerrado n'um quarto do primeiro andar da torre, tinha uma creança nos braços, e atava-lhe ao pescoço uma especie de nomina, ou benti-

nhos, emquanto o recem-nascido soltava vagidos dolorosos.

A seus pés via-se um fogareiro com brazas, e uma agulha de ferro, ainda vermelha do fogo. Que seria?... Junto do padre estava uma mulher do campo, e um homem do mesmo tracto que pareciam esperar as ordens do sacerdote. Bateram á porta da torre. O padre espreitou da janella para baixo, e reconheceu os dois vultos. Mandou abrir, e murmurou áquelle homem poucas palavras.

Christovão da Veiga e seu filho seguiram o homem que os encaminhava. Quando elles subiam a escada para o segundo andar, descia a do primeiro aquella mulher com a creança nos braços, e uma carta sobrescriptada a um padre João Alvares, morador na *rua de S. Marcos,* em Braga.

Pedro da Veiga bateu á porta do quarto de Ignez. Não lhe fallaram. Chamou-a. Ignez solta um grito de estranho pavor.

— Meu irmão! o meu assassino! Conde! soccorre-me, que me matam!...

O sangue subira-lhe á cabeça. Estava douda. A porta cedeu violenta pelos empuxões de Pedro da Veiga. A desgraçada tinha saltado fóra do leito, e corria desatinadamente na extensão do quarto e do salão, invocando o seu conde a grandes brados.

Christovão da Veiga chorava. Pedro tentava debalde segural-a.

— Foge! assassino!... foge, fratricida!...

Eram as imprecações estridorosas d'aquella infeliz! Mas as diligencias do irmão, já iracundo, não se aquietavam... Quando Ignez se viu amarrada, estrebuxou com uma robustez sobrenatural. Era a força muscular da demencia furiosa, ou talvez a força moral da desesperação, que é o agonisar da morte.

— Conde! conde!... Salva-me d'este assassino...

Pedro da Veiga, que cedera a um repellão, e que viu fugir-lhe a irmã dos braços em grandes gritos, irou-se, e, com os olhos injectados de sangue colerico, correu rancoroso após ella, exclamando:

— Chama, chama, infame, que chamas o teu prostituidor... *Chama! Chama!*

Ignez da Veiga, com as mãos amarradas, cinge-se ao parapeito de uma janella, que padre Carlos abrira meia hora antes para observar a chegada de D. Christovão. O pae adivinha-lhe as tenções. Vae para suspendel-a, chamando-a enternecidamente...

Era tarde...

Ignez precipitou-se do balcão ao fosso da torre, e deixou um pedaço da sua tunica alva e ensanguentada na mão do pae...

Eis aqui o seu thalamo, as suas esperanças, os seus amores! Tanta formosura, tamanho coração, e no fim de tantas agonias, vêde-a... é um cadaver despedaçado na rocha! Buscae n'aquellas faces laceradas a pelle mimosa onde se collaram os beijos ferventes da paixão! pedi áquelles labios, embaciados pela crusta do sangue, um sorriso alegre para a vida, que alli se esvaeceu com tantas esperanças mortas! pedi áquelles olhos estorcidos um olhar imperioso, uma ternura fascinadora, uma lagrima de alegria, ou aquelle pranto de sangue que devera, aos olhos de Deus, remil-a de um morrer tão afflictivo!..

....

Está explicado o mysterio da *Torre de D. Chama*, contado (veja o capitulo V) pelo tio Antonio da Maria. O que não podia saber-se, sem a periphrase do manuscripto, é que o cadaver de D. Ignez da Veiga foi n'essa mesma noite transportado á capella dos Veigas, e ahi

enterrado por Pedro da Veiga, que não derramou uma lagrima. E outrosim era impossivel adivinhal-o o tio Antonio da Maria, se o manuscripto o não contasse, que Christovão da Veiga, levado em braços para a cama, foi nos braços erguido para o esquife, onde desceu com mostras de sincero arrependimento, visto que á hora da morte, por um esforço sobrenatural, ajoelhára na cama, supplicando perdão ao espectro de Antonia Bacellar, que lhe rodeiava o leito nos ultimos dias da sua agonia.

Padre Carlos da Silva, desappareceu.

....

Agora, amigo leitor, queres saber a razão d'este retrocesso de vinte annos? Era preciso dizer-te quem era aquelle Timotheo de Oliveira, seminarista de Braga, que em 1720 seduz a filha de um honrado cuteleiro. Nem mais nem menos—era o filho de D. Ignez da Veiga, e de Manuel Carlos da Cunha e Tavora, conde de S. Vicente.

Quem se der a escrever romances, ha de dar razão do seu dito.

CAPITULO XXV

Que vale a pena de ler-se por ser o ultimo,
e por encerrar a acção de mais de meio seculo,
cousa por certo nova e admiravel,
não só pelo muito que se diz,
mas pelo muito mais que se poderia dizer,
se o auctor quizesse escrever o seu romance em quatro volumes.

Não achei modos de atinar com o destino do filho ou filha de Timotheo de Oliveira, nem o manuscripto se entretem com o fim do cuteleiro Antonio Gil. Michaela sabe o leitor que era irmã de Jacintha Rosa, e esta, como dito foi em logar competente, era sinceramente cortejada por João Cambado, neto de mestre Antonio, que naturalmente morreu de velho nos sotãos dos Veigas. Este João enamorado é o mestre João Rodrigues Cambado, que em 1750 manifestava a sua mulher um programma de vida nova. — «Vou fazer-me ladrão!» — dizia elle á feia, mas honrada filha d'aquelle bom christão, e talvez soffrivel cuteleiro da terra da christandade, como é publico e notorio a respeito de Braga.

Realisadas as nupcias d'aquelles conjuges, Michaela

veio para Villa Real com sua irmã, para fugir ás mofas que em Braga lhe aggravavam a dôr da sua deshonra. De casa da irmã é que ella passou para o serviço de Pedro da Veiga.

Fiquemos n'estas alturas: vamos fazer convergir aqui novos successos.

Timotheo de Oliveira fugiu do seminario no dia seguinte ao da publicidade do seu crime. Em Coimbra foi recebido nos braços da Companhia de Jesus, e salvo no confessionario, o seu crime foi calado, ou desvanecido pelo prodigio que elle era em sciencias, e pelo acatamento que se irrogava aos seus valiosos serviços á confraria. Mais tarde vel-o-hemos inquiridor no Santo Officio.

E o conde de S. Vicente?

Esse é a maravilha d'este romance. Da morte de Ignez, á excepção de padre Carlos, Christovão e Pedro da Veiga, nunca soube alguem. Julgaram-a fugida, perdida e barregã de um padre por esses mundos de Christo.

O conde de S. Vicente militou. Em 1703 desfez-se a liga offensiva e defensiva contra a casa de Austria, e el-rei D. Pedro entrou no tratado da grande alliança com o imperador Leopoldo I, Inglaterra e Hollanda, para enthronisarem na Hespanha o archiduque Carlos.

Filippe V oppoz uma tenaz e desesperada resistencia. O exercito portuguez, capitaneado pelo marquez das Minas, escalou muitas praças de Castella antes de bater ás portas de Madrid.

O conde de S. Vicente viram-o arcar phreneticamente com a morte em Valença, em Coria, em Albuquerque, em Placencia, e Ciudad Rodrigo.

D. Pedro II entra em Madrid aos 2 de junho de 1706. Faz acclamar rei de Hespanha Carlos III. Exulta na mais grandiosa, e unica talvez, gloria do seu reinado.

Chama em volta de si os fidalgos que lhe grangearam aquelle triumpho, e chora nobremente, quando a chorar lhe contam a morte do conde de S. Vicente, na ultima refrega ás portas de Madrid.

Morrera... ou melhor é dizer, suicidára-se!

Agora, adiante.

Padre Carlos da Silva vergou ao peso do remorso. Vagou foragido e pobre a mendigar o pão do estrangeiro. O remorso envelheceu-o, e este criminoso desgraçado já não tinha refugio, nem esperança, nem recursos em si para arrançar-se o espinho do crime, ou illudir o remorso que o matava. Soccorreu-se de Deus. Confessou a atrocidade da sua vingança: nenhum sacerdote lhe quiz perdoar sem a indulgencia especial do papa. Carlos da Silva foi a Roma. Clemente XI repelliu-o de si, e despojou-o das vestes sacerdotaes, e das funcções do culto, que elle não exercia desde aquella noite horrorosa. A desesperação calou na alma d'aquelle homem, que desde então a adjudicou a Satanaz em troca de uma inteira vingança do genero humano.

Voltou a Portugal. O crime seguiu-o, e a face marcada pelo demonio, que o comprára, accusava-o. E' preso em Lisboa como suspeito, e o tribunal em que responde, o do Santo Officio, ignora que o réo é seu familiar. Padre Carlos receia uma fogueira ecclesiastica, ou uma forca civil.

Um dos inquiridores é o reverendo padre Timotheo de Oliveira, que funcciona entre os dominicos como no collegio de Santo Antão. Padre Carlos da Silva, depois de tres annos de carcere, réo de occultar seu nome e estado, vae ser posto a tratos para aclarar suspeitas. Antes da tortura, é interrogado a sós pelo inquiridor Timotheo de Oliveira.

No dedo d'este jesuita brilha um annel, circumdado

pela legenda — *reges descendunt á nobis non nos á regibus.*

E' aqui necessaria uma explicação.

Padre Carlos, desde a noite do suicidio de D. Ignez da Veiga, que é a mesma da remessa do recem-nascido para Braga, nunca mais teve novas da creança, nem poderia havel-as pela precipitação da remessa, sem um indicio que no futuro lhe indicasse aquelle filho de paes incognitos. Vinte e quatro annos depois, quando voltou á patria, buscou na rua de *S. Marcos*, em Braga, esse padre João Alvares; mas vinte annos eram passados depois da sua morte, e ninguem dava noticia de uma creança, que fôra educada em sua casa. E, demais, padre Carlos era um mendigo, e ninguem lhe prestava attenção nem os incommodos de uma séria investigação sôbre o destino da creança. Poderiam informal-o no seminario de S. Pedro, onde em 1706 entrára um menino de cinco annos, com um peculio, de antemão ahi depositado por um anonymo, que precisamente era o sacerdote a quem fôra confiada a sua criação, o qual peculio era o seu patrimonio clerical.

Qnando, em 1750, padre Carlos da Silva, o homem suspeito de crimes mysteriosos, respondia á inquirição do jesuita Timotheo de Oliveira, nada poderia descortinar o segredo que prendia estes dois homens, um curvado sob o peso de setenta e cinco annos de sêde de vingança e amarguras de remorso; o outro de quarenta e oito annos tambem hervados de desgosto pela orphandade, e de remorso pelo crime de seducção.

Mas o annel do jesuita era um clarão n'estas trevas, que, a não ser elle, deveriam perpetuar-se.

Padre Carlos contemplava attentamente a legenda, e tanta era a absorpção n'aquelle reparo, que Timotheo de Oliveira reparou tambem.

— Estaes muito distrahido com o meu annel...

— Se vossa reverendissima me permittisse...

— O quê?

— Aproximar-me, e reparar de mais perto...

— Aproximae-vos...

— Se consentisseis que eu visse esse annel...

— Ahi tendes...

O padre carregou na mola, que quarenta e oito annos antes abrira.

— Que é isso?—exclamou o inquiridor — Descobristes um segredo, que eu nunca descobri...

— Nunca?

— Não... Que é o que buscaes dentro...

— Um nome — respondeu padre Carlos, fortemente sobresaltado — Um nome... Eil-o...

— Deixae ver...

O jesuita leu —*Manuel Carlos da Cunha e Tavora.*

— Que nome é este?... — exclamou elle perplexo.

— Que annos tem vossa reverendissima? — perguntou o padre Carlos.

— Quarenta e oito...

— Este annel foi sempre seu?

— Sempre.

Padre Carlos, exaltado, energico, forte de uma vida convulsa e febril, lançou ambas as mãos ao braço direito de Timotheo de Oliveira.

— Que quereis?!—perguntou este.

— Deixe-me ver este braço...

— Sabeis por ventura...

— Sei... Tendes uma palavra escripta com fogo n'este braço...

— Tenho...

— ANATHEMA!...

— Sim, sim, e quem sois vós?!...

O réo não respondeu. Dos braços de Timotheo passou quebrantado e desfallecido para a cadeira do inquiridor. O jesuita permanecia n'uma suspensão idiota, quando entrou um segundo inquiridor a indagar aquella demora. Timotheo de Oliveira não respondeu ás perguntas que lhe fez o frade dominico. Este, vendo o rêo desmaiado, desapertou-lhe caridosamente o gabão, que parecia comprimir-lhe os estos violentos do peito. N'este desapertar caíu um papel enrolado; apanharam-o ambos, e o primeiro que lhe leu o titulo foi Timotheo de Oliveira. Não ligou ideia alguma á significação d'este mysterio—*Diario de Antonia Bacellar* — ; mas, sem communicar ao seu companheiro as suas commoções, sumiu em sim sofregamente aquelle rolo de papel, como quem esconde um thesouro dos olhos de um ladrão.

Padre Carlos da Silva foi transportado a um catre decente no dormitorio dos frades de S. Domingos.

Timotheo de Oliveira assistiu-lhe na sua doença com muita caridade, e pediu-lhe no fim, como recompensa da sua soltura, a historia do seu nascimento.

— Sois filho do conde de S. Vicente, que morreu em batalha no anno de 1706, e de D. Ignez da Veiga, filha de D. Christovão da Veiga, que morreu depois do suicidio de vossa mãe em 1701. Não posso dizer-vos mais nada.

— E vós quem sois?

— Um homem a quem deveis o que sóis. Pagae-me esta divida com o vosso silencio sobre mim e sobre vós.

. . . .

Padre Carlos da Silva viveu ainda cinco annos, n'um bairro retirado de Lisboa, subsistindo de esmolas, e escrevendo uma historia que elle intitulou A MINHA VIDA, e que estava no manuscripto do quinto volume, quando o terremoto de 1755 o esmagou com a sua obra no entulho do sotão que occupava.

Timotheo de Oliveira, em 1764, veio á provincia de Traz-os-Montes, foi incognitamente hospedar-se em casa de Pedro da Veiga, e no segundo dia de residencia n'essa casa, foi alta noite chamado para ouvir de confissão uma criada da casa, que parecia morrer de uma dor de colica.

No decurso da confissão geral d'esta enferma, o confessor soltou um grito e desappareceu como um possesso.

A confessada era Michaela, que, julgando-se nos paroxismos da morte, pedira ao padre a benção do seu crime, por isso que ella perdoava de todo o seu coração a Timotheo de Oliveira, que tão desgraçada a fizera.

Dois annos depois, o jesuita Timotheo de Oliveira foi desterrado, como cumplice no attentado regicida contra D. José I, no mesmo dia em que o padre Malagrida foi queimado.

Michaela póde dizer-se que morreu de pasmo, dias depois d'aquelle conflicto da sua confissão. O segredo, porém, d'aquella fuga improvisa, só o confessor lh'o arrancou do coração quasi gelado pela morte.

Pedro da Veiga, depois de uma vida corrupta e digna de seus avós, casou, como o leitor sabe há muito, com sua prima D. Custodia Osorio de Mesquita. O que o leitor não sabia, nem convinha dizer-lhe senão agora, é que o fidalgo casou os seus setenta e quatro annos aos vinte e cinco de sua prima. Houveram aquelle filho, chamado Manuel, se bem que os contemporaneos rosnavam d'aquelle filho apenas legitimado por ter nascido durante a constancia do matrimonio. *Pater is est quem nuptiæ demonstrant.* Não sabemos o que queriam dizer com isto... Más linguas, naturalmente.

O sapateiro João Rodrigues Cambado decidiu-se por fim, e não valiam lagrimas da mulher que o desviassem de se fazer ladrão.

Na vespera da sua partida, a occultas da mulher, o sapateiro foi fustigado pelo chicote de Manuel da Veiga. O artista queixou-se ao pae do menino, e teve em reparação da affronta ordem de saír dos sotãos. O fidalguinho, alentado por este recurso de seu pae, quando o sapateiro mudava para outro sotão a mobilia, repetiu a dose de chicotadas, e parecia applicar-lh'a mais supprida, quando o Cambado lhe enterrou no peito uma faca, e lhe afogou na garganta o grito de soccorro...

O ultimo representante dos Veigas foi enterrado com todas as solemnidades, e dois mezes depois, Pedro da Veiga morreu de raiva impotente contra o sapateiro, que nunca mais foi visto em Portugal.

Jacintha Rosa, e seu filho, apezar da sua monstruosa fealdade, acharam quem lhes valesse na fome durante dez annos, no fim dos quaes uma avultada quantia lhes foi mandada do Brazil pelo capitalista João Rodrigues de Magalhães, que já não era *Cambado*, e para lá partiram.

D. Custodia Osorio de Mesquita, viuva de Pedro da Veiga, teve filhos bastardos de um cavalheiro pobre de Villa Real, que acabaram mais pobres que seu pae.

Os netos do sapateiro são actualmente barões, e esperam saír viscondes na primeira fornada. Tudo isto é verdade.

FIM

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
— A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
— John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.